

ALTEROSA



Edição de Natal:

**BELO HORIZONTE: SONHO DO
BANDEIRANTE**

Ver Página 18

ESPOSAS DE JESUS NA TERRA

Ver Página 34

**MULHER-ASTRÓLOGA FAZ GANHAR
NA BÓLSA**

Ver Página 76

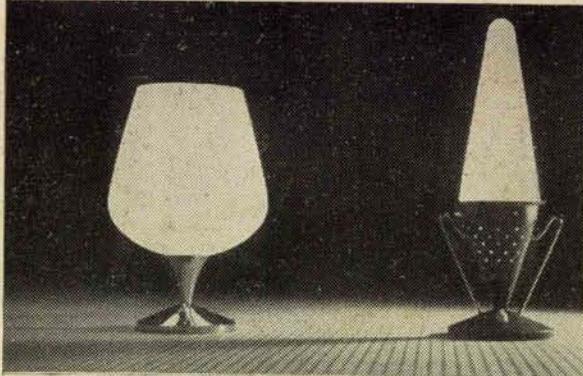
LUZES DE RÉVEILLON

Ver Página 82

DEZEMBRO - 1959

C/5 15,00

Segunda Edição

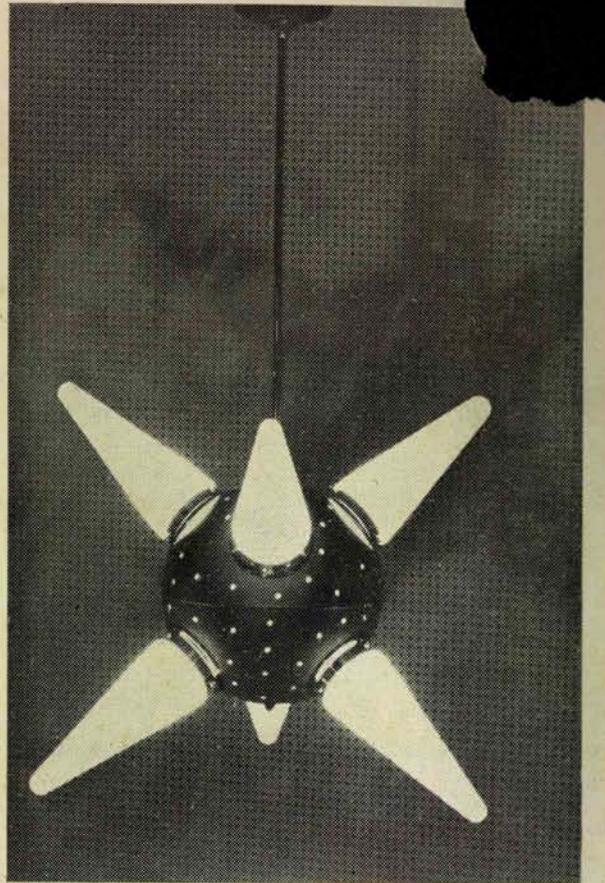


Iluminação Moderna

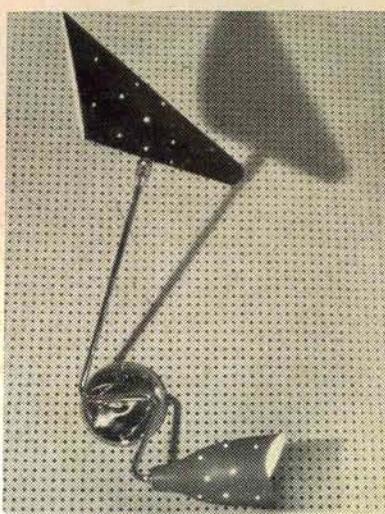
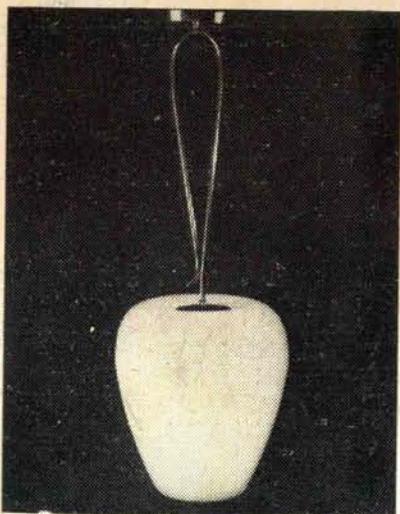
BEL CLAIR

BAUSCH & LOMB

Lustres de luxo para teto, parede,
chão e mesa em alumínio
alemão, latão americano
pintado com tinta
vegetal, refratário ao calor.
Fornecemos catálogos.



Belgreco Ltda.



Rua Santa Catarina, 308 —
Fone 2-7456
Belo Horizonte —
M. Gerais

.....

APCBH/c.16/X-
1959-12

NÃO é possível dizer com precisão onde nascem as idéias que enfeitam vitrinas, por ocasião do Natal. Na verdade, os novos brinquedos que aparecem todos os anos nascem em qualquer parte. Naturalmente, a fonte de idéias mais produtiva é a própria indústria. Muitas

Onde Nascem os Brinquedos



das grandes companhias estrangeiras (e mesmo algumas nacionais) empregam pessoas cuja única obrigação é pensar. E, com ou sem esses departamentos especializados, os fabricantes podem contar ainda com os seus empregados, que volta e meia também surgem com idéias novas.

Muitos brinquedos famosos foram direta ou indiretamente «bolados» pelos cérebros (ainda) infantis dos próprios donos das indústrias. O joão e a boneca que mama e molha as roupas, por exemplo, devem a sua origem a presidentes de fábricas de brinquedos.

Os fabricantes já descobriram que não errarão, reduzindo à escala infantil as idéias concebidas para adultos. Assim, quase todos os brinquedos para meninas são imitações daquilo que suas mães possuem. E não se pode esquecer a existência dos (condenáveis) revólveres de brinquedo e outros apetrechos «bárbaros» que costumam reproduzir fielmente as linhas dos originais de verdade. As inovações, por sua vez, decorrem das inovações dos originais adultos.

Estamos vivendo, hoje em dia, em plena era do espaço, e as vitrinas das lojas de brinquedos andam cheias de satélites, foguetes, aviões a jato e similares, de todas as formas e de todos os tamanhos imagináveis. As canções populares também inspiram brinquedos novos — ou nomes novos para brinquedos antigos.

Tal como a indústria de roupas, a de brinquedos também conta com as boas idéias nascidas em alguma parte, para «copiá-las» e vender por menos, isso porque muitos brinquedos não podem ser patenteados, e mesmo os que o podem nem sempre são cuidadosamente protegidos. Há pouco mais de um ano, por exemplo, tivemos a «onda» de bambolês, que nasceram na cabeça de um fabricante e que, em poucos meses, só nos Estados Unidos, estavam sendo produzidos por mais de quarenta indústrias diferentes.



A ESTRÉLA, DE BELÉM

Abrandam-se os corações dos homens, na celebração do milagre que é o Natal de Jesus. Ante a pequena imagem do Menino Deus, curvam-se poderosos e humildes, numa reverência de fé, numa prece de amor.

A chegada de um novo ano traz para todos novas esperanças de que, nesta outra etapa, se realizem as aspirações, concretizem-se os sonhos, em segredo acalentados.

Ao se aproximarem estas festas tradicionais da humanidade, o

BANCO DE MINAS GERAIS S.A.

apresenta a todos os seus amigos,
os melhores votos de um

BOM NATAL E FELIZ ANO NOVO

Matriz — Rua Espírito Santo, 527

Noite Dramática Em São Paulo



O último discurso de Jânio Quadros
A carta de renúncia, retrato
da democracia atual

Visão externa da residência do Sr. Quintanilha Ribeiro — palco do drama da noite histórica que surpreendeu o Brasil.

TEXTO DE
JORGE AZEVEDO

A ENTRADA triunfal no enorme salão do Cine Brás Politeama — superlotado naquela noite garota do quarto domingo de novembro último — seria a consagração dos petenistas paulistanos ao candidato oposicionista. As serpentinas, atiradas dos balcões, cruzavam-se, policerônicas, sobre a assistência tóda de pé, e continuava a chuva dos confetes caindo sobre as figuras representativas da agremiação política que realizava a sua convenção estadual.

O vozerio atordoava.

Emílio Carlos, candidato do partido à municipalidade paulista, discursara, inflamado e contundente. Súbito, o vozerio recrudesceu, brutal.

Jânio Quadros — o esperado — entrava no salão, acompanhado por Lino de Matos, Abreu Sodré e Quintanilha Ribeiro.

Antevi, distante da entrada, sentado que estava na primeira fila, a figura triunfante do candidato: ereto, cabelos desalinhados, olhos acesos pela esperança, marchando, civicamente, à frente da comissão de recepção. E esperei, emocionado, o primeiro contacto visual com a figura ímpar da política nacional, símbolo da revolução pacífica e salvadora.

A atoarda dominou o recinto; gritos histéricos entrecruzaram-se, e a avalanche humana veio, incontrolável, pelo corredor central, trazendo, na crista, num milagre de levitação, o candidato.

Defrontando-o, dentro do tumulto, analisei-o: a atitude não era de vitória, mas desalento; no rosto, gordo e simpático, doloroso ar de enfado, que o sorriso contrafeito não conseguia transformar na alegria comunicativa que talvez desejasse ter; e no olhar, que momentaneamente cansaço parecia embaciar, havia visível melancolia...

Jânio Quadros transmudara-se a meus olhos, num símbolo vivo da recôndita tristeza nacional.

Apertei-lhe a mão fria e frágil.

Dentro da alegria atordoante do salão, talvez eu fosse o único assistente silencioso e amargurado. A fragilidade física daquele homem, contrastando com a sua força espiritual, agora perturbada por impressionante alheamento — comoveu-me. Senti-lhe os ombros vergados ao peso da inominável ambição dos homens.

Jânio Quadros, dentro de um paletó imenso, cujas mangas quase lhe cobriam as mãos finas, parecia menos gordo, impressão agravada pelos óculos grandes de hastes frouxas, que lhe despencaram três vezes do rosto, provocando hilaridade.

Sucederam-se discursos — vibrantes de esperança, entrecortados de ameaças aos adversários e caracterizados, todos, pela constante petenista: a sucessão de vitórias janistas atingiria o clímax em outubro do próximo ano, quando o País se reintegraria na posse de si mesmo através da moralização política.

Quando foi anunciada a palavra Jânio Quadros, houve um silêncio medonho precedido de ovação atordoante. A oração já é conhecida, através do rádio e dos jornais. A dicção perfeita, ilustrada por gestos naturais e comedidos, e a tonalidade da voz penetrante, comunicativa, por vezes tisnada por violenta emoção, misto de revolta e amargura: Prometer o quê? E ele estendia as mãos crispadas para a platéia, a fisionomia torturada: Eu não tenho meios, nem modos para termos ou promessas aos meus patrícios. Prometer como, quando o dinheiro aí está dissolvendo-se, derretendo-se na inflação galopante e vergonhosa que empobrece o pobre, fazendo-o resvalar para a miséria, enquanto enriquece os ricos, nos escândalos que possibilita? E a pergunta dolorosa prosseguia: Prometer o quê? Mas, quando exclamou, patético: Pudesse eu, tivesse eu o direito de opção, e talvez não fosse candidato à Presidência da República. — houve na assistência, protestos, risos, deboche mesmo. O homem gordo a meu lado — prefeito de cidade paulista — cochichou, irônico, a outro: Que mentiroso! O outro retrucou, desanimado: Foi sempre assim... Senti engulhos: era a evidência da falsidade de correligionários reunidos para uma consagração... Era, enfim, a política.

Jânio Quadros prosseguia:

— Ah, se eu pudesse, de forma honrosa, de forma patriótica, de forma que a todos vós atendesse — retirava. Ah, se eu pudesse...

A emoção dominou-o: lágrimas assomaram-lhe aos olhos. Baixou a cabeça, na pausa: os óculos, frouxos,

cafram sobre as flores que ornavam a mesa. Houve risos, contidos a custo, no murmúrio de desaprovação.

— ... se eu pudesse voltar à minha profissão, à minha família, à minha existência, se eu pudesse ser, e só, o chefe de uma casa, o marido e pai.

A oração durou, exatamente, vinte minutos. Quando a terminou, Jânio Quadros foi amparado pelos amigos: estava exausto.

Sai vencido do Cine Brás Politeama. Invadia-me a amarga certeza de que Jânio Quadros encarnava, com todos os seus defeitos e qualidades, a aspiração do povo brasileiro, e tanto que a desesperança coletiva desse povo tão ludibriado por políticos aventureiros já o estava desesperando...

E, sob a garoa, atordoado pelo rumor dos veículos, ouvia, pesaroso, a dramática pergunta cobrindo a cidade iluminada!

— Prometer o quê?

Senhor Presidente.

Nesta data renunciei à minha candidatura à Presidência da República. Não consegui, como é do conhecimento de V. Ex^a e da opinião pública, reunir, em torno do meu nome, as diversas legendas e correntes políticas que procuraram novos rumos para o País, com a unidade e a harmonia indispensáveis ao êxito de nossa jornada. Quero agradecer a V. Ex^a e à U.D.N. o apoio que recebi em memorável Convenção, e este agradecimento é extensivo ao P.L., ao P.T.N. e ao P.D.C., que, também, adotaram meu nome.

Se, nesta fase, é difícil, assim, coordenar os esforços e somar os anseios dos homens de bem que militam nos vários partidos, impossível será governar no atendimento das reivindicações do povo, e das necessidades brasileiras.

Receba, Presidente, as expressões do meu respeito.

25-11-1959

a) Jânio Quadros



Magalhães Pinto, quando chegava a São Paulo, para a última entrevista com Jânio Quadros, sendo ouvido pelo jornalista Paulo Matos, de "A Gazeta".



Magalhães Pinto, o presidente nacional da UDN, recebendo a carta, confessou:

— Estou como vocês: surpreso e até mesmo estupefato.

NOITE DRAMÁTICA



O governador Carvalho Pinto, ladeado por jornalistas e auxiliares cumprimenta o deputado Leandro Maciel, nos Campos Elíseos.

Na carta que Jânio Quadros escreveu ao governador Carvalho Pinto, há um trecho que me faz lembrar sua figura desolada, quando braços estendidos e mãos crispadas, perguntava: Prometer o quê? E' este: — Disse à minha filha esta tarde: é preferível um cidadão livre a um presidente prisioneiro. Expressa, sem dúvida, a desolação do político que, num exame atento da atual democracia brasileira, caracterizada pela ambição desenfreada e crescente corrupção de costumes, recua, horrorizado pelo futuro que o aguarda como governante, e enojado, já, ante as questiúnculas ridículas sobrepostas ao sentimento de patriotismo que os autênticos políticos deveriam cultuar. E, na sua mensagem ao povo, uma semana após o seu último discurso como candidato, Jânio Quadros desabafa:

— Na trama de suscetibilidade, de frustrações, de suspeitas, que se tecia ao meu redor, não tinha eu maneiras para ultrapassar a campanha eleitoral, e, se por milagre a ultrapasse, não exerceria a chefia da nação com o desembarço e a segurança indispensáveis.

Sinto, ainda, como senti no Cine Brás Politeama, em São Paulo, a mesma amargura cívica — sentimento íntimo provocado pelo atraso de nossos processos democráticos, que se caracterizam pelo impatriotismo da inopportunidade, dos entrechoques pessoais e, principalmente, pela visão personalíssima dos políticos brasileiros.

A campanha presidencial, sacudida logo no início por impactos brutais, começou cedo demais, desgastando os candidatos, e oferecendo ao povo já desiludido, irritado pelo absurdo custo de vida, novos espetáculos circenses, que são, aliás, considerados, errôneamente, por certa imprensa e políticos de uso externo, como sintomas de vitalidade democrática... Precipitação anti-democrática, espetáculos desmoralizadores, isto sim, porque prejudiciais, pelas suas repercuções no espírito cético do povo, ao ritmo normal da existência da nação, que se anormaliza e se dessintoniza com a verdadeira aspiração popular que é de paz e de trabalho construtivo.

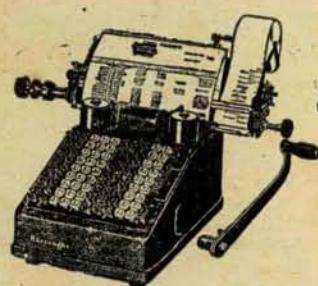
E, nessa tristeza luctuosa, quando perdemos um homem de valor moral que, como candidato, correspondia aos anseios de renovação político-administrativa do País, vem-me à memória aquela cena do repórter entrevistando Capistrano de Abreu, que lhe resumiu, cuspindo numa lata próxima à rede em que se estendia, a sua Constituição de um só artigo:

— Todo brasileiro é obrigado a ter vergonha.



METALURGICA TRIÂNGULO LTDA.

Rua Pe. Eustáquio, 178 — Carlos Prates
End. Teleg. «METRILA» — Belo Horizonte —
Minas Gerais



Mecanize a sua Contabilidade

com esta máquina simples e eficiente!

Executa com perfeição várias tarefas contábeis. Contas Correntes, Razão, Controle de Estoque, Compensação Bancária e muitos outros serviços correlatos, é o que lhe oferece com o máximo de precisão e rapidez esta notável máquina Burroughs 9-10-108. Operação elétrica. Equipada com manivela para operação manual, em caso de falta de energia.

Burroughs

Burroughs do Brasil, S/A.

FRANCISCO LONGO

IMPORTAÇÕES E REPRESENTAÇÕES S/A

Rua Carijós, 140 — Fones: 2-0352 e 4-4246 — Caixa Postal 571 — Endereço Telegráfico: SANLO — Belo Horizonte

EM apenas uma semana, mais de duas mil cartas, a maioria escrita em fôlhas de cadernos, foram enviadas ao comissário Dr. Alfredo Correra, por meninos napolitanos, que pediam justiça para cinqüenta pôneis, ameaçados de serem levados para o matadouro, caso o prefeito não desse autorização à instalação de um abrigo para êles, em terrenos da prefeitura. E não foram apenas os meninos napolitanos que se condoeram da sorte dos pobres animais: o comissário recebeu centenas e centenas de telegramas, de todas as partes da Itália, através dos quais, homens, senhoras, crianças, entidades de proteção aos animais e outras organizações solicitavam do prefeito uma existência tranquila para os cavalinhos.

PIEDEADE PARA OS CAVALINHOS

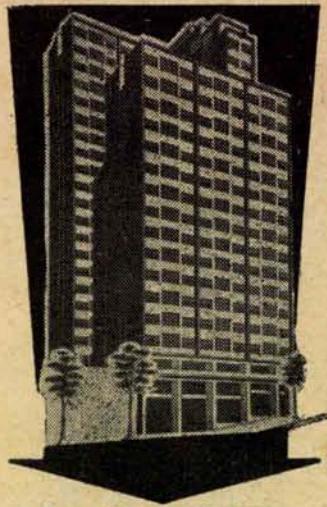


A história dos pôneis napolitanos, o último dos quais foi «batizado» com o nome de «Esperança», está ligada ao nome de Francesco Alderisi, um construtor de 52 anos que, há alguns anos, presenteou o seu netinho Franco com uma potranca de nome Fanny e, mais tarde, deu a Fanny um companheiro chamado «Brinsall». Com o passar dos tempos, outros potros foram sendo adquiridos, e o seu número elevou-se a cinqüenta. Então, o Sr. Alderisi adquiriu um terreno e centenas de calças de pele, blusões e chapéus de «cowboy», instituindo assim a vila «Texas», um ponto de atração para os pequenos napolitanos, que afluiam às centenas, do centro da cidade à vila, para «banarem» o «cowboy», por apenas vinte cruzeiros.

Entretanto, o trânsito para a vila ficou interrompido por causa dos trabalhos de construção de uma linha de bondes e de reformas no leito da rua, obrigando os garotos a darem um adeus ao «Texas». Mas não foram poucos os que escreveram ou telefonaram ao Sr. Alderisi, pedindo-lhe que transferisse o «Texas» para um lugar mais central, e isso levou-o a recorrer às autoridades municipais que, embora não lhe concedessem permissão para construir o «Texas» em terrenos da prefeitura, permitiram-lhe levar ao parque doze animais diariamente. Assim, durante vários meses, as crianças aguardavam com ansiedade a chegada dos cavalinhos ao parque municipal, divertindo-se alegremente. Acontece, porém, que também essa permissão foi revogada e o Sr. Francesco voltou a pedir um terreno da prefeitura, onde pudesse construir a sua vila, tendo o seu pedido recusado novamente.

Em vista disso, o proprietário dos cavalinhos disse que, se a Prefeitura não resolver a situação, ele mandará todos os animais para o matadouro, pois não lhe é possível mantê-los em sua casa. «Tenho recebido de muitas cidades — diz êle — telegramas com propostas fabulosas, mas não as quero aceitar, pois os cavalinhos pertencem aos meninos napolitanos e devem permanecer em Nápoles».

A questão está empolgando até os parlamentares, mas não é possível prever o seu resultado. A verdade é que Nápoles não pode ver morrer os seus cavalinhos e já está voltando as suas vistas para os terrenos próximos ao jardim zoológico, onde poderia ser construída a vila «Texas».



ROMA edifício de apartamentos

Apartamentos de 1 quarto: elegante sala de recepção, ampla sala living, confortável quarto, banheiro completo, cozinha e área de serviço, com tanque.

PREÇO FIXO, SEM REAJUSTE

incorporação
construção
vendas

**Wady Simão
Charles Simão**

rua tupinambás 360,
2º andar - fone: 2-5975

☆ ☆ ☆

DISTINÇÃO E ORIGINALI- DADE

Ofereça o presente que fará o seu nome lembrado durante todo o ano. Ofereça uma assinatura de

ALTEROSA

O presente que chega 24 vezes

PECOTCHE EXPLICA:

O QUE É LOGOSOFIA

ESTEVE no Brasil, em visita às filiais da Fundação Logosófica do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, o criador da Logosofia, Sr. Carlos Bernardo González Pecotche. Como o movimento logosófico vem provocando entre nós um acentuado interesse, procuramos ouvir o conhecido humanista e escritor argentino sobre a nova ciência que tantos cultores vem conseguindo em nosso País.

Perguntado sobre qual a finalidade da Logosofia, definiu-a como «a evolução consciente do ser humano pelo conhecimento de si mesmo através de um processo próprio e original que a Logosofia preconiza e propicia ao homem». Afirmou que «desde Sócrates, muitos fizeram referência ao conhecimento de si mesmo, mas ninguém indicou de que forma se o alcançaria nem houve ensinamento algum que conduzisse a esse fim». E, não obstante — salienta o filósofo — «nesse conhecer-se a si mesmo, radica o ponto de partida de toda possível evolução consciente do indivíduo e a extensão desse bem a toda a humanidade».

Ao tomar contacto com a Logosofia, todos querem saber quais os resultados e benefícios que essa ciência proporciona a seus estudiosos. A esse respeito o pensador González Pecotche declara que os resultados podem dividir-se em duas partes. A primeira se concretiza nos progressos alcançados com base no processo de evolução consciente, por uma apreciável quantidade de pessoas, às quais se somam outras, dia a dia, num crescente aumento. Isto permitiu que todos os discípulos que formam nas linhas avançadas desta nova mensagem que a Logosofia traz à humanidade, que são muitos, hajam experimentado notáveis mudanças em suas vidas, reflexo fiel de novos estados de consciência. A outra parte, é

aquela que se vai manifestando como fruto do trabalho que, incansavelmente se realiza em busca da meta almejada, ou seja, a elevação do homem ao máximo de todas as suas possibilidades mentais, morais e espirituais.

Disse-nos o eminentíssimo pensador que, desde o início, o criador da Logosofia vem dizendo a seus discípulos que não deviam crer em suas palavras, já que podiam comprovar por si mesmos a verdade nelas contida. A propósito, disse que — «não sou um pregador como os que andaram pelo mundo inculcando o crer cegamente». «Eu — declara ele — ensino e faço com que meu ensi-

de sua capacidade e prerrogativas para conduzir sua vida com responsabilidade, sem necessidade de submeter-se a diretivas espirituais que, há milhares de anos, estancaram o processo evolutivo da humanidade».

Sendo a Logosofia uma ciência que encara o aperfeiçoamento do homem e o conhecimento do Universo, muitos estranharam que faça referência a Deus. Explica, porém, o criador da Logosofia que, para os logósofos, Deus é a Ciência Perfeita, por quanto toda a criação obedece a uma concepção suprema que excede todo o imaginável. Os processos da natureza e tudo quanto se move no Uni-

Carlos Bernardo González Pecotche, o criador da Logosofia, quando era entrevistado sobre as concepções filosóficas que ensina nos seus livros.



namento viva na alma de cada discípulo, depois de ser experimentado ao praticá-lo em qualquer das instâncias da vida. Isto faz com que se substitua a crença pelo saber.

O homem deve ter consciência

verso, são rigorosamente exatos e reais. «Portanto — completa o filósofo — é muito lógico que O mencione em minhas exposições, porque tudo é ciência em sua criação».

Explicando como concebeu a

nova ciência o escritor argentino diz: «Em meus últimos livros «El Mecanismo de la Vida Consciente», «Logosofia Ciencia y Método», «La Herencia de Si Mismo», expliquei que minhas concepções derivam do caudal de conhecimento com que se foi enriquecendo meu espírito, através do próprio processo hereditário. Prova-o o fato de que uma mente jamais pode abarcar, de golpe, os detalhes de uma só concepção, sem grande adestramento prévio.

Em meu caso, a concepção excedia os limites de todo o imaginável, porque se tratava de constituir um novo caminho para a humanidade, hoje extraviada em meio a uma tremenda desorientação. Esse caminho está assinalado pelo processo de evolução consciente que o homem deve cumprir para alcançar os mais altos objetivos da vida e, para assegurar a feliz consumação de tão importante desenvolvimento das aptidões humanas, havia que

instituir um método, método que é único em sua essência e pertence exclusivamente à concepção que há 29 anos venho dando a conhecer».

Quanto à frutificação da nova cultura no Brasil, que realmente é notável, o Sr. González Pecotche manifestou sua plena confiança neste sentido, salientando que o homem destas terras aspira, talvez mais que o de nenhum outro país, ao conhecimento das altas verdades que até aqui lhe foram proibidas ao entendimento.

No Brasil, e especialmente em Belo Horizonte, o ilustre pensador tem muitos discípulos e amigos que colaboram ativamente para que, dia a dia, seja maior o número dos que conheçam essas verdades e se beneficiem com elas, libertando-se das velhas e gastas idéias que lhes atormentavam a alma.

Aos muitos livros publicados (sobre Logosofia), como «Introducción al Conocimiento Logosófico», «Intermedio Logosófico», «Dición al Conocimiento Logosófico», «El Mecanismo de la Vida Consciente», «Logosofia Ciencia y Método», muitos dos quais, editados também em português e in-

glês, o escritor Carlos Bernardo González Pecotche, que usa o pseudônimo literário de Raumsol, acrescenta agora a novela «El Señor de Sándara», que o próprio autor considera como a obra máxima da literatura e da concepção logosófica.

Sobre o novo livro, que acaba de ser lançado em Buenos Aires com grande sucesso de livraria e que dentro de alguns dias será encontrado no Brasil, conclui o nosso entrevistado: «É uma novela psicodinâmica que, estou certo, subjugará o leitor pelos tesouros que contém quanto aos conhecimentos que se revelam por si mesmos nos múltiplos episódios da vida das personagens. Estimo que, além de satisfazer ao leitor, proporcionando-lhe momentos de verdadeiro deleite, constitua-se num imprescindível livro de consultas para todos os que o leiam com ânimo de aprender coisas formosas, que podem aplicar às suas vidas.

FACIT

Máquinas de Calcular
Máquinas de Escrever
Máquinas de Somar
Duplicador a Alcool



FRANCOTYP

Máquinas de Selar Cartas,
Recibos e Duplicatas.



BRADMA

Máquinas de endereçar



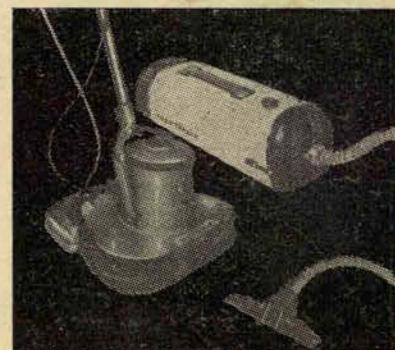
CASA SYSTEMA LTDA.

RUA TAMOIOS, 86 — ED.
ACAIACA — TEL. 2-7279
BELO HORIZONTE

OPORTUNISTAS

Depois da revolução húngara, mais de mil refugiados foram abrigados em um campo militar, nos arredores de uma pequena cidade na Irlanda, e era tal o cuidado que a população tinha por eles que, quando apareciam pelas ruas, eram alvo da mais simpática generosidade por parte de todos.

Certo dia, dois homens maltratados foram vistos na rua e imediatamente levados a um elegante bar, onde lhes foram servidos cerveja gelada e tantos charutos quantos lhes foi possível carregar. Em seguida, seus benfeiteiros colocaram-nos dentro do ônibus que servia o campo de refugiados, cuidando de pagar-lhes a passagem com antecedência. Acontece, porém, que um pouco antes de o coletivo chegar ao campo, onde deveriam descer, os dois homens saltaram e o condutor pôde ouvir um deles dizer ao outro: «O golpe foi bem dado, Mike. Amanhã, no mesmo lugar, sim?»



ENCERADEIRA E
ASPIRADOR DE PÓ

ELECTROLUX

modernos auxiliares
da limpeza do lar

Vendas em suaves
prestações mensais

Distribuidor exclusivo :

CIA. FÁBIO BASTOS

Guarani, 555 e Adalberto Ferraz,
246 — fone 2-3386 — Belo Ho-
rizonte



Synteko é conforto e elegância para seu lar.

Com Synteko no assoalho, não há problemas de limpeza e conservação... não, há problemas com a empregada.

Peça orçamento. Fone:

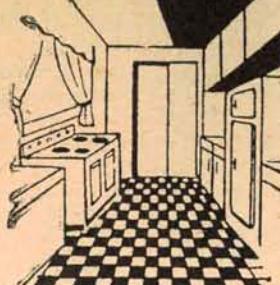
2-6592

SINTEKO S.A. Rua Rio de Janeiro, 1017

CASA
FALCI

Há mais de 45 anos vende os melhores materiais de construção

- Louças sanitárias brancas e coloridas
- Mosaicos, «São Caetano» e azulejos
- Tintas «Ipiranga», «Coral» e «International»
- Ferragens e fechaduras
- Cimento «Itaú»
- Ferramentas



CASA
FALCI

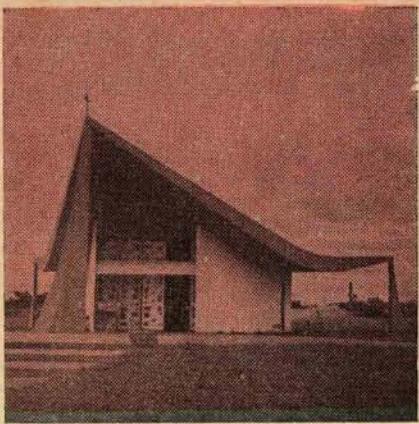
Fundada em 1914
Av. Afonso Pena, 529 — B. Horizonte



Maria Lúcia Victor

BOA - NOITE, INSÔNIA

A CIDADE dormia debaixo de minha janela. Já que não podia sonhar deitada, o jeito era fazê-lo acordada mesmo. Em geral, quando se desperta no meio da noite, os problemas, as preocupações, os desgostos, redobram seu poder maléfico. Oprimem nosso espírito, cansam nosso corpo que vira de lá para cá, na cama. Então o silêncio completo, deixa o tic-tac do relógio lá embaixo subir e entrar no nosso ouvido, irritando-nos. Se não há relógios barulhentos, os ruídos são outros piores. Quem tem medo de ladrão, ouve passos de ladrão. Quem tem medo de fantasma, ouve corrente de fantasma. A pessoa fica paralisada debaixo do lençol, com receio de respirar mais forte. Mas nessa noite, não sentia nada disto. Fui espiar da janela, a cidade deitada em seu enorme berço. Ventou um pouco. A cortina bateu de leve em meu rosto. Seria um convite para sorrir? Sorri para as estrelas e todas me piscaram. Um trem apitou deixando um rastro de som dentro da noite. Passou assobiando. Senti um estalo no coração. E que gostava daquela música, e ela ficava mais bonita sob o céu azul escuro, saracoteando num assvio desafinado. Aquela música. Boas recordações de uma certa pessoa. Esta é que faz a melodia bela assim. Sorri de novo. Outros sorrisos deviam estar espalhados pela cidade. Por certo nem todos dormiam. Alguns deviam estar velando como sentinelas. Velando alegria, talvez tristeza. Aí fiquei sem saber definir a noite. Sei que ela é má para com gente doente, velha ou preocupada. Mas é boa para com os que têm um amor, vão a uma festa ou estão cansados. Fiquei da janela olhando a noite sem saber defini-la. Mas que mania de definir as coisas. Coisas que não se definem são muito melhores. Basta senti-las. Sentir por exemplo este barulhinho de grilo. Se fôr só ouvi-lo, não me lembro da história de Pinocchio. E quer coisa melhor do que história de criança? Era uma vez... Eu que ainda gosto de bonecas e caixinhas de música, um dia escreverei algumas. Agora o melhor é fazer um pedido à estrela que vai caindo no céu: — Fazai com que... E' sempre o mesmo que peço. E' sempre nisto que penso; que desejo mais, eu... Ah! o sono já me pegou. Pulou o muro do vizinho e entrou na minha cabeça. Vamos brincar de pegador, sono? Não, o melhor é dormir mesmo. Espere, sono, não puxe meus olhos desse jeito que é falta de educação. Deixe eu deitar-me primeiro. Agora sim. Boa-noite, insônia.



.....

.....

JÁ EM

abril próximo

BRASÍLIA SERÁ A CAPITAL DO PAÍS

Aproveite a oportunidade para adquirir os melhores lotes de Brasília, diretamente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital. Terrenos de todas as dimensões, para incorporação e vendas:

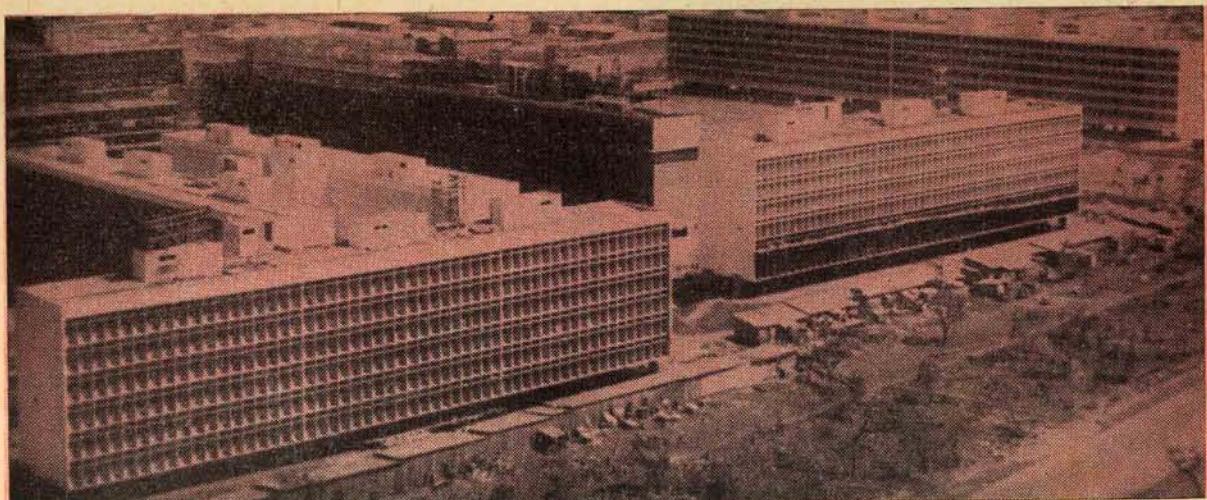
CENTRO HOTELEIRO — CENTRO COMERCIAL
ZONA BANCÁRIA

LOTES PARA CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS DE 6 PAVIMENTOS

**É ESTE O MOMENTO
DE EMPREGAR SEUS INVESTIMENTOS
NO MAIS PROMISSOR
MERCADO IMOBILIÁRIO DO PAÍS!**

INFORMAÇÕES NA SEDE DA NOVACAP
EM BRASÍLIA E NOS ESCRITÓRIOS REGIONAIS DA COMPANHIA:

Rio : Av. Almirante Barroso, 54 - 18º and.
S. Paulo : Largo do Café, 14 - 2º and. - s/ 4
B. Horizonte : R. Esp. Santo, 495 - s/ 803
Goiânia : Avenida Goiás, 57 - 4º and.
Anápolis : R. Joaquim Inácio, 417
Curitiba : Praça Gal. Osório, 368 - s/ 804
P. Alegre: R. Siqueira Campos, 1184 - s/ 306
Recife : Avenida Guararapes, 161 - 11º and.



ALTEROSA

A revista da família brasileira

Propriedade da

Soc. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Rua Rio de Janeiro, 922 — 3º pavimento
Fones 2-0652 e 2-4251 — Cx. Postal 279 —
End. Teleg.: "Alterosa" — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil.

* * *

DIREÇÃO : N. M. Castro e Miranda e Castro, diretores; Justo Manso Soares, assistente.

REDAÇÃO : Jorge Azevedo, secretário; Guido de Almeida e Neusa Batista, assistentes; Afonso Cardoso, Cristiano Linhares, Delauro Baumgratz, Ernesto Rosa Neto, Euclides Marques Andrade, Garry C. Myers, Gibson Lessa, Gilberto de Alencar, Leonor Telles, Maria Madalena, Maria Lysia e Oscar Mendes.

REPORTAGEM : Afonso de Souza, André F. de Carvalho, Aristides Roriz, Domingos De Luca Júnior, Dario Carrera Justo, José Inácio, José Nicolau da Silva, Mauro Santayana, Moacir de Castro Oliveira, Naly Burnier Coelho, Nivaldo Corrêa, Osvaldo Projeta, Pepito Carrera, Ponce de Leon, Roberto Drumond e Wilson Frade.

REVISÃO : Cléa Dalva Moraes Ramos, Maria Dirce do Val e Maria Rizza de Oliveira.

ARTE : Paginação : Eduardo de Paula; desenhos : Adão Pinho, Álvaro Apocalipse, Eduardo de Paula, Euclides L. Santos, J. C. Moura, Júras Juarez Antunes e Jerônimo Ribeiro.

OFICINAS GRÁFICAS E FOTOGRAVURA : Wilson Manso Pereira, gerente geral; assistentes técnicos : Delvair H. dos Santos, Gustavo Resende Moreno, José Flisa Filho, João Tibúrcio Pessoa, Júras Droschio e Oldemar Almeida.

CORRESPONDENTES : Olga Obry, em Paris; Orlaní Cavalcante, em Hollywood; Gastão Fernandes dos Santos, em Roma.

SERVICO INTERNACIONAL : Camera Press, King Features Syndicate, Odhan Press, Opera Mundi, Reuter, Transworld e United Overseas Press.

PUBLICIDADE

BELO HORIZONTE : Oscar de Oliveira, chefe; Geraldo Alves de Queiroz e Moacir de Castro Oliveira, assistentes.

RIO : Ulisses de Castro Filho — Rua da Matriz, 108 — conj. 503 — Fone 26-1881.

SAO PAULO : Newton Feitosa — Rua Boa Vista, 245 — 3º andar — Fone 33-1432.

ASSINATURA

2 anos (48 números)	Cr\$ 600,00
1 ano (24 números)	320,00
1 semestre (12 números)	170,00

Asses preços valem para todo o continente americano, Portugal e Espanha. Para outros países : US\$ 5,00, para 2 anos; US\$ 3,00, para 1 ano; US\$ 2,00, para um semestre.

VENDA AVULSA

Em todo o Brasil	Cr\$ 15,00
Portugal e colônias	Esc. 5,00
Número atrasado	20,00

* * *

A redação não devolve originais de fotografias ou colaborações não solicitados.

* * *

Os conceitos emitidos em artigos assinados não são de responsabilidade da direção da Revista.

LEITOR AMIGO

BELO Horizonte, completando agora 62 anos de existência, surpreende pelo seu admirável progresso, situando-se já como a 4ª cidade brasileira em população, superada apenas por São Paulo, Rio e Recife. Percorrendo o Museu da Cidade, Naly Burnier Coelho recorda **O Sonho do Bandeirante**, que se transformou no monumento de civilização que é a Capital dos mineiros.

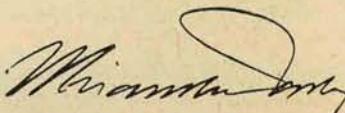
Outro ponto alto dêste número, que procuramos impregnar da ternura do Natal, está em **Anjos do Céu na Terra**, comovente reportagem fotográfica que começa nas ruas e termina dentro dos muros de um convento, num ato de renúncia a tudo que é mundano, para a suprema dedicação ao bem do próximo.

O Olho Indiscreto do Lunique III merece a atenção do leitor que deseja conhecer, em detalhes, como foi possível a extraordinária fotografia da outra face da Lua — a mais sensacional reportagem do ano, conseguida pelos cientistas soviéticos.

Em **Mulher-Astróloga Faz Ganhar na Bôlisa**, você verá que é possível especular sem correr riscos, sob a proteção dos astros, como está sendo demonstrado por Katina Theodosiou, uma astróloga metade grega, metade inglesa.

Especialmente para as queridas leitoras, Olga Obry envia, de Paris, **Luzes de Réveillon**, com os mais fascinantes modelos para as festas de fim de ano, e Wilson Frade apresenta **Verão de Paris** em Belo Horizonte, memorável noite de gala no Automóvel Clube, com desfile dos manequins vivos de Jacques Heim.

E assim nos despedimos de você, ao fim de mais um ano de convívio agradável, enviando-lhe os melhores votos de Feliz Natal. Que as suaves vibrações dos sinos de Belém repercutam em seu coração, levando-lhe, a todos os seus familiares, a alegria e a paz que Jesus deseja a toda a Humanidade.



SUMÁRIO

CAPA

ANDRA MARTIN, a graciosa estrela de Hollywood, numa pose especial para seus fãs brasileiros.

CONTOS E NOVELAS

A Vereda	30
Quando as Mãos se Cansam	42
O Pequenino General	52
E Ela Disse : "Talvez..." ..	98

Chuva de Pedra

Maria Lysia



INCAPACIDADE completa de fazer outra coisa a não ser olhar a chuva de pedra batendo no vidro da janela. Há anos não viamos isso. Três ou quatro conseguem atravessar uma fresta. E' pedra mesmo. Pedra de gelo. Ficamos crianças de novo, abrimos a janela e apanhamos pedras. O resfriado depois, que importa? Importa essa alegria de menino, esse riso puro, as mãos e braços gelados fora da janela. Chaga um momento de ter-se quase medo, tal a força da chuva. Apenas meio-dia e temos impressão de noite fechada. Não fôrâ a presença da amiga e estaria eu amargurada, com medo de tudo. Do prédio cair, do vidro quebrar, de um novo dilúvio. Mas, não. O que há é uma alegria contagiente, barulho de juventude, estrélas caindo sem parar, céu

desmoronando, pedaços de nuvens nos enrolando, uma coisa frenética, estranha. Rimos, rimos. Agora não caem mais as pedras, nem as estrélas. E' chuva apenas. Mas ainda assim nos dando infância, barcos de papel, os pés descalços, cidade de interior. Aqui são os edifícios que dançam uma dança louca de alturas, balançam, vem um cheiro forte não de terra pura, mas de asfalto e fumaça. De qualquer forma, porém, trazendo infância.

Há muito não viamos uma chuva de pedra, nem um dia tão loucamente cinzento. Naquele canto ficou um monte branco, branco. Tivemos Europa não em cartões selados, mas Europa autêntica, fria nas nossas mãos molhadas. Natal, cipreste, neve. Tudo vinha assim numa mistura de louco, um desenho esquizofrênico e

riamos, crianças, absolutamente crianças. E, como o poeta, gritávamos: «Água, donde vás?»...

De repente tudo acabou. A chuva já mais fraca, nenhuma pedra, nenhuma estréla batendo na janela, nenhuma infância. De repente ficamos amargas pensando lá em cima, a terra chorando secura, a miséria gritando de todos os lados. De repente ficamos adultos, tristes. A chuva tinha acabado sua dança de alegria, de infância, de céus. E, sérias, pedimos a Deus que ela caísse lá em cima, na terra seca do meu pai (ele contava coisas tristes de lá...). E pedimos que, como nós, ficasse lá todos frenéticos, rindo de bobos, as mãos e os braços levantados e molhados de chuva. De chuva pura, forte, uma chuva igual a essa nossa.

ARTIGOS E REPORTAGENS

A Moda nas Praias	12
O Sonho do Bandeirante	18
Como se Forma Uma Irmã ..	34
Ladrão — Palavra-Veneno ..	46
Um Garoto, Uma Sereia	56
O Olho Indiscreto do Lunik	58
Astróloga Faz Ganhar na Bolsa	76
Natal : Festa de Caridade ..	92
Em Hollywood : Dança dos Milhões	106

O Verão de Paris em Belo Horizonte

108

CRONISTAS

Maria Lysia	3
Rubem Braga	8
Gilberto de Alencar	128

SEÇÕES PERMANENTES

Cartas	4
A Voz do Brasil	6
Picadeiro	10
Teleguiados	17
Quitandinha	26

Crianças

28

Fonte Viva

29

Humor (Coq)

41

Palavras Cruzadas

55

História

72

Fuga

75

Poesia

80

Bazar Feminino — A partir da

82

Concurso de Contos

105

Caixa de Segredos

115

Panorama

116

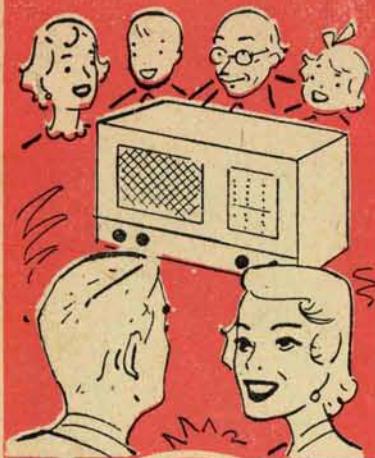
Livros

122

Cinema — A partir da

124

Companheiras DE TODOS OS MOMENTOS



- Bons programas
- Melhores locutores
- A melhor música nos céus de Minas



rádio
MINAS

rádio
PAMPULHA

Direção de
RAMOS DE CARVALHO

Dep. Comercial
Edifício Acaíaca — 14º andar —
Salas 1420/21 — Fone: 2-9711 —
Belo Horizonte.

Representantes no Rio e São Paulo :
M. A. Galvão & Cia. Ltda.
RIO — Av. Erasmo Braga, 227 — 2º
andar — Tel. 42-2020.
SÃO PAULO — Rua Sete de Abril,
342 — 1º andar — Tel. 33-6965

CARTAS



Tarefa de Brasilidade e Alto Sentido Cristão

TENHO 11 anos e nove irmãos. Vivo no Rio Purus, no Território do Acre, e a cidade mais perto se chama Sena Madureira e demora 15 dias de barco para chegar lá. Aqui faz muito calor. Temos flores, castanheiras, seringueiras e no verão plantamos feijão na praia do rio, mas, às vezes, a enchente arranca tudo. O nosso pai anda no mato o dia todo, para trazer leite da seringueira. A mamãe trabalha muito e sempre se queixa de que aqui não tem Igreja nem Escola para nós.

O nosso avô já morou no Sul e, às vezes, fica contando que a festa do Santo Natal é muito bonita lá, que as crianças ganham uma porção de presentes. Aqui, o dia de Natal é como todos os outros dias. E não faz mal que a gente não ganhe presentes. Eu só queria que tivesse uma escola para os meus irmãozinhos aprenderem a ler e a escrever, e um hospital para curar o vovô que está muito doente.

Será que o senhor pode nos ajudar? Desejo que suas crianças tenham um Natal muito feliz.

(a) José Carlos.

P. S. — Esta cartinha me foi ditada por um menino de rara inteligência, mas que não sabe ler nem escrever.

Infelizmente, o futuro não é muito promissor para o José Carlos: como outras 20.000 crianças do Alto Acre e do Alto Purus, ele está destinado a levar a mesma vida primitiva de misérias e abandono que levaram seus pais e seus avós — e tem apenas uma chance em dez, de não contrair maleita ou le-

pra... se sobreviver aos perigos da floresta.

Para estas criancinhas não existe Natal. Mas, não existem também muitas outras coisas importantes, como escolas ou médicos. Os Missionários Servos de Maria já alimentam, vestem e educam 2.200 crianças nos sete colégios que conseguiram construir. Entretanto, restam outras 18.000, pelas quais muito falta fazer.

E ao senhor, que não mede sacrifícios para cercar seus filhos do conforto que eles merecem, que fazemos este angustiado apelo: estenda sua generosidade às crianças como o José Carlos, para que elas tenham um dia oportunidade de levar vida decente; aos leprosos, como o avô de José Carlos, para que possam ser convenientemente tratados; e à nossa Missão, para que possamos formar novos missionários — atualmente somos só doze, a cuidar de uma região de 115.000 km². Pedimos apenas que o senhor nos ofereça o dinheiro que custaria um brinquedo a mais para seus filhos, e, com a graça de Deus e com a ajuda de pessoas como o senhor, haveremos de levar para lá as escolas, os hospitais e os missionários de que os pobrezinhos tanto precisam!

Estou certo de que este apelo ecoará em sua alma caridosa e o senhor nos devolverá o envelope anexo com um cheque nominal para «Missões dos Servos de Maria no Acre e Amazonas», na quantia que o seu nobre coração ditar. O cheque não precisa ser visado nem pagável nesta Praça. Que Deus derrame as bênçãos

sobre o Sr., sua Sr^a e suas crianças. Feliz Natal.

Em nome dos Missionários Servos de Maria.

Pe. FREI HEITOR M. TURRINI — CAIXA POSTAL 77 — RIO DE JANEIRO — DF

• Revmº Pe. Frei Heitor: Esta Redação já devolveu o envelope, com a sua contribuição, muito humilde em relação às proporções desse trabalho de verdadeira brasilidade e alto sentido cristão, que os ilustres Missionários Servos de Maria estão realizando pelos nossos irmãos do Acre e Amazonas. Estamos seguros, porém, com a divulgação do seu conmovedor apelo, de que milhares de outros envelopes chegarão às mãos desses benditos missionários do bem, cuja edificante tarefa merece todo o nosso apoio e toda a nossa simpatia.

Estados Unidos x União Soviética

LENDO a seção «Teleguiados», que é sem dúvida a melhor, da melhor das revistas brasileiras — ALTEROSA — escrevo com a finalidade de concordar com a afirmação do cronista sobre a Rússia, que deseja acabar com a guerra.

Aproximadamente a metade dos brasileiros, infelizmente, ainda acredita nas boas intenções dos norte-americanos quando falam em ajudar ao Brasil. Na realidade, eles só nos cedem o «feijão bichado».

Quando estive nos Estados Unidos observei a discriminação que lá se faz, não só entre as classes sociais, como também pela cor e pela religião. Eu, como católico, só encontrava apoio com os da minha religião.

O que mais me impressionou foi o trato que dão ao pretos, que lá vivem cem vezes pior que no tempo do cativeiro, e a ausência de decência: vi mulheres já idosas entrando com seus próprios filhos em boates desaconselháveis.

Na União Soviética, pelo que sei, há felicidade, saúde, alimentação e divertimentos decentes.

JOSE' DECIRIO PIRES — FRUTAL — MG

• O caro leitor parece que se deixou impressionar demais pela propaganda anti-americana que lava pelo nosso país, insuflada um tanto pelos comunistas, e mais ainda por uns poucos (e maus) capitalistas americanos que ainda exploram a economia nacional sob a complacência de nossas leis. Há que reconhecer, porém, que este pequeno grupo não representa a grande nação norte-americana: povo de formação cristã, generoso, bom e amigo do Brasil. Deveremos separar o joio do trigo. Até mesmo a condenável discriminação racial está sendo fortemente combatida pelo Governo e pelas elites do país, encontrando-se hoje bem atentas. (Continua na pag. 28)

...e os olhos dêle
se fixarão **mais**
em seus lábios...

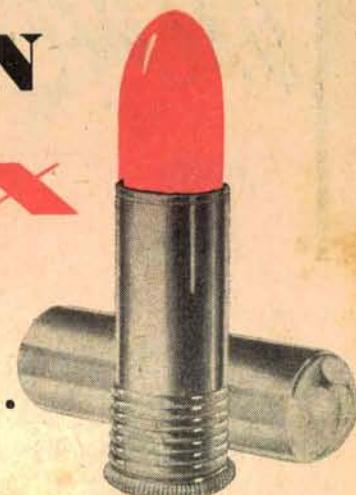


...porque em Cutex há mais vida, mais beleza e harmonia de cor. Você encontrará em Cutex a sua tonalidade exata. Escolha uma cor bonita, duradoura... uma cor Cutex. Tenha várias cores Cutex à sua disposição.

BATON

CUTEX

DURA MAIS...
CUSTA MENOS...



AS GRANDES MULHERES DA HISTÓRIA



Nº1 Cr\$ 230,



Nº2 Cr\$ 220,



Nº3 Cr\$ 220,



Nº4 Cr\$ 250,



Nº5 Cr\$ 230,



Nº6 Cr\$ 200,

Eis a coleção que se recomenda ao bom gosto do leitor moderno, pois se caracteriza por uma linha editorial de histórias autênticas romântizadas por autores famosos e traduzidas, primorosamente, por nomes em evidência em nossas letras.

LIVRARIA
Itatiaia
Editora

Rua da Bahia, 916 — B. Horizonte — Minas

Peco enviar-me, pelo Reembolso Postal, os livros de números:

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____

Estado _____

A VOZ DO BRASIL

Compilação de Afrânio Cardoso

• Não. Nem é bom pensar nos russos. Afinal, de que serve tanta ciência sideral? Ora, ora! Trocar o S. Jorge da Lua, com cavalo e tudo, por uma foice e martelo? Convenhamos: não é poético... Só descubro uma utilidade nestes foguetes russos: eles levariam em seu bôjo todos os lunáticos da Terra.

Odilon F. Santiago
DIARIO DO OESTE — DIVINÓPOLIS — MG

• Ordinariamente, conhece-se por Homem, o explorador da credulidade e da boa fé alheias, o ilaqueador, o mentiroso, o velhaco. O que foi chamado para administrar o patrimônio público, material ou moral, e no entanto rouba-o, saqueia-o ou o enxovalha; o que foi convocado para fazer Justiça ou honrar a Autoridade e, no entanto, desmoraliza-a, envilece-a e a emporcalha, enriquecendo-se à custa da dignidade, da liberdade, da honra, da miséria dos que lhe cabia encaminhar, proteger. Homem não pode ser essa miséria nem essa pouca-vergonha. O Homem é obra divina quase consumada. E' quase perfeito. E' feito à semelhança moral e é quase a imagem de Deus.

TRIBUNA DO OESTE — BAMBUÍ — MG

• E' por isto que eu sou nacionalista. Um homem digno não pode ficar calado diante desse cosmopolitismo miserável, dessa opressão estrangeira desgraçada. E o pior, meu velho, não é a Fôrça e Luz não. Nem a Telefônica. O pior, é a despersonalização da literatura, da poesia, da música. Esses sambas em ritmo de «rock», essa mocidade em cadência de decadência, lendo «Seleções» e ruminando «chicletes», isto é que me dá raiva. Veja você, por exemplo, o caso dos pardais. Sim senhor, dos pardais.

Celius Aulicos
BINOMIO — BELO HORIZONTE

• Por incrível que pareça, o prefeito de Belo Horizonte, Sr. Amintas de Barros, confessando-se incapaz de resolver o angustiante problema da falta de água na Capital, declarou que a solução mais viável para os próximos anos é «proibir a construção de novos edifícios na cidade, a fim de evitar o aumento da densidade populacional». A «saída» do prefeito do PTB teria alegrado também à Cia. Fôrça e Luz...

ALÉM PARAYBA — ALÉM PARAIBA — MG

• Os votos dados ao rinoceronte, em São Paulo, e ao bode, no Nordeste, há anos passados, são verdadeira prova de baixeza de certa gente. A interpretação que acho para a eleição do Cacareco é a degradação de um povo! E' o canalhismo erigido em padrão político. E' a safadeza que reflete os costumes como vão. Tanto é verdade que, ao lado dos votos ao Cacareco, havia coisa muito pior que os jornais, naturalmente, por decôro, não quiseram noticiar. Então um animal irracional é que representa a dignidade de um povo?

Zé Canela-de-Ferro
VOZ DE DIAMANTINA — MG

• O Sr. Raimundo Demócrata da Silva, Diretor Substituto da Divisão de Caça e Pesca do Distrito Federal, ao que parece, descobriu a pólvora. E em grande estilo. E' que esse «pescador» está aconselhando o povo brasileiro a criar peixe em casa, a fim de ter sempre à mão um alimento sadio e de alto valor proteico. Muito bem, Sr. Raimundo. Muito bem. A gente vai criar isso no banheiro ou dentro do filtro?

VOZ DE DIAMANTINA — MG

• No Brasil prega-se e luta-se e briga-se e talvez se mate em benefício do condenado de San Quentin. Mas, que o Governo, o povo, a sociedade, a família e cada um peçamos, providencemos, realizemos também para salvar vidas brasileiras. Que condenados à morte aqui os há, e não são criminosos. Que misérias aqui as há, e não por culpa dos que sofrem. Que injustiças aqui as temos, e não procedem das vítimas. Os «corredores da morte» no Brasil são bastante largos.

O COMETA — IGARAPAVA — SP

• Já se foi o tempo em que Romeu se derretia debaixo do balcão florido de Julieta e subia até ela, para seus beijos e suas noites de amor. Hoje, num banco duro de granito, ali no escuro, assustados a todo momento pela aproximação da perua da polícia, muitas vezes enregelados pelo contacto com a pedra esfriada pelos ventos álgidos das noites, os amorosos, enquanto se abraçam e fazem suas juras, ao invés de cotovias, ouvem o berro do turco da prestação; no lugar dos lampejos das manhãs que nascem, cegam-se na leitura das notas mensais de cobrança; tudo lhes fala de crise, de alta, de COFAP, sobrando-lhes um resquício de esperança, apenas, na elevação do salário mínimo, para agüentar o máximo de seus impulsos amorosos.

Ruy Meneses
CORREIO DE BARRETOS — SP

• O que os consórcios petrolíferos não esperavam, é que o Brasil tivesse o topete de enveredar pelo caminho do monopólio estatal. Por isso eles não perdoam a Petrobrás. Nem eles, nem seus assalariados daqui. Mas a Petrobrás continua viva e, graças a Deus, em franco progresso, apoiada pela opinião pública nacional e pelas Forças Armadas.

A FOLHA — PINHAL — SP

• Esta manhã me contaram que o presidente JK vai comprar outro avião mais rápido. Com o que ele tem atualmente, já não consegue alcançar o custo da vida.

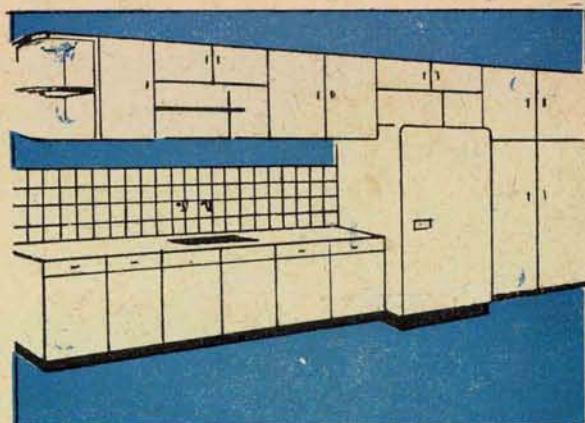
O FERREIRENSE — PORTO FERREIRA — SP

• A gente devia aprender a cultivar a virtude do otimismo, como a melhor terapêutica contra esta onda de pessimismo que deu de envenenar o povo, atrelando-o a um desespero silencioso que rói o sistema nervoso e inquieta a alma. Cada homem, por mais exígues que sejam seus conhecimentos, por mais emperrada que seja sua língua, sempre exerce influência sobre alguém. Qualquer opinião sua encontra logo eco. Se ele instila o veneno, é com o veneno que vai envolver aqueles que creem nele. E' uma epidemia, meus amigos. E nós somos as suas bactérias.

Idolo Musa
JORNAL DA MANHÃ — PONTA GROSSA — SC

• A grande ameaça que se pretendeu conjurar com esse apelo à União Nacional e o consequente Único Candidato, foi a Oposição. Ante a vaga possibilidade de um candidato oposicionista, tremeram todos, tremeu até a espada do marechal e de tremor muito pouco belicoso.

TRIBUNA DA IMPRENSA — DF



FÁBRICA DE COZINHA AMERICANA VELBA

ACEITAMOS ENCOMENDAS DE QUALQUER
TIPO OU MÓVEIS DE AÇO — PINTURAS A CÔRES

A mulher moderna, dona de casa ciosa de seu tempo, em que se dedica de corpo e alma à família, merece possuir, na sua cozinha uma instalação que lhe permita mais eficiente ação doméstica.

A COZINHA TÍPICA AMERICANA VELBA — cujo preço é acessível a todas as bolsas — constitui essa instalação de que toda boa dona de casa necessita, porque apresenta todos os requisitos necessários para proporcionar não só verdadeira eficiência no serviço doméstico como maior economia de tempo — fator essencial para a felicidade de uma dona de casa que deseja cumprir com a sua finalidade: — proporcionar à sua família inalterável bem-estar.



Av. Bias Fortes, 1124 (Junto à Praça Raul Soares)

Belo Horizonte — Minas

CONVERSA DE COMPRA DE PASSARINHO

Transcrita de "Manchete"

ENTRO na venda para comprar uns anzóis, e o velho está-me atendendo quando chega um menino da roça com um burro e dois balaios de lenha. Fica ali, parado, esperando. O velho parece que não o vê, mas afinal olha as achas com desprezo e pergunta: «Quanto?» O menino hesita, coçando o calcanhar de um pé com o dedo de outro: «Quarenta». O homem da venda não responde, vira a cara. Aperta mais os olhos miúdos para separar os anzóis pequenos que eu pedi. Eu me interesso pelo coleiro do brejo que está cantando. O velho: — Esse coleiro é especial. Eu tinha aqui um gaturamo que era uma beleza, mas morreu ontem; é um bicho que morre à toa.

Um pescador de bigodes brancos chega-se ao balcão, murmura alguma coisa; o velho lhe serve cachaça, recebe, dá o trôco, volta-se para mim: «O senhor quer chumbo também?» Compro uma chumbada, alguns metros de linha. Súbitamente ele se dirige ao menino da lenha:

— Quer vinte e cinco pode botar lá dentro.

O menino abaixa a cabeça, calado. Pergunto:

— Quanto é o coleiro?

— Ah, esse não tenho para venda, não...

Sei que o velho está mentindo; ele seria incapaz de ter um coleiro se não fosse para venda; miserável como é, não iria gastar alpiste e farelo em troca de cantorias. Eu me desinteresso. Peço uma cachaça. Puxo o dinheiro para pagar minhas compras. O menino murmura: «O senhor dá trinta...» O velho cala-se, minha nota na mão:

— Quanto é que o senhor dá pelo coleiro?

Fico calado algum tempo. Ele insiste: «O senhor diga...» Viro a minha cachaça, fico apreciando o coleiro.

— Não quer 25 vá embora, menino.

Sem responder, o menino cede. Carrega as achas de lenha lá para os fundos, recebe o dinheiro, monta no burro, vai-se. Foi no mato cortar pau, rachou cem achas, carregou o burro, trotou léguas até chegar aqui, levou 25 cruzeiros. Tenho vontade de vingá-lo:

— Passarinho dá muito trabalho...

O velho atende outro freguês, lentamente.

— O senhor querendo dar 500 cruzeiros, é seu.

Por trás dele o pescador de bigodes brancos me faz sinal para não comprar. Finjo espanto: «QUINHENTOS cruzeiros?»

— Ainda a semana passada eu rejeitei 600 por ele. Esse coleiro é muito especial.

Completamente escravo do homem, o coleirinho põe-se a cantar, mostrando suas especialidades. Faço uma pergunta sôrna: «Foi o senhor quem pegou ele?» O homem responde: «Não tenho tempo para pegar passarinho».

Sei disso. Foi um menino descalço, como aquêle da lenha. Quanto terá recebido esse menino desconhecido por aquêle coleiro especial?

— No Rio eu compro um papa-capim mais barato...

— Mas isso não é papa-capim. Se o Sr. conhece passarinho, o Sr. está vendo que coleiro é esse.

— Mas QUINHENTOS cruzeiros?

— Quanto é que o Sr. oferece?

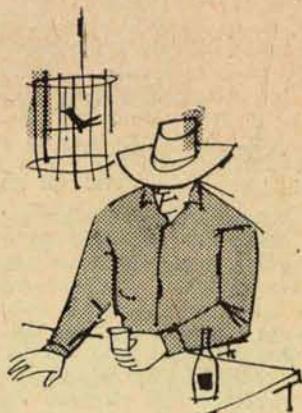
Acendo um cigarro. Peço mais uma cachaçinha. Deixo que ele atenda um freguês que compra bananas. Fico mexendo com o pedaço de chumbo. Afinal digo com a voz fria, séca: «Dou 200 pelo coleiro, 50 pela gaiola».

O velho faz um ar de absoluto desprezo. Pego meu trôco, ele me dá. Quando vê que vou saindo mesmo, tem um gesto de desprendimento: «Por 300 cruzeiros o Sr. leva tudo».

Ponho minhas coisas no bôlso. Pergunto onde é que fica a casa de Simeão pescador, um zarlho. Converso um pouco com o pescador de bigodes brancos, me despeço.

— O Senhor não leva o coleiro?

Seria inútil explicar-lhe que um coleiro do brejo não tem preço. Que o coleiro do brejo é, ou devia ser, um pequeno animal sagrado e livre, como aquêle menino da lenha, como aquêle burrinho magro e triste do menino. Que daqui a uns anos quando ele, o velho, estiver rachando lenha no Inferno, o burrinho, o menino e o coleiro vão entrar no Céu — trotando, assobiando e cantando de pura alegria.





Ah...

QUE REFRESCANTE SENSAÇÃO
DE BEM-ESTAR, NA ESPUMA
PROTETORA DE KOLYNOS!

Gente de espírito moço, que precisa
causar boa impressão, prefere Kolynos
porque Kolynos contém
elementos antienzimáticos que agem
quase milagrosamente para evitar
a cárie e o mau hálito !

gente DINÂMICA prefere



- sensação extra de frescor !

Registro

• O deputado Osvaldo Pierucetti, presidente da UDN mineira, encaminhou ao TRE, por intermédio da mesa da Assembleia Legislativa, um requerimento para apuração da responsabilidade penal, com base no Código Eleitoral, pelo uso dos órgãos oficiais "Folha de Minas" e "Rádio Inconfidência" em propaganda política contra os chefes da oposição no Estado.

• O presidente Juscelino Kubitschek determinou providências para que sejam apressados os estudos de avaliação dos bens patrimoniais da União, a serem entregues aos Institutos de Previdência, para quitação do débito do Governo Federal. Deseja o Presidente que essa avaliação, compreendendo os edifícios ministeriais do Rio, a Ráde Ferroviária Federal, a Fábrica Nacional de Motores, a Cia. Nacional de Alcalis, a Petrobrás, a Cia. Siderúrgica Nacional, a Cia. Vale do Rio Doce e outros bens, seja concluída até abril próximo, a fim de que todo o débito da União com os Institutos de Previdência seja quitado antes da mudança da Capital do País.

• Expressões do deputado Elói Dutra (PTB — DF), em entrevista aos jornais que o foram ouvir sobre a derrota da dupla Jungo—Brizolla, no Rio Grande do Sul: "Com o feijão a 80 cruzeiros, falta de carne, bombomélio estourando, grupos se enriquecendo escandalosamente através da especulação, tudo isso, enfim, deve orientar nosso partido ao encontro do povo".

• Sobre o mesmo tema, assim falou outro líder petebista, o deputado Douzel de Andrade: "Não se pode pleitear votos ao povo, quando ele mal consegue sobreviver à falta dos gêneros mais essenciais. Ganhou o Sr. Lourenço Silva, como ganharia qualquer um outro, até mesmo um poste, que comparecesse às urnas simbolizando um protesto contra a atual situação".

• O Sr. Sigmund Weiss, diretor-presidente da Cia. Siderúrgica Manesmann, anunciou a decisão de sua empresa no sentido de elevar para 350 mil toneladas, a sua produção anual de aço: tubos sem costura, aços especiais para a indústria automobilística e outros.

• A Mercedes-Benz do Brasil informou ao GEIA que já está em condições de fabricar, mensalmente, cerca de 800 motores diesel para tratores que venham a ser produzidos no País. Motores 100 por cento nacionais.

• As tendências políticas dos jornais belo-horizontinos, face à sucessão governamental, indicam apoio a Tancredo Neves por parte do "Estado de Minas", "Diário de Minas", "Diário da Tarde" e "Folha de Minas". O matutino "O Diário" parece inclinado para o Sr. Magalhães Pinto, que conta ainda com o apoio do semanário "Bínomio". O "Informador Comercial" (Diário do Comércio) mantém-se equidistante dos candidatos em luta pelo Palácio da Liberdade.

Jânio Quadros, numa charge de De Paula. Segundo se espera, sua candidatura deve ser novamente articulada, com um único nome para companheiro de chapa.

PICADEIRO

A RENÚNCIA DE JÂNIO

MUITA GENTE anda falando por ai: — Eu não dizia? O homem é louco mesmo. E além de louco, mal-educado! Bem feito para a UDN! Tendo à mão um nome seu, do porte de Juraci Magalhães, vai-se entregar aos braços de um paranóico, que po-

deria levar o Brasil aos maiores perigos...

Há, também, os que dizem que o gesto de Jânio não passa de uma manobra publicitária, que tem por fim aliar a UDN ao seu caminho, para voltar, em seguida, como candidato nitidamente po-

ROMPEM-SE AS FILEIRAS DA SITUAÇÃO

A COISA NÃO chega a surpreender, já que era prevista. Verdadeiro saco de gatos, reunidos ao toque dos interesses pessoais, o grêmio político que se formou para apoiar a candidatura, e depois o governo do Sr. Juscelino Kubitschek, nunca se entendeu. E do desentendimento, passou ultimamente a uma constante hostilidade, que não exclui a própria figura do Presidente da República.

Nunca tivemos um governo tão combatido, tão acusado pelos seus próprios correligionários. Nestes últimos dias, para não levarmos o leitor mais longe, podemos apontar, entre outros:

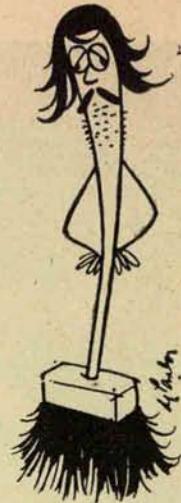
1 — O «affaire» do portavozes «Minas Gerais», que se afirmou, vai custar cerca de 13 bilhões de cruzeiros ao erário nacional e acobertar uma gigantesca malbaratação de verbas. Denunciante: deputado Paulo Minicarone, do PTB gaúcho, presidido pelo Sr. João Goulart, vice-presidente e aliado de JK.

2 — O escândalo de Brasília,

onde estariam sendo cometidos os mais graves peculatos, segundo denúncia do deputado Elias Adame, integrante da própria bancada pessedista (representação de Santa Catarina), que forma na maioria parlamentar de JK.

3 — A crise do abastecimento, com a divulgação de um decálogo contra a política econômico-financeira do atual governo. Esse decálogo contém dez vigorosos anátemas contra a orientação governamental de JK (censurando a «emissão descontrolada», o «aumento desenfreado das despesas públicas», a política cambial «inteiramente afastada da realidade», a «falta de maior equilíbrio na aplicação dos dinheiros públicos», etc.). Autor do decálogo: General Ururauí de Magalhães, um dos mais destacados chefes militares da corrente do 11 de Novembro.

Não é mais a oposição, como se pode notar, que dá trabalho ao Sr. Juscelino Kubitschek. O maior fogo de combate ao seu governo, nesta altura, parte de suas próprias hostes partidárias.



pular, garantido apenas por pequenos partidos que lhe sustentariam a legenda sem cobrar alto preço.

Há, ainda, os que admitem que Jânio voltará aos braços da UDN, desde que esse partido concorde em afastar as exigências que vinha fazendo ao candidato das Oposições, aceitando-o incondicionalmente e sem a pretensão de ditar-lhe a conduta política.

Mas quais teriam sido os verdadeiros motivos da renúncia de Jânio Quadros, quando a sua candidatura parecia muito fortalecida com a adesão unânime de todos os partidos da oposição, e com o apoio de ponderáveis parcelas da situação, como o PTB? Ai está o mistério. Ou o que a muita gente parece mistério, embora nada de misterioso exista em tudo isso.

A UDN diz que não tem culpa. O mesmo diz o PDC e o PTN. O PL parece que nem entra nisso. Mas de quem é, afinal, a culpa da renúncia de Jânio?

Vejamos o que diz Carlos Lacerda, o responsável máximo pela candidatura Jânio Quadros nos quadros udenistas: «Quem lê o

noticiário dos jornais pensa que, quando tudo estava em paz entre Jânio e a UDN, Jânio deu a bofetada. Mas eu sei o que se passou nos bastidores nestes últimos três meses; sei que Jânio aturou até demais». Referindo-se, em seguida, à reunião havida entre os Srs. Magalhães Pinto, Leandro Maciel e Jânio Quadros, Carlos Lacerda afirma que se quiz dar ao gesto de Jânio uma aparência tresloucada e sem sentido, acrescentando: «Como se, em torno de uma mesa de chá, Jânio tivesse dado um uivo e se atirado pela janela. Em verdade, discutia-se se Leandro falava na sede da UDN, no Acre, e Ferrari no palanque, ou se Ferrari não falava no palanque ou só falava no Hotel. Discutia-se se Ferrari ia com Jânio no mesmo avião e falava no palanque ou se ia em outro avião e falava no palanque, no Hotel ou na sede da UDN, ou, então, em nenhum lugar. Mas a renúncia do Sr. Jânio Quadros não resultou dessa tragi-cómica, digna de um humorista inglês, mas foi o resultado de meses, durante os quais Jânio foi submetido a um verdadeiro processo de ma-

ceração, jogado de um lado para o outro, solicitado para todos os lados, instado a comprometer-se com empregos e cargos e até com autarquias, e isto nas vésperas da convenção da UDN».

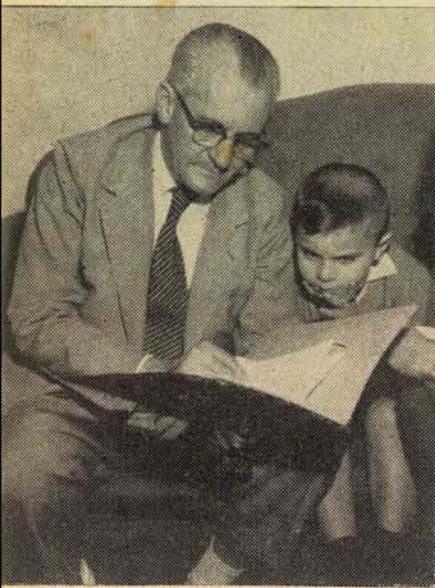
Finalmente, damos a palavra ao próprio Jânio, procurando a solução do «affaire» nos trechos mais objetivos das cartas que escreveu ao presidente da UDN e ao governador Carvalho Pinto, na mesma noite da renúncia:

«Se, nesta fase, é difícil, assim, coordenar esforços e somar anseios dos homens de bem que militam nos vários partidos, impossível será governar no atendimento das reivindicações do povo e das necessidades brasileiras.

«Não desejo, nem por um instante, chegar à chefia da Nação e não poder exercer essa chefia na plenitude de suas prerrogativas. Disse à minha filha, esta tarde: é preferível um cidadão livre a um presidente prisioneiro. Assim eu penso».

Ao que nos parece, entretanto, tudo acabará bem. E Jânio voltará, para alegria geral da Oposição, e para tristeza dos que temem a famosa vassoura...

CONVENÇÃO PESSEDISTA: CISÃO LATENTE



RIBEIRO PENA E NETINHO
Terceiro candidato?

O PSD MINEIRO tem, afinal, um candidato: Tancredo de Almeida Neves. Sua vitória, porém, não foi recebida com palmas pela totalidade de seus partidários, pois os 376 convencionais que sufragaram o nome do Sr. Ribeiro Pena não saíram satisfeitos do conclave. Afirmava-se que a pressão palaciana, mandada exercer pelo governador Bias Fortes (cuja promessa de neutralidade não teria sido mantida), aliada ao uso que o Sr. Tancredo de Almeida Neves teria feito das prerrogativas de seu cargo, em benefício de sua própria candidatura, havia distorcido o resultado da Convenção, desviando votos que, de outra forma, teriam sido dados com prazer ao seu competidor.

O reflexo desse descontentamento se manifestou de imediato nas palavras e nos atos do Sr. Ribeiro Pena, que logo se demitiu da Secretaria de Segurança e distribuiu à Imprensa uma veemente nota, na qual afirmava, entre outras coisas, que «cada companheiro nosso aqui compareceu convencido de que o seu voto deveria traduzir os seus sentimentos partidários e as jus-

tas aspirações dos municípios. Não seria, portanto, aceitável, que pudessem eles ser modificados por influência da atuação de forças que lhes eram estranhas, tais como as que se manifestaram através de vários órgãos oficiais e oficiais, como é notório. Ter-se-ia maculado, assim, o pronunciamento da Convenção de vícios que, sem dúvida, contaminaram os seus resultados».

Até o momento de encerrarmos os trabalhos desta edição, o quadro pessedista ainda não parece claro. O Sr. Tancredo Neves já deu início à sua campanha eleitoral (embora continue no exercício do cargo de Secretário das Finanças), convencido de que a sua candidatura é fato consumado, após a vitória na Convenção. O Sr. Ribeiro Pena, entretanto, continua inconformado com a situação e, ao que se diz, com o apoio de alguns dos líderes que comandaram a sua batalha, ameaça abrir uma cisão de largas proporções no pessedismo estadual, caminhando para uma composição com o PR e o PDC, como terceiro candidato à sucessão do Sr. Bias Fortes.

A moda nas bacias

OLGA OBRY



1 Traje de praia em algodão vermelho
debruado de sinhaninha branca, com tú-
nica estampada.

2 Conjunto de praia — maiô e casaco
sem mangas — de "Mayogaine", Paris,
em algodão estampado com padrão
florido.

3 Traje de praia de "Mayogaine", Paris,
com grande laço e babado no saio, em
tergal estampado com padrão de pa-
poulas.

4 "Jockey-Club", maiô em algodão liso e
listrado, branco e verde, com cinto prêso.

5 Maiô de tergal estampado, com saio de
babados e sôbre-saia plissada.

6 A "Perichola", maiô com decote assimé-
trico em espuma de "nylon" côr-de-dá-
masco, com padrão lamé ouro de fio Lu-
rex. — Modêlo Mayogaine.



A MODA NAS PRAIAS



PARIS (VIA PANAIR) — A moda nas praias, êste ano, será muito "habillé". O *short* torna-se mais comprido e é quase sempre acompanhado por um saio, uma túnica, um baba-dinho. Só para mergulhar na água, usa-se ainda, de quando em vez, o "bikini" de duas peças; logo ao sair das onda, êle é trocado por um traje mais decente e menos revelador. Por cima do maiô, usam-se capas plissadas, transformáveis em saia-envelope. Uma das novidades são enfeites de flôres em relêvo, executadas em matéria plástica inalterável, que resistem à água salgada tão bem quanto aos raios do sol. Efeitos de "lame" dourado e prateado são conseguidos por tecidos com fio "lurex", de brilho metálico, também cem por cento resistentes à água e à luz. Aparecem algumas reminiscências dos trajes de banho de mar da época de 1900, que ainda há pouco pareciam tão ridículos. Ao lado das novas matérias, nylon, tergal, etc., o algodão é um dos favoritos da moda praiana tanto em fazendas ou jérsei lisos quanto em estampados e listrados de côres alegres e vistosas. Para enfiarmos bordados ingleses que adornam trajes de banho de mar ou de sol em algodão branco foi criada especialmente uma fita de veludo — preta, vermelha, verde, azul — que não sofre estrago algum ao ficar molhada ou exposta aos raios do sol.

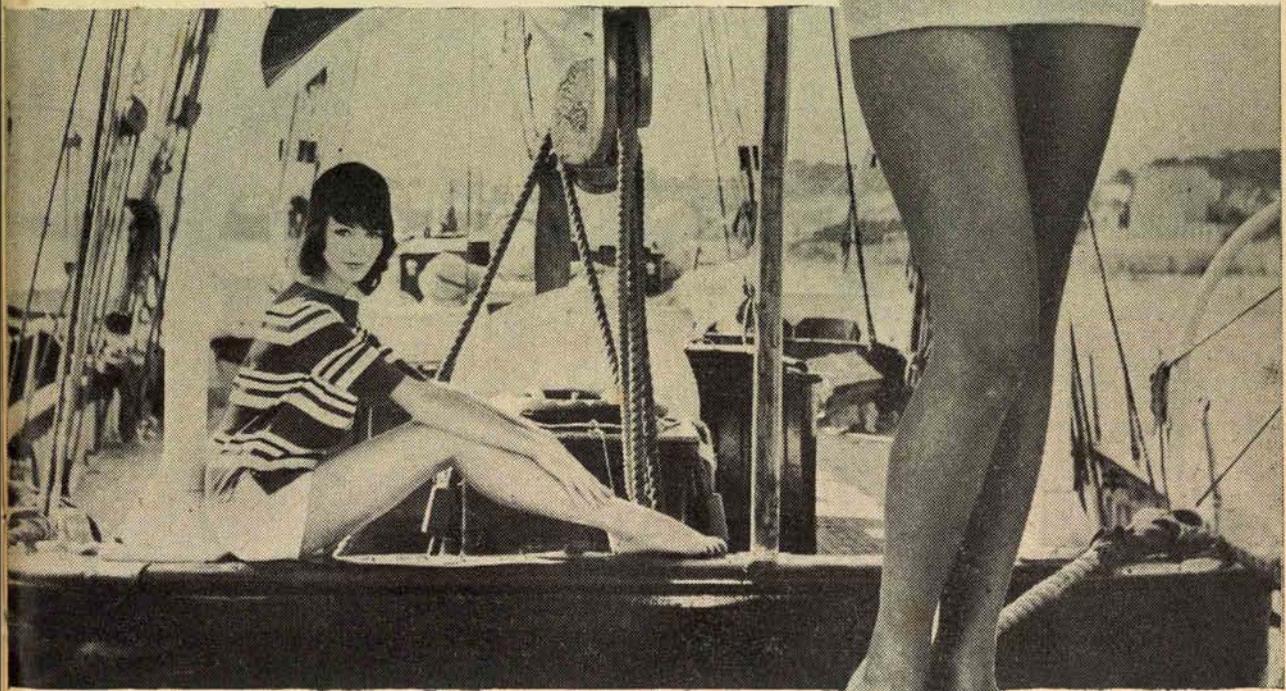


Maiô para praia em tela "Orongo"
estampada com padrão verde em fundo branco. PASCAL. Nice.

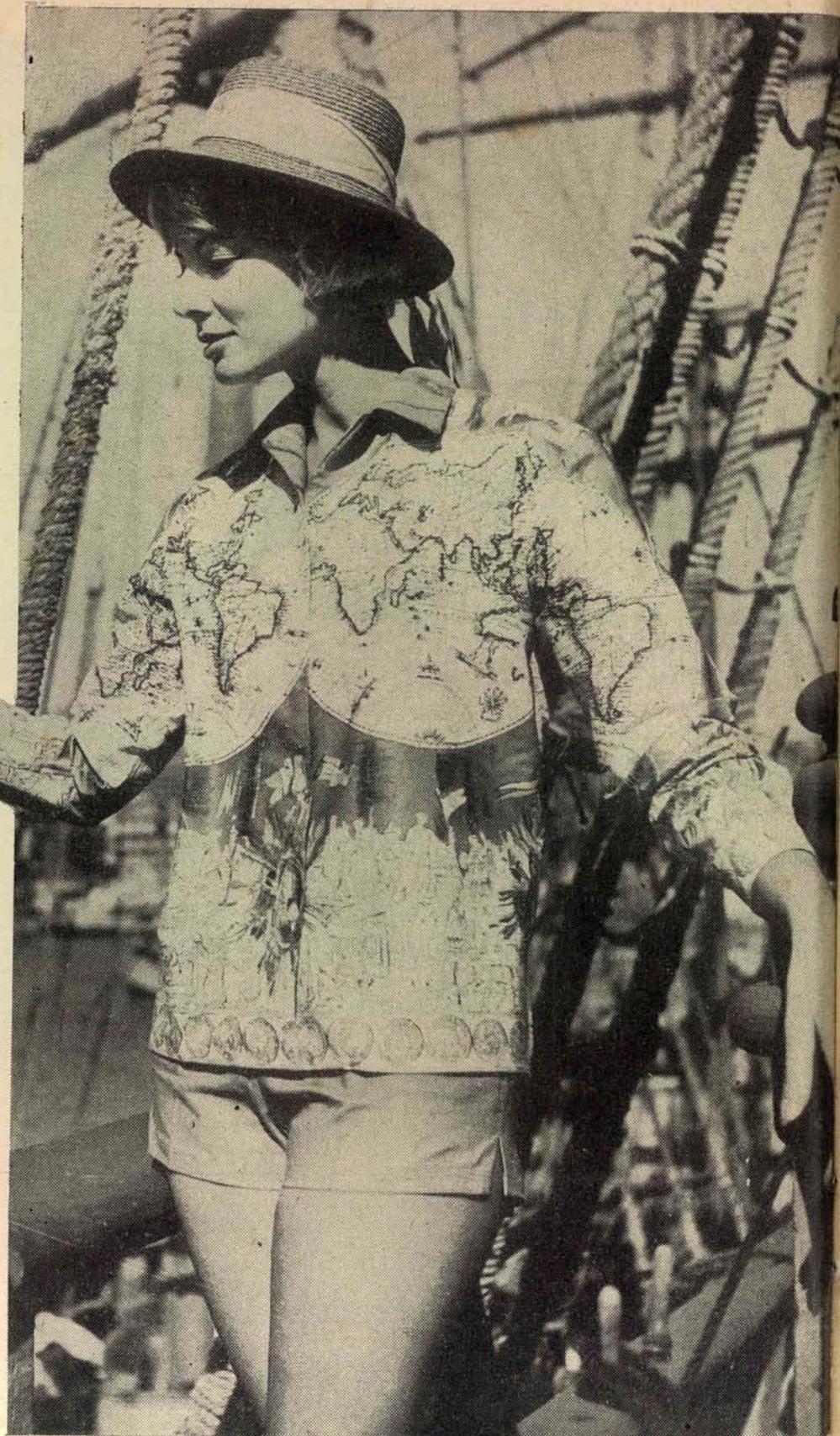


"Carioca" é o nome dêste modelo de
CRESPIN, Paris : maiô no estilo
"Empire" em espuma de "nylon" lisa,
em tons vivos ou estampada.

Conjunto para esporte náutico, em
jérsei de fio de Escócia branco e lis-
trado vermelho e branco. TRICOSA.
Paris.



A
MODA
NAS
PRAIAS



Conjunto de praia criado pela "Société Méditerranéenne", Nîce, com a denominação "A Volta do Mundo": a blusa "chemise", usada com "short" verde azeitona é de popeline de algodão com estampa do representando o "mapa-mundi".

GIBSON LESSA

O ETERNO TEMA

MAIS UMA VEZ, vai ser revivida a vida de Cristo, vida que há vinte séculos a Cristandade vem revivendo em vão. Ninguém aprende... São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João continuam em todas as Bíblias. As Bíblias continuam em todas as mãos. As mãos continuam todas em preces. Mas o Cristo, cada vez mais crucificado, continua nas paredes, e quase nunca nos corações.

Agora é uma fita, mais uma fita que vai reviver a vida do maior dos Homens. Vai ser o filme mais caro da história do cinema. Custará 5 bilhões de cruzeiros. Reunirá 50 mil figurantes. Durará 4 horas e meia de projeção. Será dublado em 40 idiomas. E chamar-se-á «The Son of God» (O Filho de Deus). O papel de Cristo será interpretado por um ator anônimo, desconhecido e a estréia mundial, marcada para daqui a um ano — Natal de 1960 — terá lugar simultaneamente em Nova Iorque, Hollywood, Londres, Paris, Roma, Madri, Jerusalém e S. Paulo.

CIVILIZAÇÃO IANQUE

NUM SO' DIA, numa só página, de um só jornal, essas três «maravilhas» da civilização ianque:

1) «Sexo — O evangelista Billy Graham, em Indianápolis, diante de um auditório de 15.000 pessoas, denunciou veementemente o aumento do crime e da imoralidade nos Estados Unidos, acrescentando: «Os Estados nidos mostram uma obsessão pelo sexo que nem mesmo Roma conheceu».

2) «Maridos — Em dez norte-americanos, oito ajudam as espôsas a lavar a louça».

3) «Cadeira Elétrica — Condenado à morte há mais de sete anos, foi finalmente executado na cadeira elétrica do Estado de Connecticut, um prisioneiro aleijado. Chamava-se Frank Wojculewicz, tinha 41 anos e ficara paralítico da cintura para baixo no dia em que recebeu uma bala na espinha dorsal, durante um tiroteio com a polícia, em novembro de 1951.

O condenado passou as suas últimas horas de vida jogando xadrez com um guarda. A sua última refeição foi inteiramente de legumes; Wojculewicz tornara-se vegetariano na prisão.

Foi ele o primeiro paralítico a ser eletrocutado na história dos Estados Unidos.

Bela primazia.

NEM BAIANO

SEDE DA COFAP, cercada por todos os lados pelas sentinelas da Polícia Militar. Havia estourado a bomba-relógio. Chega o presidente da autarquia, Sr. Guilherme Romano.

— Não pode entrar, não senhor.

— Mas, que é isso? esse é o Guilherme Romano... explica, à sentinela, o oficial de gabinete.

— Pode ser romano, pode ser chinês, pode ser até baiano. Mas não pode entrar, não senhor. Ordem é ordem!

CITAÇÕES

DIZE-ME O QUE CITAS, a quem citas e como citas e eu te direi quem és.

Quem não percebe logo, na citação que aí vai, a graça, o bom gosto e a finura de Alvaro Moreyra?

«Um dia, à beira do século, espero encontrar a vida e pôr o meu beijo nas suas mãos — discursa AM, com 71 anos, tomando posse, de fardão e tudo, na cadeira nº 21 da Academia Brasileira de Letras — e que não me aconteça o que aconteceu a Fontenelle, perto dos cem anos, num salão em Paris: passou distraído por Madame Helvetius, a quem costumava chamar «a mulher maravilhosa». Madame Helvetius deteve-o: — Então, assim é que me ama? passa, não me vê! — Fontenelle respondeu: — Se a visse, não passava...»

Mas, não é só citando o próximo, que Alvaro Moreyra é tão élé. AM é AM, principalmente, quando se cita a si próprio:

«Acordo cantando. Peço a bênção a Deus. Dou bom-dia ao dia. Reconheço o destino, tão natural, tão simples, tão amigo, tal qual o legarei, sem queixas, sem amarguras. Os campos estão cheios de flores. Não há nada ruim; tudo pode melhorar. Possuo um pouco de inocência, um pouco de imaginação, um pouco de prática da teoria. Sou dono de uma fortuna imensa: a pobreza. Custo a envelhecer porque custo a me aborrecer. Não penso mal de ninguém (eis o meu egoísmo). Acho que ninguém tem culpa (eis o meu truque de amar o próximo como a mim mesmo).»

BÔLHAS DE SABÃO

PENSANDO, certamente, em Nietzsche (que há mais de cinqüenta anos escreveu que para ser feliz, não há como as borboletas e as bôlhas de sabão) ou talvez, quem sabe, não pensando (a imaginação norte-americana, ultimamente, anda tão ruinzinha) o escritor John dos Passos (aquele mesmo que visitou Brasília) acaba de anunciar ao mundo que inventou uma pistola de matéria plástica (inventou e já requereu patente) destinada a soltar bôlhas de sabão, brinquedinho com o qual espera J. P. ganhar mais dólares do que com os seus romances.

Mas enquanto a pistolinha de J. P. não chega (e o Natal já está aí) continuemos a ser felizes, soltando as nossas bôlhas através daquela pistola apocalíptica que é o Zaratustra de Nietzsche:

«Há sempre um grão de loucura no amor. Mas, em compensação, há sempre uma pitada de razão na loucura. E eu, que estou bem com a vida, creio que para ser feliz, não há como as borboletas e as bôlhas de sabão. Ver esvoaçar essas alminhas buliosas, efêmeras e frívolas — dá-me vontade de rir e de chorar. Eu, por mim, só acreditaria num deus que soubesse dançar!»

CONVERSÃO

IBRAHIM, o pândego Sued, converteu-se à nova capital. De modo que, onde se lia Brasília nem a prazo nem à vista, leia-se agora: Brasilia tanto a prazo quanto à vista...



O Sonho do Bandeirante

Reportagem de NALY BURNIER COELHO • Fotos de José Inácio



O Museu Histórico, instalado na Fazenda do Leitão — A velha casa, único remanescente do Curral d'El Rei, se destaca, solitária, entre os palacetes da cidade nova.



Original cama em estilo marquesa, de estrado de palhinha, com as guardas torneadas, interessante jôgo de aparador, porta-toalha, aparelho de toalete em porcelana, mesa rústica. O passado e o futuro: a graça de Maria Cristina anima um quarto de moça de 1894.



ELE viera de longe. Estava exausto. Sangravam-lhe os pés, trazia rotos os sapatos, as vestes esfarrapadas. Mas, animava-o a mesma centelha que impulsionara Bartolomeu Bueno a espalhar cidades pelas terras dos Goiases e Fernão Dias a erguer do nada, aqui e além, Sumidouro, Ibituruna, Baependi. Era louco, por certo, da mesma loucura audaz que acometeira, outrora, Antônio Raposo e Borba Gato.

Prosseguira, apesar dos protestos da gente que o seguia, sem desaninar ante a fome que lhe tolhia os gestos, ante a chuva e a canícula; não o atemorizavam a selva e os animais bravios, que intentavam impedir-lhe os passos. Fôra longa a caminhada, árdua a luta, incerta a vitória. Mas, prosseguira.

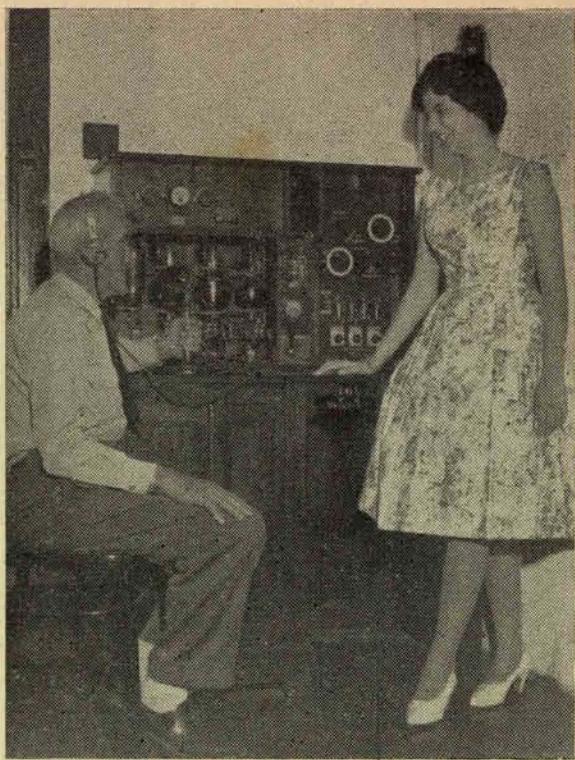
Largo chapéu de couro, barbas crescidas, saco de roupa às costas, espingarda ao ombro, João Leite da Silva Ortiz, o bandeirante paulista, detém-se no cimo da Serra das Congonhas (hoje Serra do Curral). Encontrava-se no distrito das minas do Rio das Velhas, que serpeava acolá, entre



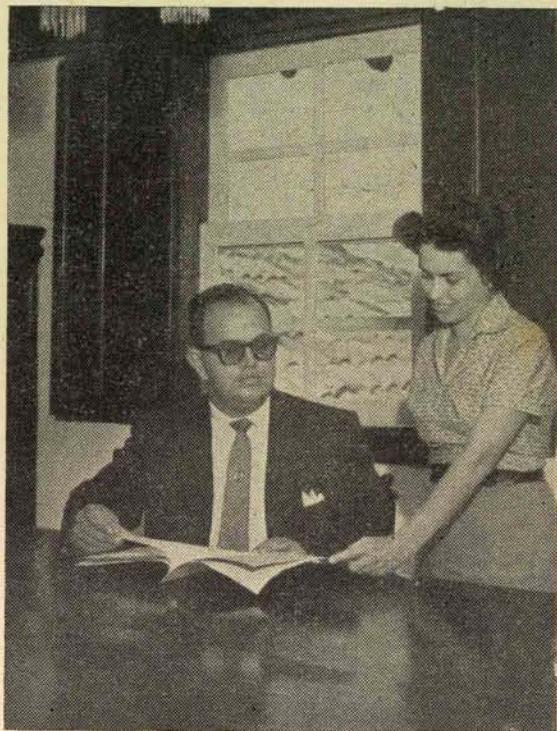
Um recanto da fazenda: junto à escada de pedra a mocidade de Vera Lígia desfaz a lembrança triste da revolução de 1930, evocada pelo canhão construído em B. Hte., na Secretaria do Interior, por ordem do Dr. Odilon Braga.



Miriam Lúcia revive o passado, ao fiar na roca que veio da Fazenda do Cercado, marco inicial de Belo Horizonte.



O Sr. Fioravante, de 98 anos, relíquia do Museu, explica a Vera Lígia como fazer funcionar o primeiro aparelho rádio-receptor e transmissor usado na nova Capital.



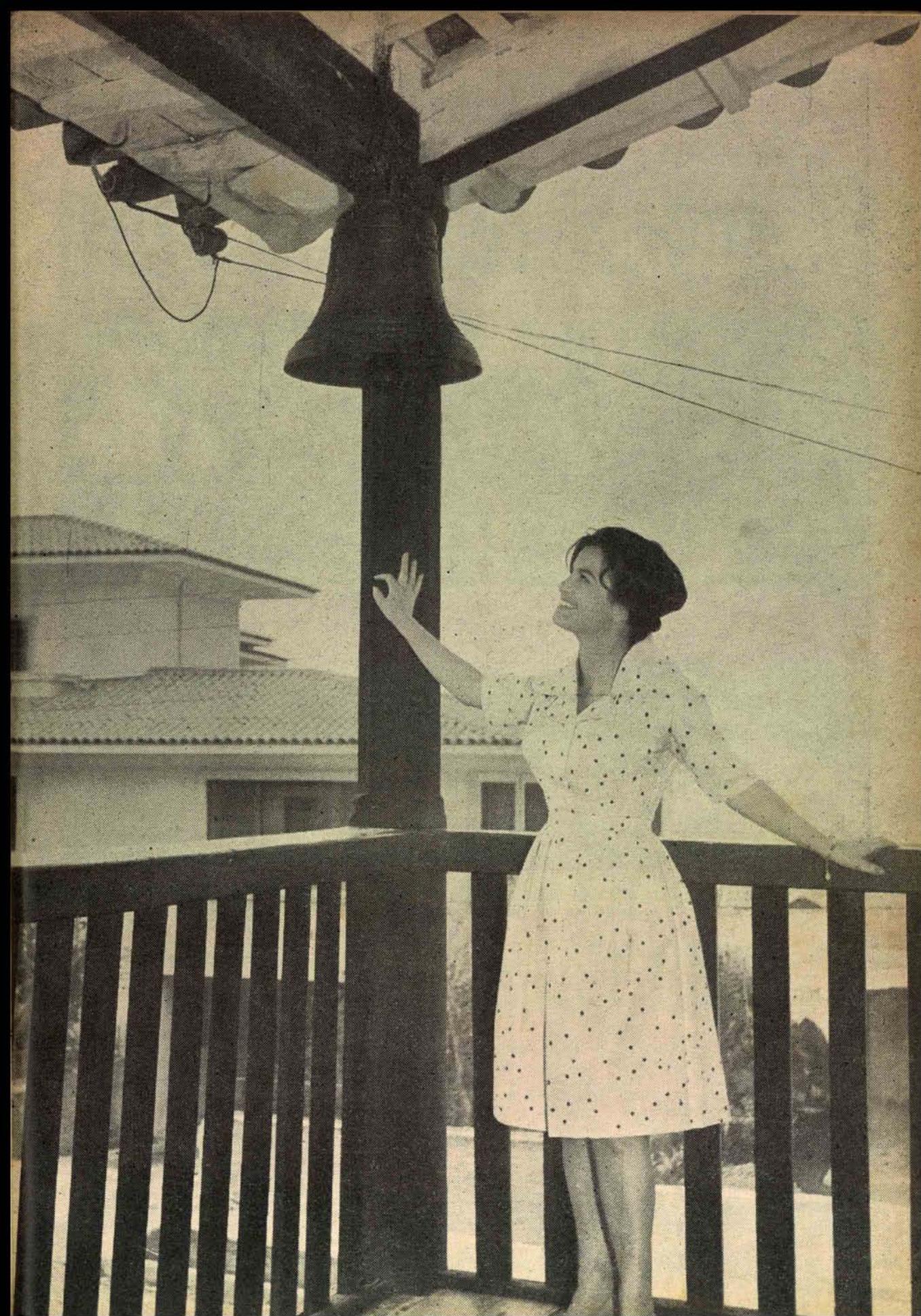
O Diretor do Museu Histórico, Sr. Danton Lago e sua secretária Maria Shirley de Abreu Campolina de Sá que trabalha há nove anos no Museu.

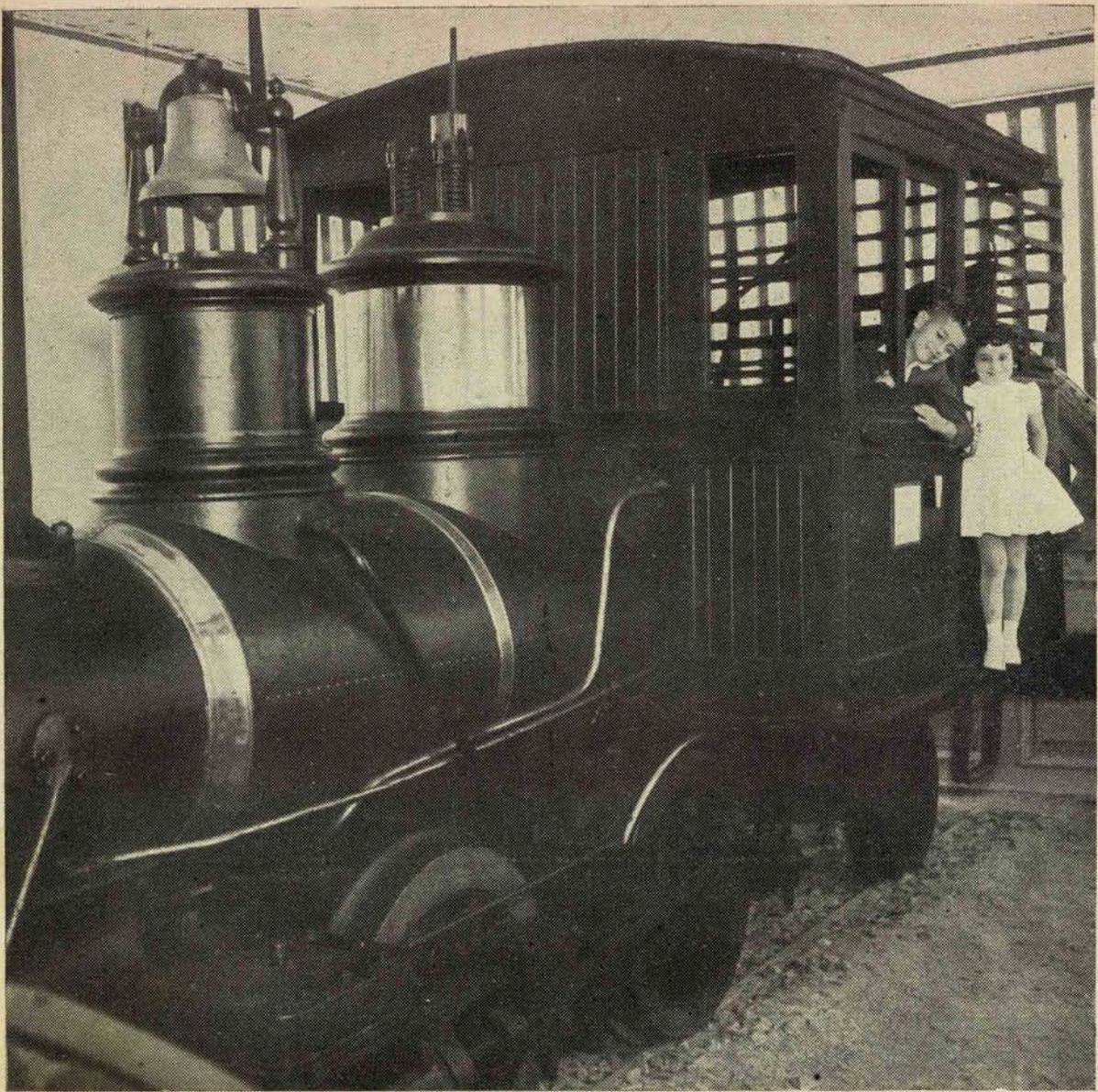
O SONHO DO BANDEIRANTE

colinas que prometiam magníficos pastos e ótimas terras de cultura.

Seu olhar se espalhava pelo planalto que se avista lá em baixo, ao sopé da serra. Dádiva da Natureza, a Terra Prometida lhe sorria, ali, através do perfume agreste da mata, do ar puríssimo que lhe embalsamava o peito da magnífica paisagem de um horizonte sem par, pontilhado de rosa e ouro. Ouro ! Buscava-o por toda a parte. Não o descobrira, já, Borba Gato, nas minas de Sabará-buçu ? Tentara-o, também, a mesma visão de Fernão Dias : esmeraldas. Procurava-as na lendária Serra Verde, com o mesmo afã com que visava a encontrar as minas de Robério Dias.

Algo lhe segredava que ficasse; ali concretizaria o sonho que acalentava. Decidiu-se. Corria o ano de 1701. Fixando-se definitivamente nas terras do Rio das Velhas, João Leite da Silva Ortiz foi o primeiro homem civilizado a habitar no local, onde, dois séculos mais tarde, se ergueria a Capital mineira.





Maurício e Maria Cristina, em passeio na Mariquinha, pequena locomotiva que transportava pelas ruas empoeiradas do arraial o material de construção.

O SONHO DO BANDEIRANTE

Perlongando vales e colinas, do pé do Sérro de Congonhas até a Alagoinha, na estrada que levava à Bahia, fêz surgir a Fazenda do Cercado, povoando-a de numerosos escravos. Implantou-se ali o marco inicial de Belo Horizonte, lançado pela bravura e tenacidade de Silva Ortiz, descendente de Fernão Dias.

Correm os anos. A fazenda prospera. O gado recolhido a

estas paragens, para se registrar no sítio das Abóboras, hoje Contagem, foi tornando popular a denominação que o povo atribuía ao local: «Curral d'El Rey». E o ouro — o sonho do bandeirante? Teria este visto malogrados seus esforços?

Não. Silva Ortiz, cujas terras lhe foram doadas por carta de sesmaria, em 1711, era então possuidor de apreciável fortuna, con-

siderado mesmo «um nababo em suas ricas lavras de Curral d'El Rey» (Pedro Jaques Pais Leme, «Nobiliarquia Paulistana»).

Ouro — não o teria encontrado o audaz bandeirante no leito do Arrudas ou de outros córregos que banhasssem aquelas paragens. Pelo menos não há notícia da existência dos deslumbrantes taboleiros e gupiarás, expondo à cobiça dos homens o fulgente casca-

O tempo fugiu, veloz, para o relógio — armário que veio de Ouro Preto, em 1897: Maria Cristina Barbosa Melo e Maurício Lana Burnier Coelho — gente de outro século, anuncianto o futuro.

lho aurifero, muito embora o historiador Antonil afirmasse que «houve anos em que de todas estas minas e ribeiros se tiravam mais de cem arrôbas de ouro».

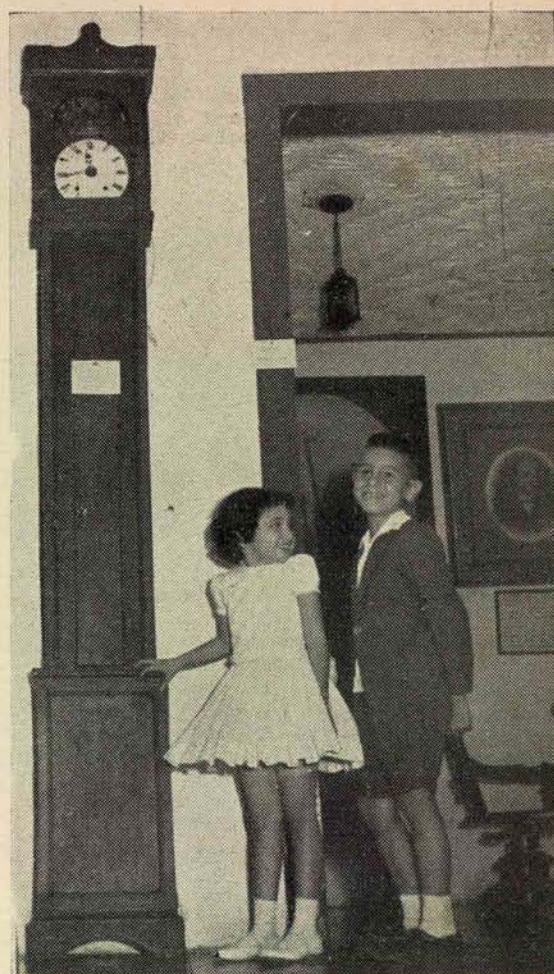
No entanto, não se enganara o bravo bandeirante. Realizara-se o seu sonho, ali estava o seu tesouro: aquêle próspero Curral d'El Rey, que se tornaria, mais tarde, na florescente Belo Horizonte de hoje, turbilhonante na sua arrojada arquitetura moderna, no seu crescente parque industrial, em sua intensa vida intelectual e artística.

PASSEIO A FAZENDA VELHA

Uma visita ao Museu Histórico de Belo Horizonte nos trouxe à lembrança esses vestígios do passado. Outras fazendas surgiram, desmembrando-se da velha propriedade do Cercado, tal como a antiga Fazenda do Leitão, construída em 1883 por Cândido Lúcio da Silveira.

Hoje Belo Horizonte, cidade fundada há pouco mais de 60 anos, conta entre seus monumentos o Museu Histórico. Instalaram-no na Fazenda Velha, aonde se ia, até bem poucos anos atrás, para comprar laranjas. Lembramo-nos bem do percurso até lá, quando íamos tangendo um carrinho puxado a cabrito, por entre os campos cobertos de flores amarelas, cuja evocação nos faz recordar os doces versos de W. Wordsworth: «Eu caminhava solitário, como uma nuvem que flutua sobre vales e colinas, quando vi, de repente, uma porção de narcisos amarelos, além do lago, sob as árvores, flutuando e dançando na brisa».

Iamos por atalhos recortados no mato, sentindo o perfume agreste da terra virgem, que apenas se cobria de flores. Depois de



O espelho do toucador de 1894 reflete a beleza de Miriam Lúcia Chagas Bicalho, sinhá moça do século XX.

Lauro Vitor Pessoa Cavalcanti, estudante de Direito no Rio de Janeiro, e Vera Lígia contemplam curiosa peça de 1894: máquina de coar café que desperta, acende e apaga automaticamente a lamparina a álcool.

O SONHO DO BANDEIRANTE

dez minutos, chegávamos ao fim de nosso trajeto: lá estava a Fazenda Velha, com sua varanda de grades de madeira, seu estilo colonial. Achávamos um encanto estranho, crianças que éramos, naquela casa antiga e triste, em cujas ruínas talvez habitassesem duendes. Não seria mal-assombrada? Por via das dúvidas, não nos aproximávamos demais de sua velha escada de madeira, que dava acesso ao alpendre.

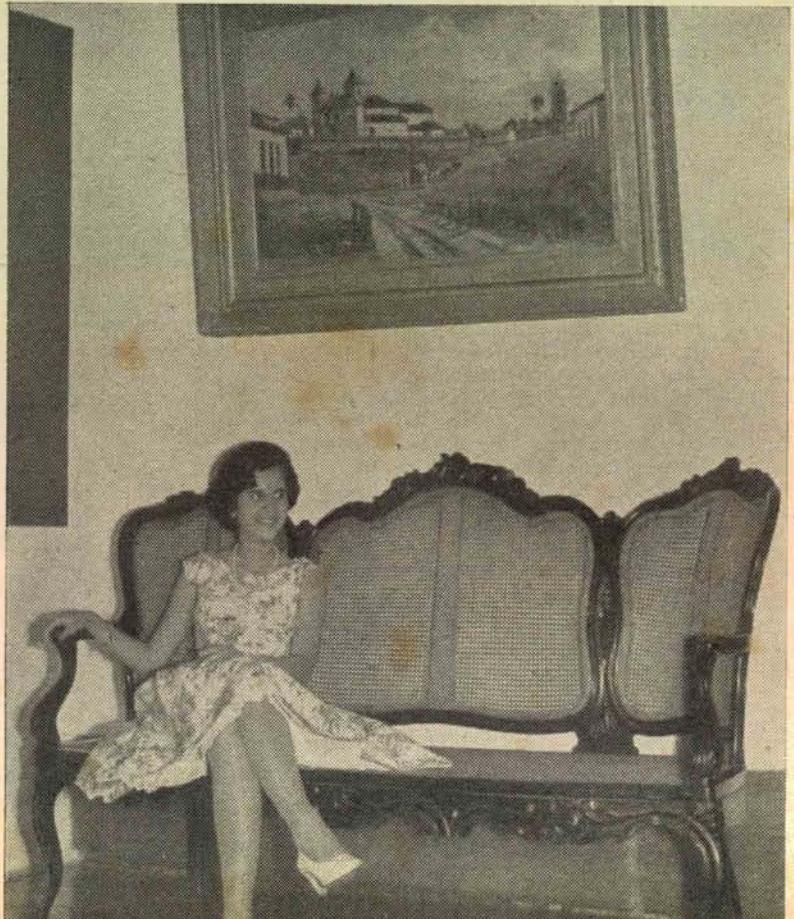
Ao regressar, com o carrinho cheio de laranjas que umas mulatas gordas nos haviam vendido, ainda voltávamos os nossos olhos curiosos para a casa velha, a ver se não apareciam, às janelas sombrias as faces nervosas dos velhos senhores de escravos ou a cara malvada de um feitor, ou o rosto ensanguentado de um negro cativo. E' que aquela velhice, aquela solidão, nos buliam com os nervos, trazendo-nos à memória as histórias impressionantes de S'Aninha, nossa ama.

Nada! Lá estava, quieta e muda, envolta em suas ruínas, a fazenda velha de sempre. Voltávamos, então, a cantar, ao sol, o carrinho cheio de laranjas maduras, a sentir de novo o perfume do mato.

(Continua na pag. 48)



O sorriso de Vera Lígia Gomes da Silveira dá vida ao antigo sofá que pertenceu a Viscondessa de Barbacena, em 1828. Ao alto, a Ponte dos Suspiros, junto à antiga Igreja da Boa Viagem, hoje demolida (quadro de Emílio Rouede, 1894).



JOYA • PROMESA • ÉMBRUJO • MADERAS



os deliciosos
perfumes
de
MYRURGIA

Agradam como presente • Seduzem como perfume



mitandinha

INFLAÇÃO É ISSO QUE FAZ COM QUE UMA COISA QUE CUSTAVA 100 CRUZEIROS NO ANO PASSADO AGORA CUSTE 200 — PARA CONSERTAR.

HISTORINHAS SOFISTICADAS

A um de seus companheiros, que lhe perguntava por que estava a girar interminavelmente em torno daquela mocinha, o marimbondo respondeu :

— E' porque eu acho a moça muito picante !

★ ★ ★

— Então — perguntava a amiga — que é feito daquele bonitão que todo dia mandava flores para você ?

— Ah — respondia tristemente a outra amiga — ele se casou com a florista.

★ ★ ★

O peito do ratinho chiava muito, mas ele, assim mesmo, todo satisfeito, blasonava :

— E' formidável ! Estou com um gato na goela.

★ ★ ★

Um buldogue queixava-se para um lulu :

— Meus donos são muito cruéis... Vivem me pedindo para fazer bonito !

★ ★ ★

Um galo falava em suicidar-se :

— Não sou mais digno de ser um galo — explicava. — Já que tenho de ser galinha, depois de morto... que o seja agora, de uma vez.



E SNOBE

Acreditando que sabia falar a língua de Molière, aquele turista-oficial convencido entrou num restaurante em Paris, chamou o garçom com um aceno e pediu :

— Garsong... Sjé vudréi uon sup ao tomát e dus ois o' sjambón...

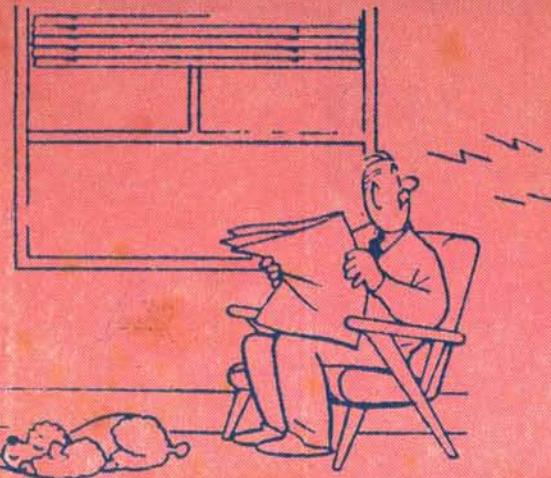
O garçom sacudiu a cabeça e falou em inglês :

— Sinto muito, cavalheiro, mas não entendo francês.

Foi aí, que, mais convencido ainda, o patrício pediu, na mesma língua :

— Então, faça-me o favor de chamar alguém que entenda, sim ?

— DIA DO PAPAI —



DERRADEIRA VONTADE

Um taverneiro deixou todos os seus bens para a sua adorável esposa, mas com a condição de que, em cada aniversário de sua morte, ela fôsse, descalça, ao mercado, levando uma vela e lá fizesse em voz alta esta confissão :

"Tivesse a minha língua sido menor e os dias de meu marido podiam ter sido bem mais longos".



Nos Estados Unidos, um Senador deixou uma boa soma em seu testamento para o espôso de sua irmã, dizendo que fazia aquilo em sinal de gratidão, pelo grande serviço que ele prestara à sua família, casando-se com uma mulher que homem algum de bom gôsto teria a coragem de escolher.



Vivamente arrependida ficou aquela senhora, ao saber que o ricaço do seu marido legara-lhe apenas meio milhão de cruzeiros, dizendo que teria deixado 5 milhões, se ela lhe tivesse permitido ler sossegadamente os seus jornais.



E aquele bêbado inveterado deixou um testamento nos seguintes termos : "Para a minha querida espôsa, que me tolerou durante todos êstes anos, deixo todo o meu estoque de "16 anos", que pode ser encontrado em uma almofada perto da lareira, na biblioteca. Ainda, em sinal do meu grande amor e afeição, serão dela as três últimas garrafas de vinho, escondidas no piano".



COMÉDIAS DA VIDA

O homenzinho entrou furioso na delegacia e disse :

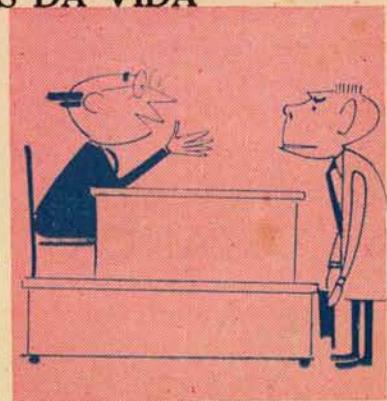
— Vim fazer uma reclamação contra um "cara" que me injuriou horrivelmente, chamando-me de rinoceronte e de gorila.

— Está bem — disse o delegado. — Mas, quando se deu o fato ?

— Exatamente há oito meses — respondeu o queixoso.

— E como é que só agora o senhor vem denunciá-lo ? — admirou-se a autoridade policial.

— Bem — explicou o homem — devo dizer-lhe que foi hoje que entrei, pela primeira vez na vida, em um zoológico...



Um rabino e um rico industrial americano encontraram-se certa vez e puseram-se a conversar. A certa altura, o industrial, que era um "nouveau riche", disse ao seu interlocutor :

— O senhor sabia que um dos meus ancestrais assinou a Declaração da Independência ?

Compreendendo a intenção do industrial, que tinha a mania de deitar importância, o espírito judeu replicou, sem nenhuma piedade :

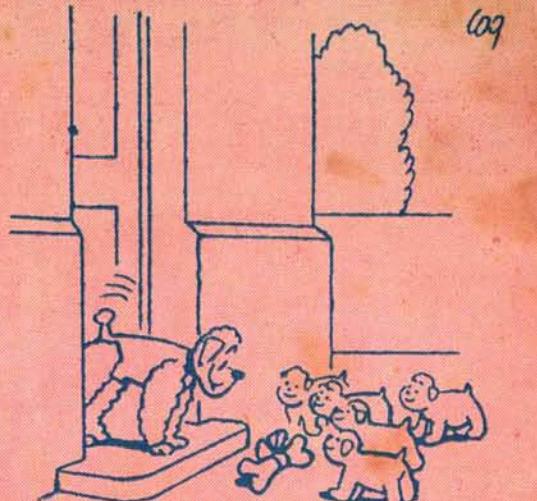
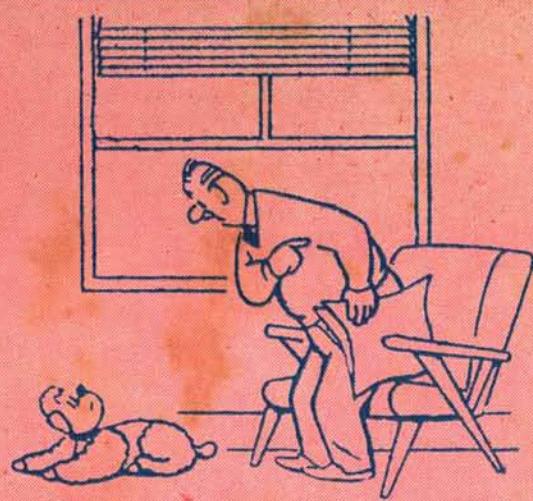
— Não, disse o rabino, mas naturalmente o senhor não ignora que um dos meus escreveu os Dez Mandamentos, não é ?



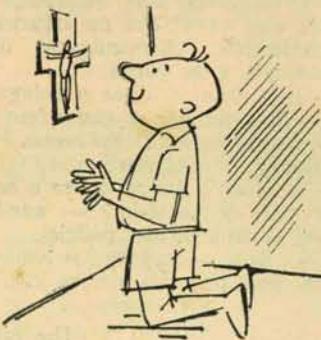
O velho fazendeiro foi levado ao Observatório Nacional e ficou grandemente impressionado com tudo que viu.

— Este relógio — disse-lhe o guia — é aquele pelo qual o Brasil inteiro acerta o seu !

— Maravilhoso ! — disse o fazendeiro. E, tirando um relógio de prata do bolso, consultou-o e disse : — E está só com cinco minutos de atraso.



A CRIANÇA E A ORAÇÃO



A REVERÊNCIA e o fervor com que uma criança faz as suas orações depende, diretamente, da maneira pela qual seus pais ou quaisquer outras pessoas mais velhas oram diante dela. O mesmo vale com relação às palavras que emprega nas suas preces.

Nos primeiros anos de sua vida, a criança costuma aprender pequenas orações, às vezes em versos, e repete-as de cor. Sua mãe, de acordo com as suas convicções religiosas, costuma escolher as orações a serem ensinadas, e fica satisfeita, ao ouvir as repetidas pela criança. Via de regra, essas orações não falam de temores nem de preocupações, mas apenas de esperanças e de gratidão ao Deus Todo-Poderoso.

Uma oração feita, espontaneamente, por uma pessoa qualquer, geralmente revela uma vontade. Por isso, não é de estranhar que a criança, muitas vezes, seja levada a pedir, nas suas orações, coisas materiais e até mesmo privilégios. Embora seja perigoso fazer com que ela abandone essa maneira de transmitir ao Altíssimo os seus desejos, podemos perfeitamente fazer com que a criança, à medida que vai crescendo, passe a fazer de suas orações um meio de pedir para si boas qualidades. Fazê-la escutar e repetir as expressões abstratas, tão frequentemente empregadas nas orações dos adultos, dificilmente servirá para ensinar-lhe a compreender o verdadeiro valor da prece.

Ultimamente, estão aparecendo folhetos contendo orações que não sómente inspiram na criança o desejo de melhorar, como podem também ser feitas por adeptos de, praticamente, todas as religiões.

Infelizmente, crianças que já passaram dos doze e até mesmo dos quatorze anos, quando, como acontece em certas famílias, são convidadas a orar em ação de graças, na hora das refeições, repetem preces que aprenderam quando estavam com cinco ou seis anos. Se, na época em que as aprenderam, era interessante ouvi-las repetindo-as, o repeti-las já na adolescência parece apenas uma infantilidade.

E' bom, por isso mesmo, que encorajemos os nossos filhos, no sentido de fazerem orações espontâneas, em casa ou onde quer que estejam; e, mais importante ainda, que as façam em qualquer época de sua vida.

Um ponto, neste capítulo, é da maior importância: quando a criança está orando, devemos nós, os mais velhos, permanecer em atitude de atenção e reverência. Além disso, não devemos induzi-la a repetir as orações que aprendeu, apenas para «fazer bonito» diante de uma visita, pois isso seria um sacrilégio, praticado contra ela, tanto como contra Deus. — Dr. Garry C. Myers.

Cartas à Redação

Continuação da pag. 5

nuada e restrita a uns poucos estados sulinos.

Quanto ao "paraiso" soviético, oponho-nos às nossas restrições. Admiramos e respeitamos o seu esforço civilizador, especialmente no campo da educação e da ciência, mas não acreditamos em felicidade num regime político de total supressão das liberdades públicas.

Brasília: 1960?

A COMPANHEI com muito interesse as notícias e reportagens que ALTEROSA divulgou em agosto e em setembro, sobre a futura Capital brasileira. Penso que Brasília constitui a maior realização do governo Juscelino Kubitschek, no que diz respeito ao futuro do Brasil. É uma obra de redenção nacional.

Pelo que essa Redação informou, fiquei seguro de que a mudança do Governo, em caráter definitivo, poderia mesmo se efetivar em abril de 1960, como foi fixado em Lei. Diante, porém, de tudo que se vem dizendo agora, no Congresso Nacional e nos jornais, começo a recear que, ainda dessa vez, não se realize o sonho de tantas gerações de brasileiros.

PEDRO PAULO DE ALBUQUERQUE
— VITÓRIA — ES

• Não acreditamos na possibilidade de qualquer adiamento na inauguração oficial de Brasília, a julgar pelas reiteradas declarações do presidente Juscelino e pelo espírito de patriotismo da nossa gente. E' certo que nem todas as obras serão concluídas até abril, mas haverá, sem dúvida alguma, o suficiente para que a mudança se efetive.

A Sucessão, no Estado e no País

L EDITOR assíduo desta Revista, a mais bem difundida do Brasil, tive ocasião de ler a opinião do leitor Leopoldo Nogueira Coutinho sobre a sucessão presidencial. Em que pese o meu respeito às convicções alheias rogo permissão para dizer que seu ponto de vista encerra uma grande injustiça.

Ou o Sr. Leopoldo não é filho das abençoadas alterosas, ou só conhece Jânio Quadros através dos fanáticos, de estultos que se deixam embair por falsas informações. Ignora as demissões dos velhos médicos do Hospital de Clínicas, por perseguição? E a censura aos telefones, criminosa vio-

(Conclui na pag. 129)



Fonte Viva:

NATAL

"Glória a Deus nas Alturas, paz na terra e boa vontade para os homens". — (Lucas 2:14)

AS legiões angélicas, junto à Manjedoura, anunciando o Grande Renovador, não apresentaram qualquer palavra de violência.

Glória a Deus no Universo Divino.

Paz na Terra.

Boa vontade para com os Homens.

O Pai Supremo, legando a nova era de segurança e tranqüilidade ao mundo, não declarava o Embaixador Celeste investido de poderes para ferir ou destruir.

Nem castigo ao rico avarento. Nem punição ao pobre desesperado. Nem desprezo aos fracos. Nem condenação aos pecadores. Nem hostilidade para com o fariseu orgulhoso. Nem anátema contra o gentio inconsciente.

Derramava-se o Tesouro Divino, pelas mãos de Jesus, para o serviço da Boa Vontade. A justiça do «olho por olhos» e do «dente por dentes» encontrara, enfim, o Amor disposto à sublime renúncia até à cruz. Homens e animais, assombrados ante a luz nascente na estrebaria, assinalaram júbilo inexprimível...

Daquele inolvidável momento em diante a Terra se renovaria. O algoz seria digno de piedade. O inimigo converter-se-ia em irmão transviado. O criminoso passaria à condição de doente.

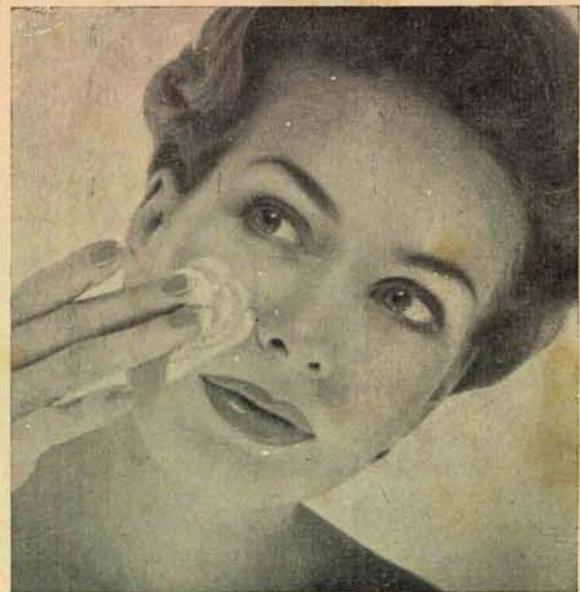
Em Roma, o povo gradativamente extinguiria a matança nos circos. Em Sidon, os escravos deixariam de ter os olhos vazados pela残酷 dos senhores. Em Jerusalém, os enfermos não mais sofreriam, relegados ao abandono nos vales de imundície.

Jesus trazia consigo a mensagem da verdadeira fraternidade e, revelando-a, transitou vitorioso, do berço de palha ao madeiro sanguinolento.

Irmão, que ouves no Natal os ecos suaves do cântico milagroso dos anjos, recorda que o Mestre veio até nós para que nos amemos uns aos outros.

Natal! Boa Nova! Boa Vontade!...

Estendamos a simpatia para com todos e começemos a viver realmente com Jesus, sob os esplendores de um novo dia. — (Do livro «Fonte Viva»).



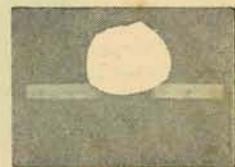
Sim, você pode devolver à sua pele aquela orvalhada suavidade que julgava perdida.

AGORA!

Creme S Pond's para pele seca com lanolina umedecida

O Creme S Pond's restitui os óleos e a umidade, sua rica lanolina umedecida penetra profundamente em sua pele, firmando-a, amaciando-a, rejuvenescendo-a. Sua cutis terá um novo esplendor, e seu rosto readquirirá a aparência dos vinte anos.

Esta noite mesmo certifique-se porque tantas mulheres preferem Pond's...



A lanolina comum penetra lentamente nos poros. E apenas superficialmente.



A lanolina umedecida penetra instantaneamente, proporcionando à pele seca o óleo e a umidade de que ela necessita.



CREME S POND'S

PARA PELE SÉCA



O MENINO branco, risonho e afogueado, ia embarafustar pelo caminho estreito, que se abria na orla do matagal, quando Zé Quixaba gritou :

— Por ai não ! Tá maluco ?

O outro se deteve e, com ar interrogativo e contrariado, virou-se para o negrinho :

— Que tem, Zé ?

Quixaba coçou a carapinha e, sentando-se, arfante da corrida, à sombra escassa de uma amoreira silvestre, apontou para a abertura no maciço da caatinga.

— Isso aí é o espinheiro. Ninguém passa não.

Era uma vereda.

Naquele pequeno trecho do sertão, a natureza, tantas vezes amarrável e boa e tantas vezes agressiva e má, reuniria tudo o que de pior havia em sua flora. Uma nesga de rocha, adentrando-se pela vegetação cerrada, formava uma exigua, esburacada e impraticável passagem, ladeada por duas muralhas agrestes e ríspidas de calumbis, juremas e cardos entrelaçados, de todas as espécies de espinheiros venenosos, por onde o cipó cunanã, que reluz na obscuridade, também él é, ericado e coberto de aguilhões mortíferos, grimpava e coleava misturando as suas áquele emaranhado inextricável de pontas ameaçadoras.

Embora fosse um atalho, cortando o mar imenso da caatinga, ninguém, por mais animoso que fosse, se aventurava a entrar no túnel sombrio, onde o suco do cunanã brilhava como fogo e onde tinha seu domínio indevasável, a terrível cascavel, de que, às tardinhas, se ouvia o crepitante sinistro do chocalho. E tudo pardacento e seco, sem ter tido jamais a graça tranquila de uma flor, como se uma séca inclemente abrasasse, para sempre, aquêle recanto.

Os filhos da terra chamavam o local de «espinheiro». Quando se referiam a algum fato ou alguma coisa nas suas proximidades, diziam : «Foi para cá do espinheiro». «Adiante do espinheiro». E sempre num tom de respeito. Talvez pela grande quantidade que ali havia do terrível cipó, do qual, diziam eles, se fizera a coroa de Cristo. Talvez pelo caso nunca esquecido do sofrimento e da morte de Chico Fulô, caboclo destroncado e afoito que por ali enveredara atrás de uma cabritinha tresmalhada e saíra do outro lado, todo lacerado e sangrento, vindo a morrer pouco depois, inchado e roxo, gritando como um possesso : «E' fogo ! Acode, gente !»

ERNANI DE MENEZES

a v e r e d a

Ilust. de ALVARO APOCALYPSE

O menino branco ouviu essa história, cheio de pasmo e logo quis afastar-se da vizinhança perigosa.

Zé Quixaba não escondia o orgulho que lhe inspirava a sua superioridade, nos segredos daquele mundo virgem, sobre o filho do coronel, dono das terras.

Se acaso o menino branco lhe dizia que aquél mundão todo era dêle, filho do coronel, Zé mostrava os dentes alvos no rosto preto de quixaba, coçava ora a cabeça ora as perninhos fubázentas onde alvejavam grandes lapos de tiririca e, lá por dentro de sua confusa inteligência, considerava que dono mesmo, de verdade, era él; él que conhecia todos os cantos daquelas paragens, ali vivera os dias escassos de sua vida, pisando aquél chão, bebendo, comendo e gozando os dons que a natureza lhe oferecia, enquanto o suposto dono e sua família, inclusive o menino claro, gordo e desajeitado, era a primeira vez que vinham, construída a casa grande, para passar as férias de fim de ano. Por isso, com a desconfiança de um bichinho do mato, mas com a altivez de um senhor que recebe um hóspede em seus domínios, fizera relações com o pessoal de casa, como visitantes que, na realidade o eram, e, pouco a pouco, tornara-se camarada do filho único do patrão. Ensinava, guiava, aconselhava. Até ali seus parceiros nos brinquedos tinham sido Guarani, o cão raposo e estrizilhado do seu pai e o bando disperso da criação, principalmente um borrêgo, órfão de mãe, que era tratado com um desvôlo especial e bebia ainda, por uma mamadeira improvisada, o leite espesso das zebus, diluído em água para quebrar a fôrça. Aos mais chegados, Quixaba punha nomes de gente: o carneiro maior, de grandes chi-

fres recuivos e lã encardida, pésada e espessa como terra gretada, era Zé Pedro; a ovelha, esgalga de malha marrom no lombo claro, era Zefinha e o carneirinho, sem mãe, seu predileto, companheiro e irmão — era Mundico. Essas, na verdade, as algumas, porque os nomes com que Quixaba lhes chamava era um geral e impessoal «cumpade».

— É cumrade, não abusa!

— Sai da frente, cumrade!

E assim por diante, nos momentos de folguedo, ou nas horas sempre alegres da labuta, quando Quixaba ia campear ou ajudar o pai nos roçados e plantações.

Esse companheirismo constante, esse compadresco espontâneo e gratuito, erigira o Zé em guarda do rebanho. Qualquer informação precisa a respeito do gado miúdo era él quem dava. Se necessitava de um esclarecimento, era só chamar:

— O Quixaba, a ovelha merina já ficou boa da bicheira?

— Aquela nova já deu cria?

— Por onde anda o carneiro môcho?

Zé Quixaba informava cheio de pormenores exatos.

Todos os seus conhecimentos transmitia agora ao novo companheiro.

Mas, se ensinava, era forçoso reconhecer que também aprendia.

Ignorava tudo quanto se referia às cidades e, escutava, entre incrédulo e admirado, as coisas que, por sua vez, lhe contava o amigo. Seu ar de vantagem se esbatia em atenção por onde, muitas vezes, se insinuava uma ponta de dúvida.

Vai daí, uma tarde, o menino branco lhe falou no Natal que ia chegar.

— Ai vem o Natal, Zé.

Zé coçou a gaforinha cinzenta e admirou-se:

— Ué! vem cuma?

— Vem agora em dezembro. Você não sabe o que é Natal não, Zé?

Quixaba, enciclopédico em coisas do campo, perdia terreno nos assuntos civilizados. Tinha uma idéia muito vaga do nome, mas não deu o braço a torcer:

— Natá... Né um santo?

O filho do fazendeiro riu muito e, durante o jantar, contou aos pais a absurda ignorância do Zé.

Mas no outro dia, enquanto se dirigiam ambos para ver as araucas armadas à beira do açude, explicou ao Quixaba o que era o Natal. Falou das coisas maravilhosas que acontecem nessa noite, revelou a existência de um velho muito bom e generoso chamado Papai Noel... Enfim, o pretinho ficou sabendo que a noite de Natal era «Uma noite de milagres».

— Sabe o que é milagre, Zé?

Quixaba, até então sério e pensativo, abriu-se num riso satisfeito:

— Isso eu sei... — E como que contando nos dedos: — Tem os milagres das Candeias... Tem os da Santa da Itaiba... e tem o de seu Rufino, quando caiu da ponte e deixou de bebê cachaça.

— Não é nada disso. No Natal é milagre mais bonito. Quer ver um? Diz que à meia-noite, a arruda, você sabe — é uma planta encantada que não tem flor — pois diz que na noite de Natal, na hora mesmo em que nasceu Jesus, ela bota a flor mais bonita e cheirosa do mundo. Logo que a flor nasce, o diabo chega e arranca. Diz que a pessoa que conseguir apanhar essa flor antes do capeta está feito na vida, tem tudo o que quiser...

Zé Quixaba escutava atento e palpitante. Arriscou uma pergunta:

— E a gente vê élé?

— Ele quem?

Banhada pela luz serena da aurora do Natal, a vereda se abria à sua frente, ampla, de chão liso e veludoso, e toda florida.

— O sujo ?
— Acho que vê, mas disfarçado.
— E éle dana ?
— Fica danado mesmo e vai-se embora deixando um cheiro forte de enxófre.

Chegavam perto das armadiças, mas o menino branco, que ia à frente, sem mesmo atentar na ave que se debatia entre as grades de uma das arapucas, se voltou brusco, numa inspiração :

— Por aqui tem algum pé de arruda ?

Mas Zé gritou :

— Oia ! pegou uma !

Correram, tiraram a nambu com a cabecinha escalavrada e, por uns breves instantes, se esqueceram de tudo.

Na volta o menino repetiu a pergunta :

— Hein, Zé ? Por aqui tem algum pé de arruda ?

Zé refletiu um instante.

— Na casa de vó tem um no jirau.

O da cidade planejou :

Você vai fazer uma coisa. Traz o pé de arruda e, na véspera do Natal, a gente bota na varanda e fica espiando até meia-noite. Assim que aparecer a flor... — Fêz um gesto rápido — a gente tira mais que depressa...

E foi assim que Zé Quixaba, insofrido, começou a contar os dias que faltavam para a vinda do Natal. Às vezes, em meio a alguma estrepolia, lembrava ao companheiro — «Tá chegando» ou diante de outras pessoas, com arres misteriosos de conspiração : «Tá perto, heim ?»

Ansiava por assistir àquelas prodígios. Mais que tudo, palpava por ver «o milagre da flor», apesar de encarar o assunto com uma certa apreensão, ante a perspectiva de ter de encarar o ente tenebroso e temível.

Depois de dias e dias de impaciente expectativa, chegou enfim a véspera de Natal.

O pé de arruda fôra trazido desde a manhã, não sem um ror de recomendações da velha Sínâ, que tinha a humilde plantinha como portadora de virtudes maravilhosas. Os dois meninos a puseram, solenemente, com muitas precauções, no oitão da casa grande. Muito antes da meia-noite, começaram a vigília atenta da colheita — a ver quem levaria a palma naquela espécie de concurso de esperteza.

Tudo estava preparado para o grande momento.

Aconteceu, porém, um fato imprevisto. Por volta das onze horas, chegou à fazenda um vaqueiro que saíra, às ave-marias, atrás de uma rês fugitiva e contou ao

patrão que ouvira para os lados do tanque da Várzea o chôro de um carneiro, «a modo que estava muito aflito». Não pudera ir ver de perto, não só porque a lua ainda não tinha nascido, como também porque vinha tangendo a velhaca da Malhadinha, a novilha fujona, da estimação do fazendeiro. E o caboclo arrematou :

— Pelas vozes, era carneirinho novo. Ou tava se afogando ou era gibóia.

Zé, que tudo ouvira, perto da varanda, concluiu para si mesmo, num sobressalto : «E' o Mundico». Ficou vexado e indeciso, mas ao ouvir o fazendeiro falar : «Que se há de fazer a estas horas e com festa aqui na casa ? Deixa lá !» —, Quixaba esgueirou-se nas sombras e meteu-se a caminho. O luar derramava-se pela trilha arenosa, que alvejava, como um traço claro do dia, no chão escuro da noite.



O outro menino o viu e, mesmo da varanda onde estava, perguntou em voz baixa :

— Aonde vai, Zé ?

Quixaba pediu, num gesto, que se calasse :

— Mais logo volto.

O amigo insistiu :

— E a flor ? Tá quase na hora.

Mas Zé não contou conversa. Aligeirou os passos pela estrada deserta. Estava acostumado a percorrer aquelas brenhas, mesmo em noite velha e escura, quanto mais agora que o luar prometia ser belo. O pretinho não hesitou. Agitava os cambitos para a frente, para trás e lá se foi, ligeiro e determinado, com uma só vontade : salvar o Mundico. Tinha certeza de que não era gibóia e, por isso, não tinha medo. «Mundico estava era atolado na lama da beira do tanque».

Ao chegar diante da vereda foi

que Quixaba teve a primeira hesitação. Atravessá-la seria atalhar um pedaço enorme do caminho. O receio, porém, foi mais forte que a sua pressa e ele contornou a mataria, dirigindo-se para os lados da velha cancela. Ainda tinha uma légua das estiradas a vencer. Transposta a porteira e para compensar o tempo que poderia ter ganho é que um temor, acumulado durante anos, fizera perder, o menino meteu-se a correr desabaladamente.

Era um vultinho que lá ia sem fazer ruído, despertando os sons noturnos da natureza adormecida. De vez em quando, à sua frente, um agitar de asas assustadas. Eram os bacuraus, que fugiam e iam poussar mais adiante, obstinados e mudos, no seu vôo de sêda. Por vezes, de uma moita mais próxima, estalava no silêncio o grito das seriemas espantadas. Alheio a tudo, Zé Quixaba corria.

Perto do tanque, ouviu os berros do carneiro. Aproximou-se cauteloso e viu o que havia previsto. Era Mundico e estava atolido. Mergulhado quase todo na lama, levantava, num supremo esforço, a cabecinha, para respirar e a deixava tombar novamente, quase sem forças.

Zé subiu na velha cerca de rumo que penetrava pelo tanque a dentro e, com grande dificuldade, conseguiu safar o animalzinho já quase sem vida. Em terra firme, o cordeiro tentou pôr-se de pé, cambaleante e coberto de lama negra. Zé Quixaba o encarou de mais perto.

— É cumpade ! tu tá prêto qui nem eu !

Levou-o para o outro lado do tanque, onde um grande lajedo mergulhava na água coberta de nenúfares.

— Vamos tomá um banho, cumpade.

Banhou o carneiro, tirando-lhe toda a lama. O animalzinho ainda berrava e começou a tremer. Então Zé despiu a sua camisa remendada, que fôra outrora um saco de farinha, e com ela enxugou o mais que pôde a lá que surgia imaculada. Em seguida, procurou um local mais abrigado, mesmo junto ao tanque, e, com o carneirinho ao lado, recostou-se na rocha ainda morna da soalheira do dia. Ia descansar um tiquinho, pois estava exausto da corrida e do esforço. Queria voltar logo para casa, a fim de ver a festa do Natal e, sobretudo, o aparecimento milagroso da flor.

E pensando na arruda florido à meia-noite e nêle próprio, arrebatando a flor, para com ela

conseguir as coisas boas, todas as coisas boas de que ouvira falar, Zé Quixaba adormeceu.

Quando despertou, vinha amanhecedo.

Pulou, surpresto e contrariado:

— Pronto! Sono malvado!

Olhou o carneirinho, que permanecia a seu lado, branco e sedoso como um brinquedo de pelúcia.

— Ora, cumpade, por sua causa perdi o Natá!

O carneiro continuava deitado com o focinho pendido para o chão.

— Levante, cumpade. Vamos embora.

Mas o manso cordeiro não se levantava. Zé tentou colocá-lo de pé e as perninhas se dobraram trôpegas, enquanto com a língua sôfrega o animalzinho, enfraquecido por um longo jejum, lambia os matinhos próximos, procurando, inutilmente, o alimento que, há dias, lhe faltava.

Zé diagnosticou:

— E' fome.

Arrancou dos arredores um mollo de angolinha e pôs diante do moribundo, que entrou a babujar as folhas tenras, numa ânsia, sem fôcas para tragá-las. Zé Quixaba sabia:

— Só leite!

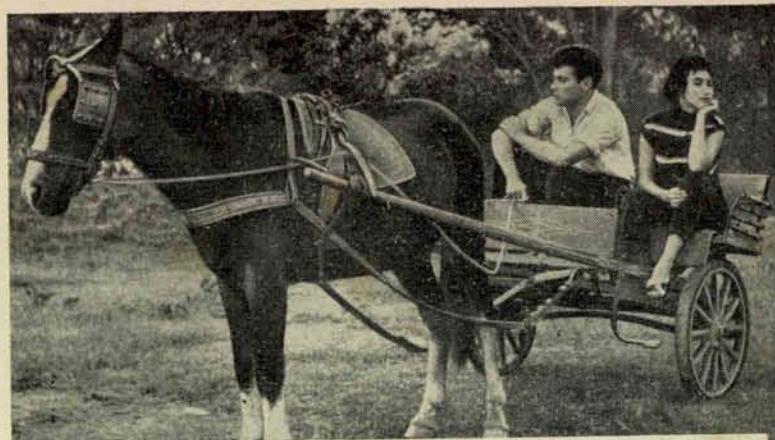
Aquela hora, no curral da fazenda, o vaqueiro ordenhava os ubres pojados das vacas. E Municio ia morrer, porque faltava ali algumas górias daquele líquido salvador. Na cabeça de Zé entrou e tomou conta de tudo este pensamento: — «Se eu não andar ligeiro, ele morre». Tomou, rápido, o carneirinho nos braços e, saltando pelas rochas ásperas, rumou para a fazenda.

A madrugada dourava os campos. A natureza, despertando bocejante, exalava com a brisa um hálito de alecrim. Zé corria outra vez. O carneirinho, aninhado em seus braços e envolto, porque tremia ainda, na camiseta grossa, de quando em vez, berrava bixinho. Na fresca luz do dia amanhecente, o negrinho varava a terra. Quando cansava seguia a passo e, ora andando, ora correndo, chegou ao outro lado da vereda. E se a atravessasse? A ânsia de fazer com que o amiguinho vivesse ou deixasse de sofrer, quem sabe lá? fez que o menino praticasse qualquer coisa de inaudito. Esquecendo todos os seus temores e, aconchegando mais o carneirinho nos braços magros, Zé Quixaba penetrou na vereda.

A princípio, foi caminhando às tontas, esperando ser rasgado, estrelado pelos espinhos venenosos e pelos animais terríveis

(Conclui na pag. 50)

Nosso namôro também "empacou"



CREME DENTAL **COLGATE**

limpa e embeleza os dentes - combate o mau hálito e ajuda a evitar a cárie!

COLGATE é o Creme Dental da mais pura qualidade que existe. Sua espuma ativa e penetrante, destrói as bactérias e ácidos causadores da cárie e do mau hálito. Pelos resultados positivos que oferece para a saúde dos dentes e a higiene da boca, COLGATE é o creme dental preferido por milhões de pessoas no mundo inteiro!



ANJOS DO CÉU NA TERRA

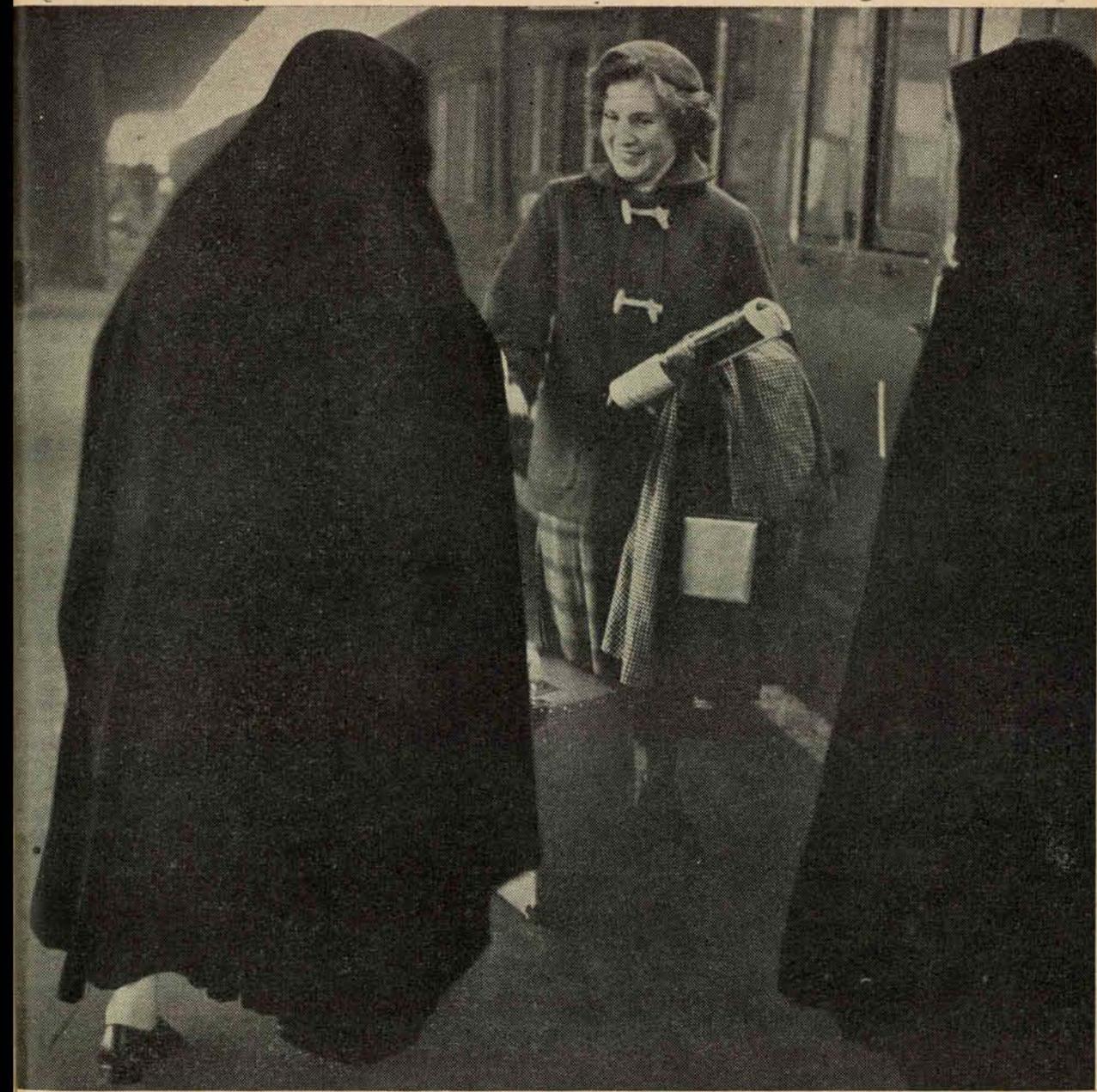
COMO SE FORMA UMA IRMÃ DE CARIDADE

Fotos de Jack Esten

APLA — Camera Press

Chegando ao Convento, Marie veste o hábito de postulante e inicia os 6 meses de prova. Suas roupas e pertence (inclusive o pó-de-arroz) são colocados na mala para, dois anos mais tarde, isto é, no fim do noviciado, serem transformados em donativos de caridade.



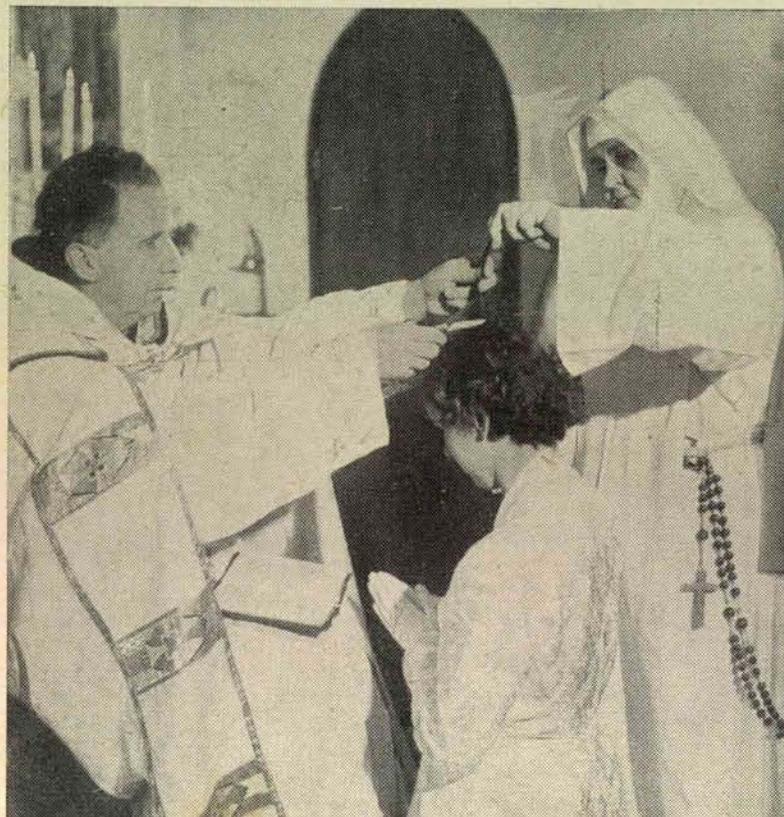


Cheia de entusiasmo Marie chega à estação, onde é recebida por duas Irmãs. Daí, seguirá para o Convento, iniciando a carreira que escolheu. Marie traz uma revista na mão, mas muitos anos terão que passar, antes que ela possa folhear outra.

A CERIMÔNIA tem lugar na capela do Convento Ladywell, em Goldaming, Surrey (Inglaterra), na Casa Madre das Missionárias Franciscanas do Divino Amor Materno. Vestida com trajes nupciais, uma jovem ajoelha-se diante do altar, a fim de dar o primeiro passo na carreira religiosa para a qual se sentiu chamada. Seu nome é Marie e conta apenas 18 anos de idade. Ao levantar-se, já de posse do Hábito e do Véu da Congregação, passará a responder pelo nome

de Irmã Mary Clare e perderá todo e qualquer contato com o mundo exterior, pelo espaço de dois anos.

Durante os dois anos que se seguirão, a Irmã Mary Clare que, como Marie fôra datilógrafa, dedicar-se-á exclusivamente à oração, a estudos religiosos e a trabalhos manuais, e o seu horário, que naturalmente compreendia 8 horas de trabalho, será completamente modificado: de 5h10 às 7h45 — côro, oração, Ofício Divino e a Santa Missa. Em seguida,



Marie venceu o período de Postulado e agora, com a felicidade que lhe vai na alma estampada no rosto, deixa-se vestir pelas suas irmãs postulantes para receber o Hábito e o Véu de Noviça. O vestido de noiva é exatamente igual ao usado por qualquer moça, no dia de seu casamento. Entre as irmãs postulantes, há uma vinda da Malaisia e que em breve se tornará noviça.

COMO SE FORMA UMA IRMÃ DE CARIDADE

virá o café que, como as outras refeições, será tomado em completo silêncio, quebrado apenas pela leitura de algum livro espiritual, feita por uma Irmã assentada no centro do refeitório. Durante o dia, 2 horas e meia serão dedicadas a palestras feitas pela Irmã encarregada das noviças e pelo capelão ou por padres visitantes, palestras estas a que a Irmã Mary Clare assistirá em companhia de outras noviças.

O trabalho manual que ela deverá executar, que compreende desde a direção de um pesado trator até a tarefa de descascar batatas, tomar-lhe-á de 3 a 4 horas diárias, enquanto que o recreio, incluindo-se a hora do chá, terá uma duração de 2 horas. O resto do dia da Irmã Mary Clare, dia que se encerra exatamen-

O cabelo de Marie é sómente aparado, pois, nos próximos dois anos, se ela renunciar à vida religiosa, poderá voltar ao mundo exterior sem constrangimento.



Nesta cerimônia, Marie recebe o Hábito e o Véu e, como ela, três outras postulantes se tornarão noviças, repetindo-se a cerimônia para cada uma delas. A moça malaia apresenta-se em traje típico de sua terra.

te às 21h45, será dedicado a práticas e deveres religiosos.

A irmã Mary Clare permanecerá como noviça durante os próximos dois anos e, dentro desse período, terá inteira liberdade para renunciar ao Noviciado, caso verifique que a tarefa imposta ultrapasse as suas forças. Na verdade, são poucas as noviças que abandonam a carreira escolhida e, quando o fazem é quase sempre por motivo de saúde, já que o regime é bastante pesado.

Antes de tornar-se noviça, a jovem experimentou seis meses de postulado, período que é como que um vestibular para o Noviciado. Durante esse tempo, a candidata ao Véu é cuidadosamente observada por suas superiores, tendo que dar provas cabais de possuir grande força de caráter e um temperamento que a revele capaz de levar uma vida inteira de sacrifício e dedicação. A maioria das que saem é rejeitada pela falta desses atributos, mas nunca

porque desejam deixar o Convento espontaneamente.

Há muitas idéias errôneas a respeito daquelas que se dedicam à vida religiosa, e a suposição de que o desejo de tomar o Véu é motivado por um choque emocional ou uma desilusão amorosa é fortemente refutada por todos quantos observam de perto essas principiantes.

Entre as 60 noviças e postulantes do Convento de Ladywell, encontram-se jovens vindas de todas as partes do mundo, inclusive da Ásia e do Extremo Oriente. Muitas delas possuem cursos universitários, outras são

portadoras de bolsas de estudos e outras foram comerciais, secretárias, etc., enquanto que algumas, contando apenas 18 anos, são recém-saídas dos colégios.

Terminados os seus dois anos de Noviciado, a Irmã Mary Clare fará os seus primeiros votos, que serão renovados anualmente, durante cinco anos. Depois então, fará o voto perpétuo e receberá a aliança de ouro, símbolo de sua união com Cristo.

Durante os anos que se seguem aos primeiros votos, Irmã Mary Clare entrará novamente em contato com o mundo exterior, pois, nessa ocasião, começará o treina-

mento de dedicação aos seus semelhantes, podendo fazer qualquer curso que se relacione com algumas das muitas profissões afins à sua missão, tais como: enfermagem, obstetrícia, radiologia, farmácia, terapêutica ocupacional, magistério, etc. Poderá até freqüentar a Universidade.

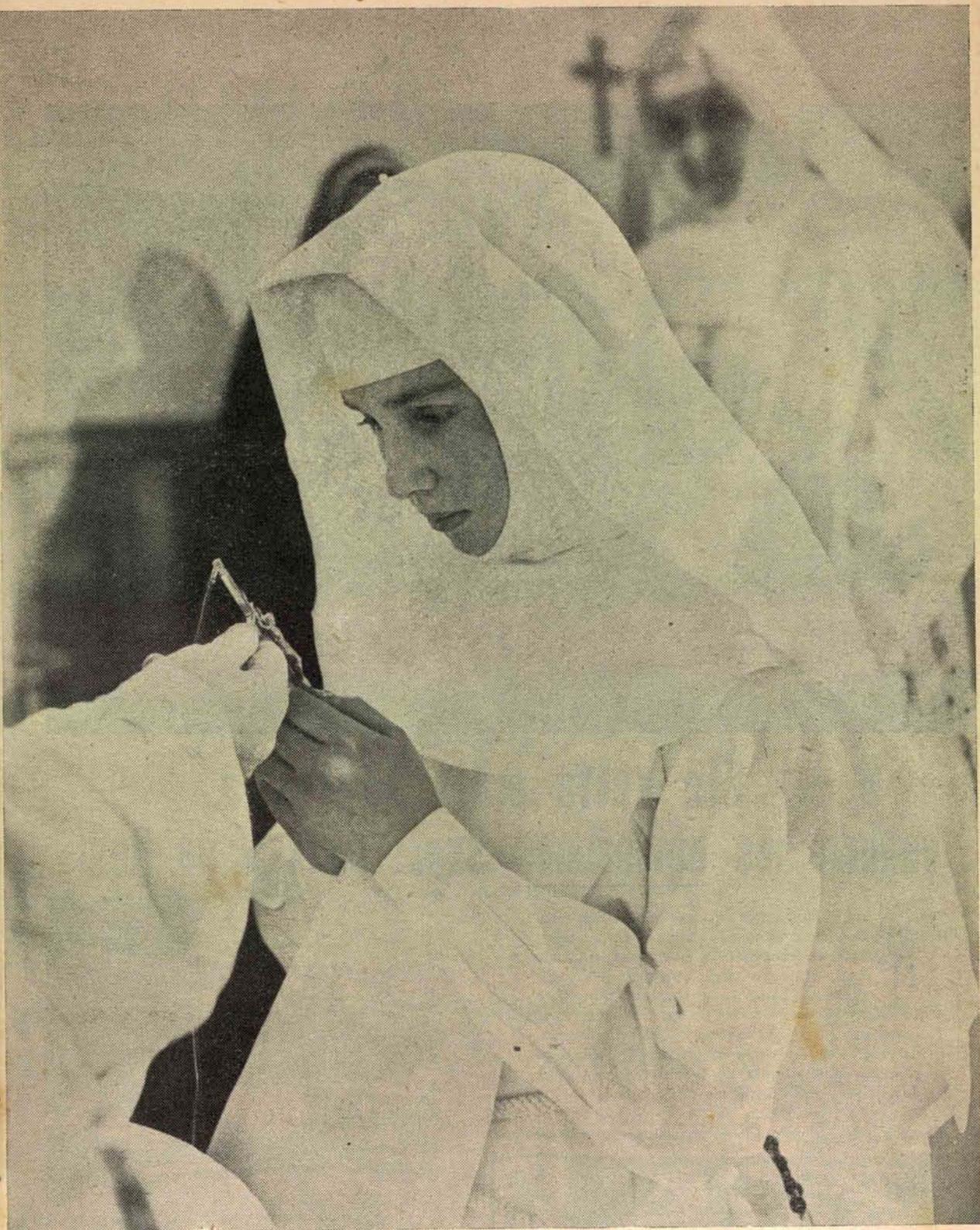
Depois de graduadas, as Irmãs serão mandadas a Missões de toda a comunidade, principalmente da África e do Extremo Oriente.

Uma das características dessa Congregação é administrar e dirigir leprosários, trabalho ao qual os Franciscanos se acham vinculados há muitos séculos.

CÓMO SE FORMA UMA IRMÃ DE CARIDADE

O Hábito de Marie simboliza a Castidade.





Marie recebe o Crúcifixo, dizendo, em latim : «Deus, não permitas que eu tenha glórias a não ser na Cruz de Cristo».



Ela sai e: **Ele volta mais depressa
voando nos novíssimos Super-Convair da Real**

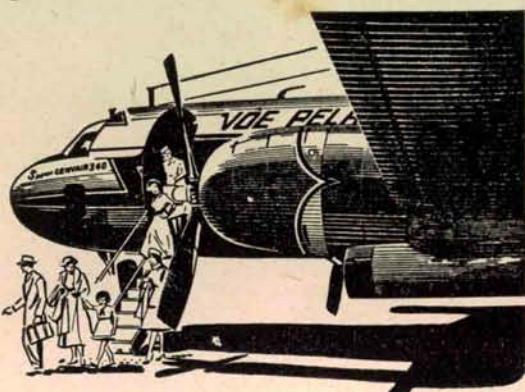
... E chega mais descansado, também, para os abraços da família! Os novíssimos Super-Convair especialmente construídos para a sua Real oferecem o máximo em conforto e precisão de vôo. São aviões ultra-modernos que têm: 1) mais força nos motores do que 3 locomotivas Diesel que puxam 30 vagões; 2) Cabine pressurizada para evitar diferenças de pressão; 3) Hélices de passo reversível e trem de aterrissagem com rodas duplas, para maior suavidade nos poucos.

Sempre presente quando Minas precisa de seus serviços.



Rua Espírito Santo, 647 - Tel. 4-8200

WWW 3279



- 7 vôos diários para o Rio
- 2 vôos diários para São Paulo
- 2 vôos semanais para Salvador e Recife

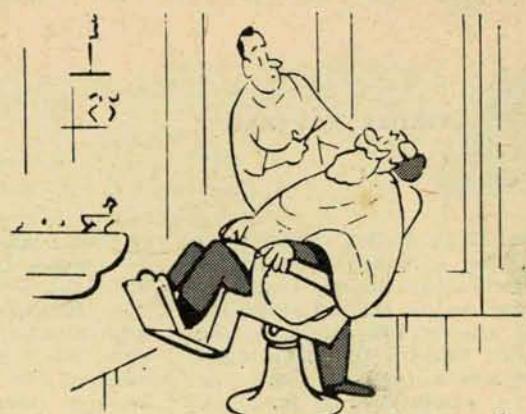
HUMOR

C O Q

BARBEARIA



1



2

BARBEARIA



3



4



5



6

As boas irmãs enfiaram as mãos nas mangas e lá se foram, depois de fechar delicadamente a porta à encomenda tão cobiçada.

QUANDO AS MÃOS SE CANSAM...

VIEIRA NOVELLI

ILUST. DE JARBAS JUAREZ ANTUNES

DIANTE do Santíssimo exposto, a Madre Superiora do Conventinho das Irmãs dos Pobres, mãos postas, olhos baixos, concentrada em suas preces, de vez em quando sentia o pensamento fugir-lhe para longe, e resolutamente procurava tornar à sua meditação, pedindo perdão ao Senhor de sua involuntária distração. Quanto mais a afugentava, mais ela voltava à tona, mesquinha, infiltrante, atormentadora. Enfim, não se conteve e, levantando os olhos para o Santíssimo exposto, desabafou-se:

— Senhor Jesus, perdoai a interrupção, mas nós precisamos urgentemente de uma máquina de costura. Sim, meu Deus. Como é que vamos nos arranjar sem ela?... Tanta roupa das Irmãzinhas para remendar, tanta costura para os pobres, tanta coisa boa que se poderia fazer para esta Capelinha... Ah, Deus bondoso, inspirai uma boa alma a nos dar essa preciosidade, não para nós, mas para elas, nossos pobrezzinhos, que morrem à míngua, que não têm com que se vestir, que tiritam de frio...

— Nada disso, minha boa Irmã, nada disso... Nada de demagogias com Deus Nosso Senhor — segredava-lhe o Anjo da Guarda.

— Estamos em pleno Dezembro, um calor de torrar... Não o sente nesse seu pesado hábito? Seja mais sincera. Diga que quer a máquina para seu Convento, o que, aliás é razoável e mesmo necessário. Pois como é que as Senhoras vão se arranjar assim, fazendo tudo a mão?... Deus comprehende tudo, Madre; Deus tam-

bém teve mãe nesta terra, embora naquele tempo não houvesse máquinas de costura...

— Retifico, Senhor, meu pedido. Suscitaí numa alma caridosa o desejo de nos oferecer uma máquina de costura, para nós mesmas, vossas pobres Servas, pois francamente não vencemos o serviço à força de agulha. E muitas já não enxergamos bem. Não há mais túnicas inconsúteis, meu Deus, e muito menos fiadas pelas mãos puríssimas de vossa Santa Mãe. Mas se não fôr de vosso agrado, fazei com que nos sintamos bem assim mesmo. Mas... aconselhai-vos com vossa Santa Mãe e ela vos dirá seguramente que tenho razão, ela que tanta lá fiou nesta terra para vos tecer lindas túnicas, e que conheceu a canseira do trabalho à mão. Vossa Sabedoria infinita compreenderá nossa angústia, não achará nosso pedido extravagante e fora do espírito de pobreza. Perdoai, Senhor, mas tende paciência...

E levantando a voz austera e pausada:

— Rezemos um Padre-Nosso e uma Ave-Maria, por intenção especial que interessa a tôda a comunidade... Padre-Nosso... Ave-Maria...

Dias depois, uma carta diferente veio trazer alegria à Superiora e sua comunidade. Leu-a a Madre, releu-a, levou-a à Capelinha, onde um grande Cristo em tamanho natural se debruçava sobre o altar. Mostrando-lhe a carta, exclamou:

— Obrigada, Meu Deus, obrigada.

Reuniu a Comunidade, surpre-

sa com essa convocação fora do horário regulamentar. Leu-lhes a carta, desvendando um segredo que até então ocultara em seu coração. Sua voz tremia ao decifrar a letra miúda de uma senhora, já idosa, que pedia sua admissão ao Convento e dizia assim, pelo meio da carta:

— «... possuindo apenas de meu uma máquina de costura moderna, elétrica, muito bem aparelhada, e não tendo outro dote a apresentar, solicitaria que aceitassem a mim e a minha máquina, inclusive os muitos e variados trabalhos que sei fazer e com que poderei auxiliar a manutenção desse Convento. O meu desejo é recolher-me, embora no fim da vida, e servir a Deus Nosso Senhor. Com minha máquina não serei estôrvo às boas Irmãs...»

— Vejam, minhas filhas, a bondade de Deus. Era o de que necessitávamos e eu duvidei da generosidade de Jesus, e mesmo, deixei-me confessar publicamente minha falta — discuti com Ele sobre o assunto, como se eu e não Ele é que devesse solucionar a questão. Vamos à Capelinha render graças a Deus.

Leves de coração, como se tivessem ganho na loteria, lá se foram as freirinhas, em seus hábitos côn-de-perdiz, duas a duas, mãos escondidas nas mangas, cabeça baixa, passo leve, a reverenda Madre na frente. Deus ouviu coisas muito bonitas naquele dia.

Naturalmente, a solicitação da senhora idosa foi aceita com alegria, e ela informada de que poderia apresentar-se ao Convento para iniciar sua vida religiosa,

MENÇÃO HONROSA NO CONCURSO «CIA. DE SEGUROS MINAS-BRASIL»



pelas provações costumeiras do postulantado. Mas que viesse com a máquina, sim...

☆

Uma senhora piedosa da cidade e suas filhas, que muito estimavam as Irmãzinhas do Convento, reunidas em confabulação casual, discutiam qual o melhor presente a lhes mandar pelo Natal já próximo. Doces, frutas, panos para os hábitos, numerário para despesas eventuais, calçados e outras tantas utilidades de que elas, as Pobrezinhas, se privavam espontaneamente, por amor a Deus. Discutem-se as vantagens e desvantagens, a oportunidade dêste ou daquele presente, quando uma das filhas, naturalmente inspirada por aquêle bom Jesus com quem a Madre se entendera previamente, sugeriu:

— E se lhes déssemos uma máquina de costura? Sei que elas não a têm e naturalmente lhes deve fazer muita falta. Máquina elétrica, é claro, pois as de pedal não são práticas.

— Uma de pedal já serviria — intervinha a mãe, senhora de muito espírito econômico e que, tendo atravessado duas crises, sabia medir o valor do dinheiro e nunca avançava um passo além do justo e do necessário. — Uma de pedal já bastaria, meninas. Vocês são gastadeiras e imprevidentes. Não sabem guardar para amanhã. Põem tudo na rua em três tempos... Sejamos razoáveis, meninas...

— Mas, mamãe — intervinha a segunda filha — as coitadas das freiras que é que vão fazer com uma máquina de pedal? A senhora mesmo já adaptou um motor na sua Pfaff antiga!... Vamos fazer um presente completo. Vamos abrir um pouco a bolsa por essas irmãzinhas tão generosas, que tudo deixaram por Deus.

Discutido o assunto, assentada a marca a ser escolhida, foi ela encomendada a uma casa da cidade, mas elétrica, prevalecendo assim o bom coração da mãe sobre suas preocupações econômicas.

Foi explicado à casa vendedora que a máquina deveria ser entregue no dia vinte e quatro de Dezembro, à tarde, no Convento das Irmãs dos Pobres, como surpresa de Natal.

☆

A Madre Superiora do Conventinho, contando depois ao seu Superior hierárquico, no caso o Sr. Bispo Diocesano, a resolução que tomara, foi por ele desaconselhada a aceitar a postulante, dada a sua idade, seus achaques e

outras circunstâncias que não vêm ao caso numerar.

Amargurada, pegou da pena, e desfêz tudo que anteriormente fizera, dizendo adeus à suspirada máquina.

... Minha filha — dizia ela — sou forçada a voltar atrás na resolução tomada, pois o Sr. Bispo Diocesano não acha conveniente sua vinda para a Congregação, cujos trabalhos, no setor rural e hospitalar, não se coadunam com sua idade avançada, nem lhe permitiriam suportar as provações. Que Deus a abençoe abundantemente. Contudo se quiser descansar uns dias entre freiras, aconselho-a a procurar as Irmãs do Asilo local, que têm dependências apropriadas para receber hóspedes, o que não nos é permitido. Já conversei com a Su-

Guarda sobre demagogia). Todavia, vós sabeis o que fazeis, e tudo continua em vossas mãos.

Não podia vê-lo, mas havia realmente tanta compaixão no rosto desfigurado de Cristo, uma piedade tão sincera em seus traços congestionados, uma ternura infinita pela sua criatura, afliita por coisas tão pequenas, como uma máquina de costura, quando o universo inteiro de dores, desesperos e pecados estava em suas mãos e dentro de seu coração... Não valia a pena que a Madre surpreendesse a tocante reprovação que havia naquele olhar do Crucificado. Para que juntar mais amargura à sua tão grande tristeza?...

☆

Cinco dias depois, um telegrama chegava às mãos da Madre, que o leu, sem muita animação, às irmãzinhas curiosas:

... aceitando sua decisão, passarei um mês no Asilo, levando minha máquina de costura para auxiliar as boas irmãs. Chegarei antes do Natal.

As irmãs se entreolharam, tentaram sorrir, mas diante da desilusão estampada no rosto de sua superiora, se foram retirando calmamente, como se nada de novo houvesse acontecido.

— Seja feita a vontade de Deus... — sussurrou entre dentes a pobre superiora.

☆

Véspera de Natal. Azáfama no Convento. Prepara-se o presépio. Coisa muito simples: um Menininho de cera, Nossa Senhora e São José, os pastores, o boi e o burro tradicionais, tudo sobre uma mesa reluzente em sua toalha de linho, uma lamparina acesa aos pés do Menino, tudo aquecido pela devocão das freiras que se rezavam no trabalho gostoso de preparar seu primeiro presépio.

A Madre Superiora ia e vinha, coordenando o trabalho, arrumando um vaso aqui, dispondo melhor uma guirlanda acolá, sempre olhando meio de viés para seu bom Mestre que, alheio a tudo, continuava pendente de sua grande cruz, ele mesmo tão desfeito e amargurado em sua dor, quase espantado de se ver pequenino e lindo sobre as palhas da mandeira.

Ah, meu Jesus, que Natal faremos ter... Seja feita vossa santa vontade. Padre-Nosso... Ave Maria...

Pelas cinco horas da tarde, uma carroça pára junto ao convento, e o carroceiro tange o sino pendurado à ilharga da por-



periora que com muito prazer a receberá pelo tempo que quiser. Deus lhe dê muita alegria e conforto nos anos que lhe ficam de vida e a console da desilusão que lhe estou causando...»

Na capelinha, a Madre se debruçou um pouco mais sobre seu genuflexório, e conversou amargurada com seu Deus!

— Ah, meu Jesus porque nos destes tanta esperança, e no-las tirastes tão depressa? E eu que já tinha formado tantos planos e tantas fantasias... E a irmã roupeira que anda com as mãos todas machucadas de tanto consertar hábitos... E as irmãzinhas que não têm mãos a medir com servincinhos para os pobres... (Aqui parou, recordando-se do primeiro aviso de seu Anjo da

ta. Traz muitas encomendas e tem pressa. A porteira demora em aparecer. O homem se impacienta e puxa repetidas vezes a sineta. Abre-se a porta, e ele, sem mais delongas, apresenta à freira um papel.

— Irmã — diz, apontando um volume na carroça — tem aqui uma máquina de costura que mandaram entregar no Convento. Quer assinar o recibo?

— Como? Uma máquina de costura? Não pode ser... Deve haver engano. Nós não esperamos nenhuma máquina de costura. Espere, deixe-me ir falar com a Madre Superiora...

— Tá bem, tá bem, mas tenho pressa, Irmãzinha. Tem muita encomenda para entregar.

Aparece à porta a Madre Superiora, tão indiferente como se nada tivesse acontecido de mais.

— Boa tarde, bom homem. O senhor falou de uma máquina de costura? Houve engano, por certo. Nós não esperamos máquina nenhuma de costura, não senhor.

— Mas está escrito, aqui, Irmã: «Convento das Irmãs dos Pobres». E Convento das Irmãs dos Pobres é aqui mesmo, não?

— Escute, meu amigo. Essa encomenda é para o Asilo. E' de uma senhora que vai passar uns dias lá e mandou trazer sua máquina de costura, para passar o tempo. Disse que chegaria na véspera de Natal. E' justamente hoje. Faça a santa caridade de levar a encomenda ao Asilo. Não é muito longe, sim?

— Está bem, Irmã, não haja dúvida. Mas que aqui está escrito «Convento das Irmãs dos Pobres», está, pode ver.

— Antes fôsse para nós, antes fôsse, mas não é, não.

Enfiaram as mãos nas mangas e lá se foram, depois de fechar delicadamente a porta à encomenda tão cobiçada.

Pelo corredor, superiora e porteira, cada qual de seu lado, susurrava: Seja feita vossa santa vontade, Senhor...

Meia hora depois, chamam a Madre Superiora ao telefone. Manda uma freira atender. Não, querem falar com a própria Madre. Larga seus afazeres e vai, resignada, atender ao chamado.

— Louvado seja Nossa Senhor Jesus Cristo. Fala a Madre Superiora...

— Para sempre, Madre. Aqui é a Superiora do Asilo.

— Deus a guarde, Madre. Como passam as Irmãs e os Velhinhos? Nenhuma novidade?...

(Conclui na pag. 90)

TODOS QUEREM

Kero Mate

MARCA REG.

DR. JOSÉ CHIABI

Clínica e cirurgia de
Ouvido, Nariz e Garganta



Edif. Banco Crédito Real — 13º
pav. — Sala 1302 — Rua Espírito
Santo, 495 — Telefone: 4-4040

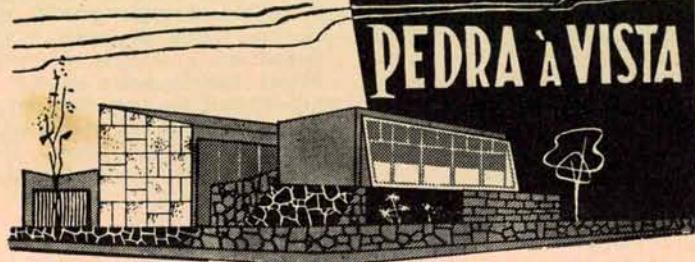
DR. J. MANSO PEREIRA

Docente da Faculdade de Medicina
da Universidade do Brasil

Úlceras do estômago — Obesidade
e magreza — Crianças fisicamente
retardadas — Diabetes — Alergia
clínica.

Consultório: Rua Ouvidor, 169 —
8º andar - Sala 809 - Fone: 23-6230
RIO DE JANEIRO

PEDRA À VISTA



PARA REVESTIMENTO DE FACHADA

Da cor e do tipo que se desejar

Pedra cortada a máquina ou a mão, procedente de Lagoa
Santa, Ouro Preto, Diamantina e Caxambu.

FRANCISCO ANTUNES NOGUEIRA

A maior e mais antiga organização do ramo em Minas
Rua Silveira, 170 — Bairro da Graça, esquina de Av. Silviano Brandão
Fone: 4-2431



Ladrão!

PALAVRA - VENENO PARA

As devastações de tal palavra, adivinhei-as demasiadas vezes na história de certas crianças para que subestime a importância. Penso em Didier, aquél pupilo da Assistência Pública, que ficou ferido para o resto da vida; em Jacques que, aos dez anos, tentou suicidarse. Mesmo sem ir tão longe, todos os pais, todos os educadores devem convencer-se de que o furto, na criança, não tem absolutamente o mesmo sentido que no adulto. Muito mais que punir, é preciso antes de tudo compreender.

Não é um paradoxo. Toda a gente sabe que uma criança de dois ou três anos é incapaz de distinguir «o que lhe pertence» do «que não lhe pertence». Apodera-se de tudo quanto está a seu alcance. E se defende seus brinquedos contra seus camaradas, não hesita em tomar os dos outros, sem que se possa evidentemente dizer que os fura.

O que menos se sabe é que a idéia mesmo de propriedade, sob suas diversas formas, aparece à criança, entre cinco e sete anos, em condições muito variáveis, segundo o meio em que ela cresce. Em uma família de princípios rígidos, de educação severa, aprende ela muito depressa o que é permitido e o que é proibido. Numa família mais liberal, mais «moderna», se ousa dizer, guarda disso, por muito tempo, uma consciência mais fluida. Era o caso daquela jovem senhora de quem falava ainda há pouco. Em situação folgada, acontecia-lhe deixar o dinheiro sobre os móveis, gastá-lo sem cuidado, falar dêle a seu marido como duma coisa sem grande importância. Sua filha, muito naturalmente, havia visto as coisas com a mesma desenvoltura. Retirando cédulas de 500 francos da bolsa de sua mãe, não tivera o senso depropriar-se de alguma coisa que não lhe pertencia ou apresentasse valor especial. Quisera, muito simplesmente, «bancar de mamãe», como te-

ria podido fazê-lo com uma boneca, ou tomado emprestado, para se disfarçar, um vestido de sua mãe.

— Na idade de sete ou oito anos, estimam certos psicólogos, o grande desejo da criança é ser alguma coisa, mais exatamente ser um pessoa como as que vê em torno de si ou de que lhe falam nos livros, que têm um papel a desempenhar, que ocupam um lugar no mundo, ao passo que ela tem a impressão de nêle estar para nada. Daí seus brinquedos que têm todos um ponto comum: brinca de «faz-de-conta», de fazer de conta que é seu pai, sua mãe, Ben-Hur ou David Crockett...

Nada de mais normal e, na maior parte dos casos, tudo se passa bem; mas se a criança for colocada em circunstâncias particulares, pode isto tornar-se um drama. Lembro-me do caso de um órfão que haviam posto na casa de uma família camponesa; esta tratava-o muito bem, mas tinha princípios rigorosos. Um dia, foi o menino surpreendido em ponto de apossear-se de uma moeda de cem francos.

— Ladrãozinho! — exclamou o dono da casa.

O menino voltou-se, rubro de confusão e de estupor:

— Eu não sou ladrão! — protestou ele, se bem que mantivesse a moeda na mão.

O camponês escandalizado, diante do que lhe parecia desfaçatez ajuntada à desonestidade, recusou ficar com o menino, e o coitadinho sofreu tal traumatismo que mo trouxeram a examinar alguns anos mais tarde. Consegui, com grande dificuldade, reconstituir a história. A família em questão, socialmente irreprochável, tinha aquél senso agudo da propriedade que se encontra tantas vezes no campo. Muito cedo, aprendera o menino com ela que as únicas pessoas dignas de interesse eram as que possuían alguma coisa. Ora, ele não tinha nada e nada podia ter. Órfão,

UMA jovem senhora minha amiga, um tanto fantasista na sua vida doméstica, acreditava ter notado, desde certo tempo, que pequenas quantias de dinheiro desapareciam de sua bolsa. «Será a criada?», perguntava a si mesma. Até o dia em que, fazendo algumas compras numa loja, percebeu de repente, no momento de pagar, que esquecera sua carteirinha de dinheiro. Começava a pedir desculpas, quando sua filha de seis anos, que a acompanhava, deteve-a:

— Quer que lhe empreste? — perguntou ela, muito naturalmente, tirando de seu bolso algumas cédulas de 500 francos.

«Fêz isto com tal gentileza — contou-me minha amiga — com uma satisfação tão espontânea, que não tive coragem de dirigir-lhe uma censura...»

— E a senhora teve razão! — respondi-lhe. — Porque teria podido cometer a mais tóla e a mais grave das faltas. Bastar-lhe-ia ter pronunciado uma única palavra, mas uma dessas palavras terríveis, que marcam, que queimam por muito tempo: a palavra «ladrão». Graças a Deus, a senhora não a disse!

UMA CRIANÇA

isto é, sem verdadeira família e sem fortuna como sem «esperanças», sentia-se duas vezes exilado. E era para fugir a essa solidão, a essa angústia, que brincava de possuir alguma coisa, portanto de ser alguém. Era uma espécie de festa que proporcionava a si mesmo, como a criança, sentada num velho caixote, sonha que dirige um carro de corrida. Da mesma maneira, ele não roubava, na realidade; procurava muito simplesmente ser como os outros. Daí sua revolta e também seu pânico, quando o camponês, surgiendo, às suas costas, gritou-lhe: «Você é um ladrão!» Esta palavra despertou-o bruscamente, tirou-o de seu sonho interior, revelou-se brutalmente o que era ele para os outros. E a nevrose que nêle se desenvolveu não era mais do que um esforço desesperado para repelir aquela terrível etiqueta.

E éste, evidentemente, um exemplo extremo. Mas em quantas famílias não surgiu um problema análogo? O furto cometido pela criança é mais ou menos importante; em geral, é bastante mínimo; mas a inquietação dos pais amplifica-lhe a gravidade. Não será um sinal de desonestade? O prenúncio de malfeitos mais graves? «Quem rouba um ôvo rouba um boi», pretende a Sabedoria das Nações. E conheço mães que, porque seu filho de dez anos lhe roubou cem francos, já o vêem subir ao cadal-falso!

Pois bem, não hesitemos em dizer-lhe: a Sabedoria das Nações não tem razão. Há muito poucas crianças, na realidade, nas quais a evolução da noção de propriedade se faça sem conflitos e portanto sem acidentes. Pode-se roubar um ôvo para comê-lo, para brincar com ele, para ver com que ele se parece. Onde acaba a curiosidade, onde começa o roubo? Até os seis anos, a criança desvia mais do que rouba. E por isso que, em numerosos países,

até passados seis, não pode ela nem mesmo ser punida. Para os sete ou oito anos sómente, sobretudo se vai à escola, toma mais nitidamente consciência do «teu» e do «meu». Mas produz-se então um fenômeno característico. A família e a escola tornam-se para ela dois mundos separados aos quais não se aplicam as mesmas leis. Um de meus amigos ficou chocado, um dia, ao verificar que seu filho, de sete anos, tinha-se apossado dum apanhado de quinhentos francos esquecida em cima de um móvel. Chamou-o, censurou-lhe o gesto e acabou dizendo-lhe:

— Se algum dia você fizesse tal coisa na escola, iria parar numa casa de correção!

E o menino replica então, indignado:

— Mas, papai, aqui não é a mesma coisa!

Esse amigo ficou fora de si com tal resposta. Expliquei-lhe que ele não tinha razão. E' absolutamente normal, pelo contrário, que a criança não tenha a mesma atitude para com o meio familiar e para com o meio escolar. Este representa a seus olhos a sociedade exterior, propriamente dita; aquêle é uma comunidade fechada na qual se encontra integrado, e onde as coisas, mesmo que não lhe pertençam propriamente, pertencem-lhe ainda assim mais do que as do mundo exterior. A lei, aliás, o reconhece, para a qual não existe roubo entre esposos, nem entre pais e filhos.

Não é, pois, de surpreender que a atitude da criança para com o dinheiro esteja estreitamente ligada à dos próprios pais. Aquêles cuja gestão financeira é negligente, fantasista ou muito larga, não devem esperar que a criança manifeste pelo dinheiro mais respeito do que eles não manifestam. E' no entanto, o caso de numerosos pais que têm, como se diz, «o dinheiro fácil», pelo menos no que lhes diz respeito, mas que manifestam em relação a seus filhos extrema rigidez.

Observava eu isto recentemente a um dêles.

— Na idade dêle — respondeu-me — tinha eu menos ainda.

— O que ele vê — repliquei — não é o que o senhor fazia na idade dêle, mas o que o senhor faz agora. E' disto que ele toma o exemplo. Seu filho não é um santo. Se o senhor atira o dinheiro pelas janelas — desculpe-me a expressão — como quer o senhor que ele lhe dê valor?

A primeira idéia de que devem os pais compenetrar-se é a de que a noção de propriedade

não aparece automaticamente na criança. Por isso é que nada é mais absurdo, e mesmo perigoso, quando tem ela dificuldade em adquiri-lo, do que induzi-la em tentação, por exemplo. Um de meus amigos suspeitava de que seu filho lhe havia, por duas ou três vezes, subtraído algumas moedas de cem francos. Para experimentá-lo, explicou-me ele, começou a deixar dinheiro em cima dos móveis.

— Mas é o senhor mesmo — exclamei — que o impele ao roubo! Ou antes, é o senhor que o leva a pensar que apossar-se desse dinheiro não é um roubo: o que é indubitavelmente o pior método de educação...

— Como assim?

— Reflita — disse-lhe eu. O senhor trabalha num escritório com outros colegas. Não lhe acontece nunca procurar sua lapiseira esferográfica e não a encontrar, e apanhar uma outra de cima da escrivaninha vizinha?

— Sim, decerto. Mas uma lapiseira esferográfica, vai lá, vem cá, toma-se a minha, tomo eu uma outra. Toda gente o admite: não é um roubo.

— Exatamente — conclui eu.

— Mas se o senhor deixa seu dinheiro sólto, um pouco por toda parte, seu filho o tratará exactamente como lapiseiras esferográficas.

Uma segunda idéia não deve abandonar os pais: é que a criança, a partir dos oito ou dez anos, quando vai à escola, começa a ter desejos, necessidades. Alguns são legítimos, outros menos. Mas, antes de julgá-los, é preciso conhecê-los e esforçar-se por satisfazê-los na medida do possível. Impor a uma criança uma austeridade de que seu meio familiar ignora é tão absurdo quanto recusar-lhe, por exemplo, as satisfações de que dispõe a média de seus camaradas. Está bem entendido que é preciso distinguir as diferenças de fortuna, de condição social, etc., mas, fora desses casos extremos, é geralmente possível conceder à criança esse mínimo que lhe permita sentir-se como os outros.

O que conta, aqui, é, em primeiro lugar, o uso que faz a criança do dinheiro que lhe aconteceu desviar. E' culpada a criança que poupa do dinheiro de seu cabeleireiro, de suas compras escolares ou de seu bonde para comprar livros, completar sua coleção de selos, ou mesmo oferecer-se um sorvete? Se fosse maior, louvá-lo-iam talvez pela sua ambição, pelo seu desejo de triunfar ou pelo seu espírito empreendedor. Em

muitos casos, o melhor remédio para esses pequenos furtos que desolam os pais é simplesmente um dinheiro miúdo bem calculado, para a criança gastar.

— Quanto mais eu lhe der, mais quererá ele — disse-me um dia um pai. Sob pretexto de inculcar a seu filho o valor do dinheiro, só lhe dava somas ridículamente desproporcionadas ao custo atual da vida.

— Experimente — disse-lhe eu.

Quando tornei a vê-lo, três meses mais tarde, teve de convir que eu tinha razão.

Que os pais, pois, procurem compreender seus filhos, interessem-se pelos seus problemas, por suas necessidades, por seus gostos, ponham também sua conduta em harmonia com seus princípios, e o problema dos pequenos furtos da criança será resolvido na maior parte dos casos. Restam evidentemente aqueles casos excepcionais que testemunham, ou inclinações mais graves, ou reações neuróticas a certos conflitos familiares. Esses são da competência do médico ou do psiquiatra. Mas são a exceção. — Dr. Tessier.

☆ ☆ ☆

O SONHO DO BANDEIRANTE

Continuação da pag. 24

Pois bem. Nada mais resta do nosso passeio, a não ser a fazenda, a velha fazenda do Leitão, hoje não mais em ruínas, restaurada e transformada em Museu Histórico, em 1943, pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, orientado pelo trabalho magnífico de Abilio Barreto, o eterno enamorado da cidade, seu primeiro historiador e fundador do Museu.

Não é isenta de peripécias a história da Fazenda Velha: o nome ficara-lhe do seu antigo proprietário, Domingos Gomes Leitão, que a perdera, ao ser desapropriada, em 1894, quando da construção da Nova Capital. Ora entregue à Colônia Afonso Pena, ora a uma fábrica de fibras de piteira, ora ao Governo Federal, com um posto zootécnico, e-la atualmente dignificada, a registrar o passado da Capital mineira.

Calma e imperturbável, a velha casa contempla, atônita, sem compreendê-la, a cidade nova e linda, que se atavia, transformando-se dia a dia. E que vé de tão impressionante o velho casarão solitário? Os bairros aristocráticos de Lourdes e da Barroca, com suas casas modernas e luxuosas; a Cidade Jardim, a cintilar nas paredes de vidro de suas ricas vivendas, coloridas de mil cores, destacando-se entre o verde das sebes que substituem os muros e as flores que enfeitam o gramado; as torres da Basílica de Lourdes, recortando o céu azul. E acolá, a cidade estranha, povoadas de arranha-céus colossais, que ameaçam sufocar a velha fazenda. Olha, espantada, tôda essa vida febril que se lhe agita em derredor e volta-se para o passado.

BELO HORIZONTE DE OUTRORA

Espiando pelas antigas janelas estilo guillotina, a velha fazenda recorda: ali, subindo em direção à Serra do Curral, a Rua General Deodoro, a principal de Curral d'El Rey, partindo da Igreja de Nossa Senhora da Boa Vagem, reunia o que havia de mais importante naquelas paragens. Naquele riacho além, os garotos do arraial brincavam de escrregar na areia branca da praia, enquanto lavadeiras negras, de lenços à cabeça, batiam roupa nas pedras, metidas nágua até os joelhos.

Nestas avenidas largas e retas, de estranhos e arrevesados nomes, não se reconhecem mais as velhas ruas de outrora: Ponte do Saco, Sítio do Navio, Aqueduto, Rua de Trás, Rua do Capim, Sítio das Aguas Amarelas, Beco do Gervásio, Rua do Capão. E a gente que povoa as ruas não é a mesma de antigamente, ingênuas, na sua simplicidade e franqueza. Para onde foram os turbulentos italianos de argolões às orelhas e enormes cachimbos, que vendiam latas de querosene pelas ruas do arraial? E o garoto da carrocinha tirada por dois mansos bodes, que vendia cigarros aos fumantes?

Ah! Os alegres serões da Farmaça Abreu, onde se reuniam os principais vultos do arraial, para comentar as novidades e apreciar o gostoso café das 7 horas! E as elegantes senhoras dos engenheiros, com sua mania de passear em bandos desde as 6 horas da manhã, em busca da decanta-dou louça de Caeté?

Tudo mudou. Raparigas alegres, de trajes coloridos, como

os do Minho, já não se encontram a cantar pelas ruas margeadas por sebes, ornadas de bananeiras. Nem se ouve pelas estradas o chiar dos carros arrastados por juntas de dez bois, ou o balir de cabritos e ovelhas, a pastar pelas ruas, o badalar de cincos ou o bufar dos cavalos. Sim, porque era a cavalo que se movimentava o povo do arraial. Pelas madrugadas, apontavam ao longe os vultos dos engenheiros da Comissão Construtora da nova capital: chapéus de abas largas, botas compridas, lá iam para o trabalho, montados em géricos, burros ou cavalos magros que se lhes afiguravam aligeros corcéis. Botas e lanternas — ei-los a caminho: 1895 — construção da nova capital.

Ali, num recanto da fazenda velha — o pátio interno do Museu — descansa a Mariquinhas, do Conde Santa Marinha, testemunha da azáfama que provocou a mudança da Capital. Quantos boatos ouviu a pequena locomotiva, quando transportava pedras e cantaria arrastando seus vagões pelas ruas empoeiradas! A revolta do povo de Vila Rica, a velha capital, que acusava a cidade de Minas — nome novo do arraial — de ser assolada pelas mais horrendas pragas. E os esteios de aroeira da Igrejinha de Santana, que floriram miraculosamente, para salvar a honra de seu construtor.

A noite, quando a cidade moderna se enfeita de luzes, a Fazenda Velha volta a sonhar: vê fogos acesos à porta do Teatro Provisório, onde quitandeiros cozinhavam cangica, iluminando os taboleiros com lamparinas de querosene; e tôda a população do arraial, que se desloca, de botas e lanternas, para visitas e reuniões. Ri-se ao lembrar certa noite de chuva, no interior do rústico teatro coberto de zinco, em que os guarda-chuvas abertos abrigavam a platéia entusiasmada; ou aquela festa de 1895, lá pela inauguração do ramal férreo, quando dois convidados começaram a discursar ao mesmo tempo, parando ambos apenas para tomar fôlego, sem que nenhum quisesse ceder a palavra... Amedronta-se ao lembrar a turba de malfeiteiros que promoviam desordens na Favela do Alto da Estação ou no Córrego do Leitão, os dois perigosos bairros onde se ocultava a escória da população. Nas sombras da noite, avulta a figura do Capitão Lopes, o primeiro sub-delegado do arraial, que trazia a paz às famílias amedrontadas. Mas uma lembrança

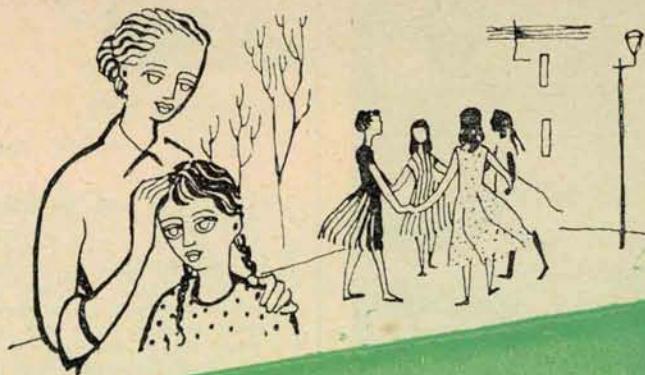
festiva invade a Fazenda do Leitão, afastando imagens assustadoras: as emocionantes solenidades ao tempo da inauguração da nova Capital, a Cidade de Minas (que só em 1901 voltaria a chamar-se Belo Horizonte). Estava-se a 12 de dezembro de 1897. Pouco mais de quatrocentas casas formavam a nova cidade. Mas já se avistavam, inacabados, os edifícios do Palácio da Liberdade e de algumas Secretarias. Acorda o povo ao som de salvas de artilharia e bandas de música. Banquetes se sucedem, com discursos a glorificar Aarão Reis — engenheiro-chefe da Comissão Construtora, Bias Fortes — Presidente do Estado, e tantos vultos ilustres. Que festas! A «Maison Moderne», o «Café Mineiro», «La Stella di Italia», a «Confeitaria Rio de Janeiro» e outros bares, de portas abertas por toda a noite. E uma multidão de forasteiros, a atropelar-se pelas ruas empoeiradas. Reminiscências do passado, vultos de antigamente povoam e animam a velha fazenda, que é um convite à nossa curiosidade.

O MUSEU HISTÓRICO

Penetramos no interior da Fazenda do Leitão, atual Museu Histórico. Conserva o mesmo estilo das casas patriarcais do século passado: assoalho de tábua larga, fôrro de esteira caiada de branco, salas amplas e arejadas. Reconstituíram-se quartos e salas, cujo mobiliário compõe o ambiente da época do ouro: camas estilo «marquesa», com estrados de palhinha, toucadores curiosos, oratórios em serrilha portuguêsa, com imagens em jaspe, arcas e canastras cheias de mistério. Mas, ao lado desse mobiliário antigo, há outras preciosidades: o primeiro prelo impressor da Imprensa Oficial, altares da primitiva matriz, hoje demolida, estátuas, troncos de ferro em que se castigavam escravos, material usado pelos engenheiros da Comissão Construtora, destacando-se as valiosas cadernetas de campo, onde se registraram todos os cálculos elaborados então e os mapas da cidade. Todo esse conjunto, guardado carinhosamente, vai registrando, dia a dia, a história da Capital de Minas. Belo Horizonte — a concretização do sonho do bandeirante, que se constituiu em seu mais valioso tesouro e cujo crescimento vertiginoso, numa febre de renovação e modernismo, está sintetizado em uma das impressões extraídas do Livro de Visitas de seu Museu

(Conclui na pag. 50)

Pelos Frutos se Conhece a Boa Árvore



Quer a fortuna vos tenha vindo de vossa família, quer a tenhais ganho com o vosso trabalho, há uma coisa que não deveis esquecer nunca: é que tudo promana de Deus. Nada vos pertence na terra, nem sequer o vosso próprio corpo; a morte vos despoja dele, como de todos os bens materiais. Sois depositários e não proprietários, não vos iludais. Deus vos empresta, tendes que Lhe restituir; e Ele empresta sob a condição de que o supérfluo, pelo menos, caiba aos que carecem do necessário! — LACORDAIRE.

NÃO basta dizer-se cristão. Não basta que se faça ato de presença nas cerimônias rituais e que se grite e gestique nas rodas de amigos, proclamando-se seguidor de Cristo.

O verdadeiro cristão é o que se faz conhecer pelos seus atos, pelos seus exemplos. Jesus já nos advertia contra as enganosas aparências, quando afirmava que os Seus verdadeiros seguidores seriam conhecidos por muito se amarem, e que a boa árvore poderia ser identificada pelos seus bons frutos.

O Abrigo Jesus, essa benemerita instituição criada pelo amor cristão, devotada ao amparo e educação de uma centena de meninas órfãs ou desvalidas, espera da sua caridade um donativo que o auxilie na sua nobre tarefa social e humana. Muitos são os problemas com que defronta, e todos reclamam recursos, muitas vezes amplos e urgentes.

Pratique um ato de verdadeira caridade, auxiliando o

ABRIGO JESUS o lar cristão de 102 criancinhas

Caixa Postal 734 — Belo Horizonte

DONATIVO AO «ABRIGO JESUS»

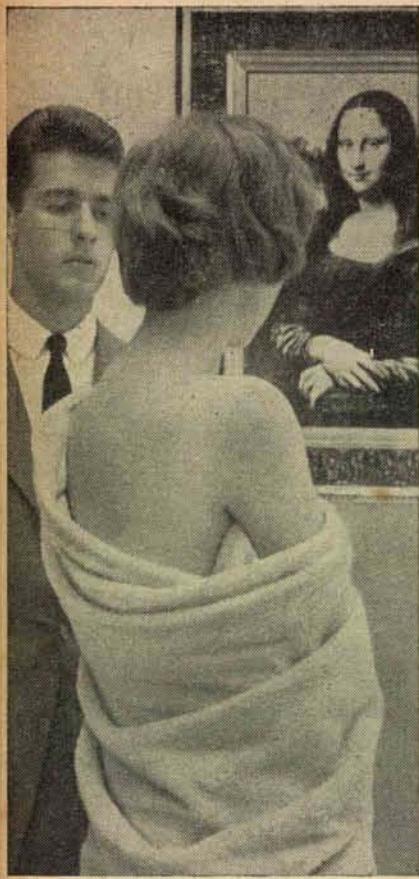
Junto a este a importância de Cr\$, em cheque bancário como donativo ao ABRIGO JESUS vale postal

NOME

ENDERÉÇO

CIDADE ESTADO

NB — A correspondência e os valores para o ABRIGO JESUS podem ser enviados para a Caixa Postal 734, Belo Horizonte, Minas Gerais.



É como se você acabasse de sair do banho...

É natural que ele fique deslumbrado. Quando você usa Odo-ro-no após o banho... conserva aquela sensação agradável por 24 horas. Odo-ro-no corta todo e qualquer vestígio de transpiração... perfuma suavemente... É um prazer usá-lo... refrescante, suave, seca instantaneamente.



Faça de
ODO-RO-NO
o seu melhor hábito diário

AJUDEMOS

A DEUS

M. CUNHA



MINHA filhinha de 6 anos está cursando o 3º período de um Jardim de Infância. No seu livrinho de catecismo há uma lição que diz assim: «Deus nos criou para conhecê-Lo, amá-Lo e servi-Lo neste mundo e depois ir ficar com Ele no céu».

Essa frase pode ser adaptada às relações entre mãe e filhos: «As mães nos geraram para nos conhecermos, nos amarmos e nos servirmos neste mundo e depois iremos conosco para o céu». Parece brincadeira esta comparação, mas vejam que não é. Do mesmo modo que a humanidade nem sempre conhece a Deus, nem O ama, nem O serve, assim também nem sempre as mães amam, conhecem e servem a seus filhos. A mãe diz que adora o filho, mas muitas vezes é dominada pelo amor-instinto sómente, que se torna amor cego, impedindo-a de bem conhecê-lo e bem servi-lo... E há também a que faz o contrário: deixa o filho nas mãos da babá, da vovó, da titia. E diz que o ama, o adora acima de tudo na terra. Às vezes o amor de mãe se expressa assim: «Deus me livre de perder meu filho!». Quantas vezes, coitada, pelo seu amor cego ela o perde mesmo; não de morte física, mas de morte moral, que é a pior das mortes!

Vamos modificar o nosso amor materno, tão decantado, tão festejado? Sejamos mães realmente «criadoras» de nossos filhos. Vamos ajudar a Deus, ajudando os Seus pequeninos a caminhar até Ele. Amemos os nossos filhos com os olhos abertos; vejamos as suas falhas e façamos força para entender-lhes a alma e esclarecer-lhes a inteligência. E vamos pedirmos. Vamos conhecer os nossos filhos sem tomar «partidos» pelo melhor, pelo mais carinhoso, pelo mais bem dotado. Vamos conhecê-los para entedr-lhes a alma e esclarecer-lhes a inteligência. E vamos servi-los apenas nas suas necessidades, não lhes tirando o prazer de se servirem a si mesmos. O filho não quer uma escrava solícita ao seu dispor; ele quer uma mãe. E mãe não é escrava. Sigamos os passos dêle, orientemos os seus pés quando o abismo estiver ao lado, evitemos a sua queda, com energia, mas com amor e bondade.

E um dia, quando ele souber sózinho evitar os abismos e abrir estradas novas, lá estaremos no fim do caminho, recebendo dêle a gratidão e a recompensa que de fato merecemos, não pelo amor cego que lhe tivemos a vida toda, mas pela compreensão que lhe demos, pela ajuda oportunamente que não lhe negamos, pelo amor verdadeiro que agora ele reconhece como tal. E o céu estará na mãe e no filho, que o céu não está lá no alto, inacessível; ele está aqui mesmo, em nós próprios, quando sabemos bem cumprir a imensa tarefa que Deus nos confiou.

M. Cunha

A Vereda

Conclusão da pag. 33

de que a sua imaginação povoava aquele lugar. Mas teve um arrepião de surpresa e estacou perplexo.

Banhada pela luz serena da aurora do Natal, a vereda se abria à sua frente, ampla, de chão liso e veludoso, e toda florida.

E, enquanto o negrinho seguia

atônito, pisando em corolas, ia caindo em sua cabeça e em seus ombros nus — uma chuva de pétalas multicores — pétalas brancas, pétalas rubras, pétalas azuis e até mesmo as pétalas roxas e tristes do cipó cumanã que (caso nunca visto!) se cobria todo de flor.

O Sonho do Bandeirante

Conclusão da pag. 49

Histórico: — «Nesta encantadora casa, único remanescente da «velha Belo Horizonte», preserva-se, piedosamente, contra a avidez de um presente devorador, alguns fragmentos de um «pas-

sado», o qual, para tantos antigos países da Europa, ainda é «presente». E' que no Brasil, «presente» já é «futuro» e o «passado» — «presente que morre». (Germain Bazin, Conservador do Museu do Louvre).



Assembléia Legislativa



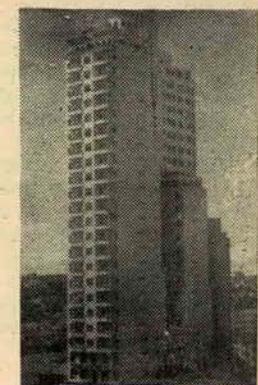
Hotel Capri — Poços de Caldas



Hotel Normandy



Hotel Amazonas



Hotel Financial



Ambassy Hotel

Atestado de um valor

Os Mineiros

preferem
Móveis

Guelmann!

*resistência,
elegância
e conforto.*

Móveis Guelmann

Caixa Postal 19 — Curitiba — Paraná

Escola de Arquitetura

Escola de Odontologia

Representante em Belo Horizonte : CEZARIO FERNANDES & CIA. LTDA.
Av. Afonso Pena, 772 — Sala 302.

O Pequenino General

No seu peito de chumbo pulsava
um coraçãozinho feito de ouro.

Charles Tazewell

Ilust. de Jarbas

NOS CALENDARIOS do mundo inteiro, o 1 que assinala o primeiro dia de dezembro geralmente é impresso em tinta preta, muito preta. Assim é que está certo. Porque se trata simplesmente de um número feloso, magricela, que indica o comêço de um mês que vem a ser o mais bonito de todo o ano — e que se torna mais bonito ainda quando a folhinha marca, em alegres algarismos vermelhos, o 25, do Natal !

Entretanto, na cidade de Londres — e fabricado sob especial encomenda da antiga firma Leroy Leão e Urias Unicórnio — existe um calendário em que o recém-nascido dezembro é tão vermelho como são vermelhos os dólmas da Guarda da Rainha. Todos os anos, quando a última folhinha do mês de novembro é arrancada, aquéle dedo vermelho parece pôr-se em riste e gritar para os Srs. Leão e Unicórnio: «Tomen cuidado, Senhores, hoje é o Dia-D ! Vejam bem que eu sou o vermelhíssimo dia 1º de dezembro !»

O Dia-D quer dizer, no caso, Inadiável Dia-da-Distribuição, pois a grande firma Leão e Unicórnio é a mais conhecida fabricante de soldadinhos de chumbo. Tôda vez que chega o dia 1º de dezembro, milhares e milhares de pequeninas figuras militares devem ser mobilizadas na sala de expedição — cada companhia, cada regimento, alojando-se na sua caixa, obedecendo às ordens dos seus oficiais — e depois enviadas a quase todos os cantos e cantinhos do nosso santo globo, na época do Natal.

Pois bem. Certo Dia-D, hoje memorável, passavam exatamente dez minutos da hora de fechar — e a última companhia de soldadinhos de metal marchava, gar-

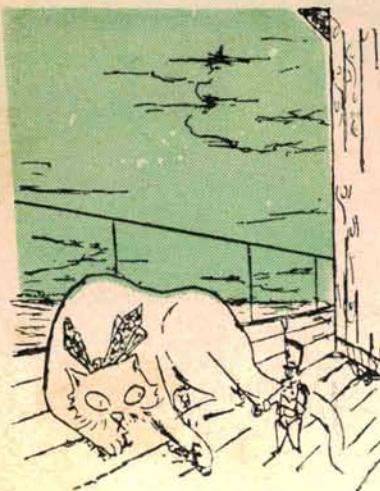
bosa, para a última caixa — quando, de repente, o Sr. Leão esticou um dedão trêmulo e disse, num sussurro cheio de horror:

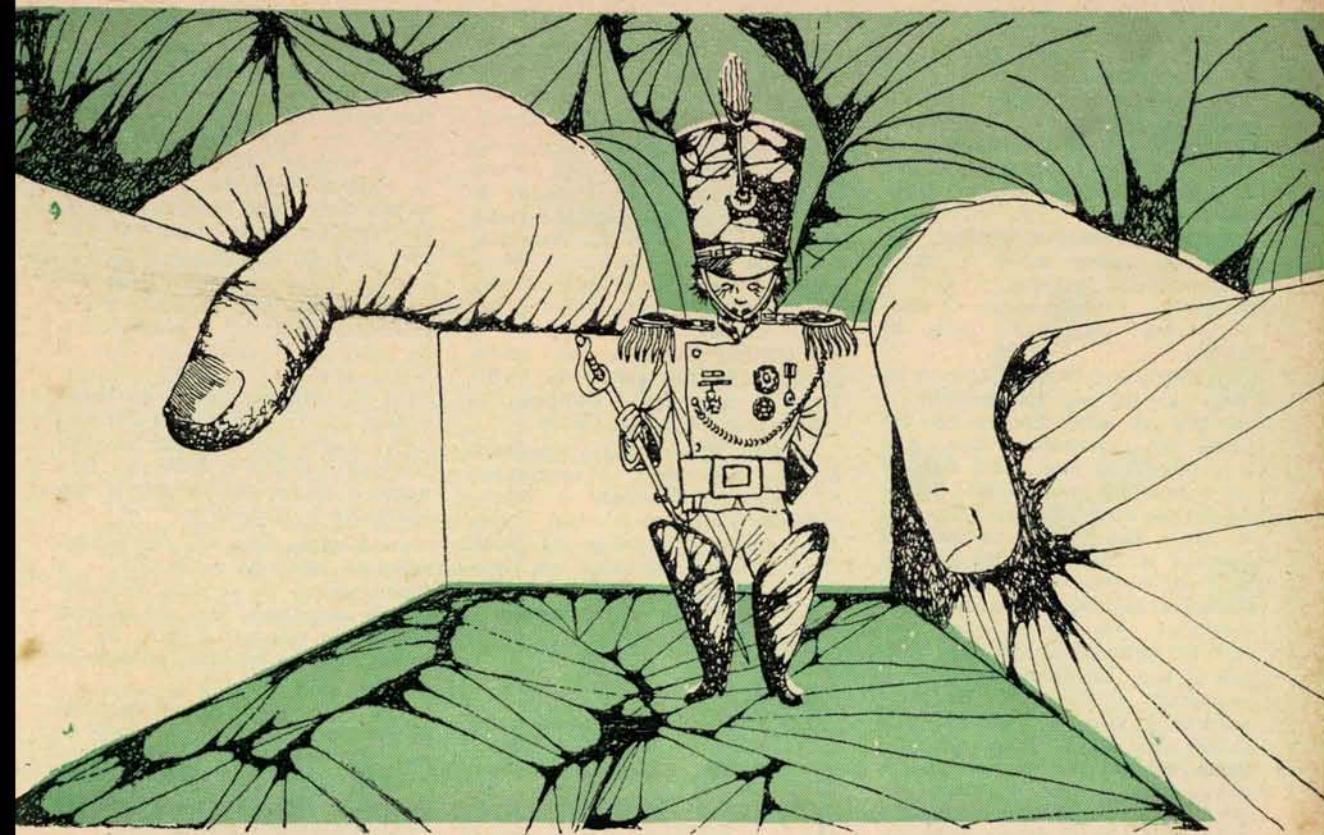
— Urias ! Que negócio é esse ?

— Ora, ora, Leroy — respondeu o Sr. Unicórnio, sem negócio pensar direito — esse negócio é o que deve ser um general.

— Essa coisinha de nada... um general ?

— Pois é o que você vê — disse o Sr. Unicórnio, com voz macia. — Eu errei a mão para me-





nos um tiquinho, na minha última mistura de metal. Por isso, deixei de lado o molde dêle, e quando chegou a vez de enchê-lo, só tinha sobrado o necessário menos aquèle tiquinho.

— Pois então — asseverou o sócio — é nosso dever tirar essa figurinha de menos um tiquinho do seu pôsto de comando, antes que alguém a veja! Vá depressa procurar o removedor de tinta para tirar o uniforme dêle, enquanto eu cuido da sua deposição desonrosa!

— Não podemos fazer isso — protestou o Sr. Unicórnio. — Sabe? Esse regimento está sendo despachado para uma loja no Vale do Natal, na América. Se não embarcar no comboio de hoje à noite — ele deu um sorriso sabido — não chegará em tempo de proteger os comerciantes ianques contra os caçadores de escalpos.

— Bah! — explodiu o Sr. Leão. — E' melhor perderem-se alguns escaldos do que sofrer um golpe em nossa reputação, Urias!

— Sei o que poderemos fazer — sorriu o Sr. Unicórnio. — Nós não precisamos de cobrar daquele vendedor do Vale do Natal pelas despesas de remessa, está bem, Leroy? Como as despesas são muito grandes — e êsse general é tão pequenininho — as coisas

ficarão certas e corretas.

Foi assim que fizeram. E, naquela noite, o Pequenino General embarcou para a América com o seu regimento. Enquanto o navio descia lentamente o Tâmisa, em direção ao mar, a caixa de soldadinhos ficou tão cheia de rumores que chiava como uma chaleira de chá. O rosto do Pequenino General ganhou até um colorido mais vermelho ainda, porque ele sabia que estavam falando de si e de sua desgraça. Pois um fu-

zileiro de chumbo até se lembrava das palavras do Sr. Leão — «essa figurinha de menos um tiquinho» — e o Pequenino General ouvia a frase repetida e trepetida, enquanto ia sendo cochichada de soldado para soldado. Então, o navio começou a balançar e o regimento de brinquedo ficou mareado. Certo de que ninguém iria vê-lo agora, o Pequenino General empurrou a tampa da caixa e saiu.

Estava todo mundo dormindo, menos o timoneiro e a Gata do navio. O Pequenino General deu de cara com a última, no convés deserto.

— Será o senhor — perguntou a Gata — uma nova variedade de camundongo gelado?

— Absolutamente! — replicou o Pequenino General, com grande dignidade. — Eu sou um General, Madame!

— Madame, não! Mademoiselle — corrigiu a Gata. — O senhor já devia ter percebido. Sou Mademoiselle Gatarina — ou, na intimidade, Gatilha. Agora, me diga: que está fazendo por aqui?

— Eu — disse o Pequenino General — estava assuntando...

— Também faço isso muito — ronronou a Gata. — Ind'agorinha, estava imaginando quantos pires de creme dá uma boa vaca



Jérsei. Que é que o senhor estava imaginando?

— Onde poderia achar um espelho — respondeu o Pequenino General. — Você comprehende, eu nunca me vi. Gostaria de ter uma idéia da minha aparência generalizada...

— Se eu fosse o senhor, não havia de querer saber — disse Mademoiselle Gatarina. — Em todo caso... venha comigo. O cozinheiro tem um espelho perto do fogão.

O Pequenino General trepou na torneira da pia da cozinha e estudou os seus traços no espelho do cozinheiro. Era, não teve dúvida, a pior entre as piores coisas que jamais tinha visto. As pernas eram tão curtinhas que os canos das botas davam nos quadris. A túnica, muito grande, caia em dobras, como um guarda-chuva fechado. E as dragonas douradas que devia levar nos ombros estavam muito para fora dos ombros estreitinhos, dando a impressão de um avião de bombardeio a jato. O mais ridículo, porém, era a sua espada, da qual tinha estado tão orgulhoso. A ponta arrastava-se no chão, enquanto que os copos e a guarda ficavam ao nível do seu olho direito, de modo que quem o visse e não entendesse as coisas, visseria de pensar que ele estaria usando uma lorgnette.

Lágrimas de vergonha desceram pelo rosto do Pequenino General e foram cair nos canos das suas botas.

— Sou um desgraçado — murmurava. Depois, com certa dificuldade, arrancou a espada da bainha. — Vou cair sobre esta lâmina e terminar assim a minha miserável existência, para honra do meu regimento!

— Oh, eu não faria uma coisa dessas — disse a Gata do navio. — A aparência não é tudo, o senhor sabe. Fica apenas na superfície, assim como o rótulo de uma lata de ratos em conserva. E' o que está dentro da lata — ou do homem — o que importa.

— Nunca houve ninguém tão feio como eu! — chorava o Pequenino General.

— Bem... provavelmente não — admitiu a Gata. — Mas o senhor ainda pode ser simpático.

— Simpático? — perguntou o Pequenino General. — Logo eu?

— O senhor mesmo — asseverou Gatilha. — Simpático por ser sábio, simpático por ser bravo, simpático por ser bom. — Levantou uma pata e apontou a espada do Pequenino General. — Por exemplo, o senhor é um bom espadachim?

— Nã... não — admitiu o Pequenino General. — Não me deram nem uma liçõozinha na fábrica de soldadinhos de chumbo.

— Pois, se o senhor seguir as minhas instruções — disse a Gata do navio — eu prometo fazer do senhor o mais simpático espadachim que já pisou na América. Sou uma ótima esgrimista. Meus queridos pais (que estejam em paz as suas dezoito vidas e dezoito almas), submeteram-me a verdadeiras torturas, na minha gatinfância, nas mãos do Velho Tomé — que foi o campeão de esgrima do Beco dos Gatos.

— Pois ficarei muito agradecido pela sua ajuda — murmurou o Pequenino General. — Mademoiselle Gatarina... ou talvez seja melhor chamá-la de Gatilha... você é um anjo em figura de gata!

A Gata sorriu com modéstia.



— As lições vão começar amanhã cedinho, depois do café da manhã, lá no fim do convés.

Nos dias seguintes, todas as horas ouviam-se os tinidos da espada do Pequenino General, enquanto Mademoiselle Gatarina ia-lhe ensinando tudo o que sabia — a estocada siamesa, a defesa angóra e o rápido e mortal contra-ataque persa.

Na última noite da viagem, cansadíssimo, o Pequenino General, terminadas as aulas, estava deitado, sem sono, na caixa, junto com o seu regimento. Dia seguinte, iriam ser retirados do navio e enviados a toda velocidade para o Vale do Natal. Como o receberiam os cidadãos da América? Rir-se-iam deles? Iriam gracejar por sua causa?

Para ganhar coragem, ele cochichou para si mesmo: «Não sou feio por dentro! Por dentro, não tenho nada de feio! Por den-

tro, eu sou muito simpático! A Gata disse isso hoje e me deu seu miado de honra de que é assim. Sou muito simpático!» — e então, sentiu um medo terrível e começou a tremer. «Mas, e se o povo do Vale de Natal olhar para mim só por fora e não perceber que eu sou simpático por dentro?...»

O coração esperançoso do Pequenino General bateu mais depressa que a asa de um pássaro assustado quando o proprietário da casa de brinquedos do Vale de Natal abriu a caixa de soldadinhos de chumbo; parou de bater e ficou tão frio dentro do seu peitinho magro que fez doer as suas costelas, quando o dono da loja pegou-o entre um polegar e um indicador e exclamou:

— A caixa deve ter sido amassada na hora do embarque... e esse general virou uma migalhinha à-toa. Como sou um sujeito orgulhoso, vou pôr a caixa na vitrina, com um letreiro: «Vende-se barato»!

Dia após dia, ficou o Pequenino General na vitrina, à frente de seu regimento, um bravo sorriso marcial no rosto, enquanto que do outro lado do vidro faziam comentários irônicos sobre ele:

— Não admira que esteja aí para ser vendido barato. Mesmo de graça, não valeria muito.

— Pois isso é um exemplo de que é a nova geração de generais. Quando eu era criança, um oficial de brinquedo tinha muito mais energia e muito mais chumbo.

Certa manhã, exatamente uma semana e um dia antes do Natal, a calçada em frente da loja de brinquedos ficou apinhada de gente. «Isso — pensou o Pequenino General, lembrando-se do que havia dito o Sr. Unicórnio a respeito dos caçadores de escalpos — com certeza é uma oportunidade caída do céu para que eu mostre a minha tempera. Essa gente deve ter vindo para buscar proteção do meu regimento contra os inimigos. Regimento! Em guarda! — comandou, subindo para uma pirâmide de blocos alfabeticos.

Olhando para onde todos estavam olhando, o Pequenino General viu não uma terrível hoste de guerreiros pintados, mas um grande trator e um reboque arrastando um gigantesco pinheiro para a Praça Central.

— Oh, é uma Árvore de Natal! — murmurou. — A maior e a mais verde, a mais bonita que já vi.

Tarde da noite, quando o regimento e toda a cidade dormiam, o Pequenino General dirigiu-se

furtivamente para a porta da loja e foi até a praça coberta de neve, para ver de perto aquél simbolo de Natal. Nunca vira antes coisa tão grande — e nunca se sentira tão pequenino. Caminhando a longas passadas — 48 por metro — gastou quase 45 minutos para dar a volta ao enorme tronco.

Encostando-se à árvore, para recuperar o fôlego antes de voltar à loja de brinquedos, ouviu o sino da torre dar três sonolentas batidas. Então, de algum ponto do outro lado do tronco, ouviu também as vozes de dois homens.

— Pois é assim que vamos fazer — dizia a primeira voz. — Estacionamos o nosso carro bem em frente do banco. E depois, logo que der as oito horas da noite de Natal, nós rebentamos a fechadura da porta do banco, entramos e limpamos o cofre.

— Mas o banco fica aqui, bem na frente da Praça Central — disse a segunda voz. — E a polícia?

— Não se incomode com a polícia — gargalhou a primeira voz. — Às oito horas, tudo estará preparado para que o Prefeito vire o botão que acenderá as luzes da árvore. Então, todo mundo, inclusive os tiras, estará cantando coisas de Natal. Com todo mundo olhando para a árvore, quem é que vai perceber que estaremos assaltando o banco?

— Parece muito certo — disse a segunda voz, sumindo na distância.

— Ora, vejam só! — exclamou o Pequeno General, correndo para a loja de brinquedos. — Fazendo planos para tirar em vez de dar, logo na maravilhosa noite de Natal! Tenho de dar um jeito de impedir que realizem esse maluco!

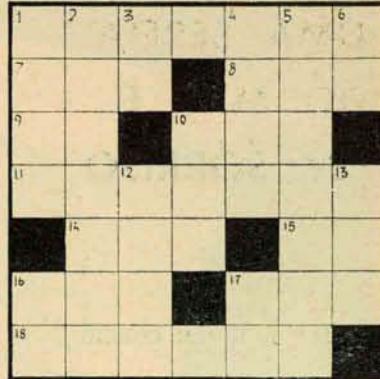
Passou o resto da noite e todo o dia seguinte compondo uma carta de advertência ao Prefeito. Depois, quando a escuridão chegou e a loja foi fechada, começou a longa tarefa de rabiscar sua composição, no gelo que se acumulava na vitrina, com a ponta da espada.

Terminou a última palavra quando já raiava a madrugada, e saiu às pressas da vitrina, para examinar a sua obra do lado da rua. Depois de uma olhadela, sentou-se num fósforo queimado e chorou lágrimas amargas. Do lado da rua, todas as palavras que havia escrito apareciam de trás para diante! Teria de fazer tudo de novo — e de trás para diante, para que do lado de fora fosse lido corretamente.

(Continua na pag. 90)

PALAVRAS CRUZADAS

ERNESTO ROSA NETO

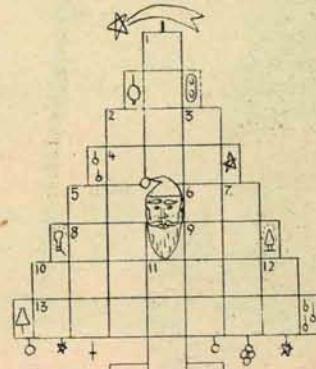


VETERANOS

HORIZONTAIS: 1 — Em que há incoordenação patológica dos movimentos do corpo. 7 — Apologia. 8 — Grande porção. 9 — Rio da Sibéria. 10 — A família. 11 — Semideus que, segundo os pagãos, tinha pés e pernas de bode e habitava as florestas. 14 — Concede. 15 — Articulação das falanges dos dedos. 16 — Deus dos pastores. 17 — Forma apocopada de vale. 18 — Diz-se do cavalo que tem côr branco-amarelada.

VERTICAIS: 1 — (Naut.) Para barlavento (pl.). 2 — Conquistas. 3 — Rio da França. 4 — Irritar. 5 — (Anat.) Osso frontal. 6 — Sufixo agente. 10 — Mulher de Jacó. 12 — Barco de transporte nos rios de Goa. 13 — Padrão monetário do Peru. 16 — Letra grega. 17 — Olha.

NOVATOS



HORIZONTAIS: 2 — Olhar. 4 — Interj. exprime saudação. 5 — Símbolo do alumínio. 6 — Antiga nota musical. 8 — Enxerguei. 9 — Ama-sêca. 10 — Abrira e Ponteara casas para os botões. 13 — Contentamento.

VERTICAIS: 1 — Velho, de barbas brancas. 2 — Mala de mão. 3 — Furtar. 5 — Caução. 7 — Licor alcoólico, produto da fermentação do suco de várias palmeiras. 10 — Aqui. 12 — Pequeno rio da França.

SOLUÇÕES ANTERIORES

VETERANOS — Horizontais: Galopar — Abese — It — Ras — Lema — Astral — Garoar — Etal — Aca — Ma — Airar — Sorrraba. Verticais: Garagem — Aba — Lesara — Os — Pelta — Rima — Talhará — Errara — Solar — Etas — Cab — Ir.

NOVATOS — Horizontais: Asa — Aca — Tom — Par — Emérito — Nós — Epirota — Foz — Aia — Era — Mor.

Verticais: Até — Som — Ameniza — Apisoam — Cat — Aro — Ror — Efe — Por — Tio — Aar.

UM GARÔTO, UMA SEREIA DO MAR E UM SORRISO

NALY BURNIER COELHO



O sorriso radioso de Miriam Lúcia Chagas Bicalho é mensagem de segurança, de apoio para Edson Tabelini. A jovem o guia, ao atravessar a rua.

QUANDO perguntei a Edson Tabelini e a Ari Francisco Pires por que não vinham sózinhos de casa para o trabalho, sorriram contrafeitos e embarracoso silêncio se seguiu.

Afinal, explicaram-se: há complicações, com relação ao trânsito, na travessia das ruas mais movimentadas, sem guia.

— Hoje em dia já não se pode mais dar-se ao luxo de se pagar um guia, a senhora sabe.

E o problema se me apresentou na realidade: duas ou três pessoas que se recusam a conduzi-lo, ao atravessar uma rua, e o jovem cego, tímido, não tenta, de novo, enfrentar o turbilhão do trânsito. Claro. Nós, mineiros, nos perdemos em nossa incrível timidez, que se transforma em egoísmo. Não temos coragem de estender a mão que daria felicidade a alguém. Muitas vezes nem nos lembramos desse gesto. De outras, o acanhamento nos tolhe.

Há exceções, por certo: há os alunos da Faculdade de Filosofia, do Colégio Municipal e de outros estabelecimentos de ensino, que acompanham até a casa seu colega cego, após as aulas. Há os professores e alguns alunos do Instituto São Rafael, que andam sózinhos pela cidade. Mas não são muitos os que têm essa coragem. E muito menor é o número dos que se lembram de oferecer tão valioso auxílio.

A mente acudiram-me cenas a que assisti, no Rio ou em São Paulo: nenhum cego espera que o conduzam; não há necessidade de solicitar auxílio. É só deter-se, à margem da calçada, que mão gentil os conduz para o outro lado.

A propósito, lembro fatos interessantes, ocorridos com alguns professores cegos:

Encontrava-se um deles, certa vez, na Praia do Botafogo. Pretendia dirigir-se ao Hospital São João Batista, a uns quinhentos metros daquele local, quando foi abordado, inopinadamente, por um garoto, que brincava por ali.

— Para onde vai o Sr.?

— Rua da Passagem.

— Pois vou levá-lo.

E, sem mais nem menos, ágil mãozinha se insinuou por sob o braço do mestre e o conduziu, através do movimento trânsito daquele trecho, até o Hospital, cinco quadras além. Pareceu-lhe tratar-se de um menino nos seus dez anos de idade, estudante, por certo. A chegada, o professor agradeceu-lhe e tentou gratificá-lo. O garoto recusou, com firmeza, e indagou:

— Demora-se af?

— Não. Meia hora. Adeus.

Despediram-se. Até então, nada de extraordinário. O fato de alguém se oferecer, assim, para guiar um cego, no Rio de Janeiro, não é estranho. Entanto, ao sair do hospital uma surpresa aguardava o professor: a mesma mãozinha indiscreta se lhe dependurou ao braço.

— Olá! Ainda por aqui, pequeno?

— Sim. Como é que haveria de levá-lo de volta?

E lá se foram ambos, só se afastando a criança quando deixou o mestre calmamente instalado no banco de que o deixaria em casa.

Já outro professor se quedava hesitante, à beira da calçada, em Copacabana, certa manhã de verão. Sabem o que é atravessar a Avenida Atlântica, em Copacabana? Principalmente pela manhã, à hora do banho de mar, em que os «playboys» resolvem demonstrar toda a potência do motor de seus carros, provocando os pobres dos ônibus e dos caminhões, cuja dignidade não lhes permite ceder o lugar? — Agüente-se quem puder! é a lei, já que os sinais de trânsito são distantes uns dos outros e os minutos escassos para o pedestre atarrantado.

Dai a hesitação do professor. Eis que uma voz juvenil lhe chama a atenção:

— Escute, quer atravessar a rua?

— Sim, estou à espera do sinal de trânsito.

— Ah! então vai esperar até amanhã. O senhor sabe correr?

Estranha pergunta, a desafiar o mestre.

— Claro que sei.

— Pois então segure-se.

E uma delicada mão feminina, molhada de água do mar, segurou a sua. Dispararam ambos pela rua, até atingir o outro lado, antes que se fechasse o sinal para o pedestre. Quando o professor se voltou, para agradecer, já uma voz brejeira lhe dizia adeus, por entre o ruído dos carros. A mocinha, a correr, voltava para o mar. Ficou-lhe no pensamento a visão de uma sereia irreal, que Netuno enviara a acudir-lhe.

Mas todos os deuses do Olimpo andam soltos pelas ruas do Rio e de São Paulo. Assumem todas as formas humanas e mágicamente guiam o cego nos locais de mais difícil trânsito. Tentemos trazê-los para nós.

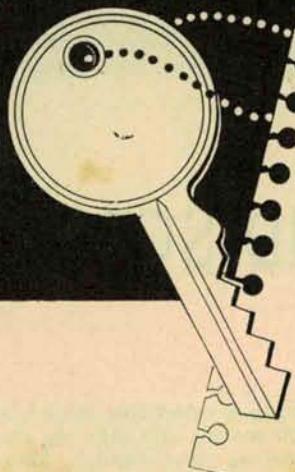
Não é alentador o fato de se encontrar jovens cegos, como esses ex-alunos do Instituto São Rafael, lutando tenazmente pela vida, a fim de subsistir com os recursos de seu próprio trabalho? Não devemos ajudá-los nesse esforço por se tornarem independentes? Já o Serviço Estadual do Trânsito lhes oferece apoio integral e os motoristas lhes dão passagem com simpatia e compreensão.

Vamos ao sorriso que ilumina estas páginas: por entre o torvelinho inquietante que é o trânsito na Praça Sete, no encontro da Avenida Afonso Pena com Rua Carijós, surge a figura radiosa de Miriam Lúcia Chagas Bicalho. Ela a guiar o cego, com suavidade e dedicação. Por que não imitá-la? A bengala branca distingue o cego. Ele quer ser independente. Mas talvez hesite, talvez seja tímido.

— Vamos oferecer-nos para ajudá-lo a atravessar a rua?

A EMPREZA COMERCIAL DE INVESTIMENTOS S.A.

**INCORPOROU,
VENDEU,
CONSTRUIU,
FINANCIOU:**



EDIFÍCIOS

- EDIFÍCIO RAIMUNDO CORRÉA — Rua Raimundo Corrêa, 92
- EDIFÍCIO BUENOS AIRES — Buenos Aires, 301
- EDIFÍCIO CORRÉA DOLABELLA — Rua Ceará, 786 Avenida Carandai, 576
- EDIFÍCIO SALLES ANDRADE — Rua Gonçalves Dias, 395 e Getúlio Vargas, 420
- EDIFÍCIO CRISTINA — Rua Cristina, 256
- EDIFÍCIO MOURA CHAGAS — Rua Pium-í, 870
- EDIFÍCIO CEARÁ — Rua Ceará, 1116
- EDIFÍCIO SION — Rua Chicago, 275
- EDIFÍCIO PALMIRA — Rua Pirapetinga, 15
- EDIFÍCIO RIO NOVO — Rua Diamantina, 645
- EDIFÍCIO NOVO RIO — Rua Diamantina, 665
- EDIFÍCIO PAULO AFONSO — Rua Paulo Afonso, 92
- EDIFÍCIO IBÁ — Rua Maria Inês, 7
- EDIFÍCIO BRANDÃO — Rua Rio Doce, 196
- EDIFÍCIO AMÉRICO BAHIA — Rua Turfa, 1109

**E MAIS 18 RESIDÊNCIAS EM
VARIOS BAIRROS DA CIDADE**

Lançamentos em fase adiantada de construção:

EDIFÍCIO BANDEIRANTE
RUA HOLANDA LIMA — BARROCA

Apartamentos com sala, copa, 2 ou 3 quartos, cozinha, banheiro completo, área de serviço, quarto e instalações para criada, área para estacionamento de automóveis.

EDIFÍCIO HENRIQUETA NEVES
RUA CEARÁ, 721

Apartamentos com sala, copa, 2 ou 3 quartos, cozinha, banheiro completo, área de serviço, quarto e instalações para criada, área para estacionamento de automóveis.

EDIFÍCIO MATOS — RUA GRÃO MOGOL, 367
Apartamentos com sala, copa, 2 ou 3 quartos, cozinha, banheiro completo, área de serviço, quarto e instalações para criada, área para estacionamento de automóveis.

OFERECENDO SEMPRE ESTAS VANTAGENS :

- Preço fixo sem reajustamento
- 50% facilitado durante a obra
- 50% em 10 anos pela Tabela Price
- Prazo certo de entrega
- Acabamento de primeira
- Fachadas em pastilha

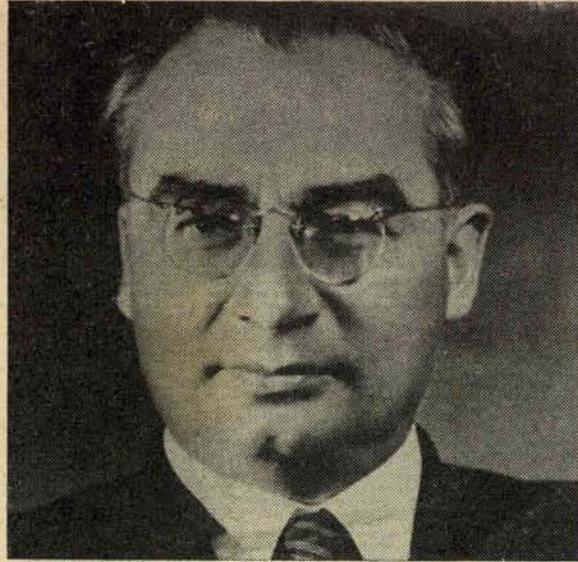
**CAPITAL E RESERVAS:
21.823.425,80**

DIRETORIA

DR. SYLVIO FERREIRA MALTA — Presidente
ALBERTO CARLOS DE FREITAS RAMOS — Diretor
PAULO DE MENEZES — Diretor
DR. FERNANDO SOARES FERREIRA MALTA — Diretor

EMPREZA COMERCIAL DE INVESTIMENTOS S.A.

Edifício Acaíaca, Av. Afonso Pena, 867 — 7º andar — Conjunto 715/16/17 — Telefone: 4-9034
BELO HORIZONTE



O PAI DOS SATÉLITES ARTIFICIAIS —
A fotografia mostra o cientista soviético
Leônidas Ivanovitch Sedov, chefe de todos os projetos
espaciais russos. Sedov nasceu em 1907
e se tornou professor aos 30 anos.
Em 1947 entrou para o Instituto de Motores Aéreos
de Moscou, de onde foi transferido
para assumir a direção do grupo de cientistas e
técnicos que realizaram os "Sputniks" e os "Lunik".

O ÓLHO INDISCRETO DO

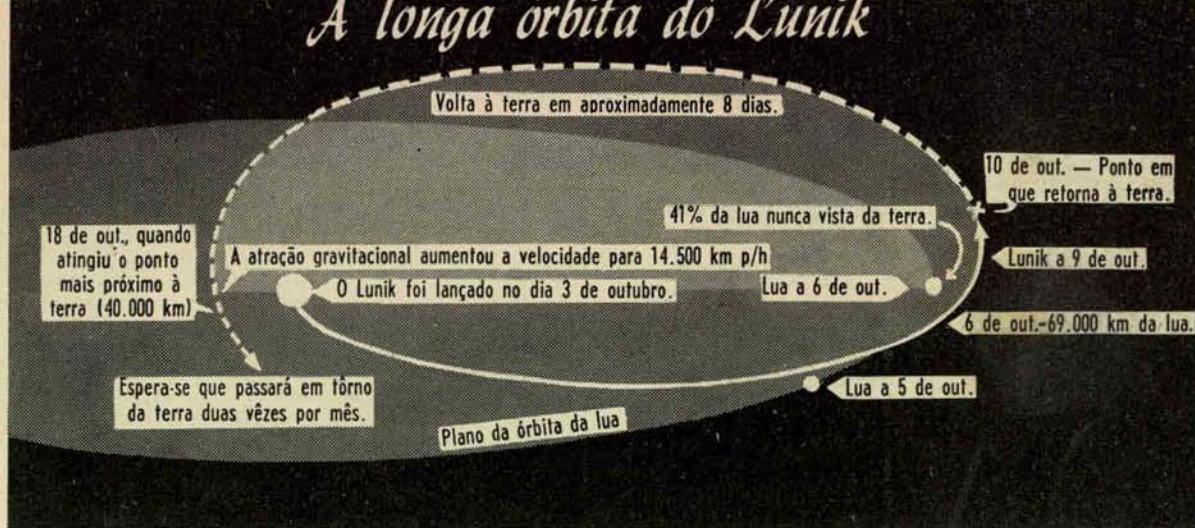
Nos primeiros dias da criação, a Lua girava velozmente em torno da Terra e zumbia como um pião em torno de seu eixo, não negando nenhuma de suas faces à observação terrestre. Todavia, devido à atuação das forças gravitacionais, sua velocidade de rotação foi diminuindo pouco a pouco até o ponto em que passou a mostrar à terra apenas um de seus hemisférios. Mas, no dia 6 de outubro de 1959, séculos e séculos após a criação de nosso universo, um olho mecânico lançado da Terra viu, para nós, a face que a Lua nos proibia. Daqui a uns lustros, certamente, os escolares de todo o mundo estarão decorando, ao lado das datas das Grandes Descobertas do século 16, as datas das Grandes Descobertas de nosso século, entre as quais uma das mais relevantes é a que marca o dia em que o hemisfério proibido da Lua deixou de ser segredo para nós.

Para amargor ou não dos norte-americanos, o Lunik III, que significa um prodígio extraordinário de técnica e precisão, veio confirmar a dianteira que os russos têm sobre eles no campo da astronautica. Mas vejamos porque o Lunik III é assim um «prodígio extraordinário». Sabe-se que um corpo lançado a 7,9 quilômetros por segundo consegue vencer a atração exercida pela Terra e se tornar um satélite artificial da Terra, um «sputnik». Para que se consiga lançar um corpo até a lua é preciso que se lhe imprima uma velocidade inicial de 11,1 quilômetros por segundo. A maior dificuldade não foi conseguir um foguete de tamanha potência, embora só isso tenha sido uma façanha excepcional. O grande problema não foi conseguir esta velocidade, foi manter o foguete constantemente nesta velocidade. Modificações mínimas desviam o foguete da rota fixada. Assim, o Lunik I e o Pioneiro IV ultrapassaram a Lua e se tornaram satélites artificiais

do sol, porque a velocidade inicial sofreu um acréscimo de 100 metros por segundo (foram lançados a 11,2 quilômetros por segundo). Mas, qual é a razão por que é tão difícil assim manter o foguete na velocidade preestabelecida? A dificuldade consiste em que a camada atmosférica terrestre não tem uma densidade constante e está continuamente sendo varrida por correntes de ar que se deslocam em grande velocidade, podendo chegar a muitas centenas de quilômetros por hora. Assim, o foguete está sendo continuamente desviado de sua rota e tendo sua velocidade aumentada ou diminuída. Mil físicos e matemáticos do porte de Einstein não fariam com a presteza exigida os cálculos necessários para se verificar o desvio provocado e a aceleração adequada para corrigi-lo. Na verdade, esta façanha só foi levada a cabo com o trabalho de um fabuloso cérebro eletrônico situado na estação controladora em Leningrado.

Os lançamentos dos Luniks têm sido sincronizados com os interesses internacionais da União Soviética. O Lunik I foi lançado um dia antes da viagem de Mikoyan aos Estados Unidos. Da mesma maneira, a viagem de Khruchtchev foi precedida pelo lançamento do Lunik II, que desceu na superfície lunar. O mundo tinha ainda sua atenção presa às conclusões, referentes à guerra fria, a que Eisenhower e Khruchtchev haviam chegado em suas conversações de Camp David. A Rússia, um tanto relutantemente seguida pelos Estados Unidos, passava de propagandista da paz mundial e, ao mesmo tempo, para reforçar seus argumentos, achava conveniente arregaçar as mangas e exibir o muque poderoso. Naturalmente o mundo ficou um tanto surpreendido pela notícia do lançamento de um foguete lunar que contornaria a lua e que poderia fotogra-

A longa órbita do Lunik



LUNIQUE III

far sua fase oculta. E também, como era de esperar, a Bôlsa de Nova Iorque sofreu ligeiro abalo (coisa a que já está acostumada).

Vejamos agora como as fotos foram tomadas. Quando o satélite soviético passava pela Lua, a uma distância de aproximadamente 6.900 quilômetros, foi atraído por ela e impedido, assim, de continuar sua viagem pelo espaço a fora. Mas o puxão não foi muito forte e o Lunik avançou ainda uns 108 mil quilômetros além da órbita da Lua antes de virar e iniciar sua viagem de volta à Terra. A Lua já tinha se afastado e o satélite voltaria à influência da gravitação terrestre.

Muito mais difícil seria a tomada das fotos. Quando os russos as divulgaram, o mundo percebeu a enorme complicaçāo dos mecanismos do satélite e as enormes dificuldades para sua perfeita obtenção. Quando o Lunik III passava a 6.900 quilômetros do hemisfério sul da Lua, a gravitação lunar atraiu-o, puxando-o do sul para o norte e enviando-o assim para o lado oculto. E, ao aproximar-se de um ponto predeterminado entre a Lua e o Sol, um sinal eletrônico da Terra ligou seus mecanismos automáticos. O satélite girava como um pião (a fim de conseguir estabilidade direcional) com uma de suas extremidades apontando para um ponto aproximado do Sol. A primeira coisa que o mecanismo orientador fez foi cessar o movimento de rotação por meio de pequenas ejaculações de gás. Os aparelhos óticos, situados na extremidade voltada para o Sol fizeram com que o mecanismo apontasse mais diretamente para o Sol. Isso orientou a outra extremidade do satélite ligeiramente em direção à Lua. Então, o primeiro aparelho ótico deixou de atuar, sendo substituído por um segundo aparelho que centralizou o eixo do Lunik exatamente no

disco da lua e o conservou nesta posição. Abriu-se então uma portinhola expondo as lentes de duas câmaras.

Dado um sinal da Terra, as duas câmaras começaram a tirar fotos num filme de 35 mm que tinha sido cuidadosamente protegido contra o efeito embaciante dos raios cósmicos. Variou-se automaticamente a exposição a fim de se conseguir alguns negativos bem contrastados. O filme foi depois passado para um aparelho revelador, que tinha sido especialmente projetado para trabalhar sob condições em que a gravidade não se fizesse sentir. Grande parte desta operação foi realizada automaticamente, mas algumas marcas colocados no filme possibilitaram aos cientistas soviéticos o controle da tomada das fotos e do processo de revelação.

As fotos começaram a ser transmitidas quando o Lunik III se aproximou do hemisfério norte da Terra, tendo sido usado um sistema vagaroso quando ainda estava a grande distância e outro mais rápido quando estava mais próximo e seus sinais eram mais fáceis de se receber. A transmissão foi feita por uma espécie de TV que transmitia as fotos linha por linha, traduzindo suas nuances de claroscuro em sinais de rádio. Podia-se variar o número de linhas, de modo a se obter graus diferentes de definição. O máximo era de mil linhas por fotografia, o que proporciona uma definição duas vezes melhor do que a de nossas telas de televisão.

As fotografias liberadas pelos russos foram tiradas com o Sol a pino, batendo de chapa contra o disco lunar, mas estão muito embaciadas. Mesmo assim, são excepcionais, tomando-se em consideração os enormes obstáculos a serem vencidos. Todavia, muitos leigos ficaram decepcionados. Com a imaginação alimentada por romances de ficção científica, não esperavam que o lado oculto fosse tão semelhante ao lado conhecido. Para os cientistas, contudo, são estranhamente dissimilares. A principal diferença é a relativa ausência, na face oculta, de grandes «mares». Ao maior dos poucos mares existentes nesse lado foi dado pelos russos o nome de Mar dos Sonhos. Tal característica certamente será, durante muitos anos, objeto de especulação por parte dos cientistas, já tendo aparecido, mesmo, algumas hipóteses explicativas. Referindo-se a isto, durante uma entrevista, o astrônomo soviético Mikhailov advertiu do perigo de se



O melhor!

CAFÉ MINAS GERAIS

em todos
os armazéns

PACOTES DE
5, 1, 1/2 e 1/4
DE QUILO

Rua Aquiles Lôbo, 564
Fone: 2-3004 — B. Horizonte

Distinção e originalidade

Ofereça o presente que fará o seu nome lembrado durante todo o ano. Ofereça uma assinatura de

ALTEROSA

O presente que chega 24 vezes



FERRO - CHAPAS
CIMENTO - TUBOS

CASA LUNARDI

Lunardi Filhos Ltda.

Rua Curitiba, 137 — Fones:
2-2118 e 2-7660.
Belo Horizonte

FUNDADA EM 1889

chegar apressadamente a conclusões. Disse ele que várias circunstâncias poderiam explicar a diferença. E fêz ele próprio sua contribuição ao número das hipóteses, citando entre as possíveis circunstâncias explicativas o fato de que o lado conhecido sofre mais atração da terra do que o outro lado. Isto poderia provocar o maior enrugamento de sua superfície.

Os russos ficaram extasiados com o sucesso de seu satélite e meteram mão à obra de escrutar os segredos revelados, começando por dar nomes aos acidentes geográficos (ou «lunográficos?») da Lua. Firmados no privilégio que possuem os descobridores de tais acidentes parece que os norte-americanos terão de aturar para o resto da vida nomes soviéticos nos principais acidentes lunares. Assim como a Cratera de Lomonosov, a Cratera de Tsiolkovski, o Mar de Moscou... Mas digamos em seu favor que os estrangeiros não foram inteiramente esquecidos e assim temos, por exemplo, uma Cratera de Joliot Curie.

Ainda sob o efeito de tal entusiasmo, declarou orgulhoso e confiante o presidente da Academia Soviética de Ciências, Alexandre Nesmeianov:

— A penetração no espaço exterior não cessará. A nossa frente estão vôos de homens pelo espaço, vôos de foguetes para Marte e Vênus... Depois virá o estudo destes planetas, sua conquista e povoamento.

☆ ☆ ☆

De Intérprete de Shakespeare...

Conclusão da pag. 120

xando de oferecer uma performance de primeira linha. Diz ele que fazer filme em Hollywood é muito mais fácil que na Europa.

— Uma cena que levaria uma semana na Europa — acrescenta — pode ser concluída aqui em questão de horas!

— Depende do senso de perfeição que o diretor possua — salientamos, tendo em mente certos diretores que não se dão por satisfeitos facilmente.

Mas a entrevista chega a seu término e Louis Serrano despede a turma gentilmente. Na saída, apertamos a mão do ator, que nos pergunta:

— E você, de onde é mesmo?

— Do Brasil — dissemos, com orgulho, observando o seu sorriso largo e espontâneo.

— Boa terra! Envie-lhe minhas saudações.

☆ ☆ ☆

NOVIDADE

Interessantes experiências levadas a efeito no centro de pesquisas do Departamento de Agricultura de Beltsville, em Maryland (E.U.A.), mostraram que, aumentando ou diminuindo o número de horas de escuridão em cada dia, as plantas podem desenvolver-se mais depressa em menos tempo.

Conquanto ainda não se conheça tudo a respeito dessa nova técnica, sabe-se que está provado ser bastante benéfica, pois, graças a ela, os norte-americanos acreditam que podem comprar crisântemos em qualquer época do ano, ao invés de só sómente durante o outono, ocasião em que florescem naturalmente. E isso porque os campos onde se cultivam essas flores, situados na Flórida e na Califórnia, agora estão sendo iluminados artificialmente, para prolongar mais a estação do florescimento.

Cultivadores de cana-de-açúcar no Havaí ministram às suas plantas pequenas doses de luz artificial no meio da noite, durante o outono, fazendo com que as hastes doces cresçam mais.



O melhor!

CAFÉ MINAS GERAIS

em todos
os armazéns

PACOTES DE
5, 1, 1/2 e 1/4
DE QUILO.

Rua Aquiles Lôbo, 564
Fone: 2-3004 - B. Horizonte

Distinção e originalidade

Ofereça o presente que fará o seu nome lembrado durante todo o ano. Ofereça uma assinatura de

ALTEROSA

O presente que chega 24 vezes



FERRO - CHAPAS
CIMENTO - TUBOS

CASA LUNARDI

Lunardi Filhos Ltda.

Rua Curitiba, 137 — Fones:
2-2118 e 2-7660.
Belo Horizonte

FUNDADA EM 1889

chegar apressadamente a conclusões. Disse ele que várias circunstâncias poderiam explicar a diferença. E fêz ele próprio sua contribuição ao número das hipóteses, citando entre as possíveis circunstâncias explicativas o fato de que o lado conhecido sofre mais atração da terra do que o outro lado. Isto poderia provocar o maior enrugamento de sua superfície.

Os russos ficaram extasiados com o sucesso de seu satélite e meteram mão à obra de escrutar os segredos revelados, começando por dar nomes aos acidentes geográficos (ou «lunográficos?») da Lua. Firmados no privilégio que possuem os descobridores de tais acidentes parece que os norte-americanos terão de aturar para o resto da vida nomes soviéticos nos principais acidentes lunares. Assim como a Cratera de Lomonosov, a Cratera de Tsiolkovski, o Mar de Moscou... Mas digamos em seu favor que os estrangeiros não foram inteiramente esquecidos e assim temos, por exemplo, uma Cratera de Joliot Curie.

Ainda sob o efeito de tal entusiasmo, declarou orgulhoso e confiante o presidente da Academia Soviética de Ciências, Alexandre Nesmeianov:

— A penetração no espaço exterior não cessará. A nossa frente estão vôos de homens pelo espaço, vôos de foguetes para Marte e Vênus... Depois virá o estudo destes planetas, sua conquista e povoamento.

☆ ☆ ☆

De Intérprete de Shakespeare...

Conclusão da pag. 120

xando de oferecer uma performance de primeira linha. Diz ele que fazer filme em Hollywood é muito mais fácil que na Europa.

— Uma cena que levaria uma semana na Europa — acrescenta — pode ser concluída aqui em questão de horas!

— Depende do senso de perfeição que o diretor possua — salientamos, tendo em mente certos diretores que não se dão por satisfeitos facilmente.

Mas a entrevista chega a seu término e Louis Serrano despede a turma gentilmente. Na saída, apertamos a mão do ator, que nos pergunta:

— E você, de onde é mesmo?
— Do Brasil — dissemos, com orgulho, observando o seu sorriso largo e espontâneo.

— Boa terra! Envie-lhe minhas saudações.

☆ ☆ ☆

NOVIDADE

Interessantes experiências levadas a efeito no centro de pesquisas do Departamento de Agricultura de Beltsville, em Maryland (E.U.A.), mostraram que, aumentando ou diminuindo o número de horas de escuridão em cada dia, as plantas podem desenvolver-se mais depressa em menos tempo.

Conquanto ainda não se conheça tudo a respeito dessa nova técnica, sabe-se que está provado ser bastante benéfica, pois, graças a ela, os norte-americanos acreditam que podem comprar crisântemos em qualquer época do ano, ao invés de só serem duramente o outono, ocasião em que florescem naturalmente. E isso porque os campos onde se cultivam essas flores, situados na Flórida e na Califórnia, agora estão sendo iluminados artificialmente, para prolongar mais a estação do florescimento.

Cultivadores de cana-de-açúcar no Havaí ministram às suas plantas pequenas doses de luz artificial no meio da noite, durante o outono, fazendo com que as hastes doces cresçam mais.



MAIS PERFUME...
MAIS ESPUMA...
MAIS BELEZA
PARA VOCÊ!

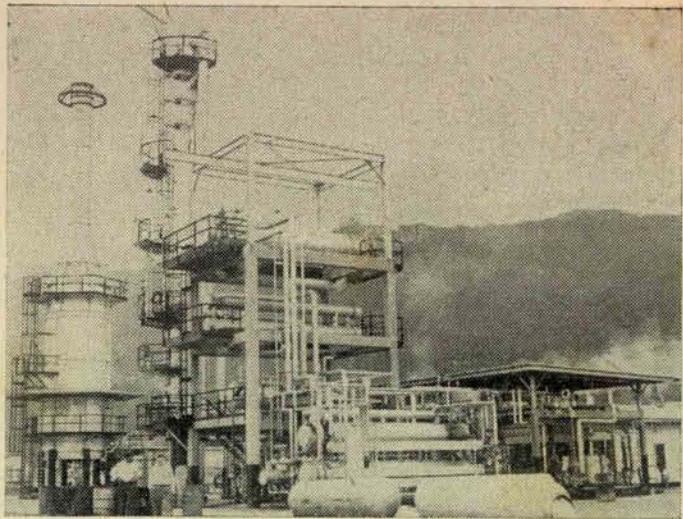
Há uma nova beleza para você na espuma e no perfume do SABONETE GESSY. A delicada fragrância que fica em você após o banho com GESSY é uma combinação das mais finas essências — e a espuma, cremosa, torna sua pele aveludada... num verdadeiro tratamento de beleza! Experimente o perfumado, durável e econômico



SABONETE

Gessy

O QUE OS BRASILEIROS DEVEM SABER SÔBRE A PETROBRÁS



Vista da fábrica de asfalto construída pela PETROBRÁS em Cubatão, São Paulo. Graças a esse empreendimento, o Brasil se libertou da importação daquele produto.

OUANDO a PETROBRÁS, há pouco mais de cinco anos, iniciou suas atividades, as reservas recuperáveis de petróleo do Recôncavo Baiano eram de cerca de 50 milhões de barris; hoje, são superiores a 500 milhões de barris, constituindo um patrimônio de cerca de 1 bilhão e 700 milhões de dólares.

* * *

A produção brasileira de petróleo, depois da instituição do monopólio estatal, tem-se expandido na seguinte escala:

1954	992.409 barris
1955	2.021.900 >
1956	4.058.704 >
1957	10.106.269 >
1958	18.922.738 >

A estimativa para o corrente ano é de 25 milhões de barris.

* * *

O número de sondas em operação no País cresceu, de maneira expressiva, de 1954 em diante. Tendo sido de 20, naquele ano, passou para 54 em junho de 1959.

As atividades da PETROBRÁS no setor da exploração cobrem todas as bacias sedimentares do Brasil, cuja extensão total atinge cerca de 3 milhões de quilômetros quadrados. Em 30 de junho de 1959, achavam-se em operação no País 38 equipes de pesquisa, das quais 11 de geologia e 27 de geofísica. Em 1954, quando teve início a execução do monopólio estatal do petróleo havia em atividade 15 equipes, sendo 7 de geologia e 8 de geofísica.

* * *

De 1939, quando ocorreu a descoberta de petróleo em Lobato, na Bahia, até 30 de junho do corrente ano, haviam sido perfurados, em todo o País, 940.094 metros, entre poços pioneiros, estratigráficos e de desenvolvimento de campos produtivos. Desses total 606.806 metros representam a contribuição da PETROBRÁS. Assim, no últimos cinco anos, as perfurações procedidas no Brasil corresponderam praticamente ao dôbro das realizadas em mais de 15 anos, cujo total atingiu 333.288 metros.

* * *

Até há pouco tempo, em matéria de derivados de petróleo, o Brasil importava tudo. Hoje, o País caminha a passos largos para a autosuficiência no setor da refinação. Acham-se na fase final as obras de ampliação da Refinaria Landulpho Alves, em Mataripe (Bahia), que a capacitarão a operar 52.000 barris diários de petróleo. A Refinaria Presidente Bernardes, em Cubatão (São Paulo), terá, a partir de maio de 1960, sua capacidade de processamento de óleo bruto elevada para 110.000 barris diários. Entram em ritmo acelerado os trabalhos de construção da Refinaria Duque de Caxias, no município do mesmo nome, no Estado do Rio, cuja operação diária será de 90.000 barris.

A PETROBRÁS construiu em Cubatão uma fábrica de asfalto com capacidade para atender às exigências do consumo desse produto no País. Uma fábrica de fertilizantes nitrogenados, também localizada em Cubatão, foi construída pela PETROBRÁS com o objetivo de libertar o Brasil da onerosa importação de adubos para a lavoura.

* * *

A PETROBRÁS tem encarado com realismo o problema do preparo de pessoal especializado, tanto de nível médio quanto de grau superior, para a indústria nacional do petróleo. Quatro são, no momento, os cursos de pós-graduação mantidos pela empresa, com tal finalidade, a saber: Curso de Refinação de Petróleo — Rio de Janeiro — Para engenheiros, químicos-industriais e bacharéis em química pelas Faculdades de Filosofia; Curso de Geologia do Petróleo — Salvador — Para engenheiros, químicos e bacharéis em história natural pelas Faculdades de Filosofia; Curso de Perfuração e Produção de Petróleo — Salvador — Para engenheiros; Curso de Manutenção de Equipamentos de Petróleo — Mataripe (Refinaria Landulpho Alves) — Para engenheiros mecânicos e eletrotécnicos.

Em 1956, o expoente de cargo da Frota Nacional de Petroleiros era de cerca de 224.000 toneladas; hoje, é de 303.639 toneladas. O Japão está construindo para a PETROBRÁS 3 superpetroleiros de 33.000 toneladas. A Holanda está ultimando uma encomenda de 4 navios desse tipo, 2 dos quais foram já entregues. E a Dinamarca constrói para a PETROBRÁS 6 petroleiros de 10.000 toneladas. Vale dizer: até 1961, a Frota Nacional de Petroleiros receberá um reforço da ordem de 200.000 toneladas.

Em 1954, o capital da PETROBRÁS era de 4 bilhões de cruzeiros; atualmente, é quatro vezes maior.

Expressiva tem sido a contribuição da PETROBRÁS ao desafogo do orçamento cambial do País. Em 1955, primeiro ano de atividade plena da indústria nacional do petróleo, sob a égide do monopólio estatal, a poupança de divisas decorrentes das atividades da empresa foi de 33 milhões de dólares. No ano passado, essa poupança elevou-se a 125 milhões de dólares.

* * *

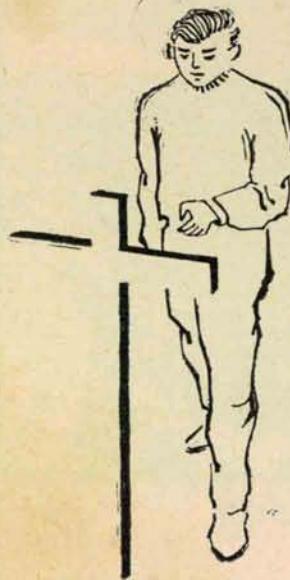
Em 1958, cerca de 80% dos recursos líquidos utilizados pela PETROBRÁS para a realização dos seus programas foram gerados por suas próprias atividades operacionais. Em outras palavras: o saldo de suas operações industriais representou, no ano passado — como, aliás, continua a representar — a parcela mais elevada dos recursos com que a empresa conta para financiar seus investimentos (fundos previstos em lei, lucros não distribuídos, dividendos reinvestidos, etc.).

A PETROBRÁS está construindo, em Caxias, no Estado do Rio, uma fábrica de borracha sintética, cuja capacidade de produção é estimada em 40.000 toneladas anuais.

O mercado nacional de borracha, que se encontra em dificuldades com a escassez do produto natural, terá, assim, dentro em breve, assegurada a plenitude de suas necessidades graças a essa importante iniciativa da PETROBRÁS.

☆ ☆ ☆

NATAL E SUPERSTIÇÕES



Ào lado dos numerosos costumes tocantes, que o Natal sugere, aparecem também verdadeiras superstições, que nada têm de cristãs e que em alguns casos, chegam até a deturpar o sentido sagrado do Advento de Cristo. Entretanto, elas não deixam de ser curiosas e muitas delas continuam de tal modo arraigadas no conceito do povo, que vão passando de geração a geração, sempre muito respeitadas!

Em muitos lugares, por exemplo, acredita-se que as moças que, na noite de Natal, à meia-noite, se olharem num espelho grande, verão a imagem do seu futuro espôs. Em alguns países, é proibido assar o pão no período compreendido entre o Natal e a Circuncisão, acreditando-se que a pessoa que transgredir essa ordem chorará, durante o ano seguinte, a morte de um dos habitantes de sua casa.

Na Bretanha, o povo colocava uma cintura de palha nas árvores frutíferas, no dia 24 de dezembro, crendo que isso lhes pudesse assegurar uma boa colheita de frutos no ano seguinte. Se um homem ousasse penetrar no ossário do cemitério, durante a missa de meia-noite, ouviria do último sepultado o nome de todas as pessoas destinadas a morrer no próximo ano e, se, à mesma hora, ele fosse ao estábulo, ouviria a conversa dos animais, capazes de predizer a sua morte.

Na Borgonha, a noite de Natal era a ocasião de verdadeiras cenas de adivinhação. Os homens recolhiam ramos de buxa e colocavam as folhas diante da lareira. Lógicamente, sob o efeito do calor, algumas se enegreciam, enquanto que outras se fechavam sobre si mesmas. O povo acreditava que as folhas fechadas traziam a resposta às diversas perguntas que formulavam.

Mas a verdade é que, quando tais usos e costumes desaparecem, não é a fé que está em jogo, mas sim a superstição, que é a sua caricatura.

NOVO!



A última
palavra em
desinfetante

- a) Na lavagem das mãos
- b) na desinfecção dos ambientes
- c) Nas instalações sanitárias
- d) Como desodorante
- e) Na higiene íntima da mulher

Por suas propriedades desinfetantes radiofórmio atua sobre o maior número de agentes patogênicos.

Radiofórmio é sinônimo de segurança.

VIDROS DE 2
TAMANHOS

LABORATÓRIO

WERSAN LTDA.

RUA UBA, 480 — FONE
4-5103
BELO HORIZONTE

APÓLICES UNIFICADAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Lei nº 1.855, de 20/XII/58

(Art. 6º — É facultado o pagamento com apólices desta emissão de tributos devidos ao Tesouro até 10% de seu valor).

Qualquer informação sobre
COMPRA E VENDA

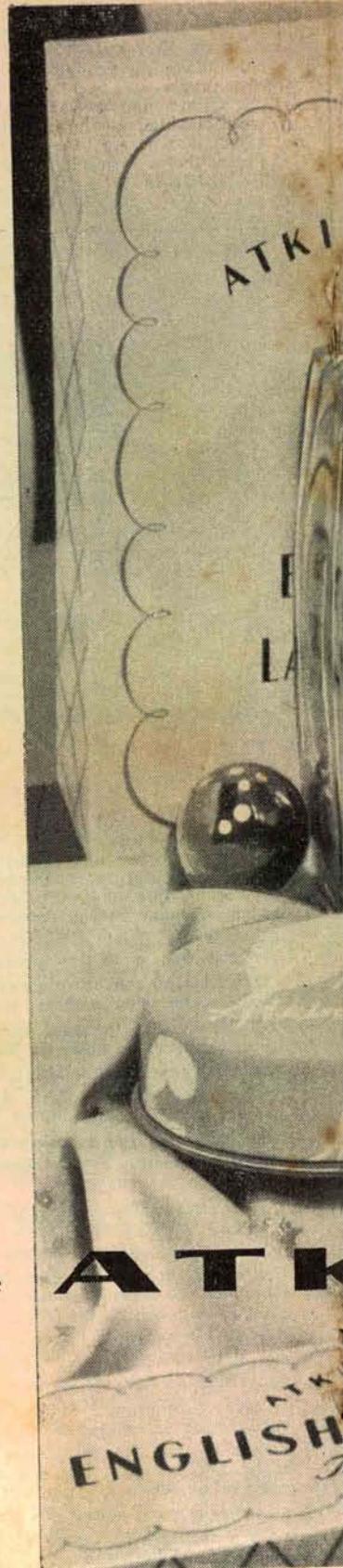
Corretor

JOSÉ DRUMOND
(DA BÔLSA DE VALORES)

Rua Carijós, 244 — 13º and. conj. 1309 a 1311
Fones : 4-8430 — 2-3424.
BELO HORIZONTE



Papai
Noel
tem
razão
quando
diz:
o
NATAL
é
sempre de



ENGLISH LAVENDER
MISS FRAN

ATKINSONS

NSON

ON - RIO

ATKINSONS
ENGLISH LAVENDER · S.

COLÔNIA
ARABESQUE
ATKINSONS

ATKINSONS
MIRAGE · S.

ATKINSONS
COLÔNIA
MISS FRANCE · S.

KINSONS

NSONS
LAVENDER
Talct. Soap

MISS FRANCE - um presente
de grande distinção: constitui
um elogio a quem recebe,
revelando o bom
gôsto de quem oferece!

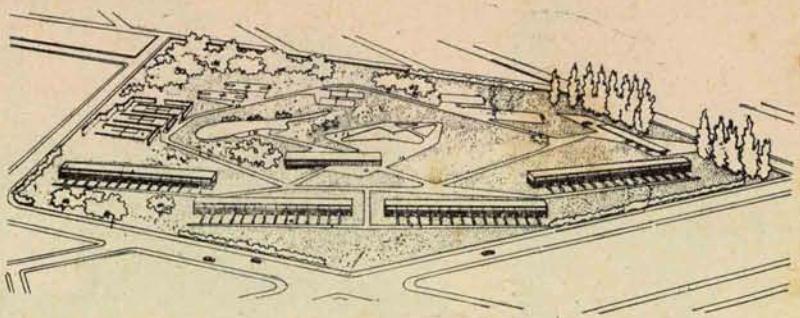
ENGLISH LAVENDER - mais que
um presente... esta essência de alta
classe é uma autêntica homenagem
que Você prestará à elegância
de quem tem bom gôsto!

DER — Colônia, Óleo, Brilhantina, Talco e Sabonete
NCE — Extrato, Colônia e Loção

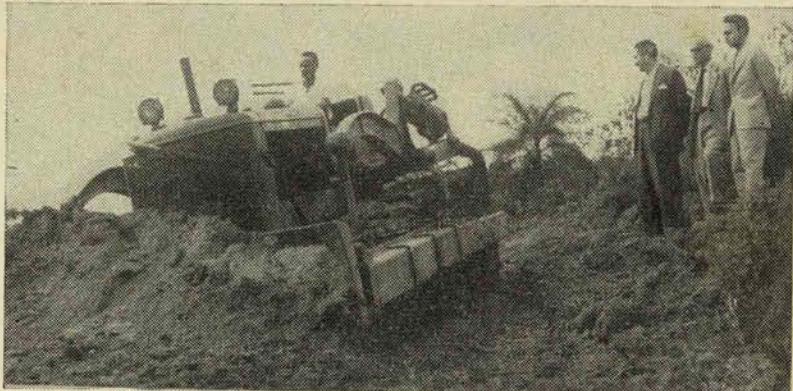
MIRAGE — Colônia, Óleo, Brilhantina e Pó Facial

ARABESQUE — Colônia e Loção SPRING TOUCH — Pó Compacto e Rouge

Uma visão do que será, dentro em breve, uma das mais modernas colônias de férias do País: — a Colônia de Férias Pampulha. Projeto dos arquitetos Raul de Lagos Cirne e Luciano A. Santiago.



O presidente da Casa dos Funcionários de Minas, Sr. Ulisses Silva, assiste a acionar uma moderna escavadeira, nos trabalhos de terraplenagem da Colônia de Férias Pampulha.



Colônia de Férias Pampulha

ARROJADO EMPREENDIMENTO DA «CASA DOS FUNCIONÁRIOS DE MINAS»

ACAPITAL mineira tem a felicidade de contar com instituições de classe das mais operantes, voltadas decididamente para o bem estar de seus associados, sem medir esforços nem sacrifícios para levar a bom término a sua missão. E' o que acontece, por exemplo, com a tradicional «Casa dos Funcionários de Minas», conduzida há longo tempo por uma administração verdadeiramente empenhada na tarefa de alto sentido social, que lhe está reservada, sob a esclarecida e dinâmica presidência do Sr. Ulisses Silva.

Pioneiro nos trabalhos de amparo e defesa de sua numerosa classe, o atual presidente da «Casa dos Funcionários de Minas» não tem poupad energias no seu objetivo de proporcionar ao funcionalismo mineiro os relevantes serviços que espera de sua agremiação. Agora, mais um arrojado empreendimento vem de ser acrescentado aos numerosos benefícios já criados para os associados daquela prestigiosa instituição: uma moderna colônia de férias, localizada na Pampulha.

Os planos elaborados pelo Sr. Ulisses Silva, para o estabelecimento da «Colônia de Férias Pampulha», virão dotar a cidade de um moderníssimo centro de recreação e turismo, perfeitamente identificado com a destinação daquele famoso recanto de Belo Horizonte, e correspondem aos melhores preceitos urbanísticos, dotando a comunidade dos funcionários mineiros das conveniências sociais que o progresso e a dinâmica da vida moderna exigem.

O grande empreendimento está sendo levado a efeito com os recursos advindos da colocação de títulos

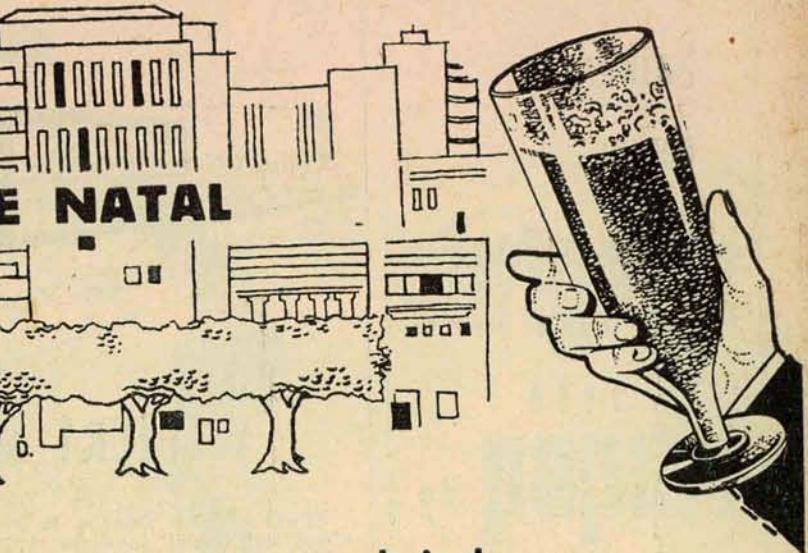
de sócios-proprietários, a cargo da conceituada empreesa «Campos Paulino S. A. — Distribuidora de Investimentos — com uma extraordinária receptividade por parte do público. E as obras já foram iniciadas pela Construtora Santa Paula S. A., numa solenidade que obteve simpática repercussão em nossos meios sociais.

Segundo apuramos em palestra com o Sr. Ulisses Silva, presidente da «Casa dos Funcionários de Minas», os títulos de sócio-proprietário da «Colônia de Férias Pampulha» estão fadados a uma rápida valorização, a julgar pelo fato de que já estão quase totalmente tomados pelo público, logo ao início das obras. Tão logo estas sejam concluídas, é fácil prever-se, em vista das dimensões sociais da moderna Colônia de Férias, uma das mais modernas do País, um acentuado incremento no interesse público por êsses títulos, que levam a sólida garantia do tradicional conceito da «Casa dos Funcionários de Minas».

Campos Paulino S. A. — Distribuidora de Investimentos — está colocando os títulos do valor nominal de 20 mil cruzeiros, em um plano verdadeiramente popular: em prestações mensais de apenas 500 cruzeiros.

A Colônia de Férias Pampulha será construída numa área total de 500 mil metros quadrados e contará com excelente hotel, com 160 apartamentos, salão de festas, cinema, teatro e «play-ground». Terá uma praça de esportes, um moderno parque infantil, piscinas para adultos e para crianças, quadras de tênis, basquete e volei, além de um posto de assistência médica.

NAS FESTAS DE NATAL



erga um brinde com a

cerveja
Portuguesa

Criada pela ANTARCTICA,
para homenagear um grande povo,
a deliciosa Cerveja PORTUGUESA
é a bebida ideal
para os grandes momentos de regozijo !
E' a cerveja ideal
para você beber,
nos grandes momentos
de alegria como
as festas do Natal.

um produto

ANTARCTICA



DEPOSITO DE VENDAS TAMOIOS : Rua Tamoios, 1028 — Fones : 2-2117 e 4-5646.

FABRICA : Av. Oiapoque, 78 — Belo Horizonte.

**Saibam
todos...
«BOA SORTE»
PARA
1960
são os votos do**

**CAMPEÃO
DA AVENIDA**

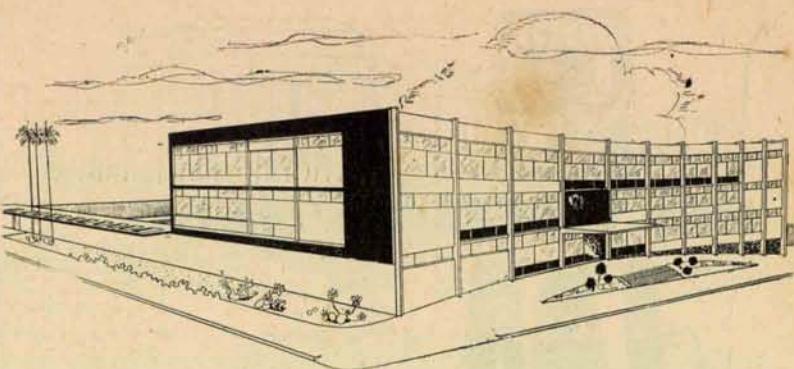
**CAMPEÃO DAS SORTES
GRANDES**



Av. Afonso Pena, 770 — Caixa
Postal 225 — End. Teleg.
"Campeão"

* Se você tem algumas horas vagas, por que não as aproveita, para reforçar sua renda mensal, num serviço útil, meritório e bem rendoso? Aproveite o seu tempo, ganhando boas comissões, colocando assinaturas de ALTEROSA — a revista da família brasileira. Envie o seu nome completo, profissão, residência, telefone, idade, estado civil, grau de instrução e fontes idóneas de referências — que não tenham com você relações de parentesco — para a Soc. Editora ALTEROSA Ltda., Caixa Postal 279, Belo Horizonte (MG).

Aumentar o alistamento eleitoral é trabalhar pela grandeza do Brasil. O próximo pleito, em Minas e no País, será decisivo para o futuro da Nação. Votar conscientemente, em homens dignos, é o nosso maior dever cívico e a única arma de que dispomos para assegurar um futuro melhor aos nossos filhos.



A FUTURA SEDE DO ATLÉTICO

Vê-se, acima, o desenho da magnífica sede social do Clube Atlético Mineiro, obra cuja construção já se encontra em fase bastante adiantada. Toda a parte relativa aos alicerces foi concluída, sendo que, presentemente, surgem as primeiras estruturas. Esta obra, a par de representar o soerguimento do esporte belo-horizontino, tornou-se possível, graças aos esforços conjugados do Atlético e da Empresa Comercial de Investimentos S. A.. Fazendo de sua parte, o campeão mineiro introduziu nos Estatutos modificações tendentes a assegurar aos sócios-proprietários, únicos associados que têm acesso à sede, uma série de vantagens e direitos. A Empresa Comercial de Investimentos S. A., firma das mais conceituadas no ramo de incorporações, assumiu a responsabilidade total pelo empreendimento. A sede, localizada na

confluência da Av. Olegário Maciel com a Rua Bernardo Guimarães, ficará pronta em fins de março de 1961 e será, sem dúvida alguma, a mais moderna e a mais completa entre todas as que existem na Capital. Conta ela com três pavimentos, sendo localizados, no primeiro, os vestiários da piscina, gabinete médico, bar e dependências para o Departamento Aquático, salas para a secretaria, tesouraria e para a guarda de troféus. No segundo andar, haverá uma sala de estar, bar-restaurant, com as dependências respectivas, salas para jogos diversos, gabinete da Presidência e sala de reuniões da Diretoria. No terceiro, ficará localizado o amplo salão de festas, com área de 300 metros quadrados, biblioteca, varanda, palco com camarins, cabine de projeção, instalações sanitárias, chapearia, etc.

★ ★ ★

IMATURIDADE

Muitas pessoas emocionalmente fracas estão inclinadas a encontrar no casamento uma espécie de «muleta» neurótica, pois, na verdade, parece que o estado do matrimônio apela mais para os indivíduos dessa natureza do que para os menos neuróticos.

Em um estudo comparativo, feito entre pessoas solteiras e casadas, Floyd M. Martinson, da Faculdade Gustavo Adolph, descobriu que, sendo iguais noutras coisas (tais como idade, nível social e QI), as pessoas que se casam cedo demonstram uma maior deficiência do ego e menor ajustamento emocional, em relação àquelas que permanecem solteiras por mais tempo.

As conclusões do Dr. Martinson foram baseadas no estudo de 64 homens, 32 casados e 32 solteiros. Em um estudo semelhante, de 59 moças solteiras e 59 casadas, descobriu que as solteiras possuíam um melhor equilíbrio de saúde, eram mais agressivas do ponto de vista social e muito melhor ajustadas, emocionalmente falando.

**obrigada
papai !**

O sr. proporcionará aos seus filhos uma grande alegria, presenteando-lhes com um maravilhoso "DORMITÓRIO INFANTIL FERGO". Todas as peças do dormitório FERGO são carinhosamente trabalhadas em seus mínimos detalhes. FERGO é a única firma, no Brasil, especializada em móveis infantis.



DÊ AOS SEUS FILHOS UM DORMITÓRIO FERGO



Participe do Concurso
Mirim Fergo, fazendo
qualquer compra
no Departamento Infantil.

Visite o MUNDO INFANTIL de nossa loja, onde encontrará uma grande variedade de brinquedos, carrinhos, cercados, cortinados, berços, andadores e quadros decorativos.

Faça-nos uma visita, teremos o máximo prazer em atendê-lo

loja fergo



BELO HORIZONTE • RIO • SÃO PAULO

RUA SÃO PAULO, 279 - ESQ. DE CAETÉS - FONE 2-9853

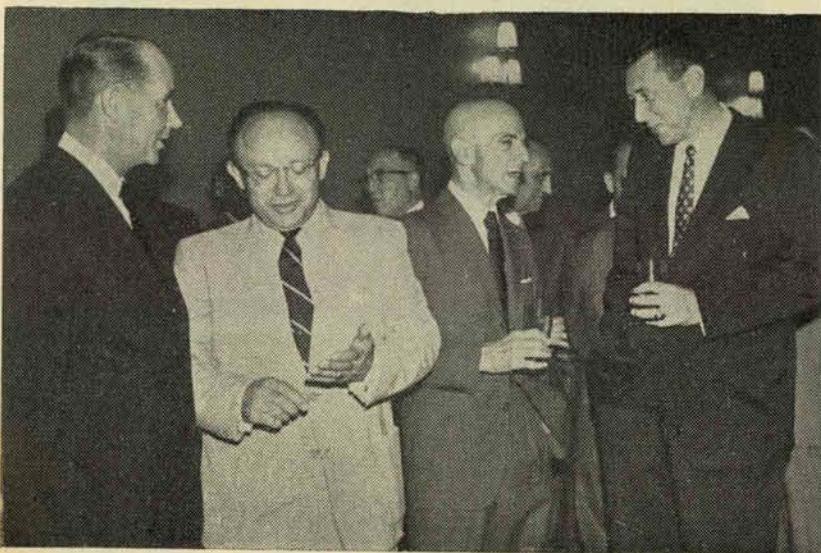
Renomado logósofo visita o Brasil

Obteve ampla repercussão entre os logósofos de todo o Brasil a visita do criador da Logosofia, Carlos Bernardo González Pecotche. O renomado pensador e humanista veio acompanhado de numerosa caravana de destacados estudantes da Ciência Logosófica do Uruguai e da Argentina, realizando uma série de classes especiais nas filiais de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Na foto, o ilustre visitante com os reitores das filiais do Rio de Janeiro, Sr. Fritz Weissmann, de Montevideu, Sr. Hector Monteverde, de Buenos Aires, Sr. Bernabé Bérez Huerta, e de Belo Horizonte, Sr. Ângelo Afonso Ranieri.



Cocktail-dinner oferecido pela Esso

A «Esso-Standard do Brasil», ao ensejo da recente visita de seu presidente C. J. Griffin a Belo Horizonte, ofereceu um animado «cocktail-dinner» aos seus revendedores locais, altos funcionários e imprensa. Estiveram presentes também a essa reunião de amizade os Srs. C. R. Egeler e Renato Pugliese, diretor e gerente da região centro da Esso, além de figuras destacadas do nosso mundo comercial. Na foto, um flagramante da reunião, que teve lugar no Normandy Hotel.



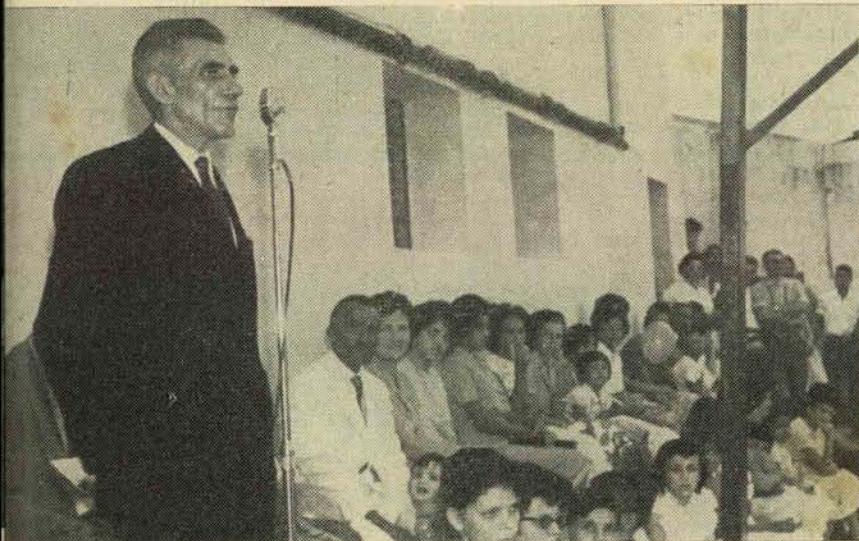
Panair do Brasil: novas instalações

Inaugurando as modernas instalações de sua agência, nesta Capital, a Panair do Brasil ofereceu à imprensa e à sociedade belo-horizontina um coquetel a que compareceram figuras expressivas. Na fotografia vemos os Srs. Frederico Mendes Ribeiro e Guilherme Meireles, Srs. Frederico Mendes Ribeiro, Roberto Franco e Guilherme Meireles, e o Sr. Roberto Franco, gerente da empreza em Belo Horizonte.

FOTOS E LEGENDAS

Grêmio literário comemora aniversário

O grande escritor Alceu de Amoroso Lima, em Ouro Preto, recebeu carinhosa homenagem durante a comemoração do vige-simo primeiro aniversário do «Grêmio Literário Tristão de Ataíde», de que é patrono. Nessa homenagem, destacaram-se uma representação teatral e a sessão solene realizada na famosa Casa dos Contos, onde se instala a sede do grêmio literário. Saudando o ilustre acadêmico, falaram dois representantes dos sócios do Grêmio Literário e o acadêmico mineiro João Etienne Filho. Na foto, Alceu de Amoroso Lima agradecendo a homenagem.



Problemas Ferroviários na TV



Festa no ginásio «O Precursor»

Comemorando o seu 5º aniversário, o Ginásio «O Precursor» promoveu uma festa de congraçamento entre as famílias de seus alunos, com o comparecimento de personalidades de destaque nos meios sociais de Belo Horizonte, onde o conhecido educandário vem-se firmando como um dos mais conceituados. O flamante foi colhido quando discursava o seu diretor, prof. José Mesquita de Carvalho.

Belo Horizonte recebeu a visita de duas simpáticas figuras do mundo intelectual da Capital da República: Mauritônio Meira e Homero Homem. Mauritônio Meira veio autografar, na Livraria Itatiaia, os primeiros exemplares do seu livro «Passagem para Amanhã», lançado agora em nossa Capital, e se fez acompanhar do prestigioso redator-chefe de «Leitura». Aproveitando sua rápida estada em Belo Horizonte, Mauritônio compareceu ao programa «Figuras e Fatos», mantido pela «Petrobrás» na TV Itacolomi, sob o comando do jornalista Jorge Azevedo, a fim de discorrer, como Diretor de Relações Públicas da Central do Brasil, sobre os problemas ferroviários que mais preocupam os mineiros neste momento. Na foto, Mauritônio Meira e Jorge Azevedo, juntamente com o eng. Bernardo Pimentel Barbosa, chefe da 4ª Divisão Regional da E. F. C. B., nos estúdios da Itacolomi.

NO castelo de Arenenberg, em 1835, a vida se escoa tranquilamente, como pode escoar-se em alguma mansão provinciana onde fidalgos se contentam com sua sorte apagada. De resto, como poderia ter sido de outro modo, longe das agitações da Europa, no calmo canto de Turgóvia, protegido pela bandeira helvética?

Vinte anos antes, depois de Waterloo e da partida do grande vencido para sua prisão em Santa Helena, a família dos Bonaparte — objetos de horror para os Bourbons retornados a seu trono, e para a Santa Aliança — dispersou-se fora da França como um bando de pardais amedrontados. Uns refugiaram-se na Itália, outros na Alemanha, alguns mesmo nos Estados Unidos e em toda parte são vi-giados, suspeitados, espionados. O que se exige deles é a imobilidade, o silêncio, o esquecimento.

Por sua parte, a rainha Hortênsia, desde muito tempo separada de seu impossível marido, o antigo rei da Holanda, achou prudente retirar-se para a Suíça, para aquêle lindo castelo situado à margem do Reno, à saída do lago de Constança.

Num cenário de suaves colinas, de águas fú-gidas, de bosques povoados de olmos e de carvalhos, Arenenberg é um pavilhão de dois andares, no estilo do século XVIII, que sua nova proprietária mobiliou de novo, ao gosto um tanto afetado que é o seu. Algumas amigas fiéis cercam a filha de Josefina na sua solidão, Luísa Cochelet, Elisa de Persigny, Hortênsia Lacroix. Seu filho mais velho está em Florença, junto de seu pai. Mas tem ela a felicidade de ter junto de si seu segundo filho, o preferido, cuja educação vai fiscalizar, fazer dele, como diz ela, um «gentleman», esforçar-se mais tarde por assegurar-lhe uma posição boa por meio de um casamento vantajoso.

Passaram-se os anos desde então. O prisioneiro de Santa Helena morreu lá no seu rochedo. O outro prisioneiro, o Duque de Reichstadt extinguiu-se, tuberculoso, em Schönbrunn. Por fim, o filho mais velho de Hortênsia foi deixar-se matar, de arma na mão, por ocasião da insurreição dos romanhos. Eis, pois, o filho mais moço de Hortênsia, tornado herdeiro do imperador, aquêle que tem o direito agora de se apresentar como pretendente: Luis Napoleão que completou 20 anos em 1828.

Que se sabe dele? Bem pouca coisa. Teve como preceptor Filipe Lebas o filho do convencional, que inclinou seu espírito para os estudos sociais. Seguiu os cursos do ginásio de Augsburgo e conquistou, no exército suíço, o posto de capitão de artilharia. Fala correntemente o inglês e o italiano; fala bem sobretudo o alemão, cujo sotaque se percebe nos seus lábios quando torna ao francês. Adolescente, teve namoricos com Hortênsia Lacroix. Depois, por ocasião de uma visita de seu tio, o rei Jerônimo, com sua filha Matilde, pareceu enamorar-se de sua prima. Chegaram a acreditar-lhos noivos. Mas Luis, que tem sangue vivo, já é volável. Esquece depressa seus primeiros amores para entreter intrigas com as belas moças das aldeias vizinhas.

No físico, é um cavaleiro perfeito, de busto um tanto comprido, de pernas um pouco curtas. Sob louros cabelos cacheados, seu rosto é agradável a despeito de um nariz acentuado e de olhos semi-velados por pesadas pálpebras. Olhos estranhos dos quais nunca se sabe se fitam alguém ou se sonham. A própria Hortênsia não comprehende sempre aquêle filho tão reservado, tão distante. Pelo fato de Luis nunca deixar de aprovar o que diz sua mãe, ela o chama de «Senhor Sim-Sim». Mas doutras vezes, porque retorna ele sempre à sua idéia primitiva, ela o apelida de «Meu doce teimoso». Está

HISTÓRIA

UM

BONAPARTE

TERIA PODIDO SER
REI DE PORTUGAL

Ele resignado a seu destino obscuro ou, sob seu ar de indiferença, oculta ambícões secretas? Ninguém o sabe ainda, nem mesmo sua mãe, ela sobretudo.

Esta, em todo caso, prossegue incansavelmente em seus projetos. Por ocasião de uma estada de Luís na Inglaterra, escreve-lhe:

«Não formo outros votos senão o conservar-te ao meu lado, ver-te casado com uma boa mulherzinha, jovem, bem educada, que poderás adaptar a teu caráter e cuidar de teus filhinhos. Eis a única felicidade que se possa desejar neste mundo».

Em 1830, produziram-se na França violentas agitações. A Carlos X, partido também ele para o exílio, sucedeu seu primo Luís-Filipe, um usurpador, afinal de contas, mas que trouxe para a fachada dos monumentos públicos a bandeira tricolor da Revolução e do Império. O filho de Hortênsia deve ter sentido pulsar seu coração, mas, como de hábito, nada disso revelou. Quando reside em Arenenberg fica, o dia inteiro, fechado num pequeno pavilhão independente que se ergue no parque. Chama-o «o eremitério de São Napoleão». Ali decorreu sua infância estudiosa. Ali torna a encontrar sua carteira de estudante, seus livros, alguns móveis modestos, mas também, dispostos ao longo das paredes, mapas, armas, troféus, retratos, todas as recordações do grande Imperador, todas as relíquias que conseguiu reunir.

Uma manhã — tem então Luis vinte e quatro anos — está Hortênsia a pintar uma das cândidas aquarelas, com que se compraz, e seu filho, sentado a seu lado, olha-a com olhar sonhador. De repente, larga ela seu pincel e, querendo pôr à prova aquêle filho enigmático, atreve-se a dizer-lhe:

— Refletiste bem nisto, meu filho? Teu nome assegura-te um papel, quer na velha Europa, quer no novo mundo. Os homens são em toda parte os mesmos; reverenciam, apesar de tudo, o sangue de

uma família que possuiu uma grande fortuna. Um nome é um capital fornecido pelo destino ao homem que quer ele impelir para a frente.

Após um silêncio, veio a resposta, mas imprecisa como sempre :

— Talvez a senhora tenha razão, minha mãe !

Hortênsia não insiste e retoma seu pincel. Luís levanta-se e retira-se. Semanas se passam, durante as quais a castelã de Arenenberg não cessa de inquietar-se com o futuro de seu filho. Os tempos mudaram bem desde a época em que os Bonaparte no exílio faziam-se esquecer. Os Bourbons legítimos não ocupam mais o trono da França; a Santa Aliança está adormecida; as famílias reais não temem mais os Napoleônidas; algumas mesmo lhes sorriem e procuram sua aliança.

Enfim, eis algo de novo ! No mês de abril de 1835, a rainha Hortênsia tem uma séria conversa com seu filho. Recebeu notícias importantes e já visitantes oficiosos chegaram até Arenenberg para preparar o terreno para um passo decisivo. Depois de ter relembrado a Luís o acontecimento imprevisto que acaba de ocorrer em Lisboa, declara Hortênsia :

— A rainha Dona Maria é demasiado jovem para continuar viúva. Aliás, o futuro da dinastia vai obrigá-la a tornar a casar-se. Por que não te porias tu na fila ? Afinal de contas, o trono de Portugal seria para ti um lindo trono.

Luis reflete um instante e responde :

— Talvez.

Naquele primeiro terço do século XIX, a história lusitana é tão movimentada, tão confusa que se sente dificuldade em não se perder nos seus meandros.

O que se deve reter, é que Dom Pedro, o imperador do Brasil, tendo renunciado a reinar naquele país da América, havia voltado para Lisboa, de armas na mão, quase como um conquistador. Tendo-se feito regente, impusera como rainha de Portugal sua filha, Dona Maria da Glória. Tinha esta princesa então a idade de quinze anos. Quer dizer que a primeira idéia do regente foi a de casá-la. Sob a influência de sua segunda mulher, escolhera para genro o príncipe Augusto de Leuchtenberg. Justamente a tempo. Pouco depois, Dom Pedro morria subitamente.

O futuro marido de Dona Maria só era alemão pela metade. Seu pai, com efeito, era Eugênio de Beauharnais, o único dos Napoleônidas que encontrara favor entre os Aliados em 1815, o que lhe permitira, após a derrocada imperial, estabelecer-se no principado germânico de que tomou o título. Em consequência dessa filiação, Augusto de Leuchtenberg era, pois, sobrinho da rainha Hortênsia, primo-irmão de Luís. Ora, é preciso crer que hesitasse em abandonar sua tranqüilidade alemã pelo desconhecido português, por que se encontram traços desse embaraço numa carta escrita, em outubro de 1834, por seu primo, precisamente :

«A morte de Dom Pedro — escreveu o filho de Hortênsia — causou-me muita pena, porque era um homem distinto, e de uma grande utilidade para Portugal. Sei que Augusto não tem muita vontade de ir para aquele país e dou-lhe razão, porque terá ele as mãos amarradas e não inspirará talvez, mau grado suas intenções, senão desconfiança e inveja».

Contudo não era o emprêgo um tanto humilhante de príncipe consorte que esperava o filho do príncipe Eugênio. Com efeito, a constituição portuguesa previa que o marido da rainha tomaria o título de rei — e o papel — desde o nascimento de um herdeiro da coroa. Foi esta consideração que decidiu o príncipe Augusto ? Declarou aceitar a noiva distante e pôs-se a caminho para juntar-se a ela.

A 26 de janeiro de 1835, chegou por mar diante de Lisboa e desembarcou ao som de sinos, de descargas de artilharia e de aclamações populares. Como não se queria perder tempo, foram os dois noivos logo postos em presença e a cerimônia do casamento celebrada, no mesmo dia, na catedral da cidade. Augusto não lamentava mais sua decisão : a rainha era bonita e seus dezesseis anos possuíam todo o frescor de uma juventude em flor.

Restava ao recém-chegado dar ao reino a satisfação que se esperava dele. Mas não teve tempo disso. Dois meses mais tarde, em consequência de uma caçada violenta, sob um sol ardente, o marido da rainha caiu doente e morreu. Isto era um preceço para os português. Uma rainha de dezesseis anos e que não espera herdeiro, tem de arranjar o mais depressa possível um novo esposo. Fizeram-lhe compreender isto e, a despeito das lágrimas concedidas ao desaparecido, resignou-se. De resto, a segunda mulher de Dom Pedro, uma Beauharnais, já havia lançado algumas iscas e foi então que o destino do futuro Napoleão III esteve em suspenso.

Por que o filho de Hortênsia não sucederia ao filho de Eugênio no leito de Dona Maria e no trono de Portugal ?

A questão premente de sua mãe, respondeu Luis simplesmente : «Talvez !». Nos dias seguintes, fechou-se num silêncio meditativo, enquanto que, em redor dele, trocam-se correspondências e cochicham-se confidências. Esforça-se por perscrutar as estradas do futuro. Um trono é tentador para um Bonaparte que a França renegou e que as famílias reais

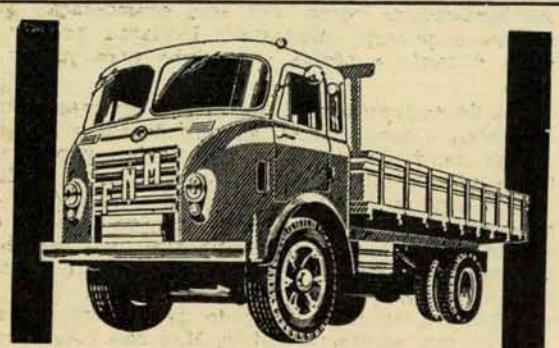


Napoleão III



PRODUTOS DA MAIS ALTA CONFIANÇA

PRODUTOS PINDORAMA PERFUMARIA S.A. Ed. Próprio. RUA ANNA MERY, 1944 - RIO



caminhões

FNM

2ª Série
1960

PEÇAS E ACCESSÓRIOS

Entrega imediata
Facilidades de pagamento

Informações e vendas

ALFAMOTOR LTDA.

Rua Rio Grande do Sul, 172 — Fone 4-6160
BELO HORIZONTE

mantém em suspeição. Que desforra para ele se, amanhã, aos olhos da Europa surpresa, pudesse ser proclamado «Luís-Napoleão, Rei de Portugal»!

Só depende dêle. Uma palavra apenas a dizer e tôda a história — a que conhecemos — será transformada.

Pois bem, não, o filho de Hortênsia não aceitará tomar o lugar de seu primo. Não aceitará porque, no íntimo de seu espírito, acaricia já ambições mais vastas e mais sedutoras. Um Bonaparte em Lisboa? Não, é em Paris que deve reinar o herdeiro do grande imperador. Luís possui informações pessoais a respeito do estado da opinião na França; o trono de Luís-Filipe está à mercê do menor abalo; se um Bonaparte se apresentar para forçar a fortuna, a lenda napoleônica o carregará em suas asas. E já a aventura que ele vai tentar em Estrasburgo se organiza minuciosamente em seu espírito.

Tal foi a razão de sua recusa, sem dúvida a melhor. Mas há uma outra que age. A imaginação sentimental de Luís é curta e seus desejos são impetuosos. Em amor, professa que «tôda felicidade que a mão não alcança é um sonho». Jamais viu a rainha de Lisboa e os louvores dirigidos à sua beleza deixam-no frio. Na hora atual, esqueceu sua prima Matilde simplesmente porque ela se encontra longe dêle. Está todo entregue à sua derradeira aventura amorosa com uma jovem creoula, viúva e rica. Ela ainda lhe resiste. E' o bastante para que não se afaste.

Em vão Hortênsia suplica a seu filho que reflita ainda. Ele reflete, depois, bruscamente, corta cerce qualquer negociação matrimonial, enviando à imprensa parisense este desmentido:

«Vários jornais acolheram a notícia de minha partida para Portugal como pretendente à mão da rainha Dona Maria. Por mais lisonjeadora que seja para mim a suposição de uma união com uma jovem rainha, bela e virtuosa, viúva de um primo que me é querido, é de meu dever refutar tal boato... Devo mesmo acrescentar que, mau grado o vivo interesse que se liga aos destinos de um povo que acaba de adquirir sua liberdade, recusaria a honra de partilhar do trono de Portugal, se o acaso quisesse que algumas pessoas lançassesem os olhos sobre mim...»

E, na mesma nota, pela primeira vez de uma maneira oficial, apresenta-se como pretendente ao Império francês:

«Persuadido — diz ele — de que o grande nome que uso não será sempre um título de exclusão aos olhos de meus compatriotas, pois que ele recorda quinze anos de glória, aguardo com calma, em um país hospitalero e livre, que o povo chame ao seu seio aquêles que 1.200 estrangeiros exilararam, em 1815.»

De modo que a sorte estava lançada. O filho da rainha Hortênsia não será rei de Portugal. A 9 de abril de 1836, a rainha de Lisboa tornará a casar-se com o príncipe Fernando de Saxe-Coburgo. E a 30 de outubro do mesmo ano, o futuro Napoleão III tentará, pela primeira vez, em Estrasburgo, forçar o caminho que conduzia às Tuilerias. — Roger Régis.



Muitos dos Faraós do Egito eram canhotos, do mesmo modo que o foram vários Césares romanos. Entre outros, escreviam com a mão esquerda: Benjamim, da tribo de Jacó, Alexandre o Grande, Carlos Magno, Rei George VI da Inglaterra, Miguel Ângelo, Rafael e Leonardo da Vinci.

F U G A

DE Esmeralda de Castro Maia — Silenciosamente a noite desce; são as últimas horas da tarde. O Céu todo parece cantar as preces da Ave-Maria. A natureza tôda se envolve no manto azul prateado de estrélas brilhantes. Os pássaros alegres, em revoadas, cantam a celebração do Nascimento do Menino Jesus. E' a tarde do Natal. E nesta tarde, meu pensamento divaga bem distante, junto a ti minha boa amiga e meus lábios sussurram, mansamente, aos teus ouvidos uma pequenina prece. E eu, aqui, olhando através da janela, a aragem do vento nas fôlhas, derrubando-as mansamente, ponho-me a observá-las, em seu giro, pousar no chão. Elas representam, para mim, mais um dia passado na solidão em que vivo. Solidão essa que se dissipa ao pensar em ti, pois já não me sinto só, pois tua lembrança é tão suave, que alenta a minha solidão. As estrélas que tingem o céu, com sua côr brilhante, parecendo pequeninas pedras de brilhantes no veludo azul do firmamento, parecem a felicidade distante e tentadora. Noite Feliz. Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade. Que Deus esteja contigo...

JESUS, humilde e santo, havia vindo ao Mundo! E, desde a ínvia floresta ao oceano mais profundo, onde clangora o vento e a pérola se oculta, tudo canta e palpita e vibra e sente e exulta, numa grande apoteose esplêndida de luz:

— «Salve, o Filho de Deus! Salve, o menino Jesus! Salve o Messias! Salve o nosso Pai e Deus! O Mestre, o Guia, a luz, Rei de todos judeus!» E tôda a criação, sob lêdo esplendor, gloriosa, reproduz: — «Salve, Nosso Senhor!» (M. Ribeiro Costa)

SENHOR-MENINO, há tanto tempo quando meu sapatinho rôto diante o leito, cobriste com um vulto de boneca e me viste na aurora inda a ninando, feliz ao méleo encontro de meu peito na doce ingenuidade de quem peca, furtavas. Tu meu mêsno num presente, que eu colocava ao peito tão desnudo, radiante de ternura de maezinha... E eu esquecera a roupa reluzente, o rosto socarrão e tão carnudo do velho Pai-Noel que se avizinha...

Mais tarde, quando a luzes escorridas nos galhos do pinheiro enfeitado, um par de sapatinhos de lã rosa aguardava Noel perpetuado aos meus olhos de mãe esperançosa, eu bendizia a Ti, que do Teu berço, velado de carinhos maternais, a luz de tanto amor me dividias! E os sinos, (ao lembrá-los, enterneço) lá fora eram ecos magistras dos badalos de amor que mais ouvias...

Senhor-Menino, hoje o pinheirinho zopo de luzes como antigamente, encontra o chão desnudo, assombrado! E eu venho a Ti, vazia de carinho, louca de dor, rogar-Te pois, fremente, que o sapatinho velho, amarelado, que junto ao peito em gelo então carrego há tantas noites de Natal vazias, te toque um pouco mais ao coração Senhor, nunca me deste um Natal cego, mas far tam-me as saudades que me envias a este peito de mãe sem ilusão!... (Lilia Aparecida Pereira da Silva)

DE Euríclede Formiga — Senhor! em vosso dia abençoado, reperece em meu ser a voz de um sino anuncianto o vosso amor sagrado sobre a Jerusalém do meu destino! Dai-nos a luz, o sonho adamantino do vosso olhar de Nazareno amado! (Ai! manjedoura de Jesus Menino, que já eras altar iluminado!) Jesus! canto a mensagem de ternura que nos trouxeste na alvorada pura do vosso coração alto e fecundo. E peço, pelas vossas cicatrizes, por mim, por meus irmãos mais infelizes, uma bênção de paz para este mundo!

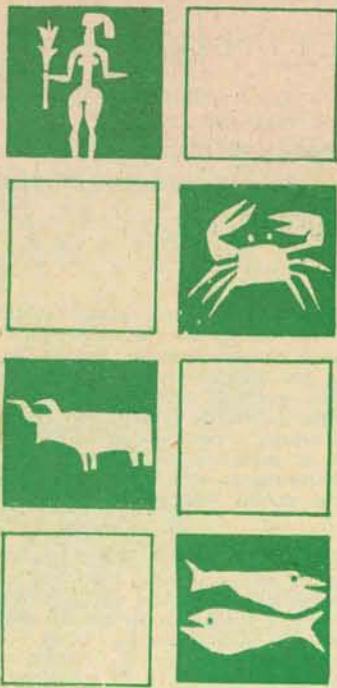
«Repercute em meu ser a voz de um sino anunciando o vosso amor sagrado...»

NA manjedoura de uma gruta, outrora, em Belém de Judá, Jesus nascia... Nessa sublime e memorável hora chorava pérolas de luz Maria. Saudando aquêle que era meiga aurora e que o sol do Universo, então, seria, cantava estranho rouxinol lá fora e o Deus da Paz, ao vir do Mundo, ria... Falou-se muito no gorjeio ameno e recordou-se dêle o Nazareno, quando atingiu a perfeição de Mestre. E o pássaro, por causa da homenagem, tornou-se o rei dos bardos de plumagem dos verdes bosques da região terrestre. (S. Suannes)

ANTIGAMENTE, quando eu era pequenino, a história dêle era contada assim: na noite bonita de Natal, um velhinho de barbas côr-de-neve, envolto num manto de rubim, penetrava a chaminé das casas, trazendo um cesto de brinquedos às costas... E porque era amigo de todos os meninos — de todos os meninos que não faziam mal — procurava, de mansinho, muito de leve, dentro das casas os sapatos pequeninos... E deixava nelles um presente de Natal. Agora, na saudade dêsse tempo, olho a noite, no êxtase da emoção... E à noite — meu branco Papai Noel — levando o cesto da lua às costas, passa, derramando estrélas pelo céu... (Passos de Mello)

DE Newton Rossi — Natal, teus sinos festivos têm sortes tão desiguais! As vezes cantam felizes... às vezes choram demais...





pela especulação, nem através de espíritos-santos confidenciais. Tratava-se, apenas, de uma façanha pessoal de uma das personagens mais extraordinárias de Londres, verdadeira **eminência-parda** da Bolsa, conselheira oculta de homens de negócios internacionais: a astróloga meio sangue grega, meio sangue inglêsa, Katina Theodossiou.

— O senhor está brincando? — perguntei ao homem que me contava essa história.

— Absolutamente — retrucou-me, ofendido. — Trata-se de um segredo, o senhor não sabia? Algumas das mais importantes empresas britânicas, volta e meia, dirigem-se à astróloga Katina para consultá-la sobre a melhor maneira de orientar os seus negócios. Faz poucos meses, por exemplo, uma poderosa firma metalúrgica resolveu modificar completamente a sua equipe de diretores. Submeteu o problema às luzes da astróloga e esta, após três semanas de trabalho ao redor das configurações astrais, redigiu o relatório apontando rigorosamente não só o nome dos que deveriam ser nomeados como também os postos

MULHER-ASTRÓLOGA FAZ GANHAR

NO dia 10 de novembro de 1958, às 15 h. John B...., conhecido corretor de valores da Bolsa de Londres, tomou uma decisão espantosa. Desandou a comprar, febrilmente, uma série de ações siderúrgicas que o mercado vinha desprezando havia várias semanas. A princípio, olharam-no com surpresa, depois com certo interesse e, alguns dias mais tarde, quando aquele grupo de ações atingiu de repente uma alta inesperada, crivaram-no de perguntas: — Como é que o senhor soube? Como foi que o senhor pôde prever uma alta tão imprevisível?

— Muito simples... — respondeu o feliardo — Júpiter estava na casa dos Peixes. Para um Escorpião, é lógico que o momento era dos mais favoráveis!

Ora, John B. não havia bebido, não estava louco e não era homem de gracinhias. A maior parte dos interlocutores encarou-o estupefata. Mas alguns iniciados bateram na testa e murmuraram mordendo os lábios:

— Ora bolas, e nós que até agora não havíamos dado pela coisa!

De fato, a operação bolsista mais extravagante do ano não tinha sido inspirada, nem

que deveriam ocupar. Quer outro exemplo? No ano passado, uma companhia de transportes marítimos, acovardada com uma depressão, pensou em recolher uma parte de suas embarcações. Antes, porém, fez uma consulta a Katina. A astróloga movimentou os horóscopos e descobriu que, no semestre seguinte, haveria um incremento de negócios. A companhia não hesitou, manteve os barcos em tráfego e, afinal, só teve que se felicitar por isso.

Mais quatro, mais cinco advertências análogas, e a fama da astróloga, dantes secreta e confidencial, espalhou-se rapidamente entre os homens de negócio, a ponto de convencer aos próprios célicos. Hoje, Katina Theodossiou já não dispõe de uma hora livre. Inúmeros dos seus compromissos são registrados com semanas de antecedência e, da manhã à tarde, ela calcula horóscopos que põem em jogo centenas e centenas de milhões.

Urge comprar ações de petróleo ou vender as de estanho? Contratar o Sr. Brown como diretor-adjunto? Fundir-se uma firma com outra? Reunir o conselho de administração no dia 10 ou no dia 25? Todas essas questões e vinte outras semelhantes, que agi-

tam a vida diária de uma grande companhia, afluem para o interior do confortável apartamento instalado próximo de Harley Street, em pleno quarteirão dos médicos, como se os magnatas da City, após haverem mandado examinar as artérias do corpo, corressem a examinar também as artérias de suas empresas.

Katina Theodossiou, loura, viva, ostentando alegremente os seus quarenta anos, recebe-me entre uma pilha de **Financial Times** e um catálogo de mapas astrológicos. Em sua mesa, as oscilações da Bolsa se misturam com os signos do Zodíaco, o balanço de uma **Zinc Corporation** sobre-se de inscrições cabalísticas e ninguém mais se surpreende de ver em cinco minutos os Gêmeos passarem a presidir o conselho de administração da General Motors.

— Veja! mostra-me, estendendo-me um mapa. — 21 de março de 1959, 8 horas e 55 minutos, equinócio da primavera, Júpiter está em conjunção com o Sol, teremos uma alta do aço; não apenas do aço, teremos uma alta geral. Isso, porém, é uma corriqueira previsão

com efeito, se resume nisso: uma empresa é tal e qual um indivíduo. Tem a sua personalidade, as suas virtudes, as suas fraquezas. Levanto-lhe o horóscopo-natal tão logo ela nasce, isto é, tão logo ela surge sob a forma de estatutos. Faço-o certa de que, tal como um ser humano, a empresa recém-nascida viverá seus casamentos, suas enfermidades, seu período difíceis ou felizes.

Um consultório médico, onde os pacientes em vez de Pedro ou João se chamassem Petroleum Company ou Potatoes Incorporated, eis em verdade o que nos lembra o excêntrico gabinete de Katina Theodossiou. A mulher é um fenômeno: possui em seus arquivos mais de dez mil horóscopos. Sua clientela fixa se compõe de nada menos de 1.500 firmas, a maioria das quais consulta-a regularmente, pelo menos uma vez no ano. Não sómente empresas da Inglaterra, mas também da Alemanha, da Suíça, dos Estados Unidos. Na França, seguem-lhe fielmente as profecias nada menores de dezoito grandes companhias. Algumas, só começam a recorrer à astróloga depois de adultas, muitas, porém, o fazem ainda em pleno berço. Para estas, tem ela sempre uma ternura toda especial, semelhante àquela que um médico de família tem para com as crianças que viu nascer. Assiste-as, desde pequeninas, quando mal principiam a engatinhar as emissões de suas primeiras apólices, dando na Bolsa os seus primeiros passos, e as acompanha até se tornarem vigorosas, com o capital dobrado ou triplicado. As mais felizes chegam a realizar ótimos matrimônios — de dinheiro, é lógico! — e não poucas acabam se reproduzindo em pequenas filiais.

— Devo confessar-lhe, aliás — acrescenta a astróloga — que uma das minhas pupilas prediletas é justamente uma sociedade francesa. Parainfei-lhe o «debut». Há oito anos, não passava a pobrezinha de uma empresa modestíssima. Hoje é quase um truste, reunindo nada menos de treze sociedades. Este ano, a pedido do diretor-geral, organizei para ela um programa completo de trabalho. Mês a mês, para cada uma das sociedades do grupo, estipulo o volume do que deve produzir, o que deve contratar, o prazo de exercício dos seus conselhos de administração, etc.

— Mas, como consegue a senhora realizar tal façanha?

— Singelamente. Suponhamos que o senhor queira fundar uma sociedade com dois ou três amigos. Conhecendo a data e a hora do nascimento seu e dos seus sócios, trato de levantar o horóscopo de cada um, para determinar as influências astrais, debaixo das quais cada qual está colocado. Reúno-os depois num

NA BÔLSA

de conjunto: facilíma de ver! Problema mesmo, são os casos individuais. Aí então, sim, são necessários centenas de cálculos, dezenas de horóscopos.

Esquadrinha os arquivos, aponta gráficos, quadros.

— Olhe aqui — diz ela — veja o atestado de óbito do padrão-ouro. E olhe ali, 18 de maio de 1901, o horóscopo-natalício do Stock Exchange!

— Rico bebê... — comentei, com ar de falso conchedor.

— Não brinque — atalhou-me. — Também eu, aos 19 anos, não acreditava nessas coisas. Entrei para o **Sunday Express** como assistente do astrólogo do jornal, A. H. Newlor, porque foi esse o único cargo que me ofereceram. Passados seis meses, comecei a notar que os horóscopos do homem davam certo. Não tive mais dúvidas, pus mãos à obra e passei a encarar a coisa com toda a seriedade. Ponderei: — Ora, se os astros influenciam os homens, por que diabo não poderão eles também governar a vida econômica? Seis meses estudei o assunto, até que o dominei. «Um rico bebê», disse o Senhor? Nada mais exato. Tudo,

único mapa e consigo, assim isolar o planeta ou os planetas dominantes do grupo. Consulto, em seguida, minhas cartas astrológicas gerais, que me indicam a orientação do mercado. Juntando esses dados todos, descobrindo as conjunções benéficas e as oposições maléficas, habilito-me a fixar com precisão o momento mais favorável para o nascimento da sociedade, isto é, o dia e a hora em que deverão os senhores registrar os estatutos.

Há cinco anos, um industrial têxtil foi consultar Katina: queria urgentemente constituir uma companhia. Katina levantou-lhe o horóscopo e ficou aterrada: Marte aproximava-se de Câncer e (tendo em vista o horóscopo do fundador) na pior posição que se possa imaginar, aconselhou-o a esperar. O industrial não lhe deu ouvidos. Em menos de um ano, sob o efeito das malditas conjunções, foi à garra.

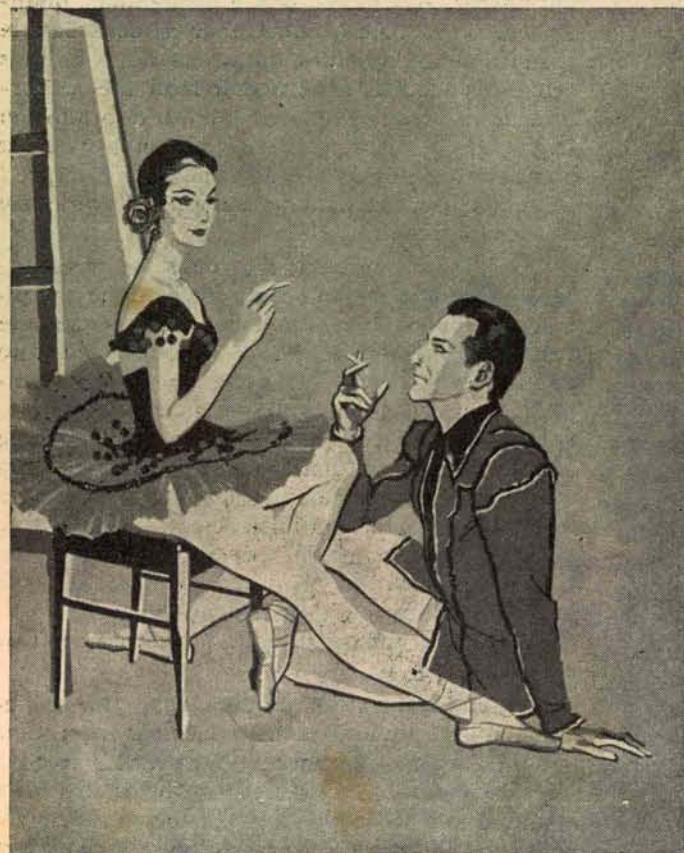
Por outro lado, em 1957, predisse Katina o sucesso do petróleo de Trinidad, com seis meses de antecedência.

— É verdade, Madame, que a seleção do pessoal das empresas que a consultam obedece sempre a um mesmo critério de pesquisa?

— Conforme... Voltemos ao nosso exem-

plo. A sociedade está formada. Dispõe agora de um horóscopo-natal, como qualquer ser humano. Sua atividade passará a orientar-se, segundo o ritmo dos seus planetas dominantes. A partir desse instante, entra tudo na esfera da previsibilidade. A cada uma das doze casas do Zodíaco, corresponde um setor determinado da empresa: produção, pessoal, capital e o resto. Tudo está agora em saber calcular, com a devida mestria, o ritmo de cada uma. Evidentemente, uma sociedade governada pelo Leão não poderá cair na asneira de emitir ações sob o signo de Saturno! Um diretor não poderá escolher para sócio um cidadão cujo horóscopo esteja em contradição com o seu. Naturalmente, quando se trata de grupos importantes, tais particularidades encadeiam cálculos extremamente complicados. Nesse caso, preciso sempre de um ou dois meses de trabalho para chegar a um resultado correto.

As tabelas de preço de Katina são calculadas conforme a consulta. Para as operações simples, isto é, horóscopos individuais, ela pede dez guinéus, ou sejam, cerca de 4.700 cruzeiros. Os trabalhos mais complexos, porém, não ficam nunca por menos de cinqüenta guinéus. Sem embargo, quer num caso quer noutro, uma

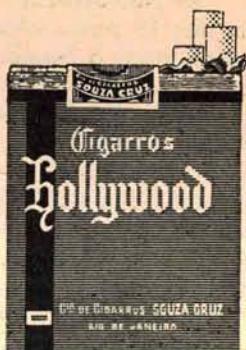


Juntos vivem o mesmo ideal artístico... juntos perseguem o mesmo sonho de perfeição... juntos fumam cigarros Hollywood!

Cigarros

hollywood
uma tradição de bom gosto

Cia. de
Cigarros
SOUZA CRUZ



H.88.415-A

coisa é certa, Katina não transige, não procura agradar, seus conselhos não se revestem nunca daquela capa de condescendência com que certos astrólogos de Cupido costumam proteger os desiludidos do Amor. Suas advertências são peremptórias, inapeláveis, não sofrem discussão.

As consequências, não raro, são dramáticas. No ano passado, o gerente de uma fábrica de ferramentas, sujeito ativo, dinâmico, brilhantíssimo, estêve a pique de ser promovido a diretor-adjunto. Pelo menos, era o que ele e todos esperavam. Na hora H, o preferido foi outro. Que diabo de falta teria ele cometido? Teria dado uma mancada, praticado algum erro? Teria, acaso, através de um gesto ou uma atitude, ofendido sem o querer o diretor-geral?

Nada.

Tratava-se simplesmente de um conflito de Gêmeos...

Mas o infeliz ficou tão desgostoso que foi procurar uma firma rival e nela ingressou imediatamente. E, como o seu horóscopo combinava a maravilhas com o do novo diretor, que aconteceu? Em poucos meses, a nova empreesa para a qual havia entrado suplantava aquela da qual saíra.

— São as surpresas do Céu! — exclama Katina Theodossiou, patética, erguendo os braços para o Além.

Curioso é que a astróloga, ela própria, procura seguir à risca, as suas próprias profecias. Assim é que, decidiu, jamais se casará. Seu horóscopo matrimonial é horroroso e ela tem a certeza de que qualquer casamento, em seu caso, será um desastre.

— Eu não seria capaz de desposar nem mesmo um astrólogo — confessa a astróloga. — Em compensação, posso-lhe garantir que a princesa Margareth vai casar-se dentro de um ano e meio e que, nas próximas eleições gerais o partido conservador terá uma maioria muito mais avantajada que a atual. Que é que o senhor ainda gostaria de saber? Aproveite, trate de aproveitar, que os astros no momento, são todos favoráveis. Nenhuma ameaça de conflito na Europa, e na França, dourante, tudo será um mar-de-rosas.

Nisto, surge esbaforida uma secretária e corta a entrevista:

— Mademoiselle, dois Virgens e três Leões a esperam.

— Hein? Dois Virgens e três Leões?... — recuo espantado.

Katina me tranqüiliza:

— Não se assuste: são cinco inofensivos clientes que jogam no aço e estão querendo contratar pessoal... — Marcel Bonnefog.

Usando REGULADOR GESTEIRA



A Senhora também poderá SORRIR «todos» os dias do mês!

REGULADOR GESTEIRA

é um remédio extraordinariamente eficaz no tratamento das menstruações dolorosas e outros distúrbios funcionais dos órgãos femininos.

ÁGUA DO SUB-SOLO

Perfuração de poços tubulares profundos para captação de água subterrânea.

Possuímos máquinas e pessoas habilitadas especialmente treinadas na Svenska Diamantbergborrings A/B, de Estocolmo, Suécia, para trabalhar em qualquer ponto do país.



CIA. T. JANÉR COMÉRCIO E INDÚSTRIA

SEÇÃO DE ENGENHARIA "CRAELIUS"
Av. Rio Branco, 85 - 12 - Tel: 23-5931-Rio de Janeiro

Filial de Belo Horizonte
Rua Caetés, 1042 — Cx. Postal, 615
Fone: 4-0020

SOCRÁTICA

- Qual a hora mais desejada ?
- A que precede o primeiro encontro de amor.
- Qual é a luz mais cruel ?
- A que ilumina o desengano.
- Qual o verso mais belo ?
- O que nos esclarece uma dúvida interior.
- Qual é o maior benfeitor ?
- E' aquél que, ao praticar uma caridade, encontra meios de fazer com que o favorecido acredite-se favorecedor.
- Qual é o caráter mais mesquinho ?
- E' o do homem que alega os benefícios feitos.
- Qual é o maior sossêgo ?
- E' o que pertence ao homem que já nada mais espera dos homens.
- Qual é o bem mais saboreado ?
- E' aquél que, perdidas as esperanças, acreditamo-lo inacessível.
- Qual é a mais sublime surpresa ?
- E' encontrarmos a Deus dentro de nós mesmos.

Amado Nervo

(trad. de Nidoval Reis)

Poesia

MADRIGAL

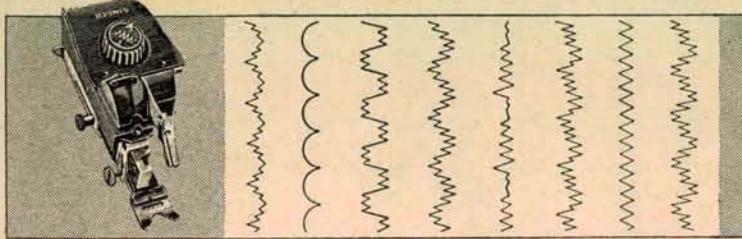
Félix Aires

Chegam as manhãs de abril que encomendei um dia para os teus olhos !
Maio promete vir carregado de flôres e plantas novas para purificar o ar que respiras !
A aragem que balouça a fronde das árvores é a professôra de bailados.
A água da neve, das neblinas e das nuvens fará chuvas em pérolas para tamborilar nas cercanias da tua casa...
Os pássaros virão cantar, as flôres virão sorrir...
Os sabiás harmonizarão o ambiente para que despertes venturosa !
És a ventura improvisada de uma hora para outra, a amenidade que não se descreve...
A primeira sempre, porque és !
Envio-te esta madrugada.
— Só os poetas possuem dêstes presentes para as mulheres lindas, assim !
E não te esqueças :
— quando tiveres um pouquinho de tempo, lembra-te de mim ! ...

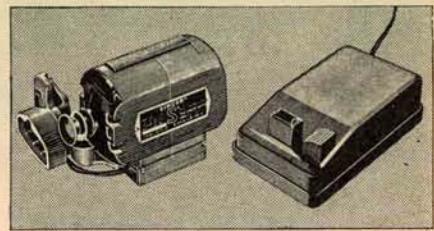


TÃO
APRECIADA
QUANTO
UMA JOIA!

A máquina SINGER — uma lembrança para sempre!



Presente que é uma "jóia"! O aparelho Ziguezague Singer faz inúmeros pontos decorativos... veja que maravilha! É completamente automático e de manejo tão fácil que qualquer pessoa pode usá-lo! Toda a mulher caprichosa fica encantada com a perfeição do trabalho de um Ziguezague Singer!



Para quem já tem Singer... é fácil motorizá-la! O motor Singer pode ser adaptado a qualquer máquina de costura! É silencioso, suave, e não requer nenhuma atenção especial! Um leve toque de pedal e... o motor faz todo o trabalho! Um presente realmente apreciado!

O nome Singer garante a eterna lembrança do seu presente. E há uma Singer para cada gosto... uma para cada orçamento. Neste Natal, faça a escolha de 150 milhões de compradores satisfeitos! Quem não ficaria encantada com uma Singer?

O NOME GARANTE O PRODUTO



— e comprei-a
em suaves
prestações!





LUZES DE

Réveillon

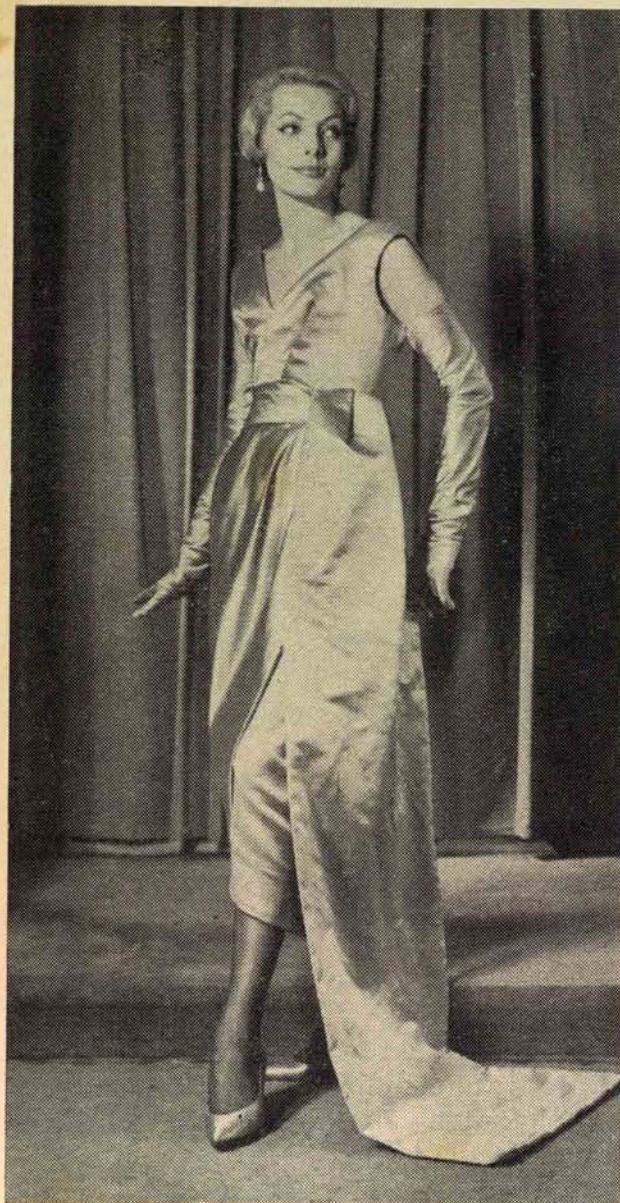
OLGA OBRY

PARIS (Via Panair) — Para as festas de fim de ano, a moda oferece uma larga escala de feitiços, comprimentos, matérias, cōres, enfeites. Para as mocinhas, a saia ampla e curta, porém menos ampla e menos curta do que a da temporada precedente: a bainha desce, mais ou menos, até meio caminho entre joelho e tornozelo, e algumas pregas (não passadas a ferro) acentuam as ancas abaixo de um cinto largo e reto ou de um corpinho justo, sem cinto. Os decôtes são largos, apoiados na ponta do ombro, descolados em forma de «cesta» nas costas, ou arredondados e com alça abaixo do ombro, prolongando seu contorno. Cetim em tonalidades «pastel», com finos bordados de missangas, novos tecidos brocados, combinando fibras de nylon, ban-lon, lurex etc. dão um ar sclene, conveniente a uma festa de Réveillon, a êsses modelos de feitio clássico e despretensioso. Se Mademoiselle continua preferindo dançar de vestido curto, nota-se uma nova ofensiva do vestido de noite comprido para Madame. A silhueta é geralmente esguia, com drapejados envolventes em diagonal. Às vêzes, a saia, curta na frente, acaba em cauda atrás, seja com um pano sólto prêso abaixo do cinto, revirado dentro da bainha da saia, seja desabrochando em babado em forma de sino, de estilo castelhano. Com o vestido de noite usam-se pequeninas toucas «pilbox», inclinadas para frente e enfeitadas com pedrarias; com o vestido comprido, diademas cintilantes, estolas ou mantilhas de renda.

TOALETE de gala em organza brocada marrom e ouro. Largo cinto e debrum, na grande gola quadrada e na bainha da saia comprida, em cetim marrom. Modelo de GRÈS.

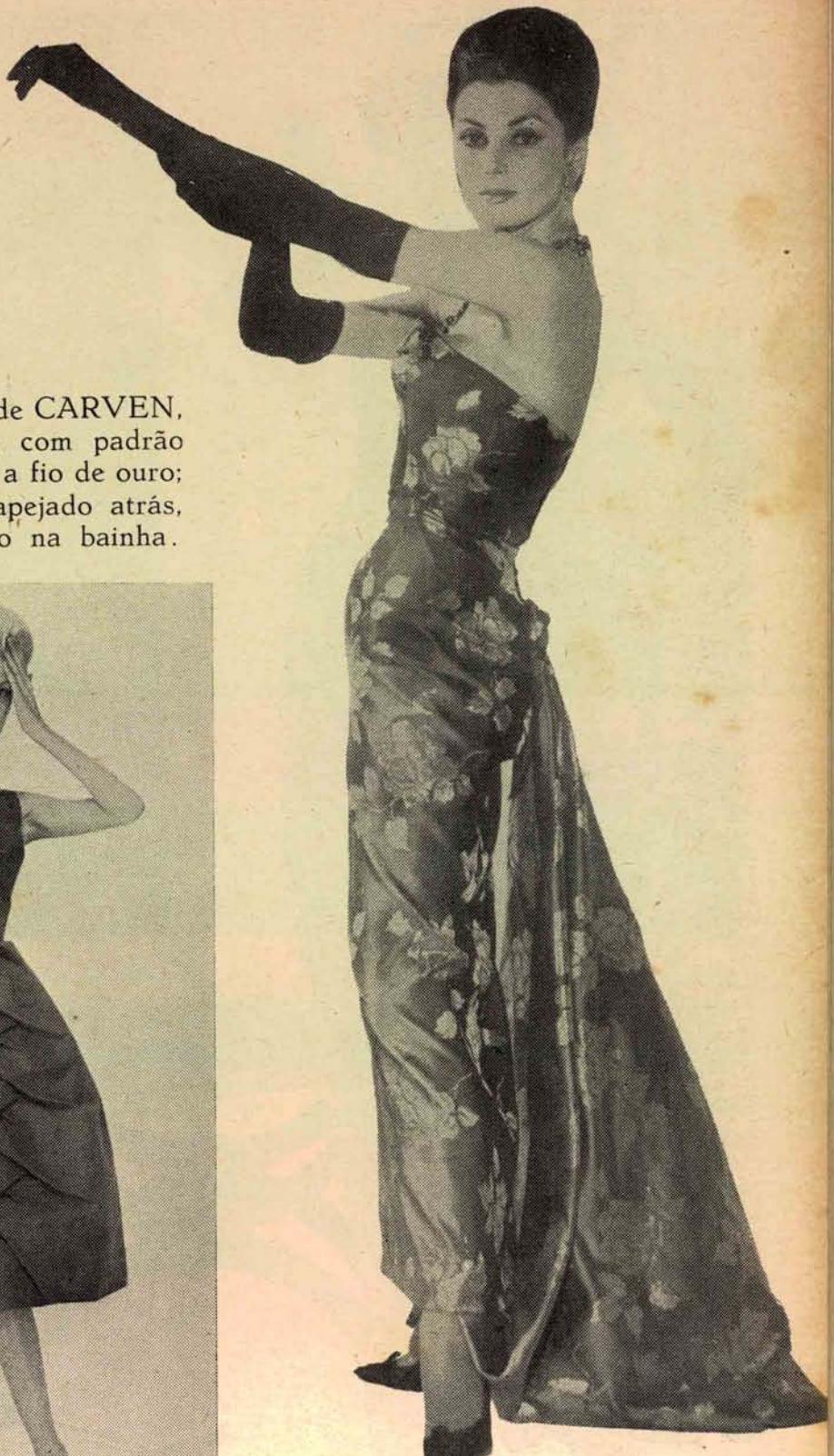
Réveillon

MODELO muito habillé de JACQUES HEIM, com saia-envelope de meio comprimento; uma ponta sólta do largo cinto acaba em cauda, arrastando pelo chão. Como o próprio vestido, as luvas compridas são executadas em cetim côr-de-rosa, ou antes: côr-de-azálea — matiz e nome novos.

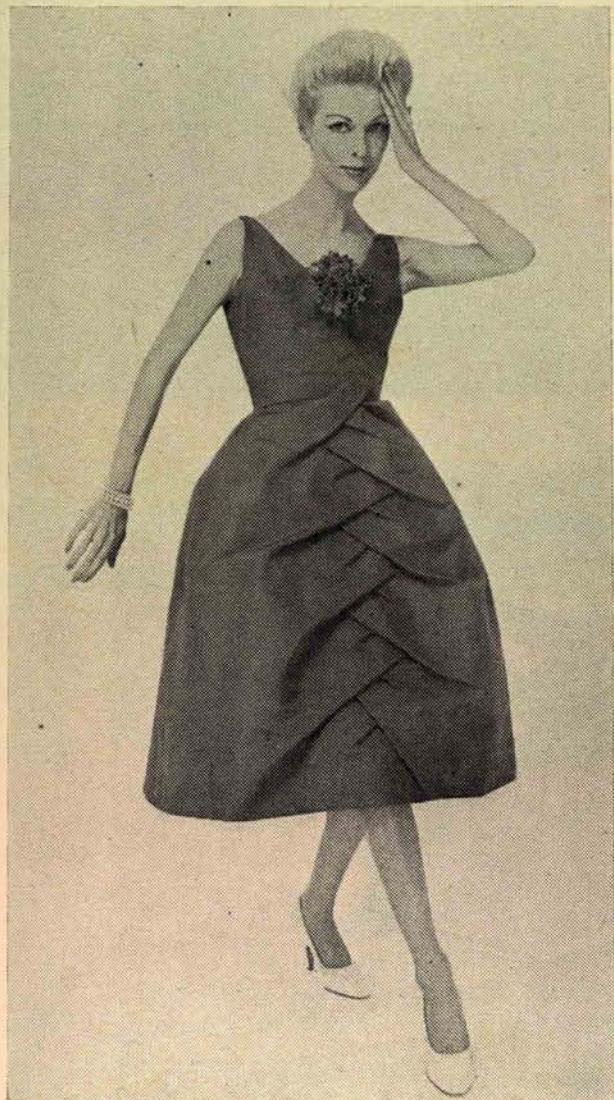


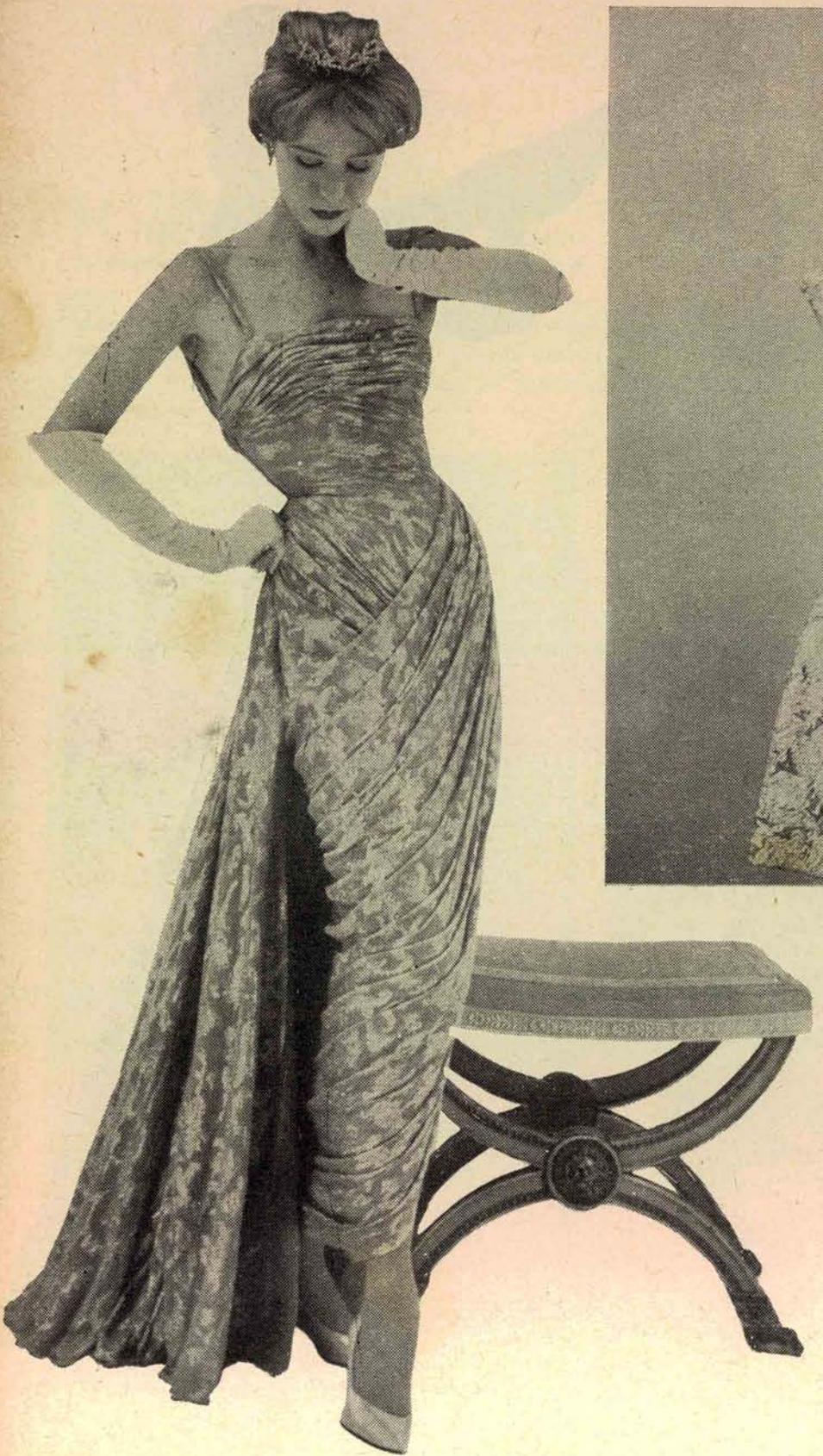
VESTIDO de dançar, em cetim côr-de-rosa, bordado com missangas e lantejoulas, com casaco da mesma fazenda, da coleção HEIM Jeunes Filles.

VESTIDO de noite de PIERRE BALMAIN com saia curta e ampla, em faille côr-de-violeta, com interessante movimento entrelaçado na frente.



TOALETE de baile de CARVEN.
Em cetim marrom com padrão
de flôres em lamé tecido a fio de ouro;
saia estreita e pano drapejado atrás,
formando cauda e preso na bainha.







VESTIDO de noite, curto, de JACQUES GRIFFE, de feitio característico da nova «linha gótica», com decote «em cesta» nas costas e saia ampla, em rico tecido brocado, de BUCOL, combinando fibras ban-lon e lurex sôbre trama de nylon — uma das grandes novidades têxteis da temporada.

VESTIDO de noite em estilo castelhano, de LANVIN-CASTILLO: em renda cinza-pérola, curto na frente, comprido atrás, com mantilha da mesma renda caindo sôbre os ombros.

Réveillon

T OALETE de gala em musselina de sêda lamé verde e prata, tôda drapejada em movimento diagonal, cruzando na frente e acabando em pano sólto nas costas. Modelo de JEAN DESSÈS.

Quando as Mãos se Cansam . . .

Conclusão da pag. 45

— Tudo bem, Madre. Graças a Deus. Só estou estranhando esse negócio da máquina de costura...

— Recebeu-a então? Olhe que o carroceiro andou depressa. Deus o benza. Imagine, Madre, que veio aqui por engano. Deve ser daquele senhora que vinha passar uns dias aí no Asilo.

— Recebi, sim, Madre. Mas não é a máquina que a senhora pensa. E' outra máquina e é sua, Madre, sua inteirinha...

— Impossível, Madre, não brinque com meu coração. E sua hóspede não veio então? E essa máquina?

— A hóspede desistiu de vir, conforme telegrama que recebi ontem, alegando doença na família. Manda mesmo um grande abraço para a Senhora, e se recomenda às suas orações.

— E a máquina, Madre... a máquina, por caridade?

— Pois a máquina é sua, Madre, é suazinha, com motor e tudo. Uma beleza de máquina. Já mandei levá-la de volta ao convento. Pode ir abrindo a porta, que o carroceiro não demora.

— Mas... como sabe que é minha, Madre? Por caridade, não me deixe pensar mais. Como sabe que é minha?

— Pois está num cartãozinho que veio dentro de uma das gavetas. Vou ler para a Senhora: «A Madre... e suas dedicadas irmãs do Convento dos Pobres do Senhor, com votos de feliz Natal. M... e suas filhas». — Ouviu bem, Madre, está convencida agora?... Alô, alô... Madre, não está escutando?... Bem já sei. A coitada está comovida, acho até

que foi chorar lá na sua pobre capelinha. Santa Madre...

E a outra Santa Madre, coração em festa, recolocou o telefone, em seu suporte, suavemente, como quem deposita uma criança em seu berço.

— Deus é bom, muito bom mesmo; não poderia ter feito melhor. A Madre precisava tanto de uma máquina de costura e chega bem no Natal...

E lá se foi cuidar de seus velinhos e enfermos.

★

Na capelinha tão calma, a Madre Superiora, reclinada em seu genuflexório, deixava correr livremente lágrimas de gratidão e de vergonha, por ter duvidado de seu Deus. Nem olhava para o santo Crucificado. Não ficava bem enfrentar aquele olhar meigo e compreensivo. Afundava cada vez mais a cabeça encanecida, que o véu ocultava discretamente e só conseguia balbuciar:

«... eu sabia, Jesus, eu sabia, que eu é que estava errada...»

O Pequenino General

Conclusão da pag. 45

Gastou duas noites para completar sua advertência às avessas. Quando a cidade acordou, tomou seu lugar no centro da vitrina — espada apontada dramaticamente para as palavras que tinha escrito no gêlo. Passaram-se as horas, e, ao fim do dia, sentia-se um tanto deprimido. Ao fim do dia seguinte, estava ainda mais deprimido. Ao terceiro dia, mergulhou no mais profundo e mais negro desespero!

Centenas de pessoas, fazendo compras de Natal, haviam passado pela vitrina. Dezenas tinham parado e rido do Pequenino General. Mas nenhuma — ninguém mesmo — dera a menor importância ao letreiro rabiscado no gêlo.

— Tenho de fazer uma coisa para chamar a atenção dêles — disse o Pequenino General, no quarto dia — mesmo que seja levado a Conselho de Guerra, por mau comportamento, como oficial. Pois amanhã é Dia de Natal. Mas, se conseguir fazer ao menos um par de olhos ler o meu aviso...

Mas ninguém foi vê-lo a dar saltos mortais dentro da vitrina da loja de brinquedos. Nenhum transeunte hesitou, ao vê-lo de cabeça para baixo, a agitar no ar as botas pretas. Só um garotinho parou e apertou o nariz de encontro ao vidro, quando o Pequenino General subiu, plan-

tando bananeira, a pirâmide de blocos alfabeticos.

O Pequenino General olhou o garoto e seu coraçãozinho quase parou. O vapor da respiração do menino estava derretendo o gêlo e apagando as palavras que havia escrito com a ponta da espada!

— Suma-se daqui — gritou o Pequenino General. — Suma-se, por favor. Você está estragando o meu aviso.

Ia descer correndo a pirâmide de blocos alfabeticos, mas escorregou e rolou de A a Z, com um barulho tão grande que sacudiu a vitrina. Quando conseguiu levantar-se, o menino havia sumido; o gêlo havia sumido; e a carta ao Prefeito havia sumido.

— Agora — soluçou o Pequenino General — que mais poderei fazer?

Marchou para cima e para baixo toda a tarde, naquela véspera de Natal, com as sobrancelhas minúsculas muito franzidas, em profunda meditação. Depois, quando o relógio da torre deu sete e meia, o Pequenino General saiu para a Praça Central.

Fazia um frio abaixo de zero e o vento norte, rijo e selvagem, quase não o deixava caminhar. Deslocou-se palmo a palmo, mas demorou-se tanto que só vinte minutos depois da hora marcada chegou ao local desejado.

— E' tarde demais! lamentou-se o Pequenino General. — E, por causa de um fracasso tão grande, eu preferiria ser exilado para o mais sujo ferro-velho, pois não passo de um tiquinho de chumbo!

Naquele momento, dois homens mascarados saiam correndo do banco e enfiavam-se num automóvel que esperava na esquina. O motor do carro rugiu e os pneus cantaram no calçamento, quando ele desceu a rua, na direção do Pequenino General!

— Os ladrões... E estão fugindo com todo o dinheiro de Natal! — exclamou sem fôlego o Pequenino General. E, desembainhando a espada, encaminhou-se para o lugar onde devia passar o carro. — Viva Papai Noel! — gritou. — Aqui elas não passam!

Ouviu uma tremenda explosão, quando a ponta da espada penetrou como um relâmpago no pneu dianteiro do automóvel. Sentiu um peso insuportável em cima de si, esmagando-o contra o calçamento. Depois, só havia escuridão. Uma escuridão muito profunda — como se alguém tivesse apagado as luzes de todas as Árvores de Natal de todo o mundo. Não viu o carro dos ladrões ir, descontrolado, bater num hidrante. Nem viu o hidrante quebrado expelir água para o ar frio abaixo de zero. A água caiu no automóvel e na mesma hora congelou-se, formando uma prisão gelada. E fechados dentro dela estavam os inimigos do Peque-

nino General, que tiravam, em vez de dar, na Noite de Natal!

Quando o povo descobriu uma espadazinha no pneu, foi todo mundo procurar o Pequenino General. Mas, quando o encontraram, ele estava tão achataado como uma moeda.

— Oh, que pena! lamentou-se o Joalheiro. — Mas, se eu tivesse um pouquinho de metal, acho que poderia consertá-lo.

— Pois eu tenho um pedaço de chumbo muito velho — disse o Prefeito. — Vou buscá-lo agora mesmo!

— Ele vai precisar de uma cara nova — comentou o Famoso Artista, que geralmente só pintava presidentes. — Acho que poderei dar-lhe uma.

Um uniforme novo é mais importante — disse o Supremo Alfaiate, que só desenhava uniformes para filmes de guerra. — Vou vestir o General com algo muito digno e muito estupendo.

Na tarde do Dia de Natal, a Praça Central ficou tão cheia de gente que não cabia mais ninguém — nem grande nem pequeno. O Pequenino General, agora tão elegante e tão perfeito quanto a pintura, a limpeza e a perseverança o tinham podido fa-

zer, ficava no lugar de honra, sob a grande Árvore de Natal. Seu uniforme imaculado era azul, do ano de 1776, e ele tinha mesmo o direito inalienável de usá-lo, por causa do pouquinho de chumbo que o fizera completo outra vez, e que era de uma patriótica bala atirada por uma espingarda que havia acompanhado George Washington, num Natal muito histórico.

— E havia também — brilhando nos seus pequenos ombros — não as cinco estrelinhas de prata de General do Exército. Tinha seis estrelas de platina — com as quais ficava sendo o primeiro e único General dos Generais — e Supremo Comandante de todos os soldadinhos de chumbo de todo o mundo!

— O discurso! — pediu a multidão.

— Meus queridos Amigos — disse o Pequenino General — meus Conterrâneos e todos vós. O Natal é de todos — para todos e por todos. Ergueu a cabeça e seus olhos fitaram a estrela no topo da grande árvore. — Enquanto nós amarmos o Natal e fizermos tudo para conservar o Natal — ele não desaparecerá da face da terra!

As Aventuras do Farmacêutico

Em 1951, quando se encontrava em franca atividade a «caça ao urânio», o cidadão Pick, de Rayaltown, próximo de Minneapolis, teve a sua farmácia incendiada, vendendo-se em plena miséria, com a esposa e um filho. Imediatamente, partiu para o Colorado, onde foi logo contaminado pela febre do urânio. Depois de munir-se de um contador Geiger e de opúsculos e mapas, Pick vagueou, durante dois anos, pela zona dos planaltos, que distavam cerca de duzentos quilômetros da estrada de ferro, e pelos desertos de pedras, sofrendo sede, fome e febre.

No fim desse período, havia perdido cerca de trinta quilos, estava com a esposa doente e sem um níquel sequer. Desesperado, desejou ainda tentar a última cartada. Chegando às margens de um rio cujas águas provocavam-lhe febre e dores de estômago, resolveu fazer uma paradinha.

Era 23 de junho de 1953. Inesperadamente, Pick viu-se diante de uma parede rochosa, como aquela com que vinha sonhando há anos: numerosas manchas vermelhas e amarelas resplandeciam entre as camadas escuras e esbranquiçadas da pedra. Não podiam significar senão uma única coisa: urânio! Pick escalou a parede, subiu aos blocos coríodios, atravessou fendas, rasgou as roupas, mas aproximou-se das manchas. O contador oscilava como um louco! Finalmente, a sorte lhe sorria!

Hoje, Pick, multimilionário, possui uma herdade no Pacífico e um laboratório, onde vinte químicos trabalham sob a sua chefia. Possui um aeroporto particular, com dez aeroplanos, com os quais ele e seus colaboradores saem à descoberta de novas jazidas, pois a caça ao urânio continua e os «farejadores de rochas», como são chamados os exploradores, tornam-se cada vez mais numerosos. Muitos deixam a vida nos desertos de pedras, mas basta que um seja feliz, que o seu contador «enlouqueça», para que centenas de outros partam em direção à miragem das rochas coloridas.

AGORA em Português



Um novo livro de
Carlos B. Gonzalez Pecotche
(RAUMSOL)

LOGOSOFIA CIÉNCIA E MÉTODO

TÉCNICA DA FORMAÇÃO
INDIVIDUAL CONSCIENTE

Contém os principais
lineamentos da concepção logosófica, da
qual surge uma nova
cultura para a huma-
nidade.

NAS PRINCIPAIS
LIVRARIAS

TAMBÉM EDIÇÕES EM
CASTELHANO E INGLÊS

PELO REEMBOLSO POSTAL.

Pedidos à Livraria

OSCAR NICOLAI

AV. Afonso Pena, 776
Belo Horizonte — Minas Gerais

Considerado em relação à tiragem e à classe de leitores, o anúncio em ALTEROSA é dos mais baratos da grande imprensa periódica brasileira.

PRESENTES
que revelam bom gosto...

- Joias
- Canetas
- Isqueiros
- Canivetes
- Tesourinhos

Limoës

AV. AFONSO PENA, 910
BELO HORIZONTE

CONSERTOS - GRAVAÇÕES -



«Amai-vos uns aos outros!»

O NATAL TAMBÉM É FESTA DE CARIDADE

Fotos de Ponce de Leon



Nas ruas silenciosas da Cidade Ozanam, os pequenos varredores iniciam, tôdas as manhãs, a faina suave da limpeza do grande lar que os acolheu... Vamos também ajudá-los a varrer de suas vidas — que são manhãs de esperança — o cisco da miséria que os faz tão solitários ?



O Abrigo Jesus é o educandário feminino cujas portas estão abertas para as criaturinhas indefesas que a vida colocou à sua margem. Quando o portão de ferro se abre e elas entram, subindo a escada, é que o destino delas conferenciou com a vida e obteve a promessa de melhores dias...



QUANDO a criatura humana atingir aquèle índice de perfeição espiritual entrevisto nas palavras do Professor Excelso que pregava aos gentios, através da frase que se tornou um dos dez mandamentos dívinos — amai-vos uns aos outros — o sentimento da caridade dominará o mundo.

Esse domínio dividirá, então, o calendário humano em duas eras antipodas: a era do homem que realizava seu programa de bondade através de «slogans» publicitários, ou sob o eufemismo «solidariedade humana», como quem cumpre obrigação imposta pela sociedade vigilante, e a era maravilhosa — que há de vir com a contínua perfeição da espécie — em que dentro do seu coração, mais puro e sensibilíssimo ao sofrimento humano, estará ressoando as palavras lustrais de Paulo, o apóstolo, na sua primeira epístola aos coríntios: «Se eu fa-



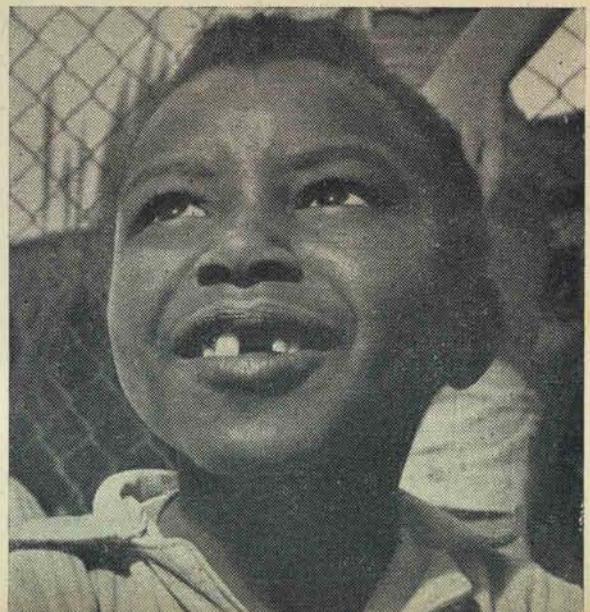
Na sala cálida e acolhedora, os anjos sem asas folheiam livros, abrem revistas, leem histórias divertidas... A biblioteca do Abrigo Jesus é um mundo de histórias boas tão diferente daquele outro mundo de histórias más... Vamos ajudar também a êsses anjos — consolidando o seu mundo, que é o Abrigo ?



«Ciranda, cirandinha, vamos tôdas cirandar...» — ressoa, sempre, no parque de recreio do Orfanato São João Batista. São as vozes órfãs das criaturas que a vida tornou filhas da caridade cristã de que êste Natal deve ser também a festa máxima. Ouçamo-las, na sua cantiga monótona mas tocante, como numa súplica à compreensão dos pais que têm junto de si seus filhos...

Na inconsciência da infância, seu olhar nos chega como uma pergunta sem resposta : Por quê ?

O céu está longe, mas o sorriso confiante mostra que ele tem o seu, particular, para uso interno...

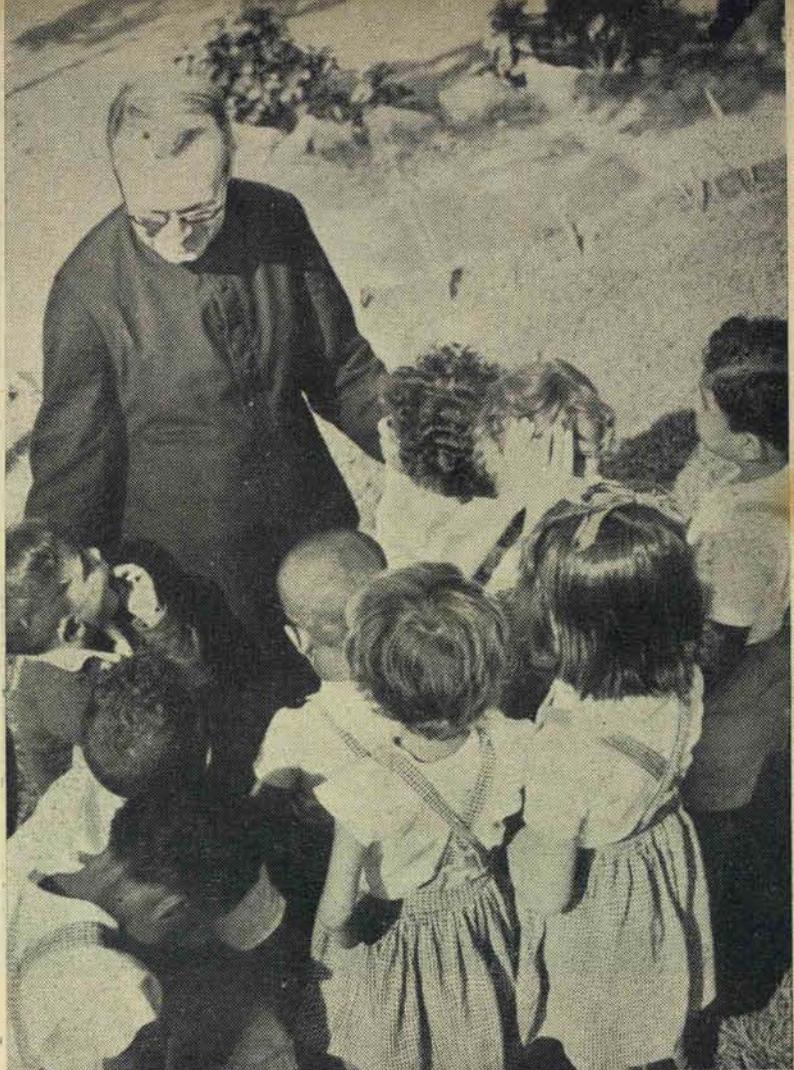


lar as línguas dos homens e dos anjos, e não tiver caridade, tenho-me tornado como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Se eu tiver o dom de profecia, e souber todos os mistérios e toda a ciência; se tiver toda a fé a ponto de remover montes, e não tiver caridade, nada sou».

A linguagem dos homens atingiu, é certo, através das obras-primas, a ressonância angelical, que é a presença simbólica de Deus na obra humana. Essa linguagem a que alude a epístola são-paulina teve-a os gênios da humanidade. A profecia, em que pesem as controvérsias, se tornou outra conquista do homem, que desvendou mistérios e se dignificou através da ciência, numa comprovação da existência da esperança de melhores dias para a humanidade e revelou a sua fé no seu próprio destino.

Mas, e a caridade?

Atingiu o homem a sublimação desse sentimento que, segundo a epístola eterna, «não se jacta,

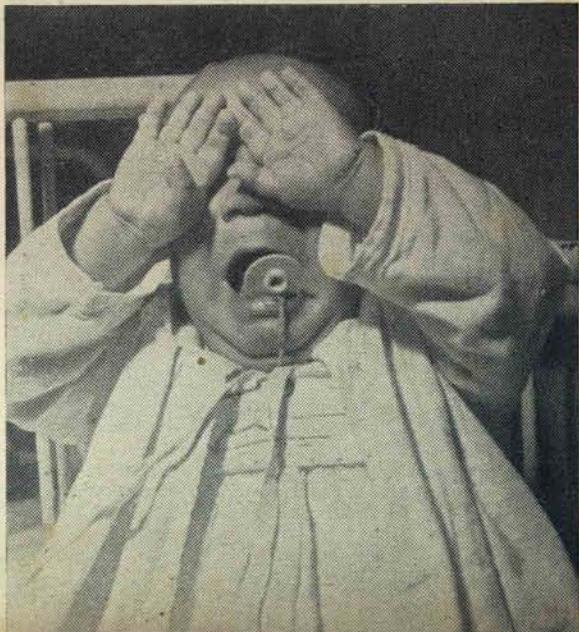
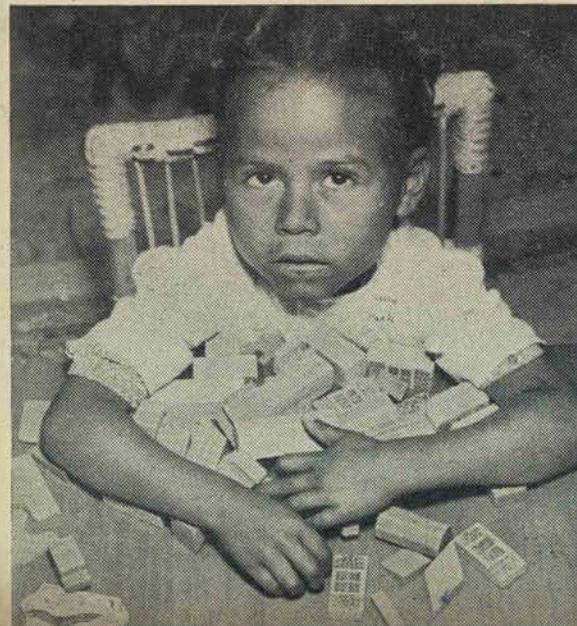


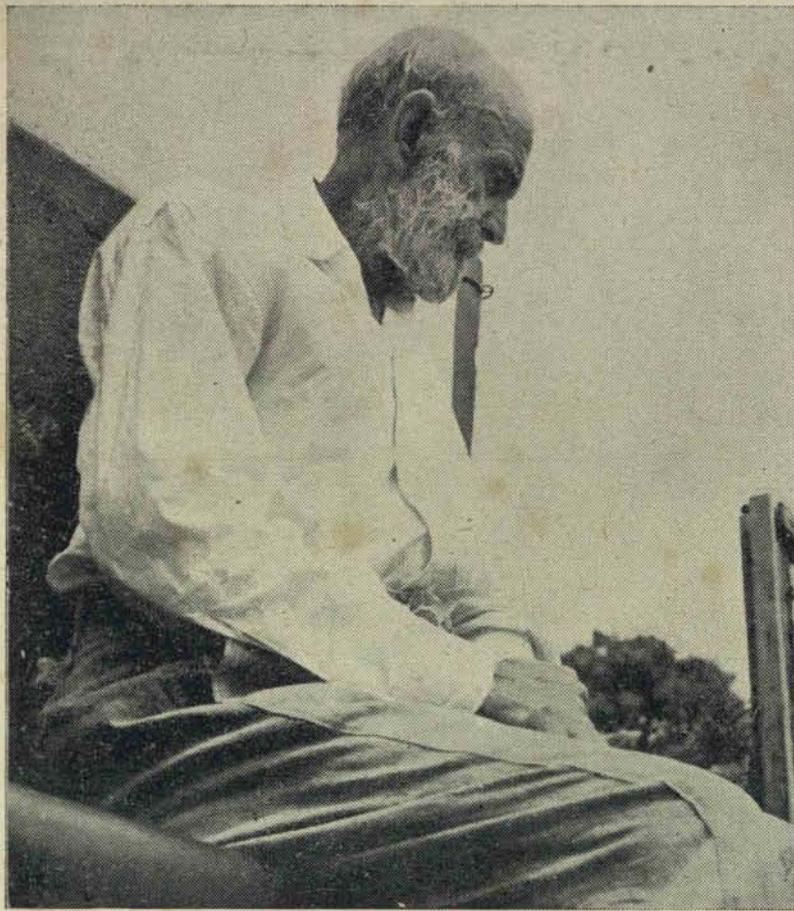
O NATAL TAMBÉM É...

Padre Agnaldo é, na grandeza de suas obras sociais, bem o símbolo da caridade cristã sonorizada na frase inesquecível: «Deixai vir a mim as criancinhas».

A casa desabou outra vez... Mas, como da primeira vez — por onde andarão papai e mamãe? — tudo se resolverá.

O chôro, aqui, é manha... Ou será a vaidade precoce de não se ter preparado para a foto?...





Agora, o Asilo Afonso Pena é o seu lar — substituindo aquela casa grande em que, pelo Natal, reunia os pobres das redondezas para os festejos do Menino Jesus, os doces, os presentes... Sumiu no tempo a casa grande — mas não sumiu a saudade, que é, agora, a sua riqueza de asilado...



A irmã — um dos anjos do Asilo Afonso Pena — trouxe flores para o casal. Sentirão elas ainda o perfume das flores?



No Lar das Cegas — onde a luz se fêz sombra — a sombra se faz som: luz do sentimento que a música purifica.

não se ensoberbece, não se porta inconveniente, não busca seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre»?

Evidentemente, não.

Por quê?

Porque as criaturas humanas — quanto humanizadas pela esperança e divinizadas pela fé — não se aperceberam, ainda, que o amálgama de ambas só as libertará dos grilhões materiais, sob cujo peso arquejam, quando a caridade fôr o elo — não de aço ou ouro, mas tecido com os fios do amor cristão — ligando a ambas e completando a trindade salvadora.

Já dizia o poeta na sua divina percussão:

Sejamos bons, inda que por vaidade.

O verso insinua, num apelo quase imperceptível, que mesmo a vaidade se diluiria à força purificadora da bondade...

O NATAL TAMBÉM É...

Caridade cristã é privilégio a que todas as criaturas devem aspirar na procura íntima da palavra do Eterno Professor que ainda nos guia através dos poetas:

Se és bom, tens o caminho mais seguro: o bem é uma subida que não cansa.

Caridade é, pois, ascensão.

Ascenção dentro de nós mesmos que, conquanto presos à terra, vamo-nos sentindo, à força da esperança e à luz da fé, em cada hora que passa, mais perto do céu.

☆

Por que essas divagações sobre a caridade, usando palavras que, como nós mesmos, já se desgasaram?

Por que falar sobre a esperança que nos mantém atentos ao futuro e sobre a fé que nos eleva acima das contingências inelutáveis da vida?

Ora, porque, Irmão, aí está o Natal, que também é festa de caridade. Essa festa cristã, em que não há convites especiais, mas à qual todos comparecem vibrando na mesma alegria contagiante. Alegria em que a alma se mostra, desnuda, no esplendor de sua santidade primitiva, ainda não tisnada pelo lodo do mundo.

E por que não comungarmos, todos, nessa confraternização universal, em que as línguas se traduzem no milagre da linguagem bíblica e os povos cristãos se ajoelham ante o Eterno Menino?

Por que não oferecermos, então, àqueles que não terão Natal feliz quanto o nosso — o pedaço de pão que nos sobrou da mesa farta?

Por que não imitarmos a arte do espírito — que o poeta requintou em beleza — com a realidade prosaica mas tocante de docura humana: Que eu não coma sózinho o pão que possa ser partido por mim em dois pedaços.

☆ ☆ ☆

PRUDÊNCIA PRESIDENCIAL

O PRESIDENTE Ydgoras, da Guatemala, introduziu um novo método a fim de prevenir-se contra os golpes de Estado. Como ele já conta com a idade de 63 anos e os adversários ameaçam um pronunciamento para substituí-lo no cargo, o Presidente tem se apresentado regularmente na televisão durante meia hora, trajando camiseta e calção e desempenhando uma série de exercícios físicos que demandam vigor e preeminência.

SAÚDE

SARAMPO E SUAS FASES

O FATO de que existe uma certa correlação entre o aparecimento de uma epidemia de sarampo e a estação do ano é pôsto fora de dúvida: as estatísticas demonstram que, sobretudo na cidade, esta doença atinge o ponto de maior freqüência na primavera e, segundo alguns estudiosos, o fenômeno estaria ligado, mais que aos fatores climáticos primaveris, à queda de alguns fatores protetores, isto é, a uma menor resistência orgânica.

O sarampo é uma doença infeciosa aguda e contagiosa que atinge, de preferência as crianças, mas não deixando de lado os adultos também. Geralmente, há um decurso na doença caracterizado por uma extraordinária regularidade no que se refere à duração dos vários períodos que ela compreende. O primeiro deles, chamado período de inoculação, vai do momento do contágio àquele do aparecimento dos primeiros sinais da doença: dura, em média, 11 dias. O segundo período, chamado de invasão, dura 3 ou 4 dias e é acompanhado pela inflamação das primeiras vias respiratórias, pelo aparecimento de manchas brancas, semelhantes a borrifos de cal, sobre a mucosa da face, na altura do primeiro dente molar. Essas manchas, sendo característica exclusiva desta doença, permitem proceder a um diagnóstico precoce. O terceiro período, chamado eruptivo ou esantemático, é caracterizado pelo aparecimento das clássicas manchas vermelhas que, semelhantes, a princípio, a uma cabeça de alfinete, crescem e tendem a se reunirem em grupo; neste período, que dura 3 ou 4 dias, como o precedente, a temperatura é mais elevada e o estado geral do paciente faz-se mais grave. O quadro encerra-se com um quarto período, chamado período de declínio, no qual todos os sinais da doença tendem a desaparecer e o enfermo entra em convalescência. A recidiva e a recidiva são excepcionais, pois a imunidade adquirida geralmente é absoluta.

Existem formas complicadas, nas quais o decurso é mais grave e prolongado e as complicações mais freqüentes são as que atingem os ouvidos (otite), o aparelho respiratório (laringite, bronquite, pulmonite e broncopulmonite), o aparelho digestivo (enterite, apendicite), enquanto são raras aquelas a cargo do sistema nervoso (encefalite). Prescindindo das complicações, em geral o prognóstico é favorável.

A terapia do sarampo é sobretudo assistencial: é importante assegurar ao enfermo um ambiente freqüentemente renovado e uma alimentação leve, mas nutritiva. Como tratamento básico, recomenda-se o uso de antitérmicos à base de piramidona para abaixar a temperatura, medicamentos balsâmicos contra a inflamação das vias respiratórias e, eventualmente, antibióticos e sulfamídicos, sobretudo no caso das complicações. A terapia moderna introduziu, especialmente para os casos resistentes, as gammaglobinas, proteínas particulares do soro do sangue, que têm o poder de formar os anticorpos, isto é, reforçar a resistência do organismo.

CÁPSULAS

☆ O colesterol, substância que se acumula no sangue e que é co-responsável por muitos distúrbios circulatórios, pode ser benéfico, sendo, portanto, oportuno evitar dietas muito rigorosas. ☆ Em qualquer época, é bastante aconselhável a ingestão de sucos de frutas, uma vez que eles possuem propriedades remineralizantes, digestivas e tonificantes. ☆ O excesso de calor determinado por uma prolongada exposição ao sol (insolação) ou causado pela permanência em ambientes não arejados é uma forma de intoxicação que se manifesta com fortes dores de cabeça, vertigens, febre alta, convulsões, delírios e até distúrbios cardíacos.



RUFUS KING

Ilust. de
ALVARO
APOCALYPSE

SEXTA PARTE

EDNA estava a dirigir os trabalhos de replantio no jardim, depois que uma mortifera geada enegreceu as dálias e destruíra as margaridas. Apenas o canteiro de crisântemos tinha sobrevivido.

Todo final de outono, quando Edna cuidava daquele mesmo problema, ela sentia uma nostálgica tristeza por causa da côr e da fragrância das flores desaparecidas, mas logo em seguida compreendia que flores novas haveriam de brotar das suas raízes e tomar o lugar das outras, por ocasião da primavera.

Cortou algumas violetas e, enquanto o fazia, imaginava se uma viagem não seria conveniente para Harold, que, durante as duas últimas semanas, não parecia o mesmo. Edna não chegara a pensar que o incomodasse algum problema de saúde, mas que havia qualquer coisa a fazê-lo ficar preocupado. Talvez fosse bom que ambos fizessem um passeio. E' sempre bom mudar de ambiente. Também é bom dar recepções com certa freqüência.

Na hora do almôço, ela deu notícia a Harold da sua idéia, e ele gostou. Poderiam ir de carro, só os dois, e divertirem-se a valer. Decidido que assim haveria de ser, Edna disse :

— Acho que vou convidar os Athertons para jantar, amanhã. Acho que não estivemos com eles ainda, depois que voltaram de Chicago.

As juntas dos dedos de Harold ficaram rijas e brancas.

— Amanhã é quinta-feira, Edna. Ela fingiu não ter percebido a sua tensão nervosa.

— Sei disso, meu bem. Então, você prefere outro dia ?

— Não é bem isso. Eu gostaria

RESUMO DA PARTE JA' PUBLICADA — Com o objetivo de fazer chantagem contra o marido, Harold Denlon, Clara Denlon matou Solda Carmandine, sua sósia, e deixou que o cadáver desta passasse por ser o seu, e, depois disso, instalou-se numa casa de campo nas imediações de Bodmont Falls, aonde, usandos de um hábil estratagema, conseguiu atrair Harold. Ele não pôde esconder sua surpresa ao ver que estava viva aquela cuja cadáver ele mesmo identificara, na presença do Sargento Morris, do Departamento de Desaparecidos da polícia local, mas acabou dando-se conta da realidade. A mulher queria que ele lhe pagasse trezentos mil dólares, e ele, para evitar escândalos que viesssem prejudicar a paz da sua nova vida conjugal, com Edna Washburton, concordou com o pagar-

mento, a ser feito em duas parcelas. Enquanto isso, a Sr^a Lovestone, em cujo apartamento residira a verdadeira Solda Carmandine, recebia do padrasto desta um pedido de esclarecimentos sobre as informações muito vagas que lhe prestara, a respeito do súbito enriquecimento de sua enteada. E o Sargento Morris, de repente, passava a ser seguido à distância por Harold Denlon, desconfiando, afinal, que havia alguma coisa.

Feito o pagamento da primeira parcela, Clara passou a aguardar a ocasião do segundo, marcado para duas semanas depois, disposta a fugir dali logo que recebesse o dinheiro. Nesse meio tempo, não podia deixar de imaginar que Harold voltaria não para pagar, mas para matá-la.

E ELA DISSE: "TALVEZ"...

que êles viesssem, mas estou comprometido para um torneio de «bridge» no clube. Não seria melhor convidá-los para depois de amanhã?

— De certo. Vou telefonar a Minnie e convidá-los para sexta-feira.

☆

A manhã de quinta-feira apareceu com o sol escondido atrás de pesadas nuvens, e, à medida que passavam as horas, elas foram cobrindo o céu inteiro, até não ficar qualquer tira de azul. Não havia vento e os pinheiros pareciam peças de mármore.

Clara sentiu-se aliviada quando terminou a noite, que tinha sido agitada, por causa de um sono que não era sono, cheio de sonhos atemorizadores.

Não seria capaz de suportar outra noite. Haveria de partir daquela casa nos calcanhares de Harold, tão logo êle lhe pagasse a segunda quota.

Um banho quente fêz com que seus nervos tensos se relaxassem, e ela pensou: «Este é o último banho que eu tomo aqui». E tudo o mais que fazia, era acompanhado do pensamento: a última vez...

Vestiu o costume com que mencionava viajar, e depois, antes de descer para o café, debruçou-se por uns instantes à janela do quarto, olhando as nuvens que anunciam tempestade. Shakespeare (ela o sabia dos cursos de arte dramática que fizera) havia usado nuvens em profusão. Eram simbólos do destino, mensageiros da desgraça e, não raro, da morte.

Alfred Lord Tennyson também as empregara: «Trazem o toque da ruína e da perdição de todos...». A lembrança daquela passagem apagou os benefícios que o banho lhe fizera, e ela se pôs a tremer.

Pagou à Sr^a Porter, após o café, e insinuou que ela já poderia arranjar as suas coisas, para que Joe a levasse à cidade. Não, não precisava ficar para fazer o almôço. Nem o jantar. Clara mesma daria um jeito. Queria apenas ficar sózinha. Queria sonhar com o seu futuro, e, é claro, com o seu «Robert Johnson».

Com isso, foi fácil descartar-se da Sr^a Porter que, embora já andasse com um pé na sepultura, era tão romântica como a Sr^a Lovestone.

Enquanto a Sr^a Porter estava no andar de cima, Clara viu Joe na sala de estar. Era uma cena curiosa de conflito interior, e os dedos de Clara pareciam pouco firmes, quando ela lhe pagou pelos seus serviços e pelo uso de seu carro. Assim como fizera com a caseira, adjuntou ao salário uma importância adicional, a título de gratificação, esperando que êle a recusasse. Joe não recusou.

— Quer esperar que a Sr^a Porter esteja pronta, para levá-la à cidade, Joe?

— Será um prazer, Dona Solda.

Com isso, ela teria o resto do dia inteiramente para si, e poderia considerar o seu encontro com Harold, após o cair da noite. Ficou revoltada consigo mesma, porque sentia pena de deixar que Joe se fosse. Chegou quase a modificar seus planos, mas compreendeu a tempo que era muito mais seguro não permitir que ninguém mais estivesse lá, quando Harold chegasse. Era melhor chamar um táxi, para ir à estação, logo que Harold se fosse. Depois, mudou de idéia. Seria melhor chamar Joe. O quarto dêle ficava acima da garagem, e ha-

via uma campainha para que êle fosse chamado da casa; ela poderia chamá-lo ou não chamá-lo, como quisesse. Seria melhor contar com a presença dêle.

Joe olhava-a, curioso, esperando que o mandasse embora.

— Quer fazer-me um favor, hoje à noite, Joe?

Ela percebeu que o rapaz hesitava um pouco, antes de repetir:

— Hoje à noite?

Clara, aceitando a hesitação dêle como mais um presságio, explicou:

— Não é coisa de muita importância, Joe. E' só se você já não estiver comprometido.

— Hoje à noite, a que horas, Dona Solda?

— Ali pelas onze.

O sorriso dêle dava conta do seu alívio.

— Ah, será ótimo. Há um torneio de bochas do qual estou participando, mas, se a senhora precisa, estarei aqui.

Ela não permitiu que êle se saisse com evasivas.

— Tenho um encontro de negócios às onze. Gostaria que você estivesse aqui, na hora, e esperasse na garagem, até eu tocar a campainha. Pode ser?

— Claro que pode.

— Depois, você terá de levarme à estação. Achei melhor tomar o noturno, do que esperar o expresso, amanhã.

— Será um prazer.

(Clara pensou em quanto tinham sido poucas as ocasiões de conversar com êle. Ia lembrar-se, depois, apenas à custa de muitos prazeres, claro-que-podes, etc.).

— Ah, Joe...

— Sim?

— Eu não tenho muita certeza... mas acho que pode ser

necessária a presença de uma testemunha, para a assinatura de um documento. Assim, se eu tocar a campainha da garagem, você pode subir imediatamente? Você pode subir correndo, Joe?

Joe disse que sim, enquanto pensava que ela não agüentaria mais a guardar a sua habitual reserva. Ao parecer, estava com medo de alguma coisa.

— Então, Joe, às onze — disse Clara, despedindo-o.

★

MORRIS deteve o carro diante da casa da Rua da Corte. Era a terceira vez que ele passava por lá, a fim de conversar com a Sr^a Lovestone, a quem parecera muito estranho o fato de ele querer um apartamento ali no seu prédio. O homem era solteiro, trabalhava como contador numa das fábricas e estava cansado de morar naquele cubículo que os donos do seu hotel chamavam de quarto. A Sr^a Lovestone simpaticara com ele desde que o vira pela primeira vez. Achava-o extremamente agradável.

Toda satisfeita, embora consternada, ela comunicou-lhe que ainda desta vez não havia vaga — mas isso não seria motivo para ele não ficar para uma xícara de café.

Morris aceitou. Sentaram-se. Beberam.

Enquanto a Sr^a Lovestone falava...

Clara arrumou suas malas e foi verificar se os quartos do andar de cima estavam em ordem. As malas já estavam fechadas e o chapéu e seu casaco, e suas luvas, estavam à espera sobre uma cadeira.

Ela não conseguia resistir à vontade de recontar o dinheiro. Fê-lo mais uma vez e colocou os pacotes de notas numa bolsa a tiracolo — um estilo que ela detestava, mas que seria o menos suspeito.

Por volta das duas horas, desceu para a sala de estar, levando consigo a bolsa, e telefonou à estação, pedindo reserva de uma cabine, no trem da noite. Foi à cozinha e preparou um almoço ligeiro, que comeu quase com prazer, porque era o último. Lavou os pratos e guardou-os.

As três da tarde, a neve começou a cair, e Clara acendeu as luzes, para afastar a escuridão. Depois, pôs-se a andar de sala para sala, nervosa como um gato trancado.

O Sr. Simms, administrador de imóveis, chegou às quatro, e Clara ficou satisfeita de ter com quem conversar. Havia esquecido de certos detalhes acerca das contas de luz e telefone, disse-lhe

o homem. Se ela quisesse, ele mesmo poderia cuidar do caso.

— Os planos da senhora são tão estranhos, Dona Solda... acho que são tão amplos (ha-ha-ha) que seria impraticável guardar o seu endereço. Não teria a senhora arranjado as coisas com as próprias companhias?

— Não, Sr. Simms. Francamente, nem me lembrei disso. E' essa confusão de última hora...

— E' claro, é claro.

O senhor poderia fazer-me esse favor, se eu deixasse algum dinheiro consigo... uns cinqüenta dólares? Tenho certeza de que darão para as despesas.

O Sr. Simms também tinha. Tudo combinado, ele ainda pediu que, uma vez que ela iria viajar pelo noturno, deixasse as chaves da casa debaixo do tapete, onde as apanharia no dia seguinte. E,



naturalmente, que não se esquecesse de apagar as luzes e fechar as torneiras. Quando ela e seu marido estivessem definitivamente estabelecidos em algum lugar, ela poderia mandá-lhe o seu endereço, para que ele lhe enviasse um cheque, caso houvesse algum saldo.

O Sr. Simms desapareceu dentro do seu seda e, mais uma vez, Clara ficou sózinha.

★

O DIA ESCURO ia-se tornando noite, com ligeira modificação, e com a chegada da noite, chegaram também os fantasmas, e nem todas as luzes da sala de estar bastaram para afastá-los. Em dado momento, Clara parou, rígida, no meio da sala. Ao arranjar suas coisas, ela se esqueceu de guardar aquilo. Os olhos dela, fascinados, fixaram-se

nos objetos de Solda. Então, os seus pensamentos voltaram-se todos para a mulher afogada.

(Ah, Clara como é agradável a água... Lá na fazenda tem um poço, mas a água só dá no joelho, e o Papai usa o tanque para os patos. Lembro-me de uma ocasião, Clara... era um mês de verão, como agora... Ficar deitada de costas, Clara? Você tem certeza de que não vou afundar?)

— Pare! Pare com isso! — Clara ouviu a sua própria voz a gritar.

Caminhou em direção à mesa e ergueu a bolsa de dinheiro, apertando-a ao peito até parar de tremer, até a imagem de Solda desaparecer de sua mente.

Em lugar de Solda, apareceu Harold. E, à medida que passavam as horas — sete, oito, nove... — ela ia estudando os pros e contras relacionados com as vantagens que Harold haveria de ter se, em vez de dar-lhe o dinheiro, preferisse matá-la.

Como o barulho do vento também a incomodava, Clara fechou as janelas e cerrou as persianas. Foi trancar as portas e voltou para a sala de estar, compreendendo que o seu gesto nada mais fizera do que trancá-la com os seus pensamentos. E com elas teria de esperar até as onze. E até o momento de precisar de recorrer à proteção de Joe.

★

AS DEZ HORAS, souu a campainha.

Clara parou o que estivera fazendo. Apenas os seus olhos se moveram, buscando o relógio, e ela teve a certeza de que não estava enganada quanto à hora certa. Sua mente confundiu-se ante a série de possibilidades que começaram a dançar dentro dela, todas representando perigo, todas fazendo pensar em Harold. Não foi capaz de imaginar por que Harold chegara mais cedo.

A campainha souu outra vez.

Ele teria vindo mais cedo com certeza adivinhando que ela haveria de ter alguém para protegê-la, às onze horas. Estaria ali disposto a matá-la. Ou teria ido mesmo levar o resto do dinheiro?

Clara não quis assumir o risco. Era melhor deixar que ele se fosse. Não haveria de abrir a porta antes das onze horas, antes de seu guarda-costas ter chegado. Ficou ali parada, imóvel, evitando até respirar com mais força.

De repente, ouviu o ruído de vidros quebrados na entrada da casa. Imaginou que alguém teria quebrado o vidro da porta. Sem poder controlar-se, ela se encaminhou para o vestíbulo. Uma

mão penetrava pela abertura no vidro, e os dedos enluvados já iam dar a volta à chave.

A porta foi aberta com violência e um homem penetrou na casa. Fechou-a de novo, tornou a trancá-la e guardou a chave.

Com o sangue quase gelado nas veias, Clara observou o estranho, pensando, dado o seu aspecto, que se tratava de um capanga contratado por Harold. Desgostou-a a conclusão de que deveria ter sabido, desde o princípio, que Harold jamais teria coragem para resolver o caso pelas suas próprias mãos.

O homem, com uma voz estranhamente branda, em contraste com o seu aspecto rude, perguntou:

— Você não vem receber seu paizinho, Solda?

Então, aquêle era seu padrasto, Antônio Carmandine. Clara sentiu-se aliviada. O sangue voltou a correr, seus pulmões encheram-se de ar. Satisfeita por saber que sua vida não estava em risco, Clara achou que seria conveniente reassumir seu papel de Solda Carmantine e buscar proteção naquele homem. Lembrou-se das coisas que Solda lhe havia contado — a maldição que ele lhe fizera, a infância sem graça na fazenda...

— Dê-me aqui o casaco e o chapéu, papai.

— Ah, agora, sim! Está melhorando.

Carmandine desvencilhou-se do capote já surrado.

— Como ficou sabendo que eu morava aqui, papai?

— Aquela velha idiota com quem você morou, Solda. Foi ela quem me contou tudo.

Clara podia imaginar: Carmandine havia feito aquela viagem para arrancar de sua enteada o que pudesse, da fortuna que ela deveria ter.

— Vou fazer um café, papai. Não posso oferecer outra coisa. Vou viajar hoje mesmo, e, por isso, a casa está fechada.

— E', eu já sabia (Clara não pensou em procurar saber por que ele tinha conhecimento daquele detalhe, porque estava muito preocupada com o seu papel de Solda). — Dispenso o café, sabe? Não estou com fome.

— Então, entre, papai. Vamos sentar um pouco.

Carmandine sentou-se numa poltrona.

— Você vai viajar para encontrar-se com ele, Solda?

— Vou, papai.

— Ainda não se casou?

— Não.

— Ah...

Aquilo era mais do que um suspiro. Era como se ele sómente agora houvesse recuperado o fôlego. Até aquêle minuto, ele ainda não havia olhado para ela, diretamente, nem uma vez. Clara imaginou que deveria ter ódio pela enteada, agora que via os olhos dêle pela primeira vez, e encontrava nêles um brilho de selvagem implacabilidade. Entretanto, como era Solda o objeto do seu ódio, ela mesma não era afetada por ele.

— Hoje, ventou assim o dia inteiro, Papai.

— Sim, e caiu neve também. Uma neve pesada. Daqui a pouco, vão começar a quebrar os galhos dos pinheiros.

As palavras dêle revelavam familiaridade com a cena.

— Como é que o senhor sabe da existência dos pinheiros, papai?

— Porque passei o dia inteiro no meio dêles.

Aquilo não fazia sentido. Por isso, Clara, injustamente, passou a acreditar que a maioria das pessoas que mora em fazendas costuma ficar louca.

Uma olhadela para o relógio revelou que ela ainda teria de esperar cinqüenta minutos para poder contar com Joe.

— Por que fêz isso, Papai? Por que não veio logo dizer que estava aqui?

— Porque precisava de conversar a sós com você, Solda.

Já não a olhava diretamente.

— Depois que o homem e a mulher saíram de automóvel com as suas malas, eu vi você passar diante de uma janela no andar de cima, e vim para cá.

— Por que o senhor acha que estamos sózinhos? O senhor, então, estava aqui mesmo?

— Estava — respondeu ele, com arrogância. — Sou um homem inteligente, Solda. Tenho uma inteligência maior muito maior do que você pensa. Enquanto você estava lá em cima arranjando as malas, eu estive olhando as coisas por aqui. Saí, quando você desceu as escadas, e tenho certeza de que ficou sózinha. Pude ter certeza disso, do ponto onde fiquei, lá entre os pinheiros.

— O dia inteiro, papai?

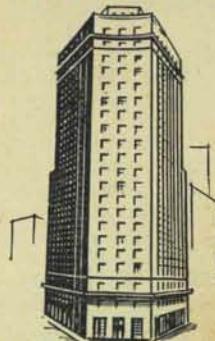
— Aquêle homem que veio de tarde foi-se embora logo, e ninguém mais apareceu por aqui. Não, Solda, não há mais ninguém nesta casa, além de nós dois.

Aonde queria ele chegar? Por que estava tão fria a sua pele?

— Eu tive... acho que a Sr^a Lovestone lhe escreveu a respeito... Eu tive muita sorte, papai. O senhor certamente com-

em São Paulo...
- o mais tradicional:

Hotel SÃO PAULO



PRAÇA DAS BANDEIRAS, 15 - TEL. 32-6111
END. TEL: CONFORTÁVEL

MUSEU DO OURO

Documentação histórica e artística do Ciclo do Ouro em Minas Gerais.

Aberto diariamente das 12 às 17 horas. (Fechado às 2^{as} feiras para limpeza).

CORRETORES UNIDOS LIMITADA SEGUROS EM GERAL

Representes de :

GRUPO «ATLÂNTICA»
DE SEGUROS • GRUPO
«SOL» DE SEGUROS •
PEARL ASSURANCE Co.
Ltd.

★

Rua São Paulo, 900 — conj.
903/905 — Caixa Postal
1234 — Tel.: 4-8820 —
Belo Horizonte

E L D O R A D O

o conjunto super luxo dos

Perfumes 21

Um presente delicado para a pessoa que você estima

UM SONHO!

BRAHMA CHOPP

O MELHOR DA FESTA

preenderá que ela, sendo mulher, não tem muito senso de proporção. O senhor... quando eu me casar, eu vou mandar um belo presente para o senhor. Alguma coisa de que o senhor... goste realmente, papai.

Carmandine levantou-se e se postou diante dela. A palma de sua mão atingiu-a na boca, com violência. O lábio inferior começou a gotejar sangue. As mãos dele firmaram-se nos braços da poltrona onde Clara estava sentada e o homem curvou-se para ela.

— Chega, Solda! — disse.

Experimentou com a ponta da língua o gosto do sangue, e ela quis gritar. A mão direita de Carmandine desprendeu-se da poltrona e ela não gritou.

— Não me bata outra vez — disse Clara, ou pensou que disse.

— Vá-se embora.

Carmandine deixou perceber tôda a violência do seu temperamento. As suas idéias de grandeza (que teriam sido evidenciadas em vista da sua caligrafia, se a Sr^a Lovestone tivesse algum conhecimento de grafologia) faziam com que ele se sentisse como um homem inteiramente diferente dos outros. Queria deixar bem claro que ela teria de sofrer, e a razão pela qual desejava fazê-la sofrer seria explicada mais tarde. Em resumo, era isto: a fortuna que, segundo a Sr^a Lovestone, estava agora em poder de Solda, passaria para o seu padrasto, que a havia adotado, se Solda morresse antes de casar-se com aquélle Robert Johnson.

Ele respirou profundamente, satisfeito. Encarou-a, procurando descobrir vestígios de terror no rosto dela.

— E que é que você tem a dizer, Solda?

Era preciso ter tempo, cuidado e força para emitir as palavras.

— Eu não sou Solda.

Carmandine sentiu-se presa de um sentimento quase de pânico; em seguida, a própria audácia, a própria impudicência — ela querer convencê-lo daquele absurdo — fez-la acalmar-se.

— Então, qual é agora o seu jôgo?

— Eu não sou Solda, Sr. Carmandine. Chamo-me Clara Denlon.

O nome fez agitar-se qualquer coisa na sua memória.

Os ponteiros do relógio caminhavam muito lentamente. Ainda não passava de dez e meia.

Carmandine lembrou-se do nome.

— Ah. Esse nome também estava na carta daquela maluca. Ela falou em Clara Denlon. Essa

mulher morreu. Morreu afogada há dois meses. — Mudou o tom de voz para perguntar: — Por que você diz uma bobagem dessas, Solda?

Clara achou que já estava fechando o ferimento no lábio. Sentia-o inchado, e aquilo a incomodava mais do que a sua impossibilidade de convencer aquélle homem de que ela, Clara, é que estava viva, e que sua enteada se encontrava na sepultura.

— Eu — disse ela, com firmeza — sou Clara Denlon. Não sou sua enteada.

Carmandine encaminhou-se para a lareira e pegou o cãozinho de porcelana. Havia um indifarrável tom de raiva na sua voz:

— Isso você ganhou de sua melhor amiga, Elsie Strumson, quando fêz sete anos. Não é verdade, Solda?

A lembrança fêz-se em mil pedaços, com a força com que ele a atirou de encontro à parede. Carmandine não pôde ocultar sua satisfação, ante o seu gesto. Era como um aperitivo para o que ainda estava por vir. O homem tinha naquilo, a maneira de vingar-se da enteada que amargurara tantos anos de sua existência. Lembrava-se da morte da esposa, pouco depois que se casara com ela, e da inutilidade daquela garota que lhe deixara. Não. Era preciso que algum dinheiro passasse o trabalho que tivera com Solda, durante os anos que passara na fazenda, após a morte da mãe.

E que havia acontecido? Quando, ao fazer dezoito anos, a enteada recebera o dinheiro que a mãe lhe deixara, e que estivera guardado num banco, tinha ela pago o que ele gastara com ela, como era justo esperar?

Carmandine fêz uma pausa, para permitir que a sua atrocidade — pois ele não cuidava de recordar as condições em que ela, após receber o dinheiro, batera asas para outras paragens — fosse marcada pela marcha lenta dos ponteiros do relógio.

Baixou o tom de voz para dizer, quase num cochicho:

— E então, você ainda diz que não é Solda!

Voltou ao tom furioso de momentos atrás. Sua mão atirou longe a cesta de vime que pertencia a sua esposa.

— Que outra pessoa haveria de querer guardar estas coisas, se não você mesma, Solda?

O naviozinho foi o alvo seguinte da sua ira, e ele leu alto, com sarcasmo, as palavras bíblicas:

(Continua na pag. 104)

Uma nota alegre...



No ritmo da vida-

**Sempre úteis
Sempre presentes -
... tradicionais !**

Fósforos Marca Olho • Pinheiro • Beija-Flôr

Produtos da Cia. Fiat Lux, de Fósforos de Segurança - há mais de 50 anos fabricando e distribuindo fósforos no Brasil

E ELA DISSE: «TALVEZ...»

Continuação da pag. 102

«Ele faz a tempestade calma, para que as ondas assim se aquietem...» Continuou na sua faina destruidora, e ia atirar um quadrinho no rosto de Solda, mas, quando se voltou, ela não estava mais ali.

★

— MAIS UM TRAGO, Joe?

— Não, Al. Tenho de ir andando. Prometi a Dona Solda que estaria lá às onze horas.

— Bobagem... é só você ir mais depressa. Que diferença farão alguns minutos a mais ou a menos?

— Está bem...

★

CARMANDINE alcançou Clara quando ela estava na área de serviço, lutando contra a neve. Puxou-a com violência e atirou-a ao chão da cozinha, enquanto trancava a porta e guardava a chave no bolso.

Ela fugiu de novo, mas ele não se incomodou. Onde poderia ir? As únicas duas portas estavam trancadas, assim como as janelas do andar inferior. Se ela quisesse atirar-se lá do alto, seria pior. O mais provável é que ela tentasse quebrar alguma coisa, e então, ele ouviria o barulho e saberia o que fazer.

Carmandine percorreu a casa e subiu as escadas, com atitudes de pantera. Continuava falando em voz alta, como se pouco lhe importasse a tentativa de Clara para fugir.

Não, ela não estava naquele quarto... nem naquele... nem... Até que, enfim... Seus olhos injetados de sangue deram com ela descendo a escada. Alcançou-a no vestíbulo e tomou-a nos braços.

— Ninguém vai saber que eu estive aqui — disse ele. — Ninguém me verá quando sair. — Falava num cochicho selvagem: — Quando estiver na fazenda, Solda, vou gostar de ouvir notícias da sua morte.

(E Solda disse, à luz da lua, nas águas do rio:

— Você tem certeza de que a sua mão poderá sustentar-me, Clara? Oh, é formidável... como se eu estivesse flutuando no ar... Quando era criança, eu costumava pensar que poderia voar... E' engraçado, Solda, como as crianças imaginam...

E formaram-se bôlhas na superfície da água e as bôlhas desapareceram...)

Clara entrou em agonia.

E era demasiado tarde, quando a fechadura da porta foi rebentada a tiros, e Joe entrou acompanhado do Sargento Morris.

CAPÍTULO VII

— Vamos logo para o seu carro, Sr. Denlon — disse Morris.

— Está precisando de auxílio?

— Não — respondeu Harold.

— Agora, sinto-me perfeitamente bem. Foi uma fraqueza, da minha parte... uma fraqueza imperdoável...

— Não pense mais nisso. Há muitos homens, homens muito sérios, que se deixam levar por isso.

Caminharam por sobre o lençol de neve.

— Claro que vi que havia um carro na frente do meu, quando me encaminhava para cá, e depois percebi que havia outro seguindo o meu. O seu, Sargento Morris.

— Há muito que o venho seguindo, Sr. Denlon.

— Quando o carro que ia na frente entrou nesta propriedade, eu me enfeie entre os pinheiros, mas o senhor entrou logo, e o acompanhou, e ouvi os tiros na fechadura e corri para lá.

Morris abriu a porta do carro de Harold.

— Entre e sente-se, Sr. Denlon.

— Obrigado.

— Não tenho muito tempo para conversar, de maneira que quero que o senhor escute. Primei-

ro, há pouca coisa, nesse negócio todo, que eu ainda esteja por saber. E esse pouco, eu quero que o senhor me explique. Os rapazes da polícia só vão chegar aqui dentro de quinze ou vinte minutos. O senhor quer ter a bondade de fazer o que você mandar, Sr. Denlon?

— Claro... mas não comprendo...

— Por ora, não precisa compreender. Amanhã cedo, espero o senhor no meu gabinete, às dez horas.

— Pode contar.

— Agora, o senhor pode ir para casa. Não diga uma palavra a ninguém. Nem mesmo a sua mulher. Esse negócio deve ficar entre nós.

— Estou francamente, sem compreender coisa alguma, Sargento, e não sei como poderia...

— Amanhã, às dez, Apareça, Sr. Denlon... e dirija depressa.

★

A EDIÇÃO MATUTINA da «Gazeta» surgiu com a reportagem, encimada por um título em destaque 72, às sete da manhã. Tinha sido uma noite agitada, não só para os homens da imprensa, como para o Sr. Simms, para Joe, para a Sr^a Porter e para a Sr^a Lovestone.

O que o jornal conseguira apurar com o Sr. Simms fôra muito pouco. A Sr^a Solda Carmadine nada dissera do seu passado, e muito pouco do seu futuro, a não ser que desejava viver num lugar sossegado, enquanto esperava o regresso de seu noivo. A única referência que recebera dela fôra certa Sr^a Adélia Lovestone, da Rua da Corte. A moça parecia ter muito dinheiro. Na verdade, achava muito estranho aquilo, mas, na sua profissão, dera-se por satisfeita em poder alugar a casa, a qualquer preço.

Joe e Sr^a Porter também não puderam adiantar muita coisa. Ambos consideravam que a moça

ALIANÇA DE MINAS GERAIS COMPANHIA DE SEGUROS

CUMPRIMENTA SEUS SEGURADOS, ACIONISTAS E AMIGOS, AGRADECE A PREFERÊNCIA QUE LHE TEM SIDO DISPENSADA E FORMULA OS MAIS SINCEROS VOTOS DE FELIZ NATAL E PROSPERO ANO NOVO.

Matriz: Rua dos Goitacazes, 15 — 1º andar — Telefones: 2-4153 - 4-4094 e 4-9208

lhes pareceria um tanto nervosa, no decorrer das duas últimas semanas, como se tivesse medo de alguém ou de alguma coisa. Não, nenhum deles saberia dizer que alguém ou que coisa seria. Era perfeitamente óbvio, naturalmente, que, no fundo, deveria ser alguma coisa relacionada com seu padrasto. Sim, porque, afinal, não havia ele assassinado Solda?

Todavia, a Sr^a Lovestone apresentou uma série de coisas interessantes. A história de Solda saiu dos seus lábios em toda a sua romântica glória, e ela não se esqueceu de externar o que pensava do brutamontes que a matara. A carta de Carmandine foi reproduzida no jornal, com todas as suas patentes indicações de premeditação para o crime.

Com relação ao belo e próspero Robert Johnson, telefonemas interurbanos para as empresas de aviação, chamadas para os consulados norte-americanos do Peru, contatos com os necrotérios de Filadélfia e Nova Iorque, revelaram que não existia nenhum Robert Johnson que tivesse sido noivo de Solda Carmandine.

Também esse fato foi explicado pela Sr^a Lovestone, para satisfação sobretudo dela própria: Johnson teria sido uma invenção da romântica imaginação da pobre Solda.

Mas não havia dinheiro. Ou melhor, nenhum dinheiro foi encontrado, que desse para despistar suspeitas. Havia cento e vinte dólares e alguns níqueis na bolsa da Sr^a Carmandine, e seu padrasto, revistado na cadeia, não pôde entregar mais do que trinta dólares, em notas e miúdos.

Para a Sr^a Lovestone, aquilo foi uma tristeza, pois ela já pensava em organizar um enterro de classe, no qual ela mesma tomaria a si as funções de entrepreneur de pompes funèbres. Contou sua tristeza ao repórter, que sorriu astutamente e lhe disse que não se preocupasse. A «Gazeta» haveria de fazer uma subscrição. Solda Carmandine teria funerais magníficos, e um túmulo de fazer inveja, no cemitério de Bodmont Falls, ou, se algum parente quisesse, em Minnesota, para onde seriam levados os seus despojos...

Harold compareceu ao gabinete de Morris às dez em ponto. Foi uma estranha entrevista, e o próprio Morris fez questão de declarar que deveria permanecer em segredo. Ambos sentiram certo embaraço, durante todo o seu decorrer.

A polícia, informou Morris, estava satisfeita, e, assim, o caso

poderia considerar-se encerrado. Carmandine fôra apanhado em flagrante, quando assassinava sua enteada. Não fizera a menor objeção em assinar uma confissão, na qual chegava a confirmar sua premeditação. Todos os seus detalhes eram verdadeiros, e nenhum tribunal haveria de negar-lhe crédito.

Do ponto de vista da lei, a coisa terminava ali. O principal, como Morris entendia, era que tudo se contivesse dentro da verdade. E que verdade era essa? Clara Denlon havia assassinado Solda Carmandine para ganhar dinheiro, e pagara pelo seu crime tanto ou mais do que pagaria, caso fosse levada a julgamento. Carmandine, com premeditação, havia assassinado sua enteada (pois ele estava absolutamente convencido de que ela o era) e pagaria também. Diante disso, a justiça não poderia considerar-se ofendida.

— Agora, Sr. Denlon, poderia contar-me exatamente tudo o que Clara lhe pediu, depois? Claro que posso supor a coisa, assim por alto, mas gostaria que o senhor me contasse a história toda.

Harold contou.

— Pois é isso — comentou Morris, quando ele terminou.

Moderado, deu a conhecer a Harold o que pensava dele e de Edna, e da vida que ambos levavam. Achava que não valia a pena prejudicá-los, apenas para atender a detalhes técnicos de menor importância.

— Agora, o senhor está absolutamente livre, Sr. Denlon. E eu acho melhor que continue assim. Joe ficou tão assustado com o que viu que, certamente, não terá percebido a sua presença lá na casa, ontem à noite. Ninguém mais sabe que o senhor esteve lá, a não ser eu mesmo.

Harold achou que não havia nada a fazer nem dizer, para demonstrar a Morris a sua gratidão. Quanto a Morris, percebendo a confusão de Denlon, achou que convinha explicar por que se havia interessado tanto pelo caso. Tivera certeza de que o afogamento de Clara Denlon poderia ter sido um crime, ao perceber que não havia roupas fora dos seus lugares, no quarto que ela ocupava na casa de campo. Tudo estava em perfeita ordem, muito embora costume haver certa desordem num lugar de onde uma mulher saiu, para dar um mergulho à luz da lua. Claro que ela não poderia ter voltado para arranjar as coisas nos devidos lugares, depois de ter-se afogado.

(Conclui na pag. 114)

CONCURSO DE CONTOS

No sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Companhia de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o "Concurso Permanente de Contos" desta revista, nas seguintes bases:

1º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que nortelam os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Os trabalhos devem ser inéditos e, una vez premiados, terão os seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º) — É permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar também o seu nome e endereço com os etos para a remessa eventual do prêmio que lhe couber.

7º) — Os dois melhores trabalhos recebidos em cada mês serão divulgados nas páginas de ALTEROSA e contemplados, cada um, com o prêmio de mil cruzeiros.

8º) — Os trabalhos considerados publicáveis, embora não reúnham qualidades suficientes para que sejam premiados, receberão menção honrosa e poderão ser eventualmente divulgados.

Os prêmios deste Concurso são enviados pela Companhia de Seguros "Minas-Brasil", diretamente aos autores premiados, sessenta dias após a publicação.

Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. A revista noticiará, quinzenalmente, o resultado do julgamento, relacionando os trabalhos aprovados.

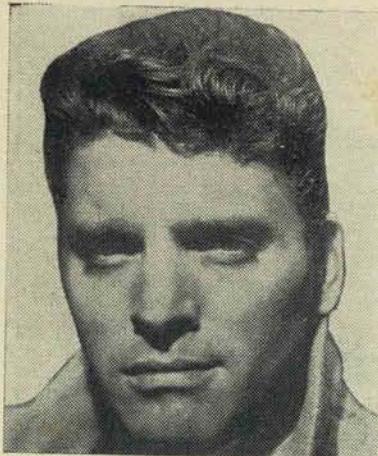
COLABORAÇÃO DE LEITORES

PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o concurso "Minas-Brasil" e com outras colaborações espontâneas para esta revista mencionamos a seguir as produções recebidas na 1ª quinzena de novembro e que mereceram aprovação da Comissão Julgadora:

CONTOS: Não houve nenhum conto aprovado.

POESIAS: 8 trovas de Aparicio Fernandes e 3 trovas de Luiz Homero de Almeida.

Burt Lancaster há muito tempo tem sua firma produtora. Por isso ganha duplamente, como ator e como produtor.



Elizabeth Taylor é uma das poucas mulheres produtoras, talvez a única importante. Deve ter aprendido com seu falecido marido, Mike Todd. Todavia, consente em trabalhar nas produções alheias, desde que o contrato seja «razoável»... ou seja, algo em torno de «um miserável» milhão de dólares (180 milhões de cruzeiros).

William Holden bancou o esperto, pegou o lugar de Cary Grant, conseguiu um salário mais alto e acabou como co-produtor.



Em Hollywood: Dança

QUANDO Khruchtchev esteve em Hollywood, em sua recente viagem aos Estados Unidos, quase que se deixou monopolizar pela figura alegre e amistosa de Frank Sinatra. Aliás, foi esse artista a única pessoa que conseguiu quebrar o gêlo da reserva de Nina Khruchtchev, esposa do Primeiro Ministro Russo. Estava ele apontando à espósa do líder soviético os atores e atrizes mais populares do cinema presentes ao almôço, quando ela interrompe a enumeração e pergunta:

— E qual é o mais bem pago?

Frank Sinatra sorri e responde irônicamente:

— Ah, éste esqueceram de convidar. É o Senhor Impôsto...

Temível Senhor Impôsto!... Quanto mais alta a renda, maiores os impostos. Há artistas que chegam a pagar 92 por cento de sua renda ao fisco norte-americano! Não é lá muita vantagem, portanto, receber salários altíssimos. Mas artista nenhum sonharia sequer com um salário mais baixo do que o de seu último filme. A confirmação do sucesso está nos salários sempre crescentes.

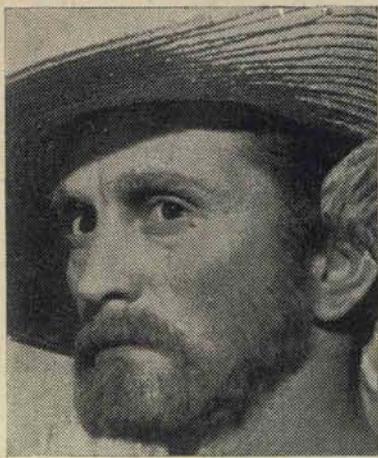
Foi por isso que Bing Crosby, antes de assinar contrato para filmar *Alta Sociedade*, lutou durante quatro horas com os produtores, por motivo de salário. Depois da extenuante disputa, o produtor cedeu:

— Está certo, você terá o que pede.

Bing Crosby continuou impassível e fez menção de sair imediatamente.

— Espere aí — disse-lhe o produtor. — Onde é que você vai com tanta pressa?

— Vou dar a boa nova ao Im-



Kirk Douglas, outro que não mais trabalha para terceiros, a não ser excepcionalmente. Sua produção «Os Vikings» rendeu-lhe dinheiro a rôdo. Aqui o vemos em uma de suas mais famosas caracterizações, no papel de Van Gogh.

Brigitte Bardot é indiscutivelmente rica, mas apesar de toda sua popularidade (talvez seja a atriz mais popular atualmente), não tem uma renda muito vultosa.



Anita Ekberg é uma atriz muito bem paga e seus filmes atraem multidões, mas sua renda está longe, muito longe, da renda de Elizabeth Taylor, que é a exceção que confirma a regra de que as mulheres belas não ganham muito dinheiro no cinema.

dos Milhões

Os salários são fabulosos, mas o Senhor Impôsto chega a levar 92 por cento.

pôsto de Renda! — retrucou Bing Crosby.

Os atores já descobriram que os salários altos não resolvem, e já encontraram meio seguro de fazer dinheiro grosso. A solução é a produção ou co-produção de filmes, pois na realidade quem ganha dinheiro no cinema é o produtor. Burt Lancaster há muito tempo tem sua própria organização de produções. Kirk Douglas, apenas excepcionalmente, faz filmes que não sejam produzidos por ele, evidentemente aconselhado pelo sucesso estrondoso de Os

Vikings. William Holden, ao entrar para esse novo negócio, demonstrou grande tino comercial. Aconteceu que Gary Grant recusara um papel (escrito especialmente para ele) no filme *A Ponte no Rio Kwai*, o que lhe daria 230 mil dólares. William Holden sabia ser o único ator que, devido às exigências físicas do papel, poderia substituí-lo. Por isso, para princípio de conversa, pediu 300 mil dólares, tendo afinal conseguido o que realmente queria, 250 mil dólares e a co-produção do filme. E com isso

vem arrecadando muito mais do que os trezentos mil pedidos.

O que nos sugeriu este assunto foi um exemplo recente de salário excepcionalmente alto. Elizabeth Taylor, desde o seu casamento com o falecido produtor Mike Todd, vinha-se dedicando à produção de filmes. Agora, para que um estúdio a demovesse desta atitude, foi preciso que lhe oferecesse um milhão de dólares (isso mesmo, leitor, um milhão de dólares) para aceitar o papel de Cleópatra. Convenhamos que foi uma exigência digna do fausto da rainha egípcia.

WILSON FRADE

O VERÃO
DE PARIS EM
BELO HORIZONTE

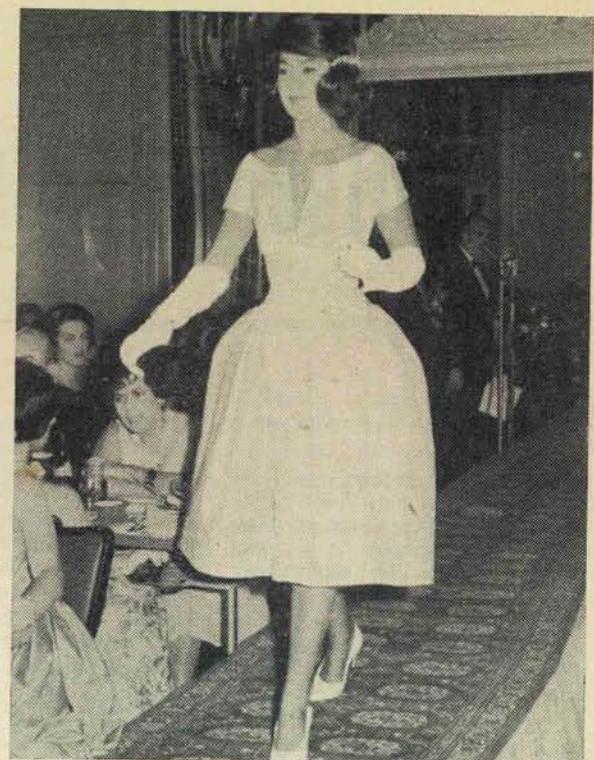


FOTOS MILANO

* mariella



* sônia



* monique

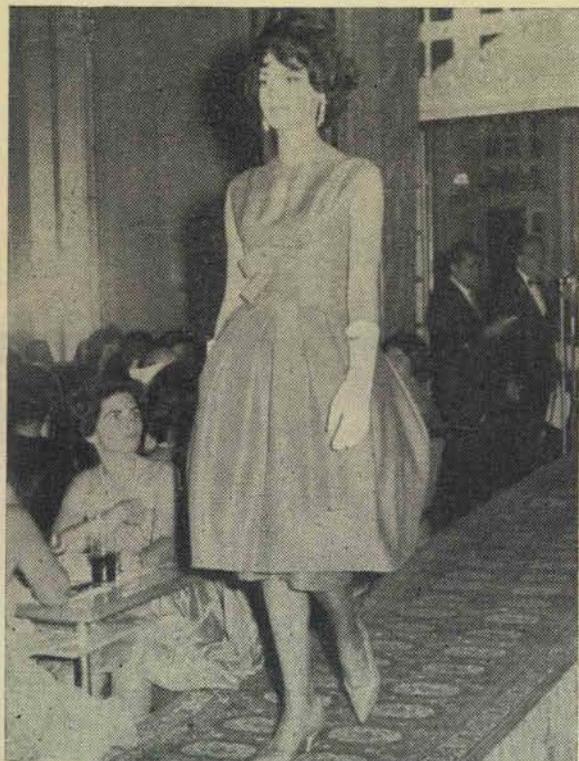
Oito manequins mostram às elegantes mineiras as coleções de Jacques Heim para a atual estação. ☆ As jóias do famoso joalheiro Stern completaram as toaletes.

☆ Uma condessa — Mariela Tarnovska «snob» e «chic» deu um show de chapéus. ☆ Sucesso a noite de gala no Automóvel Clube em benefício das obras sociais da senhora Bias Fortes.

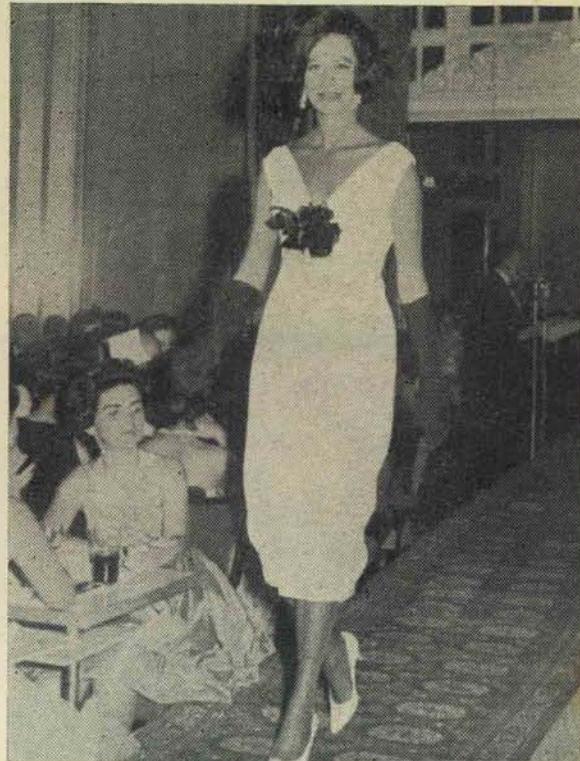
ASOCIEDADE belo-horizontina, representada pelo que possui de melhor, esteve no Automóvel Clube para assistir ao desfile em que o internacional e famoso Jacques Heim, lançou as suas coleções destinadas à primavera, que já se foi e ao verão que aí está, presente e forte. Oito manequins profissionais, entre os quais uma condessa — Mariela Tarnovska — comentada no Rio pelo seu sangue azul e por ter sido namorada e noiva do "play-boy" Ricardinho Fazanello, animaram o desfile e circularam com muito estilo na grande passarela armada no Salão Dourado e Boate do "snob" Automóvel Clube.

A festa rendeu bem porque foi cobrada a importância de um mil cruzeiros por pessoa e ali estiveram cerca de quinhentas. Bem empregada, entretanto, pois foi destinada às obras sociais da senhora Bias Fortes, que compareceu ao "party" acompanhada do Governador, que comentou favoravelmente sobre a beleza das toaletes.

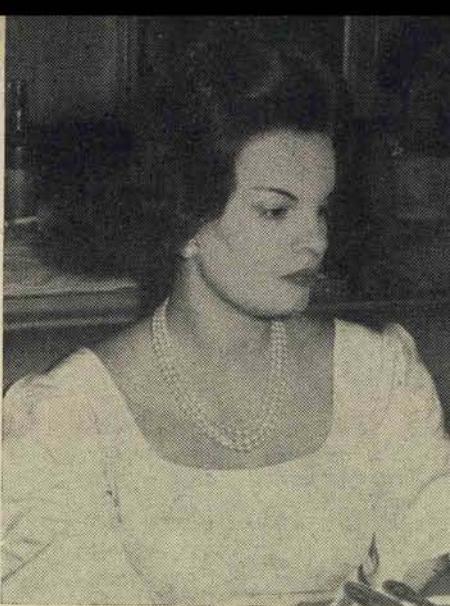
O que impressionou ao cronista nesta noite super "chic" foi a elegância das belo-horizontinas, a ponto de merecer comentários de um animado grupo carioca que aqui esteve para o baile. Realmente, a mulher belo-horizontina está se vestindo muito bem, o que constitui um sinal de progresso e bom gosto.



* ana maria



* pierina



A senhora Baby Burlamaqui Maleta foi uma das mais elegantes da noite. O seu novo penteado também foi sucesso.



O VERÃO DE PARIS EM BELO HORIZONTE

A senhora Cláudio Andrade Ramos veio do Rio para o desfile.



A suave beleza de Nená Tavares d'Orey ao lado do Sr. Nelson Ferreira Pinto.



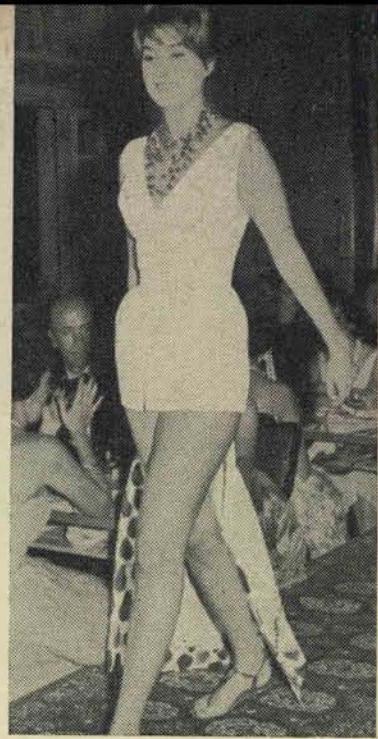
O Sr. e Sr^a banqueiro Paulo Augusto de Lima, um dos pares mais simpáticos da sociedade.



* pamela



* paula



* annah

Duas orquestras tocaram nessa noite, de gravata preta. Uma, no Salão Doirado, outra na boate. Mas a primeira terminou cedo, porque, como sempre acontece, os que preferem o Salão Doirado vão embora logo depois da atração principal, buscando os remanescentes, a boate, onde os pares mais animados, sabedores do fato, reservam suas mesas. Eram cinco e meia da manhã e ainda se dançava na "Príncipe de Gales".

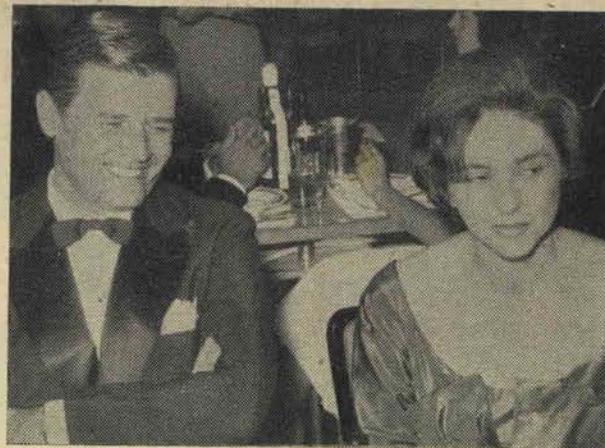
A nota simpática da noite foi a presença entre nós de dois grupos cariocas. Um, convidado pelo casal Nelson Ferreira Pinto e formado pelos casais Haroldo Garcia Braga, Walter Calaza, Carlos Guedes e Américo Soares. Outro, convidado pelo casal Mauro Maleta e formado pelo Sr. e Sr^a Mário Ramos Vieira, Sr. e Sr^a Cláudio Andrade Ramos, Sr. e Sr^a Luís d'Orey (ela Nená Tavares, a bonita "Glamour Girl" do Rio de Janeiro); o Sr. Sérgio Chermont de Brito; a Sr^a Gilda Landin e a Sr^a Eda Viana Nesi.



A elegante senhora (carioca) Carlos Guedes, com a senhora Tomé Palhares.



A carioca Eda Viana Nesi veio do Rio para assistir ao desfile com o Sr. Alvaro José Batista de Oliveira.



O Sr. e Sr^a Juko Carneiro de Mendonça. Ele é Fluminense e quando Ana Maria entrou com as cores do tricolor o Juko vibrou.

O VERÃO DE PARIS EM BELO HORIZONTE

Esses dois grupos, além do desfile, tiveram programas extras e movimentados, inclusive um "Souper" na residência do casal Nelson—Clades Ferreira Pinto que foi um dos acontecimentos mais agradáveis do fim de semana.

Entre as pessoas que participaram do "party", anotei: o Sr. e Sr^a Bias Fortes; a senhora Tancredo Neves; o Sr. e Sr^a deputado Ulisses Couto; o Sr. e Sr^a Jorge Neves; o Sr. Celso Machado; o Sr. e Sr^a Pedro Guaracy; o Sr. e Sr^a Geraldo Abreu; o Sr. e Sr^a Hélvécio Tamm de Lima; o Sr. e Sr^a Roberto Lobato; o Sr. e Sr^a Márcio Frade; o Sr. e Sr^a Oswaldo Borges da Costa; o Sr. e Sr^a Francisco Badaró; o Sr. e Sr^a Odin Andrade; o Sr. e Sr^a deputado Aécio Cunha; o Sr. e Sr^a Humberto Reis; o Sr. e Sr^a José Joaquim Carneiro de Mendonça; o Sr. e Sr^a Francisco Carvalho de Brito; o Sr. e Sr^a Bráulio Carsalade Vilela; a senhora Ceci Ensch; o Sr. e Sr^a Nelson Ferreira Pinto; o Sr. e Sr^a Wady Simão; o Sr. e Sr^a Alair Couto; o Sr. e Sr^a Guilherme Meireles; o Sr. e Sr^a Eugênio Guilherme Vidal; o Sr. e Sr^a Gilberto Faria; o Sr. e Sr^a Flávio Gutierrez; o Sr. e Sr^a Tomé Palhares; o Sr. e Sr^a Aloizio Faria; o Sr. e Sr^a Hélio Adami de Carvalho; o Sr. e Sr^a Britaldo Soares; o Sr. e Sr^a Mauro Maleta; o Sr. e Sr^a Sérgio Almeida; o Sr. e Sr^a Raul Lago Cirne; o Sr. e Sr^a Silva Prado; a senhora Henry Matarazzo; o Sr. e Sr^a Amaro Lanari Júnior; o Sr. e Sr^a Geraldo Chagas Bicalho; a senhora Lalá Fernandes; o Sr. e Sr^a Pedro Giannetti Neto; o Sr. e Sr^a Rubens Dickie; o Sr. e Sr^a Astolfo Dutra; a Srt^a Antonieta Bias Fortes.



Entre a senhora Jacqueline Ramos Vieira e o Sr. Sérgio Chermont de Brito vemos a suave «glamour-girl» do Rio, nascida Nená Tavares e atual senhora Luiz d'Orey.



O Sr. e Sr^a jornalista Hélio Adami de Carvalho, últimamente em grande evidência nas colunas sociais, também estiveram presentes à grande noite de gala.

DIIZ A LENDA que a origem do Presépio está em São Francisco de Assis. E sabe-se que a idéia de armar um Presépio lhe foi inspirada por sua mãe, de origem provençal.

— E' meu desejo celebrar contigo a noite de Natal — teria dito o Santo, a seu amigo Giovanni Vellita. — Escuta um pouco da idéia que me veio. No bosque, perto de nossa morada, existe uma gruta na rocha. Lá, tu prepararás um berço cheio de feno. Faze-o de sorte que haja um boi e um burro, como em Belém. Quero, ao menos uma vez, festejar solenemente a vinda do Filho de Deus à terra, e ver com meus próprios olhos como Ele quis ser pobre e miserável, quando nasceu por amor de nós.

Assim foi feito e, de todos os lados, acorreram, levando fogos, os habitantes das aldeias vizinhas. A missa foi celebrada diante da manjedoura onde dormia uma criança. Giovanni Vellita conta que viu Francisco tomar o Menino Jesus nos braços, e viu a Criança acariciar ternamente o rosto daquele que se tornou o sublime «poverello».

Tal seria, pois, a origem do costume de edificar, pelo Natal, o



O único retrato de S. Francisco de Assis considerado como autêntico.

O PRESÉPIO DE SÃO FRANCISCO

Presépio de Belém, povoado de fi-gurinhas evocadoras da noite da Natividade.

Há, portanto, razão em se evocar São Francisco de Assis, quando se constrói um presépio, porque ele o fez inspirado em seu amor ao Menino Jesus e aos animais, particularmente aos pássaros, aos quais dizia estas belas palavras :

— Meus muito queridos amigos pássaros ! Vós muito deveis a Deus, e é necessário que, sempre e por toda parte, O louveis e O glorifiqueis; porque Ele vos permitiu voar livremente por onde quiserdes, e vos deu vossa dupla ou tríplice vestimenta, e todo o vosso multicolorido ornamento; é preciso também que saibas ser gratos ao Criador do alimento que Ele vos dá sem que tenhais de trabalhar por ele, e ainda por essa bela voz que Ele vos deu para cantar !

Aos homens, ele dizia, dando o Evangelho de sua comunidade a uma pobre mulher que pedia esmolas, que ela o vendesse e tivesse dinheiro para comprar pão :

— Estou seguro de que Deus fica mais contento conosco se nós assistirmos nossas mães, do que se conservarmos o livro e a mandarmos ir-se embora sem as ter socorrido.

Joalheria Mundinho : Acompanhando o Progresso de BH

FORAM inauguradas as novas instalações da Joalheria Mundinho, estabelecimento tradicional e muito conceituado em Belo Horizonte. Há quarenta anos, vem esta firma servindo ao povo belo-horizontino com grande cavalheirismo e alto padrão técnico.

Até o dia 16 de novembro a Joalheria Mundinho vinha funcionando nas mesmas instalações em que suas atividades foram iniciadas. Os negócios da firma vinham prosperando notavelmente, exigindo, em razão disso, instalações mais amplas para que sua larga freqüencia pudesse ser atendida com maior conforto. O Sr. Raimundo Viana, proprietário do estabelecimento e pessoa de projeção nos meios sociais e profissionais de Belo Horizonte, teve de se resignar às exigências cria-

das pelo prosperar de seus negócios e mudou sua firma para poucos passos mais adiante do antigo local. A Joalheria Mundinho está instalada agora na galeria do Edifício Brasília, à rua dos Carijós, 558, número entre as ruas São Paulo e Curitiba.

O ato de inauguração revestiu-se de grande solemnidade e a él compareceram inúmeros clientes e amigos, tendo constituído um grande acontecimento social na Capital mineira. A Sr^a Araci de A. Viana cortou a fita simbólica e o Padre Hilário, professor no Colégio Santo Agostinho, abençoou as novas instalações. Foi servido em seguida aos assistentes do ato inaugural, um fino coquetel.

Um aspecto social do ato de inauguração da Joalheria Mundinho, vendo-se o Sr. Raimundo Viana, quando falava.



*Realce
a sua
beleza*

em
Copacabana



Copacabana

Matriz :

Av. Afonso Pena, 540

Fone : 2-1261

Filial :

Rua Rio de Janeiro, 380

Fone : 2-0965

**BOAS-FESTAS
DE COPACABANA**

E Ela Disse: «Talvez...»

Conclusão da pag. 105

— Isso foi quase tudo o que des-
cubri — explicou Morris. — E não
consegui muita coisa a respeito do
passado dela, em Nova Iorque.

Contou a viagem que fizera com Freda, informou que Clara tivera dinheiro bastante para gastar enquanto estudava, e que jamais participara, profissionalmente, de qualquer espetáculo. Nunca dissera coisa alguma a respeito de sua família, de sua terra natal ou dos seus amigos. Conseguira localizar duas antigas colegas dela, e ambas confirmaram que Clara era uma moça à procura da sua grande oportunidade.

— E o senhor acabou sendo a grande oportunidade que ela procurava — concluiu.

Em certo período da sua vida em Nova Iorque, ela havia alugado uma casa de verão na Ilha Staten, e os vizinhos tinham-se dado a trocar mexericos a seu respeito. Mas eram mexericos, e nada mais. E, pelo que vinha depois daquela temporada na ilha, ele não podia dizer nada.

Morris empurrou um embrulho na direção de Harold.

— Conte isso quando chegar em casa — disse. — E' seu.

★

O garçom da Taverna ficou intrigado ao ver o retrato de Solda Carmandine no jornal.

— Ah! Agora comprehendo — disse ao homem do bar. — Essas senhoras estiveram aqui, juntas.

— Mas, que senhoras? — perguntou o outro.

— Ora, como é que eu vou saber? Dê-me uma cerveja.

★

— O passeio de carro foi muito bom para você, Harold — disse Edna, na hora do almoço. — Você está parecendo outro homem.

— E' o que sinto também.

— Eu estava preocupada com você, Harold.

— Não sei por que, Edna. Não há motivo.

Edna percebeu que ele falara no presente, e ligou o fato ao que estava pensando — à espantosa

semelhança entre aquela moça, Solda Carmandine, cujo retrato aparecera na «Gazeta», e Clara. Lembrou-se das freqüentes ausências do marido, das desculpas atrapalhadas que ele arranjava, do medalhão que encontrara enrolado num lenço. Mas, com a infinita sabedoria de uma mulher que realmente ama o esposo, Edna limitou-se a perguntar se ele não queria mais um pouco de salmão, e Harold respondeu que o seu apetite havia aumentado, e que aceitava.

★

O ENTERRAMENTO de Solda Carmandine foi um dos maiores sucessos na vida calma de Bodmont Falls. Sucesso ao contrário, porque nenhum parente, ninguém mesmo — a não ser a Srª Lovestone, que foi ao cemitério acompanhada de um fotógrafo da «Gazeta». As contribuições recebidas pelo jornal tinham constituído uma lista de pequenas importâncias, dentre as quais havia uma apenas capaz de chamar atenção, cujo doador, entretanto, não quis dar o nome.

Harold também apareceu, e Mories juntou-se a ele.

— O senhor sabe — perguntou Harold, que, durante uma conversa com Clara, ela, dizendo o que seria melhor para nós, mencionou o poema «Enoch Arden»? Hoje, não posso deixar de pensar nisso. O senhor conhece o poema, Sargent?

— Conheço. E acho que ela também o conhecia muito bem.

— Pois é. Agora, veja se tudo isso não é uma inversão horrível do que Tennyson imaginou. O senhor conhece a estrofe final?

— Mais ou menos. Exatamente, não sei como é.

— E' assim — disse Harold. — «E quando o enterraram, o pequeno pôrto jamais tivera um enterro tão luxuoso».

A primeira pá de terra tombou sobre o féretro.

E então, todos se foram embora...

★ ★ ★

Nenhum homem é suficientemente bom para governar outro homem, sem o consentimento desse outro. — Abraão Lincoln.

★ ★ ★

Nada concilia mais o homem consigo mesmo do que a virtude da generosidade. — Fernando Magalhães.



CAIXA DE SEGREDOS

Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Maria Madalena — "Caixa de Segredos", Redação de ALTEROSA, Caixa Postal 279, Belo Horizonte.

EDUCAÇÃO E VIGILÂNCIA

TEM tôda a razão em mostrar-se confusa e alarmada essa mãe que me escreveu a respeito das tentações e perigos que ameaçam os jovens de hoje, num mundo que tem perdido muito do sentido da autoridade, da moral e da religião, e me pediu uma palavra de orientação para fazer face aos múltiplos problemas que a atormentam na educação de vários filhos e filhas.

Mais que outra qualquer época, talvez, oferece o mundo moderno ambiente e ameaças para o des-caminho da juventude. O gôzo desenfreado das riquezas e dos prazeres, o louvor à vida fácil e sem esforço, o desprezo pelo trabalho, o desenfreio dos instintos, a falsa noção de liberdade e de felicidade, a revolta contra deveres e obrigações, a pregação de doutrinas subversivas, o louvor e o aplauso às coisas menos nobres e censuráveis, o egoísmo e a sensualidade arvorados em objetivos de vida, tudo vem concorrendo para atrair e perverter os jovens, levando aos lares a tristeza e o sofrimento, as desavenças e os atritos, os dramas mais terríveis e dolorosos.

Para todos êsses males, minha senhora, não vejo remédios outros eficazes, que não sejam a educação e a vigilância. Os deveres de pais e mestres, para com os jovens, aumentaram de complexidade de urgência. Têm de multiplicar-se e de redobrar esforços para que seus filhos e alunos recebam aquêles ensinamentos e aquelas normas que os capacitem a oferecer resistência aos ataques continuos e aliações que os tocam em todos os cantos da vida cotidiana.

Cada vez se torna mais premente uma educação vigilante e contínua desde a infância até a adolescência, educação baseada fundamentalmente na religião, mas numa religião que seja regra de vida e vida mesma, e não apenas uma religião de fachada, de execução mecânica de ritos e de orações,

que se põe para o lado quando se torna um estôrvo ao livre curso das paixões. Regras de moral que atuem não como meras exigências sociais, de aparelho, que possam ser infringidas, contanto que não haja escândalo ou perda do bom nome de que se goza na sociedade.

Educação que consista principalmente no estímulo e desenvolvimento das qualidades positivas de cada um, e não em simples código de pecados e de infrações. Educação da razão e do coração, educação para formar verdadeiros homens e verdadeiras mulheres. Educação que não fique em mero enunciado de regras e preceitos mas tenha diante dos olhos sempre o bom exemplo, dado pelos próprios pais.

E muita vigilância, vigilância de todos os instantes em torno das amizades, dos cinemas, dos passeios, dos bailes, das excursões, das leituras. Mas não uma vigilância policial de carcereiro ou guardacivil. Uma vigilância que esteja alerta mas não seja entravante e prepotente. Uma vigilância tôda baseada na prudência e na compreensão, na persuasão e no amor, uma vigilância que está em tôda parte e em tôda hora, mas que não faça sentir ostensivamente sua presença e seu rigor.

Sei que isto constitui uma tarefa muito grave e muito exaustiva para pais e educadores. Mas se os filhos da treva são tão espertos e atuantes, é preciso também que os filhos da luz se mostrem tão alertas e tão eficientes quanto êles. O duelo é de vida e de morte e requer vigilância ativa em todos os instantes, porque o adversário é senhor e mestre em todos os golpes capciosos e traíçoeiros.

A tarefa é dura e exige muita energia e tenacidade, mas lembremo-nos de que Aquêle que tudo sabe e que tudo vê, estará sempre a nosso lado para ajudar-nos a vencer um inimigo que é também inimigo Seu. — Maria Madalena.

VÍTIMA DO PECADO — Maceió
— Como o seu caso implica uma questão de religião, de certo modo delicada e difícil, acho conveniente dirigir-se ao vigário do local onde mora e fazer-lhe a consulta. Ele é quem poderá esclarecer-lá melhor.

NAMORADOR IMPENITENTE — Belo Horizonte — Creio que o se-

nhor anda por muito mau caminho. Esse borboletar de moça em moça constitui um desgaste terrível de suas qualidades morais e de sua capacidade para um verdadeiro amor. Se só lhe resta o caminho de escolher uma única esposa, procure desde já uma moça que reúna tôdas as qualidades de ordem física e moral,

que lhe possa ser a companheira firme e fiel de tôda a vida. E quer um critério para escolher uma boa esposa? Não queira saber de uma moça que seja assim como o senhor: uma namoradeira frívola que vive como uma borboletinha doída de namorado em namorado.



Farah Diba :
nova rainha
do Irã ?

RAINHA TALVEZ NÃO PASSE DE MADAME

DESDE QUE, com relutância, se divorciou da rainha Sôraya, em 1958, Mohammed Reza Pahlevi, o Xá do Irã, tem percorrido a Europa sem cessar. Em sua procura de uma noiva que lhe dê um filho e herdeiro, os olhos errantes do Xá foram primeiramente atraídos pela bonita princesa Maria Gabriela de Savóia, de 19 anos. Mas o Vaticano e toda a Itália, e a própria moça, com razão, se mostraram radicalmente contrários ao casamento. Por fim, não faz muitos dias, a capital de seu pequeno país, Teerã, despertou com notícias de que o Xá havia afinal encontrado a felicidade, e a noiva que tanto desejava, em seu próprio País.

A nova descoberta era Farah Diba, jovem magra e alta, de vinte e um anos, com brilhantes olhos negros e cabelos um tanto crespos e castanhos. Antiga estudante de arquitetura na Escola Especial de Arquitetura de Paris, foi classificada em 2º lugar numa classe de 156 alunos, e trata-se de uma competente pianista; sabe nadar muito bem e é boa jogadora de basquete. Popular entre suas colegas francesas que enxergavam nela «muito coração e sensibilidade», Farah descende de uma próspera família iraniana e é parente afastada do ex-primeiro ministro Mohammed Mossadegh, que, durante algum tempo, manteve o Xá fora do trono. Seu pai, um oficial do exército treinado em St. Cyr, na França, morreu, dez anos atrás, de tuberculose. Sua mãe, Farida, é mulher elegante e ocidentalizada, que usa roupas confeccionadas por Givenchy e faz parte de um progressista clube feminino de Teerã.

Depois que a mãe do Xá ofereceu uma festa em sua honra, não faz muitos dias, Farah Diba foi escoltada até o aeroporto de Teerã na manhã seguinte, por guardas do palácio ostentando trajes civis, e logo embarcou num avião com destino a Genebra e Paris, presumivelmente a fim de comprar o seu enxoval. (Sabe-se que comprou 15 vestidos confeccionados por Dior).

Enquanto isso, funcionários da Corte espalhavam o boato de que o noivado seria anunciado ainda nesta quinzena, por ocasião do 40º aniversário do Xá. Faziam, porém, notar que se o casamento fôr celebrado, como se espera, Farah receberá o título de Rainha do Irã sómente se tiver um filho. Até lá, será provavelmente conhecida como simples senhora Pahlevi.

Afinal, em Paris, para onde se dirigiu, Farah Diba, assediada por uma multidão de repórteres e fotógrafos, recusou-se terminantemente a responder a qualquer pergunta. Certo jornalista mais previdente, que havia tomado o mesmo avião em que ela viajava, perguntou-lhe: «Você será a próxima rainha do Irã ?». Farah respondeu, com um ar de alguém que conhece um segredo: «Ah, você acha isso ?».

A última hora, quando encerrávamos os trabalhos desta edição de ALTEROSA, as agências internacionais estavam anuncianto que o soberano persa acaba de oficializar o seu noivado com Farah Diba.

PANORAMA

O PRESENTE DO PAPA

DESDE O DIA em que foi investido em suas altas e sagradas funções, o Papa João XXIII deixou claro a todos que estava disposto a não modificar o seu expansivo e caloroso temperamento, que já o fizera querido quando

BEM COM BEM

UM HOMEM de quarenta e cinco anos, condenado por um mal incurável, quis doar os próprios olhos a dois pequenos cegos de um asilo italiano. O generoso doador é o pianista Alberto Fedele de Roma, pai de seis filhos, que se vê na foto. «Trataram-me tão bem, fiquei tão feliz, que não posso ir-me sem dar uma prova tangível do meu reconhecimento», declarou o homem para explicar o seu gesto, acrescentando que os médicos lhe deram seis meses de vida, mas que ele duvida de poder chegar até o Natal. Para aquela data, Alberto Fedele terá feito a dois meninos privados da vista o presente mais belo e mais precioso.

A primeira transplantação da córnea será tentada no último mês, e a segunda, quinze dias depois, quando ao pianista não restarem senão poucas semanas de vida, por causa do mal que se vai passando de seu corpo. Em 1952, quando os médicos constataram a gravidade da doença que havia atacado o pianista, este, graças a uma subscrição pública, pôde ir a Londres, onde se

Patriarca de Veneza. Ainda recentemente, para corroborar esse fato, mais uma história foi acrescentada à bagagem do homem que é já um dos mais estimados Papas dos tempos modernos. Acontece que, não faz muitos dias, o grande pastor ofereceu como presente, o seu próprio breviário, fato que, se para realçá-lo não concorresse seu ineditismo, já chamaria a atenção de todo mundo, como na verdade chamou, em razão da dignidade da pessoa presenteada. Recebeu o presente das mãos de Sua Santideade o pastor protestante Donald Rea, titular da igreja de São Pedro e São Paulo de Eye, em Suffolk, Inglaterra, e chefe da Confraternidade Anglicana da Unidade, organização fundada em 1926 «para restaurar a comunhão com a Santa Sé».

Escrevendo num dos últimos números do jornal da confraternidade, «Reunion», o anglicano Rea disse que durante sua audiência privada concedida em junho último, o Papa notou que ele, Rea, trazia consigo um breviário em latim.

— Este seu livro parece um bocado velho — disse o Papa ao seu interlocutor — e continuou: — O meu não é muito novo, mas é mais novo do que o seu. Eu lho darei de presente.

No dia seguinte, os quatro volumes do breviário do Papa chegavam ao hotel onde o protestante estava hospedado, com os marcadore de páginas assinalando exatamente onde o Papa havia terminado o seu ofício na festa do Sagrado Coração e contendo, além disso, cartões de lembrança da família de João XXIII inclusive um de seu próprio pai. Nas capas dos volumes encadernados em negro encontravam-se gravadas as armas do Cardeal Patriarca de Veneza. O breviário fora comprado enquanto o atual chefe supremo da Igreja se encontrava ainda em Veneza, em 1956.

Donald Rea, na oportunidade, tratou também com o Papa João XXIII do delicado assunto da unidade das igrejas cristãs: «Trabalhando para a união», disse ele, «faz-se mister: 1) ser muito compreensível e humilde; 2) ser paciente e esperar a hora de



João XXIII — Um breviário novo para o anglicano.

Deus; 3) insistir em argumentos positivos, deixando de lado, por hora, aqueles elementos em que diferimos, a fim de evitar discussões que possam ofender à virtude da caridade».

SE PAGA

recuperou no «Gay Hospital», sendo submetido à cobaltoterapia. Os ingleses comoveram-se com a sua história e não deixaram de levar a Alberto Fedele presentes e ofertas de particulares e sociedade. Um dia teve também a surpresa de receber a visita de Margaret, que lhe manifestou a sua simpatia.

Quando era jovem, o pianista havia sonhado estudar medicina, mas não teve possibilidade de ingressar na Universidade. Tirou o diploma de contador e se dedicou ao piano. Conseguiu, todavia, satisfazer a sua paixão pela medicina ao estourar a guerra, quando entrou para o serviço sanitário do exército. Ao fim da guerra, em Nápoles, Fedele fundou um hospital, onde os pobres podiam ser gratuitamente hospedados e curados. Nos últimos dias, quando manifestou o desejo de doar os olhos a dois jovens e os jornais começaram a falar dele, o pianista romano disse que vai deixar o mundo sem remorsos, pois fez o bem quando lhe era possível e não recebeu senão o bem em toda a sua vida.



Alberto Fedele — doou os olhos a dois pequenos cegos.



Um caminhão carregado de explosivos voou pelos ares e... vejam a cratera.

PARA BOMBA H FALTAVA O COGUMELO

PANORAMA

HOSPEDADO NUM HOTEL da pequenina cidade norte-americana de Roseburg, o chofer de caminhão George Rutherford, numa noite dessas, não havia jeito de conciliar o sono. Tendo chegado de viagem algumas horas antes, e embora cansado

pelos 430 quilômetros de percurso que fizera da fábrica Pacific Powder até aquela localidade, George já uma vez havia-se dirigido ao local onde estacionara o veículo. Andara alguns quarteirões, encontrara tudo em ordem, voltara ao hotel, e as

KAPA + SIGMA = MORTE

RECENTEMENTE, à luz de vela, alguns estudantes da Universidade do Sul da Califórnia reuniram-se na sede da fraternidade do Kapa e Sigma, espécie de confraria que reúne certos elementos da universidade, em Los Angeles. Com imenso orgulho, salmodiaram o seu jargão ocultista e fizeram «tenebrosos» juramentos à la Tom Sawyer, depois do que, passaram a se preparar para a mais importante função do ritual noturno, que era justamente a realização de um «trote», a ser impôsto a vários rapazes que desejavam ingressar na «fraternidade».

Cerca de onze novatos apareciam como candidatos e deveriam ser submetidos aos processos não muito cordiais do «trote». Todos eles teriam de passar por provas pesadíssimas, quase todas incidindo em severas provações físicas. Passados alguns momentos, e depois de serem apresentadas

algumas provas, anunciou-se um teste, que, apesar de um tanto burlesco, não deixava de ser revoltante. Numa grande bandeja foram colocados grandes pedaços de figado cru, cada um apresentando o tamanho aproximado de um grande sanduíche. Os calouros deveriam comê-lo daquele jeito mesmo, cru e sem tempô. E deviam fazê-lo o mais depressa possível. Vomitando e tossindo, os primeiros seis calouros trataram de engolir a repugnante guloseima, sem mastigá-la. Esta era apenas uma parte do ritual.

Entretanto, quando chegou a vez do calouro nº 7, o jovem Richard T. Swanson, natural de Hollywood, de olhos azuis e com vinte e um anos de idade, as coisas se complicaram. Primeiramente, Richard tentou engolir o figado rapidamente, mas não o conseguindo, pois começou a dar vômitos, afastou-o de si. Assim tentou três vezes seguidas, da mesma forma fracassando em seu in-

tento. Na quarta tentativa, o calouro Richard engasgou-se, o que não se esperava, e começou a ficar sufocado, enquanto lutava por respirar.

Os seus colegas, notando a coisa, passaram a bater em suas costas, estirando-o de cabeça para baixo numa mesa. Não obstante, o enorme pedaço de figado permanecia atravessado em sua garganta. Richard tentou caminhar com seus próprios pés, tropeçou, caiu ao atingir a porta e sofreu um colapso. Uma ambulância foi então chamada.

O que aconteceu depois resumiu-se numa triste história. Os enfermeiros da ambulância, alegando que os rapazes, na sua afobação, lhes disseram apenas que Richard sofria um «espasmo na garganta», não mencionando o pedaço de figado que facilmente poderiam ter retirado, não puderam tomar as medidas requeridas. Um «ressuscitador» da equi-

horas passavam. Mas não dormia. Razão de sua ansiedade: a carga do caminhão consistia em duas toneladas de dinamite mais quatro toneladas e meia de Car-Prill (uma mistura altamente explosiva de nitrato de amônio e petróleo), que ele deveria entregar aos comerciantes no dia seguinte.

A noite prosseguia, para ele muito monótona, quando, mais ou menos a 1 hora, George cuidou ouvir alguns ruidos de carros de bombeiros. De fato, estes haviam sido chamados para debelar um pequeno incêndio que lavrava num depósito de barris, por sinal, localizado precisamente junto do caminhão carregado de morte. O comandante dos bombeiros julgara o caso fácil e pensou que sua tarefa estivesse no fim.

George Rutherford, que mal ouvira as sirenes tratara de se dirigir ao local, tinha ainda um quarteirão a percorrer e uma esquina a dobrar, quando uma explosão tremenda projetou-o contra o solo. Os relógios de Roseburg pararam com os ponteiros marcando 1 hora e treze minutos.

O que está feito não está para fazer. Era a verdade nua e crua. Num lapso, o caminhão de George Rutherford desaparecia nos ares, numa explosão comparável à das maiores bombas usadas na Segunda Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, abria uma cratera de cerca de quinze metros de comprimento por seis de profundidade, pulverizando nada menos de seis quarteirões de prédios comerciais, apartamentos, hotéis e residências particulares; despedaçando os vidros das janelas e danificando seriamente uma área de vinte e três quarteirões, além de arrancar da cama em hora im-

própria as pessoas residentes numa área de mais ou menos doze quilômetros ao redor.

«Corri para ver o cogumelo, pois pensei que se tratasse de uma explosão atômica», disse o hoteleiro Paul Ryan, residente nas proximidades, «mas ao invés disso, o que vi foi uma imensa coluna de chamas». Uma viatura da polícia «voou» mais de 30 metros, com chofer e tudo, ficando ambos muito prejudicados. Todo o estoque de uma casa comercial especializada em porcas e parafusos foi pelos ares, espalhando-se pela cidade como grossa chuva de granizo. Um menino de apenas oito anos de idade foi conduzido às pressas para o hospital, com uma peça de aço do tamanho de um dedo enterrada na cabeça. Os únicos sinais encontrados, de um guarda que se postara nas imediações, foram os botões de sua farda e alguns fragmentos de roupa.

Minutos depois da enorme explosão, Roseburg ficou movimentada com a grande quantidade de voluntários, que, ao lado da polícia e dos bombeiros, tratavam de isolar cerca de vinte e cinco quarteirões semi-destruídos, ao mesmo tempo que se impedia a ação dos aproveitadores, e 53 casos de ferimentos eram confiados aos hospitais. O número de mortos foi grande, sendo doze deles encontrados imediatamente, enquanto muitos outros jaziam desaparecidos sob os escombros. Os prejuízos causados subiram a cerca de doze milhões de dólares. E, a cinco quarteirões de distância da cratera, foi encontrado um eixo retorcido, a maior peça interiora que restou do caminhão Ford 59, que George Rutherford estacionara horas antes.

DA FILHA DO REI À FILHA DO REI DO TABACO

pe de emergência também chamado à cena da ocorrência repetiu também a mesma história. Os universitários, entretanto, desmentiram tal alegação, insistindo em que os enfermeiros não trataram a vítima com os devidos cuidados, chegando a colocar o rapaz de costas sem a menor preocupação. De qualquer maneira, porém, ao chegar ao Central Receiving Hospital de Los Angeles, a 1 hora e 48 minutos, quase duas horas após ter entrado em asfixia, Richard já estava morto.

Chocados com o acontecido, os diretores da Universidade proibiram o funcionamento da «fraternidade» Kappa e Sigma e suspenderam todos os seus 49 membros. A sede em que se reuniam foi fechada definitivamente, sendo este o primeiro caso na história universitária norte-americana. Disse o dentista Arthur L. Swanson, irmão de Richard: «Estes rapazes são culpados da morte de meu irmão».



BRASSCHAAT (Bélgica). Peter Townsend e Marie-Luce Jamagne, diante da entrada da residência da família Jamagne, receberam uns cinqüenta jornalistas, aos quais declararam que o casamento será celebrado daqui a mais de três meses e que se estabelecerão, em seguida, nas vizinhanças de Paris. O ex-escudeiro tem intenção de produzir documentários cinematográficos.



PANORAMA

O médico do papa — «como um transeunte qualquer».

ANTIGO E NOVO ARQUIATRA

NOS ÚLTIMOS dias veio de novo à tona, (com o recurso apresentado a um tribunal superior de Roma pelos advogados do professor Ricardo Galeazzi Lizzi, que teve pronta contestação da Ordem dos Médicos) o extenso e intrincado caso do antigo médico do Papa. Pessoas e coisas que pareciam já mortas e enterradas foram novamente lembradas, como as especulações da imprensa, as terapias tidas como inadequadas, e as propaladas violações de segredos íntimos.

Enquanto se chegava à conclusão de que, na verdade, houve excesso de ambas as partes, recordava-se com emoção os atribulados dias daquele mês de outubro. Posteriormente, o ex-arquitra, expulso do Vaticano, riscado do Anuário Pontifício, suspenso do cargo, fechou seu consultório da via Sixtina, vendeu os móveis, deixou a casa e foi viver na Côte D'Azur. Ao mesmo tempo, embora não envolvido em tantos escândalos e acusações violentas, um outro médico, o professor Paul Niehans, também de casa no Vaticano, e que se tornou famoso no mundo inteiro por suas experiências com células vivas, abandonava também a cena romana.

Agora, há pouco, o Papa João XXIII acaba de encerrar o capítulo do serviço médico do Vaticano, nomeando arquitra o professor Fillippo Rocchi, que aparece na foto. O novo arquitra, que já tratou de vários cardeais e está habituado ao duplo segredo, profissional e eclesiástico, dirige o Instituto de Doenças Tropicais e tem consultório numa das principais ruas da capital italiana.

Quando um fotógrafo foi encontrá-lo no seu gabinete, ele impacientou-se: «Não sou uma estrela do cinema», disse. Depois, apressado: «Se quer mesmo fotografar-me, faça-o na rua como a um transeunte qualquer».

De Intérprete de Shakespeare...

Continuação da pag. 126

Quem é ele? De onde vem? Qual o seu futuro?

A biografia relâmpago do ator em questão foi distribuída aos presentes e o negócio agora é escolher: ler a biografia ou fazer perguntas; os repórteres preferem as duas coisas, com resultados espetaculares.

— Você é supersticioso? — a voz é de Gérard, o francês informal.

— Por que pergunta?

— Sua biografia diz que você é o filho número 13.

— Não; sou o número 12.

Ecoam risos em diferentes nuances (aliás, a maneira de rir varia com a nacionalidade) e «o gêlo é quebrado».

Bem, olhemos a biografia: «Richard Burton, natural de Wales, tem olhos «meio verdes», cabelos «meio castanhos dourados» e idéias definidas sobre seus gostos e desgostos...»

Sua voz grave corta o silêncio:

— Creio ser Hamlet a personagem mais fascinante criada até hoje.

Perguntamos-lhe como se sente, agora que está às vésperas de um musical na Broadway, já que será esse o seu primeiro papel no gênero e ele nunca tomou lições de canto. O assunto é ventilado e chegamos à conclusão de que são justamente os indivíduos de voz não treinada que vêm alcançando sucesso e caindo nas graças dos produtores mais atilados.

— A única vez que cantei em minha vida, foi em dueto com Sir Lawrence Olivier, numa festa íntima, quando ambos havíamos consumido grande quantidade de «scotch and soda»! Não sou, de maneira alguma juiz apropriado para julgar os meus talentos vocais, mas espero agradar — conclui sorrindo.

A festa que Richard mencionou «aconteceu» em Gênova, onde uma respeitável colônia de Hollywood resolveu «acampar».

— Qual a razão de sua preferência por Gênova para fixar sua residência?

— Uma das razões é que lá a gente não paga imposto de renda.

— Poderia citar alguns dos seus vizinhos ilustres?

— Jack Palance, Charlie Chaplin, Ali Khan... e outros.

O intérprete de «Pigmalião» no palco declara que, apesar de sua longa experiência em enfrentar platéia, continua a ser atacado de «terror do palco», terror esse que se manifesta em violenta erupção cutânea, um dia antes da estréia.

— Felizmente — esclarece — a erupção desaparece horas antes de ser levantada a cortina.

Já que Mr. Burton terminou dois filmes para a Warner («Lock Back in Angers» e «The Bramble Bush»), perguntamos-lhe se a tal erupção aparece também antes do «take» de cada cena para a tela.

— Não; com as câmaras, dou-me muito bem.

Enquanto fala, observamos-lhe o ar desvairado, boêmio, intelectualizado, e vem-nos à memória sua interpretação em «Minha Prima Raquel» (filme baseado na romântica novela de Daphne Du Maurier), que lhe deu o ensejo de candidatar-se ao Oscar de 1952. Nesse filme, Richard é comedete e fleumático, puramente britânico, nem por isto dei-

(Conclui na pag. 60)



Ela também aprecia

PARA a família inteira, a qualquer hora do dia ou da noite, a RECORD apresenta um programa novo, gostoso, diferente. Moços e velhos, brotinhos e vovós, todos têm o que ouvir, porque a RECORD ensina, informa e distrai. Por isso é que a RECORD tem o maior público ouvinte do Brasil!

PRB-9

Rádio **Record**
A MAIOR

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

ONDAS MÉDIAS

1.000 kcs
50.000 watts

ONDAS CURTAS

19 — 25 — 31
e 49 metros

PASSAGEM PARA AMANHÃ

EM «Passagem para Amanhã», de Mauritônio Meira, nota-se, de início, a sensualidade repleta de angústia, que domina certa parte de nossa sociedade. Sente-se quase repugnância (e piedade e tristeza) pelo vazio daquelas vidas. Instabilidade, atos despidos de um sentido mais profundo. Ao mesmo tempo, o autor soube captar nos gestos e palavras de suas personagens aquelas surpresas que despontam, às vezes, no ser humano, como a atestar que a alma do homem é, realmente, um mundo desconhecido. O Cabo Ramos, por exemplo em todos os atos, parece demonstrar um

imediatismo desbragado, um anseio voraz em torno das coisas materiais. De repente embora com morbidez, confidencia sinceramente a um amigo que o corpo não vale nada, o espírito é que importa.

Mauritônio Meira narra com fluência e naturalidade. Tomemos a novela «Passagem para Amanhã», que dá título ao volume; depois das dez primeiras linhas prenda de pronto o leitor mais desinteressado. Isto porque o autor sabe contar sua história. Nada de frases de efeito, tão ao gosto dos principiantes. Naturalmente, a reportagem policial, onde se iniciou no jornalismo, deu-lhe



MAURITÔNIO MEIRA

LIVROS
e LETRAS

EUCLIDES MARQUES ANDRADE

OS BEST-SELLERS DO ANO

ESTAMOS colhendo dados, com as principais livrarias de Belo Horizonte, a fim de oferecer aos leitores, na próxima edição desta revista, uma relação completa dos livros mais vendidos no ano que ora termina. Ficção, poesia, vários gêneros literários, serão examinados pelos livreiros e o frequentador de ALTEROSA, terá, assim, uma imagem completa e informativa desse setor cultural no Estado de Minas Gerais.

QUAL
O MELHOR
CRONISTA
BRASILEIRO?

DEVEREREMOS também, na primeira edição de janeiro, dar o resultado de nossa «enquete». Estamos, (em novembro) ao redigir esta seção para a 2ª quinzena de dezembro, aguardando apenas as cartas dos leitores que ainda desejam manifestar-se. Até o momento, Gilberto de Alencar comanda a votação, estando no 1º

lugar, vindo a seguir, Rachel de Queirós e Rubem Braga.

De Maria Santos de Magalhães, ex. postal 79, em Patos de Minas, recebemos interessante carta, em que ela dá seu voto a Rachel de Queirós.

FELIZ NATAL,
MEU AMIGO

AVOCÊ que está lendo esta página, na cidade grande ou no pequeno vilarejo deste Brasil imenso, o responsável por esta seção deseja um Natal Feliz e cheio de alegria. Deseja também que Você, homem ou mulher, consinta que o chame de meu amigo desconhecido. Parece um desejo vão, mas não o é... Muito obrigado e Felicidade.

«A MONTANHA», DE
SÃO LOURENÇO

SYNÉSIO Fagundes dirige com muito acerto o jornal «A Montanha», de São Lourenço. Informativo e vivo, o órgão daquela comuna é realmente interessante. São Lourenço é cidade muito conhecida, não só em Minas como em quase todo o Brasil, em virtude de suas águas salutares. «A Montanha» é jornal digno daquela cidade.

ALTEROSA

REVISTA DE EDUCAÇÃO DE GOIÂNIA

OUTRO órgão, esse especializado, que se vem impondo nos meios culturais é a «Revista de Educação», de Goiânia. Dirigida pela Srª Amália Hermano Teixeira, a revista apresenta, a respeito deste assunto, ensaios e considerações dignos de nota. Destaque-se sua agradável feição gráfica e sua boa qualidade literária.

POEMAS A LUZ
DO
ABAJUR

EM «Poemas à Luz do Abajur», Lília A. Pereira da Silva nos oferece uma lírica repleta de profundos anseios. Seus trabalhos têm substância, revelam um temperamento preocupado com a parte mais íntima do ser humano. Angústia, sofrimento e amor perpassam nas criações de «Poemas à Luz do Abajur». Autora de vários livros de sucesso, inclusive o amplamente elogiado pela crítica, «Lenço Materno», Lília Pereira da Silva, com sua atual obra, firma ainda mais seu nome como um de nossos bons poetas.

esta salutar concisão, clareza e objetividade.

Não se pense, porém, que Mauritônio Meira é um frio narrador, desligado inteiramente dos séres que joga no mundo da ficção. Aliás, a profissão de fé dos fisionistas de hoje é esta: não interferir na vida de suas personagens. Interferir é uma coisa e participar é outra. Como técnica literária, o objetivo é útil: ajuda o autor a bem narrar. Mas acima da técnica está o ser humano. O autêntico criador, por mais que domine sua emoção, sempre se interessa pela suas criaturas. Constatar isto — a maior ou menor proximidade do autor — é sutil e difícil. Mas intuitivamente o leitor — o leitor ideal pelo menos — toma conhecimento do fato. Um exemplo, embora não muito a propósito: ninguém, nas palavras da narração, mais afastado de Santiago de «O Velho e o Mar», do que Hemingway. No entanto percebe-se que o autor, embora se contendo, anseia pelo destino do velho pescador. Esta qualidade está presente em

Mauritônio Meira. Por mais que a vida social de hoje procure, com sua agressividade crescente, matar esta comunicação com os outros homens — e portanto com os séres de ficção de seu livro — o autor parece sentir a existência de seus companheiros de jornada.

Embora de estreante, «Passagem para Amanhã» é, assim, trabalho de boa qualidade literária. Mauritônio Meira, aliás, só é estreante em livro. Jornalista militante, com uma coluna literária no «Jornal do Brasil» e vários trabalhos de ficção publicados em diversos jornais do País, seu nome já é bastante conhecido de nosso público.

«Passagem para Amanhã» é um lançamento da Livraria Martins Editora. Quando de sua entrega aos leitores, em Belo Horizonte, houve, na Itatiaia, concorrida reunião. Vários escritores mineiros ali compareceram, sendo Mauritônio Meira saudado por João Etienne Filho. Etienne foi expressivo como sempre e Mauritônio agradeceu com simpática naturalidade.



SERAFIM FRANÇA

OUTRO LIVRO DE SERAFIM FRANÇA

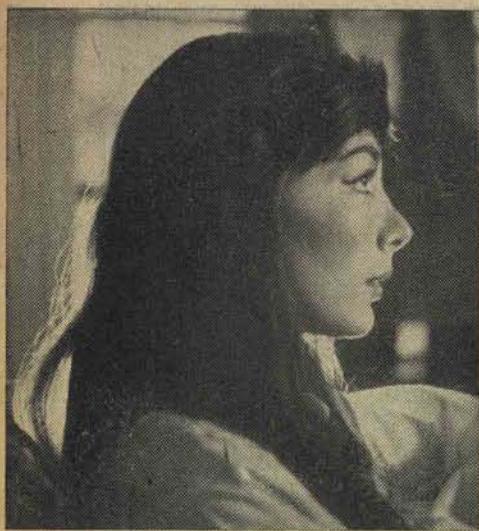
SERAFIM França, da Academia Paranaense de Letras, acaba de publicar outro livro. «Contos Emotivos» é o título. Autor de várias obras, Serafim França, no trabalho que temos em mãos, revela-se escritor seguro, de vocabulário expressivo. Sua prosa, em muitas passagens, é pitoresca e flui com naturalidade. Melhor escritor do que fisionista, o criador de «Contos Emotivos» tem, nesse livro, peças muito felizes. «Surrealismo», por exemplo, avulta pela ironia oportunista e bem dosada. Muitos outros trabalhos de destacam, ainda.

EDIÇÕES VECCHI

A EDITORA Vecchi, do Rio, vem de lançar mais dois romances: «O Amor Vestido de Seda», de Luciana Povarelli, outro trabalho de sua série romântica denominada «Corações em Chamas», e «Sem Família», de autoria de Heitor Malot, outro lançamento da Coleção «Os Audazes». Os veteranos editores da Vecchi continuam liderando o mercado editorial de obras populares.



FRANCISCO MARTINS DA SILVA



JULIETTE GRECO

A VIDA de Juliette Greco deu corrente feliz durante sua meninice até que... Esse «até que» marca uma reviravolta completa na vida de uma menina que do mundo só conhecia a bonança da vida familiar, ou seja, nada. A guerra trouxe Juliette para caminhos mais duros — e mais reais. A princípio acreditava que a mudança provocada pela guerra seria apenas mudança de ambiente — de uma casa confortável em Paris para outra casa confortável em Dordogne, sua terra natal, e o rio da vida voltaria ao seu leito costumeiro. Mas acontece que sua mãe entrou para a resistência subterrânea. E o golpe fatal veio quando Mme. Greco, juntamente com sua filha Charlotte, foi presa pela Gestapo e enviada a Ravensbrück. Juliette é também detida. Mas, em vez de seguir a sorte de sua mãe, a deportação, é enviada pa-

CÂMERA UM

Era Uma Vez... Juliette Greco

ra a prisão de Fresnes, de onde é libertada dez dias mais tarde.

Com quinze anos apenas, Juliette Greco se vê sózinha em Paris. É o tempo da pequena pensão familiar em Saint-Germain-des-Prés e do horrível quarto frio e escuro. Ela não gosta de se lembrar. Mas, é neste mesmo bairro da «rive gauche», nos «inferninhos» de Saint-Germain-des-Prés, que começa a se projetar. Já vem gente da margem direita especialmente para vê-la. Começa a cantar, e suas canções tristes, aliadas à sua figura exótica vestida de negro, com cabelos também negros e longos, despenteados sobre os ombros, garantem-lhe logo o título de «musa dos existencialistas». Sua fama se projeta internacionalmente e, por essa época, faz sua primeira viagem ao Brasil.

Ao arrefecimento da moda existencialista, Juliette Greco vai-se tornando mais versátil. Sente-se na sua maneira de vestir: a princípio, usava calças compridas pretas, depois mudou para vestidos longos, também pretos, até que deixou definitivamente o uniforme existencialista e passou a se vestir normalmente. O fato que resalta em sua vida nesta época, é a operação plástica a que se submeteu. Até hoje Juliette Greco tem um nariz exótico. Mas antes

seu nariz era mais do que exótico, era comprido e, por isso, verdadeiro tormento para sua vaidade de mulher «quase» bonita. Depois de examinar centenas de narizes que via pelas ruas de Paris, desenhou um modelo e fez seu cirurgião esculpi-lo. Tornou-se então a mulher bonita que sempre sonhara ser.

Por fim, entrou na última fase de sua vida: a fase cinematográfica. Depois de uma «tournée» vitoriosa pela Itália, foi convidada por Daryl Zanuck para participar do elenco de *O Sol Também se Levanta*. A cantora famosa se revelava ótima atriz. Já vimos bons filmes seus no Brasil. O último, «*Bom Dia Tristeza*», em que faz uma ponta pequena, porém significativa.

Cinema

Guido A. de Almeida

MARINA VLADY



Cine-Notas

- Não poderemos ver outro famoso filme francês, nem em B. H. nem em qualquer outra cidade do Brasil. Referimo-nos ao filme «Les Liaisons Dangereuses», de Roger Vadim, em que Annette Stroyberg tem papel de relevo. Chamado a resolver se o filme era arte ou pornografia, o Ministro do Interior francês reuniu seus colegas de ministério (o próprio primeiro ministro Michel Debré compareceu) e o Chefe de

Policia para uma projeção especial. O ministério decidiu que o filme podoreia ser exibido para maior de 16 anos na França. Os outros que ficasse chupando o dedo...

- Marlon Brando está filmando em Monterrey e no Vale da Morte, na Califórnia, o filme *One-Eyed Jacks* em que figura como diretor, principal ator, produtor e co-autor do roteiro. O filme está custando a bagatela de quatro milhões e quinhentos mil dólares. Tomando conhecimento do cálculo final do orçamento, Brando apenas levantou os ombros...

- Claude Chabrol, diretor da «nouvelle vague» de realizadores, é

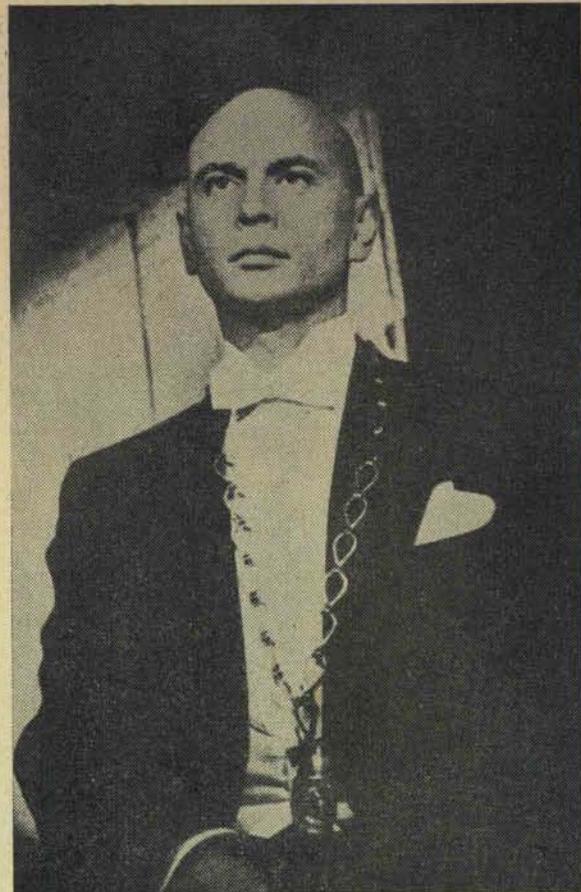
Testamento de Orfeu

MEU filme não tem pé nem cabeça, mas alma. O próprio título não tem nada a ver com o filme.

Essa afirmação de Cocteau soa-nos absurda, e deixa-nos perplexos. Que esperar de uma produção de propósitos tão extraordinários? Pelo que diz, não devemos esperar algo na linha de seu anterior *Orfeu*, já de si bastante estranho, mas com pé e com cabeça. O próprio ambiente é de um tétrico conscientemente procurado. As cenas estão sendo rodadas em Les Baux, região da Provença, no sul da França, e a ação quase que se limita aos subterrâneos, cavados na rocha, do maior e mais antigo castelo dos senhores de Les Baux. É uma paisagem sem luz e sem esperança.

O elenco é uma mistura disparatada de nomes famosos: Yul Brynner, Jean Marais, Françoise Sagan, Brigitte Bardot, Françoise Arnoul, Roger Vadim, Annette Stroyberg... Yul Brynner, calvo, de fraque, com uma imponente e pesada corrente em volta do pescoço, encarna a figura lugubre do porto-riero do Inferno — seus traços eslavos vieram a calhar para esta misteriosa personagem. Além de sua participação no elenco, Yul Brynner é, também, um dos responsáveis pela produção. (Devido à ousadia dêsse filme de vanguarda, Cocteau não conseguiu que os produtores franceses financiassem seu empreendimento. Foi preciso que se formasse verdadeiro movimento de simpatia em torno dele e seus amigos e admiradores se reunissem e levantassem o capital necessário).

Apesar das afirmações paradoxais e obscuridade de propósitos do diretor, sabemos que a película de Cocteau terá algum sentido. Evidentemente, o assunto do filme não é a história do Orfeu mitológico. Como em seu *Orfeu*, o Orfeu do *Testamento* é, apenas, o símbolo do poeta. E o filme é um «testamento» porque o poeta (ou seja, Cocteau) destina-o «a todos os jovens — inumeráveis e espalhados pelo mundo — que o ajudam a suportar o fato de



YUL BRYNNER

não ser compreendido pelos homens de sua geração». E dizem (uma observação ao leitor: nossas afirmações estão baseadas no noticiário de publicações europeias) que a última cena nos dará a chave para compreendermos a significação do filme. Um automóvel dirigido por Roger Vadim, trazendo ao seu lado Sagan, BB, Arnoul e a esposa de Vadim, Annette Stroyberg, correndo à louca velocidade de 200 Km por hora, arrebatará o poeta, como que o absorvendo. Cocteau tenta dizer, através d'este simbolismo, que toda geração se alimenta da geração que a precede. Entenderam?

uma pessoa muito original. Com os cabelos desgrenhados, o nariz pontudo, cavalgado pelos óculos, a bôca irônica, tem sempre o aspecto de colegial habituado a matar aulas. Além disso, só trabalha em seus argumentos enquanto escuta vitrolas de bares. Quando lhe perguntaram o que faria se lhe restassem apenas dois meses de vida, respondeu: — Ora, um filme...

• «Petit Rat» aos oito anos, dançando aos treze anos o canção francês e tendo estreado no cinema francês aos dezesseis anos, em «Les Tricheurs» e «Asphalte», Dany Saval é uma estrelinha que promete. Está filmando atualmente *La Verte Moisson*, dirigido por François Villiers.

• Espera-se, com ansiedade, o filme *Il Generale Della Rovere*, última realização de Roberto Rossellini, apresentado no Festival de Veneza. Outra produção cercada de grande expectativa, e também apresentada no Festival de Veneza, é *La Grande Guerra*, de Monicelli. Dizem críticos italianos que a semelhança do assunto evidencia certa unidade temática nos filmes produzidos na Itália.

• Uma das atrizes francesas mais famosas junto ao público russo é Marina Vlady (foto) — e os russos têm toda razão em apreciá-la tanto. Marina Vlady já era conhecida na terra de Khruchtchev pelos filmes *La Sorcière* (A Bruxa) e *Avant le Déluge* (Antes do Dilúvio).

Seu renome aumentou ainda mais com a apresentação durante o Primeiro Festival Internacional do Filme, realizado em Moscou, de *La Sentence*, de Jean Valère, no qual Marina Vlady trabalha ao lado de Robert Hossein.

• Napoleão é assunto eterno para o cinema. Abel Gance trabalha incessantemente nos preparativos de novo filme sobre o imperador frances. Chama-se-á *Austerlitz*, e dêle já se conhece a primeira cena. Esta será a fotocópia de uma carta de Napoleão em que ele diz: «Gostaria de reviver na posteridade e assistir ao que os poetas, através de suas criações, me fazem pensar e sentir...»



O festejado ator britânico em uma cena de "The Bramble Bush" ao lado de Frank Conroy, que faz o papel de Dr. Kelsey.

Richard Burton :

DE INTÉPRETE DE SHAKESPEARE A CANTOR DA «BROADWAY»

PÁLIDO e rígido, sentado meio de banda, na ponta do armário do seu camarim, Richard Burton parece estar a par da entrevista que irá dar a diversos membros da imprensa estrangeira, convidados pela Warner Brother's, numa prova de cooperação, para um contato com êles. Entre outros, encontram-se presentes um escandinavo aristocrata, cujo monóculo se equilibra milagrosamente no rosto magro, uma senhorita alemã, de extrema vitalidade, o francês Gérard, aboletado no tapete verde, Silvia, a diáfana representante das Ilhas Britânicas, uma mocinha tímida, que se diz representante do fã-clube de Richard Burton na Argentina, e muitos senhores e senhoras, jornalistas dos quatro cantos do globo, inclusive um rapaz magro, que declara, solene, escrever para a Turquia.

Na porta de entrada dos estúdios da Warner, Louis Serrano, simpático patrício, publicitário do

Departamento Estrangeiro da Warner, oferece Coca-cola gelada aos visitantes, expressando-lhes um cordial «seja benvindo», através do seu olhar de fidalgo.

A princípio, houve um silêncio meio constrangedor; o grupo limitou-se a observar atentamente o camarim do ator, à medida que nêle ia penetrando, não sem demonstrar certa inquietude, característica mesmo dos repórteres.

Num canto da sala, com ares de animal acossado, Richard, em mangas de camisa, cabelos em desalinho, sorriso meio esboçado, contrasta, de maneira aguda, com o tipo «standard» do astro «à la Hollywood» que, além do vestuário impecável, traz a infalível madeixa brilhantinada caída «casualmente» na fronte maquilada. Esse homem, ao contrário, veste-se de maneira simples e o fantasma do artificialismo não lhe faz companhia.

(Continua na pag. 120)

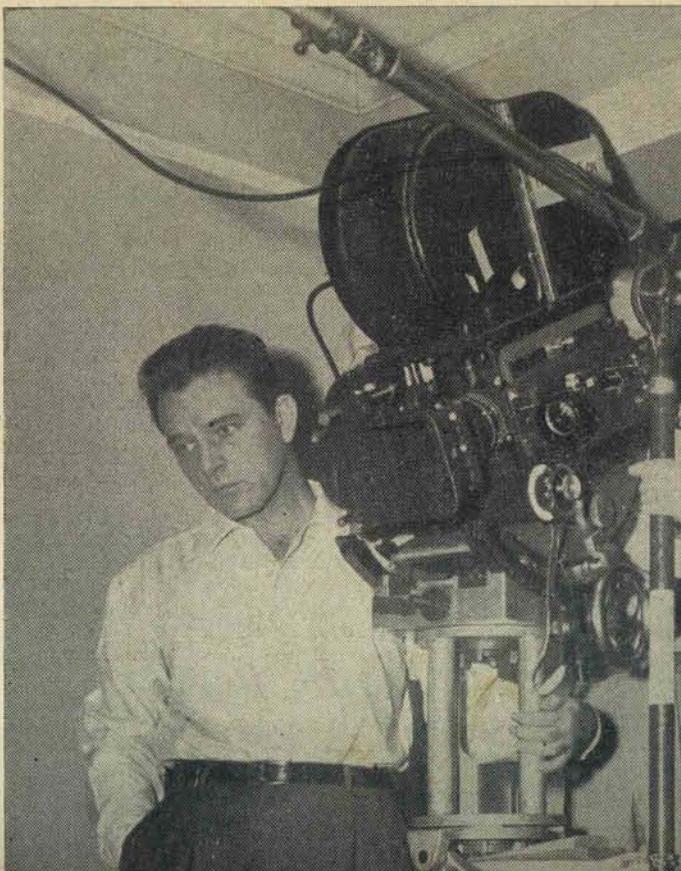


Richard Burton, ao lado de nossa correspondente Orlani Cavalcante, logo depois da entrevista.

Richard Burton, que vive o papel do Dr. Montford, posa ao lado da câmara, durante a filmagem de "The Bramble Bust", uma produção da Warner.

Texto de
ORLANI CAVALCANTE

Fotos de Warner Brothers



ALEGRIAS DE AVÔ

Gilberto de Alencar

TEM dez meses e gosta de pão como se fôra francesa. Digo como se fôra francesa porque, tal geralmente se sabe, os maiores comedores de pão do mundo inteiro são os compatriotas do general De Gaulle. Mas não possui uma góta sequer de sangue francês nas veias, é brasileira da gema, chama-se Marta e eu tenho a ventura de ser seu avô.

— Marta, vem cá ! Vem ver o vovô...

Estaja lá em que cômodo estiver da casa, não deixa quase nunca de atender ao chamamento e vem voando ao meu encontro. Vem voando é evidentemente fôrça de expressão, porque vem é mesmo engatinhando. Engatinha, porém, com tamanha velocidade, que mais parece voar do que engatinhar, não tivesse ela nascido na era do avião a jato.

Outras vêzes, se me recolho ao escritório ou ao quarto, Marta não espera que a chame, surge sem que seja chamada e empurra sem a menor cerimônia a porta apenas cerrada, tomado de assalto o meu refúgio. Assim que me vê, desmancha-se num largo sorriso que imediatamente me desarma e me leva a abandonar o que esteja fazendo, para tomá-la nos braços. Como já está pesada ! Pesada, sim, mas é precisamente esse péso que me põe de alma leve e contente.

Sempre que vem da sua casa para a minha, e vem todos os dias, a primeira coisa que lhe dou é um pedaço de pão, de preferência pão dormido, pois dêste é que gosta mais. E vá depois alguém tomar-lhe, de brincadeira, o petisco adorado ! Fica tôda vermelha, treme de raiva e esperneia, ela que de ordinário é risonha e nada tem de manhosa, jamais chorando à toa ou sem razão muito séria.

Hoje, logo depois que chegou, alegrando como de costume a casa inteira, tratei de dar-lhe o infalível naco de pão de tôdas as manhãs ou de tôdas as tardes.



Estendeu a mãozinha ávida e segurou-o jubilosa.

Como a tivessem deixado sentadinha numa das extremidades do comprido corredor, a fim de comer ali sossegada o seu pedaço de pão dormido, eu fui para a extremidade oposta e chamei :

— Marta ! Vem ver o vovô...

Parou de comer, olhou-me lá de longe e começou a engatinhar na minha direção. Mas engatinhar como, se para engatinhar é preciso espalmar as mãos e uma delas, a direita,

estava fechada, segurando o pão ? Ai ela parou e, ajoelhada, pareceu refletir um momento sobre o caso complicado. Segurar o pão e engatinhar, a um tempo, não podia. Largar o pão, não queria. Também não queria deixar de atender ao chamado do avô. E então ? Então, tendo refletido um instante, meteu decidida o pedaço de pão na boca pequenina, espalmou as duas mãos e partiu voando, querer dizer engatinhando, ao meu encontro, percorrendo num átimo, de ponta a ponta, o longo corredor. Resolvera o problema, e foi tôda cansada e rubra da corrida que a colhi enfim nos braços.

Marta, Marta...

Esta Marta é mesmo o meu consôlo e a minha alegria. Foi ela que me convenceu afinal de que essa história de ser avô é a coisa melhor d'este mundo e até do outro. Se no outro, é claro, houver netinhas também.

— Marta ! Vem cá, vem ver o vovô...

Quase sempre vem, com o pão ou sem o pão. Mas, às vêzes, acontece não vir, por motivos que só ela sabe, e então eu, que raramente me desaponto, fico desapontado uma porção de tempo. Marta, porém, ignora isso, pois sou muito capaz de jurar que não teria coragem de desapontar o avô de propósito. Nem vê !

Cartas

Conclusão da pag. 28

lação que revoltou a todos os cívilizados?

Aqui em São Paulo, Sr. Leopoldo, dificilmente votam contra um paulista. Haja vista que quando da campanha de Juscelino, tinham por cá um velho tabu que era a arma contra o mineiro, e dizia assim: «É ladrão mais é paulista». Por isso, o senhor e os demais mineiros devem aprender a comungar dessa cartilha. Principalmente no caso atual, quando está em jogo o nome honrado de um Marechal mineiro.

SALVADOR Z. PINHEIRO —
CAMPINAS — SP

CONSIDERO o marechal Lott um grande brasileiro, um homem decente, honesto e bem intencionado. As fôrças da situação não poderiam encontrar candidato mais digno. E é mineiro. Mas num pleito como o que se aproxima, não podemos pensar em termos de regionalismo. Devemos, isto sim, encarar de frente o problema da carestia, que ameaça solapar as últimas energias da nossa população. E' preciso mudar, e quanto antes, a orientação econômico-financeira que nos conduziu a esta inflação galopante, escolhendo um Governo «malucamente» voltado para a contenção dos gastos públicos, para a recuperação do equilíbrio orçamentário, para a rápida estabilização do custo de vida. Ou isso, ou o caos social, que já está ensaiando envolver a Nação. Assim, estou com Jânio Quadros, cuja decantada «maluquice» consiste em usar pulso de ferro na conquista desses objetivos.

No plano estadual, é claro que não posso ter outra posição: do lado contrário ao que estiver o desgoverno atual. Votarei em Magalhães Pinto.

MANUEL GONÇALVES DE CASTRO
— BELO HORIZONTE

O plano federal estou com o marechal Lott, que considero um dos maiores homens que esta República já produziu. No Estado, fico com a candidatura Magalhães Pinto, pois não creio mais na possibilidade do pessedismo endireitar as nossas finanças e normalizar o crédito público. Para vice de Lott, votarei em branco, se voltarem a indicar Jango. E, para vice de Magalhães, eu prefiriria Celso de Melo Azevedo, outro administrador honrado e capaz.

OTONIEL VIEIRA DA SILVA —
VARGINHA — MG

A VIDA NUNCA É DIFÍCIL PARA
QUEM REVENDE AS FAMOSAS:

Big Cesta de Natal
Titanus

e a sensacional Linha de Produtos TITANUS:

Móveis-Fórmicas, Colchões de Molas, Sofás e Poltronas-Cama, Enxovais para noivas.

A Big Cesta de Natal é Dupla — Custa o preço de uma — Garante um prêmio absolutamente certo a cada comprador. 40.000 prêmios p/ 40.000 compradores.

Admite Representante em todo o Estado de Minas Gerais. Você poderá ganhar mais de Cr\$ 30.000,00 mensais. Damos contrato de 2 anos. E mais... para os revendedores o sensacional concurso «Big TITANUS» está distribuindo Jeeps, casas, automóveis e uma infinidade de prêmios. Para os compradores 400 bigs prêmios mensais.

Os candidatos de Belo Horizonte e arredores devem comparecer pessoalmente no horário comercial — Os demais, devem enviar o «curriculum-vitae» completo e fontes idôneas para referências.

TITANUS
Imp. Ind. e Com. Ltda.

Rua São Paulo, 355 — Loja 6 (Galeria São Paulo)
Belo Horizonte.

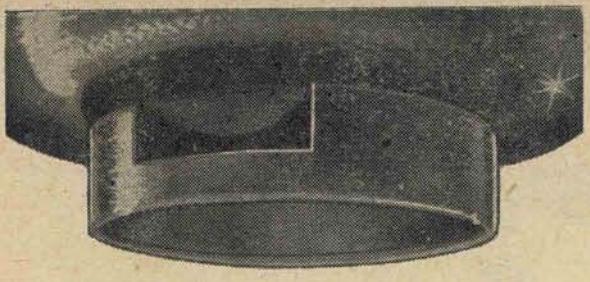
ÓCULO AUDITIVO



TELEX ALCANÇOU A
PERFEIÇÃO COM O «ÓCULO AUDITIVO», O MAIS
MODERNO E DISCRETO AUXILIAR DA AUDIÇÃO,
COM APARELHO EMBUTIDO NO CABO, SEM BATERIA E SEM FIO.

CENTRO AUDITIVO TELEX

AV. AFONSO PENA, 740 — 1º ANDAR — B. HORIZONTE

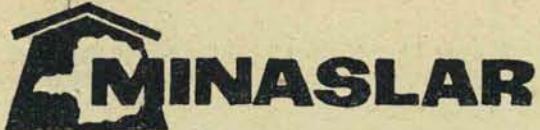


prefira

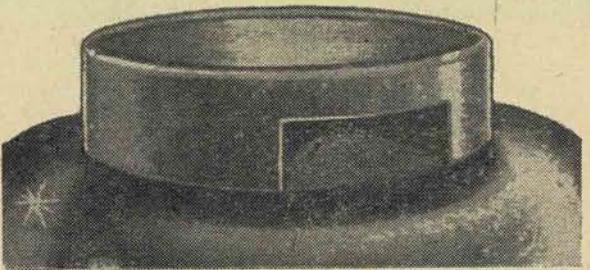
MINASGÁS

— capitais mineiros a serviço do Brasil

- fornecimento absolutamente garantido
- assistência técnica completa
- entrega automática: MINASGÁS chega à sua casa no dia certo, na hora exata!



Curitiba, 840 — Fone 4-8460



Não basta anunciar. É necessário anunciar bem, num veículo conceituado, de grande tiragem e de público com bom poder aquisitivo. Anuncie sempre em ALTEROSA, para alcançar melhor seu objetivo, com segurança de alto rendimento para suas vendas.

Cada novo eleitor que você alistar será mais um soldado no combate à corrupção e aos desmandos que infelicitam o País. O voto é a única arma do cidadão para a defesa dos interesses da coletividade. Minas e o Brasil confiam no seu voto.



O SEGREDO DE SAMMY

SAMMY Williams era um grande magricela norueguês, que carregava uma corcunda como se nela estivessem todos os fardos do mundo inteiro. Suas feições grosseiras tinham sido endurecidas por uma espécie de cinismo. Foi lá pelos primórdios de 1900 que ele chegou ao rancho Heeb, perto de Manhattan, no estado de Montana, a fim de ser cozinheiro.

— Cozinho bem — informou, e isso foi quase tudo o que ele disse a seu respeito.

Os outros agregados jamais lhe faziam perguntas, nem tão pouco o seu patrão, o Sr. Heeb, que criava e vendia cavalos.

O domínio de Sammy consistia do quarto, que partilhava com sete outros agregados, da varanda de madeira e da cozinha, em cujo portal as crianças se postavam para vigiar o seu trabalho.

— Por que você tem caroço nas costas, hein Sammy? — perguntou, certa vez, uma das crianças.

E, pela única vez Sammy respondeu a uma pergunta:

— Quebrei-a — disse, e isso foi tudo.

Sammy era o primeiro a levantar-se e o último a subir os degraus que conduziam ao quarto, à noite, sempre se vestindo ou se despindo no escuro, por consideração aos que dormiam. A hora de distribuir o alimento para os agregados, Sammy conduzia a carroça na direção das montanhas e o fazia sempre de bom grado, pois aproveitava a oportunidade para pescar. Pescar era o seu único prazer. Jamais recebia cartas, jamais gracejava ou bebia, e nunca alguém o ouvira falar de mulheres. Era exatamente como uma sombra corcunda com uma tigela.

Em uma noite de inverno, Sammy permaneceu por mais tempo em seu quarto, e os vaqueiros famintos foram encontrá-lo morto, vestido apenas com um camisão.

O carro funerário levou o corpo de Sammy e mais tarde o legista voltou para conversar com Sr. Heeb. Ficaram palestrando durante um minuto, o bastante para alarmar os outros agregados, que entreouviram a conversa. Qual seria o significado da estranha máscara que Sammy vinha usando durante tantos anos? Afinal, de que é que Sammy estava se escondendo — do amor ou da vergonha?

Naquela noite, todos os empregados permaneceram acordados e em silêncio, como se procurassem a resposta para aquelas interrogações.

— Podíamos fazer algo para Sammy — disse um dêles, finalmente, recebendo a aprovação dos demais.

A lápide que os rapazes compraram ainda se encontra no cemitério de Meadowview, em Manhattan, com a seguinte inscrição:

AQUI JAZ UMA MULHER CUJO NOME VERDADEIRO É IGNORADO, MAS QUE FOI CONHECIDA DURANTE MUITOS ANOS COMO SAMMY WILLIAMS, FALECEU NO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1908, CONTANDO CERCA DE 68 ANOS DE IDADE. — Kay Widmer.

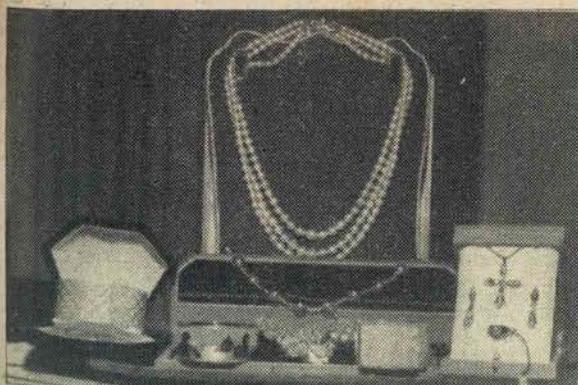


A foto mostra o Sr. Rodolfo Guimarães ao cortar a fita simbólica, inaugurando o estabelecimento.

MODERNÍSSIMA JOALHERIA EM BH

A JOALHERIA e Relojoaria Floresta, estendendo suas atividades ao centro da cidade, montou uma magnifica filial na Rua da Bahia, 301, onde poderão ser encontrados os mais finos artigos em jóias e relógios. A inauguração da filial revestiu-se de grandes solenidades. As mais expressivas figuras de nosso meio comercial e bancário acorreram ao novo estabelecimento. O Sr. Rodolfo Guimarães, gerente do Banco de Crédito Real de Minas Gerais cortou a fita simbólica, entregando a loja ao público de Belo Horizonte. Fêz uso da palavra o Sr. Joaquim Garcia de Assis, falando em nome de seu sócio, Severo Caetano da Silva, e afirmado que sua firma tudo tem feito para continuar a merecer a confiança do público.

Logo em seguida foi oferecido aos presentes um coquetel, oportunidade em que os convidados percorreram as moderníssimas instalações da filial da Relojoaria Floresta.



Jóias finíssimas, da mais alta qualidade, poderão ser encontradas pelo público belo-horizontino na nova filial da Joalheria e Relojoaria Floresta.

*Sabem que nunca choramos atoa!
O que mais nos incomoda é dor no ouvido!*

AURIS-SEDINA : grave hoje este nome para ouvir bem toda vida!

AURIS-SEDINA

LAB. OSÓRIO DE MORAIS — B. HORIZONTE



PRAÇA RUI BARBOSA, 187

Enderéco Telegráfico : —

«ITATIAIA»

BELO HORIZONTE

Minas Gerais — Brasil

Telefones :

2-8440

2-9440

2-8840

2-8563

2-8565

2-5123

UMA ALMA JAPONÉSA

Um grupo de estudantes estrangeiras que se encontravam em férias pelo Japão entrou animadamente em uma das lojas de Tóquio e, na agitação que se formou, uma delas perdeu um valioso broche. Imediatamente, todo mundo se pôs a procurar o objeto, mas tudo em vão, pois não houve meios de encontrá-lo. Em vista disso, a moça proprietária do broche dirigiu-se à gerência da loja, onde comunicou o fato, descrevendo ao mesmo tempo a jóia e explicando que não era o seu valor monetário que a preocupava, mas o que a fazia ficar assim tão triste era justamente o seu valor estimativo, pois tratava-se de uma verdadeira relíquia. Depois de dar ao gerente o endereço do hotel onde se hospedara, a moça retirou-se, banhada em lágrimas, naturalmente prevendo que jamais veria seu precioso broche.

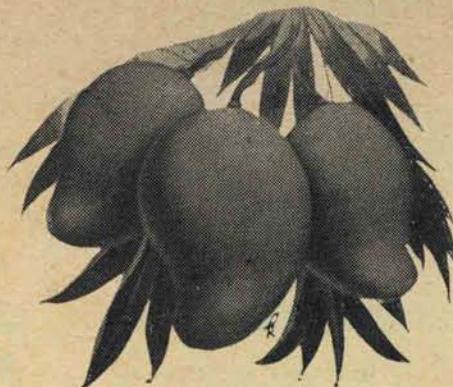
Passados alguns dias de longa expectativa infrutífera, a estudante recebeu um pacote no hotel, mas, ao abri-lo, teve grande deceção: deparou com um broche inteiramente diferente do seu, não obstante ser também de raríssima beleza. Entretanto, emocionou-a vivamente a notinha que acompanhava o objeto e na qual ela pôde ler:

«Sou uma senhora japonesa e ouvi a conversa que você teve com o gerente da loja, há dias. Lamento sinceramente que tenha perdido um objeto tão precioso e repto como uma grande残酷dade do meu povo o privá-la de algo que tanto ama. Sei perfeitamente que este presentinho não pode substituir o broche que perdeu, mas é acreditando no fato de que ele possa curá-la do golpe que acaba de sofrer, que tomo a liberdade de enviar-lho».

☆ ☆ ☆

A Presença do Finado

EM Londres, um senhor chamado Alan Crable moveu ação de divórcio contra sua esposa, dizendo que ela continuava a guardar as cinzas do primeiro marido dentro de um pote de mostarda e que, por mais de uma vez, o obriga a colocá-lo na mesa com o devido respeito.



MANGA a rainha das frutas tropicais

CONQUANTO para a maioria dos norte-americanos, a manga seja uma fruta exótica, quase fabulosa, para os nativos das terras tropicais constitui ela o que há de mais apreciável. Há muito tempo, os naturalistas e viajantes elegeram-na rainha das frutas tropicais e isto, naturalmente justifica o fato de ser tão rara na América do Norte.

O cultivo da manga é muito mais antigo do que nos é dado conhecer através de livros. Nos primórdios do ano 1500, um imperador da Índia ordenou a plantação de mais de 100.000 mangueiras, com a finalidade exclusiva de satisfazer o seu gosto pessoal pela fruta. Mas, muito antes disto, Buda fôra presenteado com um maravilhoso pomar de mangas, para descansar à sombra das frondosas árvores e, ao mesmo tempo, deliciar-se com as frutas maduras. Até hoje, na Índia, a manga constitui figura indispensável nos ritos folclóricos e religiosos. Assim é que nenhuma fruta da mangueira pode ser comida antes de ter sido a árvore solenemente «casada» com outra árvore, na maioria das vezes a tamarindeira ou a jasmâneira. Para esse acontecimento de gala são convidados todos os amigos e parentes do proprietário da árvore, que costuma vender todos os seus bens e até mesmo tomar dinheiro emprestado, a ponto de quase chegar à falência, só para ter a certeza de que a solenidade será tão bem conduzida como merece a sua tradição de família.

Existem mais de 1.000 variedades de mangas, tôdas elas originadas de uma espécie encontrada nas montanhas do Himalaia. Foi dai que a manga espalhou-se pelo mundo, sendo levada para a África pelos navegadores portugueses e de lá trazida à América do Sul. Sómente por ocasião da Guerra Civil foi ela levada para a América do Norte, onde atualmente é cultivada na Flórida e na Califórnia, em grande escala.

Além de constituir, depois de amadurecida, uma excelente sobremesa, a manga pode ser empregada em diferentes fases do seu desenvolvimento. Quando ainda não está perfeitamente madura, é o ingrediente principal para o preparo de conservas usadas durante as refeições.

Os americanos usam a manga madura no café da manhã e compararam o seu sabor ao do melão. Costumam ainda usá-la em saladas e comê-la acompanhada de sorvete, constituindo esse prato uma sobremesa de gala.

Melhores preços e
maiores vantagens para

O presente mais desejado



Uma assinatura de **ALTEROSA** como presente de **Festas**

Eis o plano:

- Você oferece agora o seu presente, com descontos de até 30,47% sobre o preço de um exemplar;
- As revistas começam a chegar agora mesmo, mas a assinatura só será contabilizada a partir de dezembro;
- Em dezembro, enviaremos à pessoa presenteada um belo cartão de Festas, em cores, anunciando o seu presente.

Eis as vantagens:

- Você não tem mais de se preocupar com o que vai presentear;
- O seu presente «chegará» todas as quinzenas, fazendo o seu nome permanentemente lembrado;
- Você, realmente, não pode adquirir outro presente que agrade tanto, dispendendo tão pouco.

Eis os preços:

2 anos (48 números)	Cr\$ 500,00
(desconto de 30,47% sobre o preço de cada exemplar)	
1 ano (24 números)	Cr\$ 270,00
(desconto de 25% sobre o preço de cada exemplar)	
6 meses (12 números)	Cr\$ 160,00
(desconto de 11,14% sobre o preço de cada exemplar)	

(Esses preços vigoram até 31 de dezembro deste ano).

E se ainda não sabia...

ALTEROSA é uma revista para ver, para ler, para guardar, porque focaliza o pitoresco e o atual, porque se mantém permanentemente em dia com a atualidade, porque é uma utilíssima fonte para consultar, em qualquer tempo.

A SOC. EDITÔRA ALTEROSA LTDA.
Caixa Postal 279 — Belo Horizonte — MG

Segue junto a importância de Cr\$ correspondente a assinatura(s) de ALTEROSA, a ser(em) enviada(s) como Presente(s) de Festas para:

NOME:

ENDERÉÇO:

CIDADE: ESTADO:

Ofertante

Endereço

Cidade Estado

Alterosa

Uma revista de classe
para pessoas de gôsto

SÊDAS E LINHOS

SANTA MÔNICA

O PARAÍSO DA MULHER ELEGANTE

Av. Afonso Pena, 974 — Fone: 2-5112 — Belo Horizonte

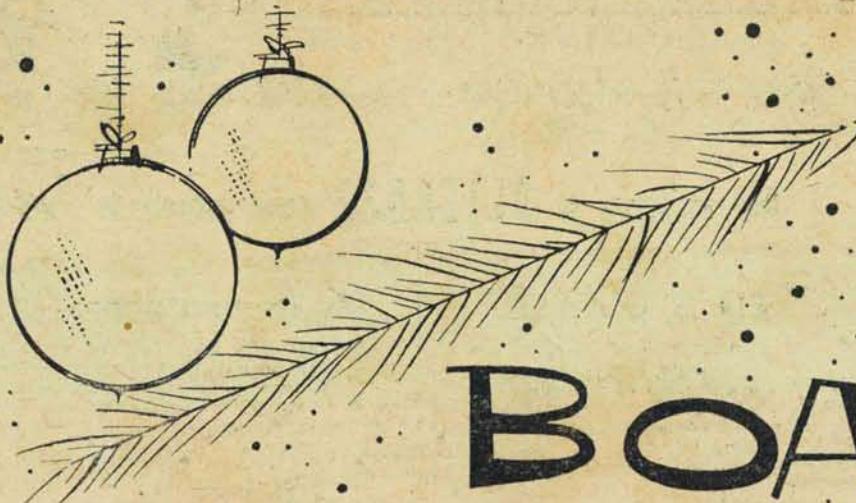
EXPRESSO SÃO GERALDO

Antônio R. Mourão

MATRIZ — Rio de Janeiro — Av. Teixeira de Castro, 266 — Fones: 30-0751 — 30-5978 — 30-0213

FILIAL Belo Horizonte Avenida Francisco Sá, 86 Telefone 4-6970	FILIAL São Paulo Rua Almirante Barroso, 450 Telefone 9-1224	FILIAL Itaína Avenida Afonso Pena, 67 Tel. Provisorio 1344	FILIAL Divinópolis Rua Minas Gerais, 288 Telefone 1357
---	--	---	---

Barra Mansa, Curitiba e demais cidades do País.



BOAS

Sua casa ficará mais alegre, decorando-a com as lindas cortinas confeccionadas na

CASA DAS CORTINAS LTDA.

Rua São Paulo, 524 — Fone: 2-2520 — Belo Horizonte

CANETAS
TINTAS

CONSERTOS
GRAVAÇÕES

LOJA DAS CANETAS

ANTONIO H. LEITE

Rua Rio de Janeiro, 385 — Belo Horizonte

LEITE ? SÓ O DAS CANETAS...

Geladeiras, máquinas de costura, rádios, bicicletas, enceradeiras, aparelhos de televisão, artigos finos para Geladeiras, máquinas de costura, rádios, bicicletas, tigós para presentes.

A CAPITAL MINEIRA MATRIZ

AV. AFONSO PENA, 1.120
(ANTIGO PRÉDIO DA CIA. FORÇA E LUZ)
TELEFONE: 2-3467 — BELO HORIZONTE

CIA. FÁBIO BASTOS

Comércio e Indústria

Tem o prazer de cumprimentar seus distintos clientes, desejando-lhes BOAS-FESTAS E
FELIZ ANO NOVO

RUA GUARANI, 555 — BELO HORIZONTE

Emprêsa de Transportes Minas Gerais S/A

END. TELEG. «TRANSMINAS»

MATRIZ: BELO HORIZONTE

Av. Dom Pedro II, 1712 — Fones: 2-7347 e 2-2279

FILIAIS: RIO DE JANEIRO: — Rua São Januário, 74 — Fones: 28-2120 — 48-6868 — 28-3377. SAO PAULO: — Rua Hipódromo, 1465 — Fones: 9-1111 e 9-1112.

NITERÓI: — Trav. Luiz Paulino, 29 — Fone: 2-1355. SANTOS: — Rua Paraná, 279 — Fone: 2-6906.

CASEMIRAS ADRIÁTICA S. A.

vista-se elegantemente e pague suavemente

CREDIÁRIO ADRIÁTICA

Av. Afonso Pena, 532 — Tel. 2-3209
Rua São Paulo, 562 — Tel. 2-6057.
BELO HORIZONTE

CARNAVAL

só com lança-perfume RODOURO

(Só temos de 200 grs. e em caixas com 10 dúzias). Únicos distribuidores para os estados de Minas e Goiás.

ANDRADE & CIA. LTDA.

Rua Teófilo Otoni, 19 A — Carlos Prates — Fone: 4-9550 — End. telegráfico: «HARMONIA» — Belo Horizonte.

CASA DANTE LAPERTOSA

Dante Lapertosa & Filhos Ltda.

COMPLETA OFICINA PARA REPAROS DE APARELHOS EM GERAL

TELEVISÃO — GELADEIRAS — RÁDIOS PHILIPS E OUTRAS MARCAS

Rua Tupinambás, 395 — Edifício Império — Fone: 2-7912 — Belo Horizonte

EMPRESA DE TRANSPORTES «ASA BRANCA S. A.»

TRANSPORTES RODOVIARIOS

MATRIZ	FILIAL Belo Horizonte	FILIAL	FILIAL
Nova Lima	Av. Tereza Cristina, 220 a 278	Rio de Janeiro	São Paulo
Rua Severiano Lima, 101	Escríts. Tels. 2-0755 - 2-8721 — Depósito: Tel. 2-2910 — Garage: Tel. 2-5117	Rua General Pedra, 26	Rua Santa Clara, 355
Tel.: 19		Tel.: 43-6564	Tel. 9-2583
SUB-AGÊNCIAS SIDERÔRGICA E J. MONLEVADE			

FESTAS

LUIZ DE MARCO

JOIAS, RELOGIOS E CONSERTOS

Av. Afonso Pena, 545 — Fone 2-5617

Uma Visão Perfeita

ÓPTICA DE MARCO

AVIAM-SE RECEITAS

Atende-se pelo Reembolso Postal.

Av. Afonso Pena, 545 — Fone 2-5617

A INSTALADORA

JOSÉ FERNANDES GARCIA

Apresenta os melhores votos de BOAS-FESTAS e
UM FELIZ ANO NOVO, a todos os seus amigos
e fregueses.

Rua Tupinambás, 326 — Fones: 2-1920 e 2-4260
BELO HORIZONTE

Fábrica de Móveis Assépticos Ltda.

Móveis de ferro para Hospitais, sanatórios,
consultórios médicos, etc.

APARELHOS DE ESTERELIZAÇÃO — METALURGIA
— NIQUELAGEM

LOJA: Rua Tamandaré, 906.

FÁBRICA: Rua Conquista, 234 — Fone: 4-3411 —
Belo Horizonte

LIVRARIA BRASIL

L. BRETAS & CIA. LTDA.

DISTRIBUIDORES DA CIA. EDITORA NACIONAL

Av. Afonso Pena, 740 — Telefones 2-3217 e 2-5920
Caixa Postal 173

BELO HORIZONTE

MINAS GERAIS

SANDOVAL : CANETAS
: RELÓGIOS E
: CONSERTOS

VENDAS A CRÉDITO

RUA ESPÍRITO SANTO, 621

INCOMPATIBILIDADE



ANEIS DE FUMAÇA EM VOLTA DO MUNDO

Se compararmos a variedade de maneiras usada pelos fumantes dos nossos dias, veremos que ela nada significa em relação à empregada por outros fumantes, em outros tempos e em outros lugares.

Quando os missionários e os exploradores pisaram pela primeira vez o solo da Nova Guiné, por exemplo, descobriram que os nativos haviam inventado o original cigarro para reis, que era obtido enrolando-se o fumo em cordas de cerca de 18 metros de comprimento. Como envoltório de cigarros, usaram folhas de bananeira, até que os europeus introduziram um mais moderno — de jornais velhos — que em pouco tempo transformou-se em cobiçado objeto de comércio. Os fumantes inalavam a fumaça pelo nariz e a expeliam pela boca.

Naturalmente os apreciadores de cachimbo gostariam de saber como é que os antigos do Himalaia preparam e usam o seu. Em primeiro lugar, o fumante cava dois buracos no solo, ligando-os por meio de um túnel. A seguir, coloca folhas de fumo no primeiro e ateia fogo. Assim que a fumaça começa a sair pela outra abertura, ele inclina-se sobre ela a fim de aspirá-la. Os nativos mais elegantes usam uma espécie de canudo, por onde recebem a fumaça. Este mesmo processo de fumar na terra tem sido praticado na África, mas com uma ligeira variação: ao invés de debruçar-se, o fumante deita-se ao lado da abertura por onde sai a fumaça, relaxando-se completamente.

Os persas e outros povos asiáticos inventaram o melhor filtro jamais conhecido — o cachimbo d'água. A fumaça é puxada por uma câmara de água, que a resfria, retendo virtualmente toda a nicotina. Já os membros da tribo Ostyak, na Sibéria, enchiam a boca com água e, depois, com fumaça de cachimbo, tragando tudo de uma só vez. A inconveniência era que, depois disso, um simples empurrão bastava para derrubá-los. Por essa razão, era costume da tribo permitir que seus membros fumassem somente quando assentados.

Na tribo dos Ainu, no Japão, uma mulher acusada de crime era obrigada a fumar vários cachimbos, cujas cinzas eram colocadas em um copo com água, que ela deveria tomar. Se, em virtude disso, a ré adoecia, não tinham dúvidas em considerá-la culpada. Mas, se ao contrário, nada lhe sucedia, todos proclamavam a sua inocência.

No interior amazonense, os nativos fervem folhas de fumo até obterem uma bebida espessa e alcatroada que, colocada em pequena quantidade em sua língua, dá-lhes uma grande satisfação. Entretanto, entre os índios Aruacas, do norte da Colômbia, a coisa é diferente: carregam esse mesmo fluido em pequenas cabaças e, quando dois homens se encontram, cada um molha o seu dedo na cabaça do outro, levando o líquido à boca. Esta é uma elegante maneira de dizer — como vai?

O cardeal Von Faulhaber, da Alemanha, manteve, certa vez, uma conversação com o renomado matemático Albert Einstein.

— Cardeal — disse Einstein — eu respeito a religião, mas acredito nas ciências matemáticas e, provavelmente, isto não lhe agrada muito.

— Está completamente enganado — respondeu o cardeal. — Para mim, ambas não passam de expressões diferentes da mesma exatidão divina.

— Mas, Eminência, que poderia o senhor dizer, se a ciência matemática chegasse algum dia a conclusões diretamente contraditórias às crenças religiosas?

— Ora — respondeu o cardeal — eu tenho a mais alta consideração pela competência dos matemáticos e estou certo de que elas jamais descansariam, até que descobrissem o seu grande erro.

☆ ☆ ☆

DE INTELECTUAL

O escritor inglês G. K. Chesterton era um homem dotado de poderosa imaginação. Certa vez, quando trabalhava entusiasticamente em uma novela, seus amigos ficaram bastante apreensivos por causa de sua saúde e aconselharam-no a tirar umas férias.

Chesterton estava ansioso para sair, mas, como não dispusesse de tempo, pensou um pouco e começou a agir. Fez as malas cuidadosamente, tomou um táxi e ordenou ao motorista que tocassem para a estação ferroviária. Lá chegando, o escritor andou por alguns minutos pelas plataformas, entrou novamente no táxi e voltou para casa. Sentiu-se como se tivesse tirado férias de verdade. Sua mente refrescou-se, capacitando-o a entregar-se ao trabalho com um vigor renovado.

*Um novo conceito
em escrita inspirado
pela própria natureza!*

Parker 61

de ação capilar

Assim como a força natural da gravidade controla esta ampulheta secular, também forças naturais controlam a tinta, na Parker 61. A extraordinária 61 enche a si mesma com a quantidade exata de tinta, conservando-a em reservatório controlado a vácuo, do qual ela não pode escapar, para vazar ou manchar. E só quando se está pronto para escrever, no momento em que a pena toca o papel, o fluxo de tinta recomeça, produzindo uma escrita nítida e uniforme. Resistente na qualidade, virtualmente à prova de choques e vazamentos, a Parker 61 oferece um novo padrão em desempenho... e uma segurança que se tornou possível pela própria ação capilar da natureza.

Superior às canetas-tinteiro comuns por 4 importantes razões !

Virtualmente à prova de choques - Depósito de tinta "cativo" que resiste aos choques

Virtualmente à prova de vazamento - Reservatório especial, que mantém a tinta sob controle

Simplicidade de ação - Nenhuma peça para manipular e desgastar

Enche a si mesma - Completamente, e sem sujar os dedos. A tinta é canalizada para o reservatório da Parker 61 por uma força natural digna de confiança... a ação capilar!



Caneta Parker 61 Caneta Parker "51" Caneta Parker Super "21"

PRODUTOS DA  "THE PARKER PEN COMPANY"

A marca de qualidade para oferecer confiante... e possuir com orgulho!





Possante e sonoro

como todo receptor de alta qualidade...

...o Transistor Philips é extraordinariamente econômico...

Funciona com pilhas nacionais de lanterna e é apresentado em 2 modelos:

modelo L3 R 73-T

7 transistores. Ondas médias.

4 pilhas comuns. Controle de tonalidade.

modelo L3 R 78-T

7 transistores. Ondas médias e curtas.

6 pilhas comuns. 2 antenas.

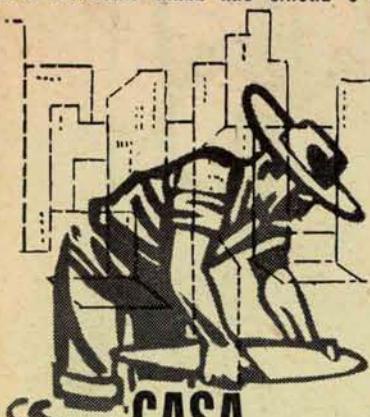
É elegantíssimo para transportar



"ALL" TRANSISTOR PHILIPS

S.A. PHILIPS DO BRASIL

Belo Horizonte ainda não existia e a



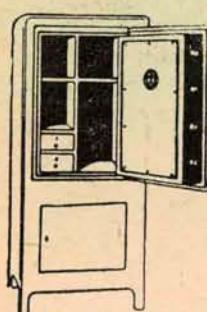
CASA ARTHUR HAAS já era uma tradição

desde 1894, quando Belo Horizonte era apenas "Curral Del Rey" a CASA ARTHUR HAAS vem prestando bons serviços ao comércio mineiro.

•REVENDEDORA DOS AFAMADOS PRODUTOS GM-FRIGIDAIRE E CHEVROLET

CASA ARTHUR HAAS

Comércio e Indústria S/A.
Av. Amazonas 126-C. Postal 2
Belo Horizonte - Minas



Móveis
de Aço
"ATLAS"
Ltda.

Cofres e móveis de aço reforçados — Indústria genuinamente mineira

FÁBRICA :

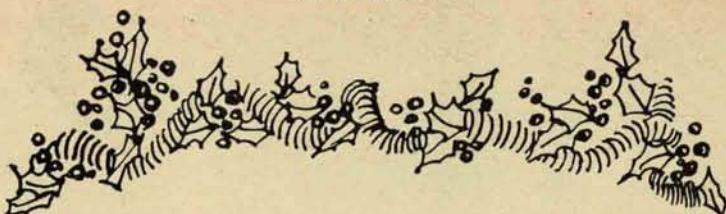
Rua Conselheiro Rocha, 371 —
Telefone 2-2868

ESCRITÓRIO

Rua Espírito Santo, 215 — Fone
2-3024 e 2-3270 — Cx. Postal 537
BELO HORIZONTE

BOM-TOM

STELLA MARINA



Dias de Festa

A CONSOADA. Os cristãos celebram-na de volta da missa da meia-noite, tão solene e tão comovente em todas as igrejas. É de lamentar que algumas donas de casa, cristãs, se permitem receber cedo.

O caráter desta festa é muito íntimo. Não é um dia para retribuir qualquer convite, mas sim para reunir alguns convidados escolhidos, parentes ou amigos.

A mesa deve ser decorada com flores e plantas de cachos vermelhos.

O cardápio deve ser particularmente cuidado. O peru, o ganso, o pudim são os pratos tradicionais. Um só vinho pode bastar, além do vinho comum.

O uso da árvore de Natal tornou-se generalizado. Prendem-se-lhe pequenas lâmpadas elétricas, estrélas brilhantes, serpentinas e presentes para as crianças e adultos.

Muitas vezes, o pinheiro é posto na tarde do dia de Natal; serve-se às crianças um lanche, depois da distribuição dos brinquedos.

A moda generalizou-se — vindo do estrangeiro — de oferecer presentes e desejar boas-festas pelo Natal em vez de ser pelo Ano Novo.

A CEIA DO NATAL. Esta alegre refeição, que só tem lugar uma vez em cada ano, só se realiza entre pessoas de família e amigos, que de viva voz se convidaram. Nunca se fazem convites por escrito.

A ceia é servida como um jantar de amigos. Não se compõe de um «menu» tão delicado como outras ceias, dominando sobretudo o tradicional peru, querendo seguir a moda francesa.

A sobremesa é o mais abundante possível.

Servem-se doces, bolos finos variados, broinhas do Natal, tão apreciadas sempre, e, não querendo esquecer a tradição portuguesa, filhós e rabanadas.

O DIA DE ANO NOVO. Faz-se muitas vezes um «reveillon» com danças e exclamações alegres para saudar o novo ano.

E' correto visitar, no dia primeiro de janeiro ou nos dias que seguem, os parentes idosos, os superiores hierárquicos, os professores dos filhos. Desejam-se-lhes boas-festas de viva voz.

DIA DE REIS. Uma amável tradição quer que se festeje a Epifania escondendo a fava, que representa o símbolo da realeza, num bolo. Antigamente, os padeiros ofereciam a todas as famílias de sua clientela um bolo de rei. Davam-se então as broas ao portador d'este presente.

Atualmente, compra-se ou prepara-se em casa. Come-se à sobremesa em família ou dá-se um lanche.

Lanche dos Reis. Trata-se de uma reunião infantil. Será encantador fazer duas coroas de papel dourado destinadas ao pequeno rei e à pequena rainha. Depois do lanche coroar-se-ão os eleitos.

ANIVERSÁRIOS. Estas datas dão geralmente lugar a festas mais ou menos intimas, a reuniões alegres, em honra daqueles cujo aniversário se festeja.

Os que vivem na mesma casa, ou na mesma terra abraçam e felicitam a pessoa que faz anos.

As pessoas de família que estão ausentes, bem como os amigos, enviam cartas ou bilhetes de parabéns, mas de maneira a serem recebidos no próprio dia.

Os que podem presentear, aproveitam esta ocasião para oferecer uma prenda. A prenda não é, contudo, obrigatória. Quem vive pobremente não pode presentear os outros — por muito que os estime. Mas pode ir abraçar a pessoa querida, levar-lhe flores, escrever-lhe e mostrar-lhe quanto se sente feliz por a ver encetar um novo ano de existência.

Para ele, no Natal



**CAMISAS
PIJAMAS**

Tannhauser
DESDE 1893